

4º Congresso do PC do Brasil



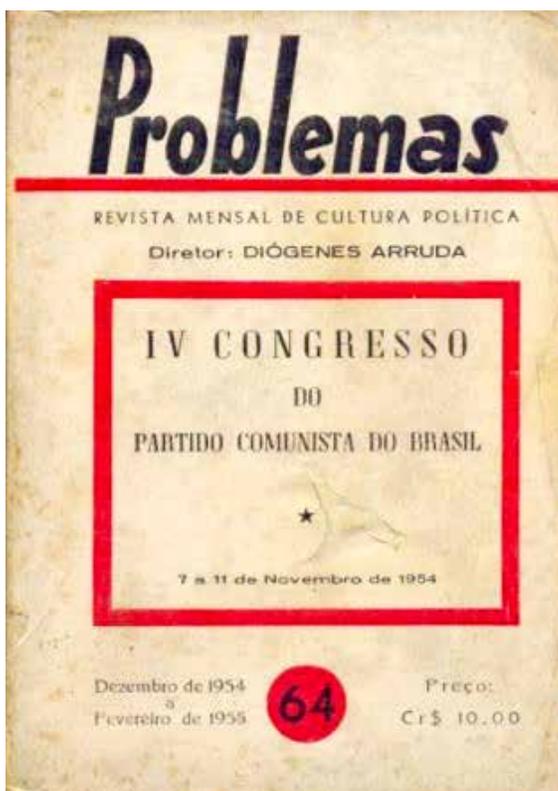
*Programa - Informes - Estatutos - Intervenções -
Resoluções e Mensagens
7 a 11 de novembro de 1954*

*4º Congresso
do
PC do Brasil*

São Paulo

2018





Fonte: *Problemas*, revista mensal de cultura política, n. 64, dezembro de 1954 a fevereiro de 1955.

Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, novembro de 2006.

Direitos de Reprodução: A cópia ou distribuição deste documento são livres e indefinidamente garantidas nos termos da GNU Free Documentation License.

IV Congresso do Partido Comunista do Brasil – PCB

7 a 11 de novembro de 1954

Índice

1 – Resumo dos Trabalhos _____	13
2 – Discurso de Abertura do IV Congresso (Astrojildo Pereira) _____	21
3 – Mensagem do Partido Comunista da União Soviética ao IV Congresso do PCB _____	29
4 – Mensagem do IV Congresso do PCB ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética _____	30
5 – Ordem do Dia do IV Congresso do PCB _____	33
6 – Programa do Partido Comunista do Brasil – PCB _____	35
7 – Informes _____	57
7.1 – Informe de Balanço do Comitê Central do PCB ao IV Congresso (Luiz Carlos Prestes) _____	59
7.2 – O Programa do Partido Comunista do Brasil – Bandeira de Luta e da Vitória (Diógenes de Arruda) _____	131
7.3 – Sobre as Modificações nos Estatutos do Partido Comunista do Brasil (João Amazonas) _____	181
8 – Estatutos do Partido Comunista do Brasil – PCB _____	211
9 – Intervenções _____	229
9.1 – Agitação e Propaganda Para Milhões, Fator Decisivo Para a Vitória do Programa do Partido (Maurício Grabois) _____	231
9.2 – O Programa do Partido, as Experiências das Eleições de 3 de Outubro e as Nossas Tarefas para a Campanha Eleitoral de 1955 (Carlos Marighella) _____	241
9.3 – O IV Congresso do PCB e a Luta Pela Independência Nacional (Luis Teles) _____	254

9.4 – O Programa do Partido e a Atividade dos Comunistas na Luta pela Unidade e a Organização da Classe Operária (Ely Brasil) ____	265
9.5 – O Programa do Partido e a Luta pela Paz (Cid Ramos) _____	275
9.6 – O Programa do Partido, A Questão Agrária, a Organização e a Luta dos Camponeses (Oto Santos) _____	285
9.7 – O Programa do Partido e as Tarefas da UJC (Augusto Bento) ____	298
9.8 – O Trabalho Feminino – Dever de Todo o Partido (Iracema Ribeiro) _____	307
9.9 – Ganhar Milhões de Mulheres para o Programa do Partido (Olga Maranhão) _____	317
9.10 – Melhoremos os Métodos de Trabalho de Direção no Nosso Partido (Jorge Vila) _____	324
9.11 – Preparação, Formação e Educação de Quadros do Partido (Sabino Bahia) _____	334
9.12 – Seleção, Distribuição e Formação dos Quadros do Nosso Partido (Alcides Campos) _____	344
9.13 – O Trabalho de Finanças no PCB (Agildo Barata) _____	353
10 – Relatório da Comissão de Mandatos do IV Congresso do PCB (Sérgio Holmos) _____	359
11 – Resoluções Sobre os Informes do Comitê Central: _____	367
11.1 – Sobre o Informe Apresentado pelo Camarada Luiz Carlos Prestes _____	367
11.2 – Sobre o Informe Apresentado pelo Camarada Diógenes Arruda _____	368
11.3 – Sobre o Informe Apresentado pelo Camarada João Amazonas _____	369
12 – Mensagens ao IV Congresso do PCB _____	371

12.1 – Partido Comunista da China	371
12.2 – Partido Socialista Unificado da Alemanha	372
12.3 – Partido Operário Unificado Polonês	373
12.4 – Partido Comunista da Tchecoslováquia	374
12.5 – Partido Húngaro dos Trabalhadores	374
12.6 – Partido Operário Romeno	375
12.7 – Partido do Trabalho da Coreia	376
12.8 – Partido Comunista Francês	376
12.9 – Partido Comunista Italiano	378
12.10 – Partido Comunista da Índia	380
12.11 – Partido Comunista dos Estados Unidos	381
12.12 – Partido Comunista da Alemanha	383
12.13 – Partido Comunista do Japão	384
12.14 – Partido Comunista da Grã-Bretanha	385
12.15 – Partido Comunista da Espanha	386
12.16 – Partido Comunista Português	387
12.17 – Partido Comunista da Grécia	390
12.18 – Partido Comunista da Áustria	391
12.19 – Partido Comunista da Bélgica	392
12.20 – Partido Comunista da Dinamarca	393
12.21 – Partido Suíço do Trabalho	394
12.22 – Partido Comunista do Território Livre de Trieste	395
12.23 – Partido Comunista da Turquia	397
12.24 – Partido Popular do Irã	398

12.25 – Partido Comunista da Argentina	399
12.26 – Partido Comunista Paraguai	404
12.27 – Partido Comunista do Chile	410
12.28 – Partido Comunista do Uruguai	411
12.29 – Partido Progressista do Trabalho do Canadá	413
12.30 – Partido Comunista da Venezuela	415
12.31 – Partido Comunista da Colômbia	417
12.32 – Partido Comunista do Equador	418
12.33 – Partido Comunista Mexicano	421
12.34 – Partido Socialista Popular de Cuba	423
12.35 – Partido Comunista Salvadorenho	424
12.36 – Partido Vanguarda Popular de Costa Rica	425
12.37 – Partido do Povo do Panamá	426
12.38 – Partido Comunista Porto-riquenho	428

IV Congresso do Partido Comunista do Brasil – PCB

7 a 11 de novembro de 1954

Resumo

Aprovados por unanimidade os Informes de Prestes, Arruda e Amazonas – O Programa e os Estatutos do PCB aprovados em meio a grande entusiasmo — Eleito o novo Comitê Central do Partido — Mensagens dos Partidos Comunistas e Operários de 40 países.

Realizou-se do dia 7 ao dia 11 de novembro o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Com o IV Congresso, o Partido do proletariado brasileiro, o Partido de Luiz Carlos Prestes, assinala uma das maiores vitórias de seus 32 anos de existência. Apesar das duras condições de clandestinidade em que trabalha o PCB, nada pôde impedir os comunistas brasileiros de reunirem vitoriosamente o IV Congresso do seu Partido.

O IV Congresso dos comunistas brasileiros reúne-se 25 anos após a realização do III Congresso do Partido.

Solenidade de Instalação

Intensa emoção dominou todos os presentes no momento da instalação solene do IV Congresso do PCB. O acontecimento, aguardado e sonhado por tantos anos, afinal se concretizava.

As delegações dos Comitês Regionais do país inteiro se agrupavam nas bancadas. Estavam ali reunidos os melhores combatentes da causa do



proletariado, os mais legítimos patriotas brasileiros, homens e mulheres forjados nos choques de classes, na luta armada, nos cárceres, nas greves, na resistência às perseguições policiais. O pensamento de todos se voltava para a figura de Prestes, o chefe provado, sob cuja liderança o Partido crescerá, ampliara seu prestígio entre as massas e chegava, finalmente, à sua grande festa, o IV Congresso.

Atrás da mesa do Presidium apresentava-se uma imponente ornamentação sobre fundo vermelho, tendo ao meio um grande círculo branco com o símbolo da foice e o martelo. Ao alto, artísticos retratos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, os mestres geniais da classe operária. Encimando a ornamentação, os dizeres: “IV CONGRESSO DO PCB”. Ramalhetes de flores adornavam a mesa do Presidium e a tribuna.

Aplausos prolongados e calorosos saudaram a entrada dos membros do Presidium do Congresso e dos delegados fraternais dos Partidos Comunistas e Operários de vários países. Ouvia-se, logo após, a palavra do velho dirigente do Partido, Astrojildo Pereira, pronunciando o discurso inaugural. Recordou os 25 anos que separavam aquela reunião do III Congresso do Partido. Exaltou, sob tempestuosa ovação, o glorioso Partido Comunista da União Soviética, inspirador e guia do movimento comunista internacional. Evocou os que tombaram em terras do Brasil pela causa do socialismo. Pôs em relevo a unidade do Partido, em torno do seu provado chefe, Luiz Carlos Prestes, e do seu Comitê Central. Finalizando o seu discurso, o camarada Astrojildo Pereira, em nome do Comitê Central, declarou abertos os trabalhos do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Ressoaram as estrofes imortais da *Internacional*, enchendo a sala com o hino de combate do proletariado revolucionário de todo o mundo.

O Presidium de Honra

Na tribuna, o camarada Maurício Grabois propôs para o Presidium de Honra do Congresso os nomes de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Os presentes aclamaram, de pé, esta proposta, colocando o Congresso sob a égide e a inspiração dos chefes geniais do proletariado internacional.

Mensagem do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética

O entusiasmo atingiu o auge quando o camarada Carlos Marighella procedeu à leitura da mensagem enviada ao IV Congresso do PCB pelo sábio Comitê Central do glorioso Partido Comunista da União Soviética. O reconhecido guia e inspirador do movimento comunista internacional enviava, assim, sua saudação e o seu estímulo aos comunistas brasileiros.

A mensagem foi aclamada com tempestuosos e prolongados aplausos. Do plenário ouviam-se repetidas exclamações: “Viva o Partido Comunista da União Soviética e o seu sábio Comitê Central!”, “Viva a gloriosa União Soviética!”.

A Ordem do Dia do Congresso

Depois de eleitos o Presidium, o Secretariado e as Comissões de Mandatos e de Redação do Congresso, foram aprovados a Ordem do Dia e o Regulamento do Congresso.

A Ordem do Dia constava dos seguintes pontos:

1. Informe de balanço do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil –informante: o secretário-geral do PCB, camarada Luiz Carlos Prestes.
2. Sobre o Programa do PCB — informante: o secretário do Comitê Central, camarada Diógenes Arruda.
3. Modificações dos Estatutos do PCB — informante: o secretário do CC, camarada João Amazonas.
4. Eleição dos órgãos centrais do Partido.

O Informe de Prestes

A seguir, o plenário ouviu, sob calorosos e frequentes aplausos, o Informe do secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes. O Informe de Prestes, um dos mais importantes documentos na História do PCB, analisa o período de 25 anos decorridos da realização do III Congresso do Partido, fundamenta as teses teóricas do Programa do Partido, estabelece as tarefas



para a justa aplicação do Programa do PCB, faz um exame crítico e autocrítico das experiências do Partido na direção das lutas pela causa da classe operária e pelos interesses vitais do povo brasileiro e fixa as tarefas indispensáveis à construção do Partido. O Informe de Prestes arma o Partido para aplicar vitoriosamente o Programa do PCB.

Os delegados acolheram de pé as palavras finais do Informe de Prestes com demorados e entusiásticos aplausos e com exclamações: “Viva o camarada Prestes e o Comitê Central do PCB!”, “Viva o Partido Comunista do Brasil!”.

Após a leitura do Informe de Prestes iniciaram-se os debates. Sucediavam-se na tribuna os delegados das mais diversas regiões, todos trazendo a confirmação de que, através do país inteiro, as grandes massas oprimidas e exploradas se erguem para grandes lutas contra o governo de Café Filho, laçao do imperialismo norte-americano. Os delegados ressaltaram o papel do PCB nessas lutas e mostraram a necessidade de se combater os defeitos no trabalho do Partido, a fim de elevar cada vez mais o seu papel de dirigente e organizador das lutas pela paz, pelas liberdades democráticas, pela independência nacional e por um regime democrático-popular.

O Informe de Arruda

Depois de encerrada a discussão do Informe de Prestes, que foi aprovado por unanimidade, os delegados receberam de pé, sob demorados aplausos, o secretário do Comitê Central, Diógenes Arruda que, da tribuna, procedeu à leitura do seu Informe sobre o Programa do PCB. O Informe de Arruda faz uma fundamentação das teses essenciais do Programa do Partido e dá o balanço da experiência já existente de aplicação do Programa. Indica as medidas a tomar para fazer o Partido assimilar o Programa e transformá-lo em programa das grandes massas e dos setores progressistas de nosso povo.

Animados debates seguiram-se à leitura do Informe de Arruda. Uma vez encerrada a discussão, foi o Informe aprovado por unanimidade.

O Informe de Amazonas

Sob demorados aplausos, foi ouvido o Informe de João Amazonas, secretário do Comitê Central, sobre as modificações introduzidas nos Estatutos do PCB. O Informe de Amazonas explica as modificações introduzidas aos Estatutos em consequência da atual situação, do Programa, do desenvolvimento do Partido e da luta de classes. Encerrada a discussão, o Informe foi aprovado por unanimidade.

Foram recebidas com aplausos a intervenção de Maurício Grabois sobre o trabalho de agitação e propaganda e a de Carlos Marighella sobre a campanha eleitoral.

Aprovados por Aclamação o Programa e os Estatutos

Em meio a grande vibração, o Congresso aprovou e aclamou o Programa do Partido e os Estatutos do Partido. Desse modo, a mais alta instância partidária transformava em lei para os organismos e militantes do Partido aqueles dois documentos.

A Eleição do Comitê Central do Partido

O Congresso passou, então, ao 4º ponto da Ordem do Dia: a eleição do novo Comitê Central do Partido.

Foi indescritível o entusiasmo dos delegados ao aclamarem o nome de Prestes para o Comitê Central do Partido. Expressando o sentimento unânime dos militantes, os delegados reafirmaram a confiança do Partido no seu chefe, no provado discípulo de Marx, Engels, Lênin e Stálin, no líder querido das grandes massas brasileiras.

Sob aclamações, o Congresso reelegeu o dirigente Diógenes Arruda para o Comitê Central do Partido. Aplaudiu em seguida os nomes de João Amazonas, Carlos Marighella e Maurício Grabois. E assim, um a um, o Congresso votou os nomes dos novos membros do Comitê Central e candidatos a membro do Comitê Central.

Reunido em seguida, o novo Comitê Central elegeu o Presidium e o Secretariado do Comitê Central. O novo Comitê Central elegeu ainda o



camarada Prestes para o cargo de secretário-geral do Partido. Ao ser feita a comunicação desta escolha aos delegados, prorromperam exclamações de toda parte do recinto: “Viva o camarada Prestes!”, “Viva o Comitê Central do Partido!”.

Encerra-se o IV Congresso do PCB

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil chegava ao fim, depois de exaustivo e fecundo trabalho.

Na presidência, o secretário do Comitê Central, Diógenes Arruda, declarou aberta a sessão solene de encerramento do IV Congresso.

Sob ovações, foi procedida a leitura dos textos do Programa do Partido e dos Estatutos do Partido.

A assembleia ouviu emocionada, interrompendo-a com aclamações prolongadas, a leitura da mensagem dirigida pelo IV Congresso do PCB ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Era a reafirmação da fidelidade sem limites dos comunistas brasileiros ao glorioso Partido de Lênin e Stálin, modelo e exemplo para todos os Partidos Comunistas do mundo.

Representantes das delegações se dirigem, em seguida, à mesa da presidência e, sob aplausos, fazem a entrega de presentes ao camarada Luiz Carlos Prestes. São ofertas que expressam o carinho do próprio povo brasileiro ao líder de suas lutas pela libertação nacional e por uma vida feliz e radiosa.

Sob a mais profunda atenção, foi pronunciado o discurso de encerramento do IV Congresso. No discurso foi feito o balanço dos trabalhos do Congresso e mostrada a sua significação histórica para a vida do Partido. Foi ressaltada a importância do Programa e dos Estatutos, documentos que marcam uma nova etapa no desenvolvimento do Partido. A aplicação do Programa exige que o Partido se volte mais e mais para as massas, que modifique os seus métodos de trabalho entre as massas, tornando-os mais flexíveis e persuasivos. É dever primordial do Partido empregar o máximo de seus esforços para unir e organizar a classe operária. A unidade e or-

ganização da classe operária têm se desenvolvido, atingindo movimentos tão importantes como as greves gerais do Rio Grande do Sul, de Minas e de São Paulo. É necessário desenvolver este processo a fim de fortalecer cada vez mais o papel dirigente da classe operária nas lutas do povo brasileiro. A aliança operário-camponesa deve estar no centro das atenções do Partido. A subestimação dos camponeses será eliminada com medidas concretas que acelerem a organização das diversas camadas do campo, onde todas as formas de luta devem ser aplicadas, ao mesmo tempo com flexibilidade e audácia. Dada a situação que o país atravessa, sob a pressão crescente do imperialismo norte-americano, são cada vez maiores as possibilidades de amplas alianças, que o Partido precisa utilizar. A criação, organização e ampliação da frente democrática de libertação nacional é uma tarefa urgente e inadiável, que deve ser levada a efeito através das próprias lutas do povo brasileiro pela paz, pelas liberdades democráticas e pela independência nacional. Desenvolvendo estas lutas, o Partido deve se colocar resolutamente à frente das massas, combater o oportunismo que teme as lutas de massas, porém, ao mesmo tempo, impedir qualquer aventura, qualquer ação que possa isolar o Partido das massas e facilitar os golpes do inimigo. A revolução brasileira se fará através de uma luta árdua, tenaz e prolongada, mas a sua vitória é inevitável. É o que nos indica o Programa do Partido.

Depois de concitar os delegados a trabalharem com afinco cada vez maior pela causa do Partido, pela aplicação do seu Programa de salvação nacional, o orador, sob prolongada ovação, declarou encerrados os trabalhos do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Festa de Confraternização

Decorreu num ambiente de grande alegria e entusiasmo o banquete de confraternização que assinalou o encerramento do IV Congresso.

O IV Congresso do PCB é um acontecimento que marcará época na vida do povo brasileiro.

Os delegados ao IV Congresso do PCB, depois do seu encerramento,



se dispersaram através do país, de regresso às suas Regiões, firmemente decididos a transformar as resoluções do Congresso em ações concretas das grandes massas exploradas e oprimidas do povo brasileiro e levar à vitória o Programa do Partido Comunista do Brasil.

Discurso de Abertura

Astrojildo Pereira

Camaradas!

Eis-nos reunidos, em alguma parte do Brasil, para iniciar uma jornada que já se anuncia fecunda e gloriosa. Eis-nos a postos, com ânimo firme, com entusiasmo e alegria, para levar adiante os trabalhos do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. Permitti-me acrescentar, quanto a mim, que me sinto particularmente emocionado, orgulhoso e feliz por encontrar-me aqui presente e poder apresentar-vos, em nome do Comitê Central, as nossas saudações muito cordiais de companheiros e amigos.

A presença, entre nós, dos delegados fraternais dos Partidos Comunistas da Argentina, do Chile, do Paraguai e do Uruguai é motivo de especial satisfação e constitui, além disso, um penhor de inapreciável colaboração em nossos trabalhos, que muito terão a lucrar com a assimilação das experiências que nos vieram transmitir.

Numerosas mensagens nos chegam de longe, de quase todos os Partidos Comunistas e Operários do mundo inteiro, trazendo-nos palavras de saudação, amizade e incentivo. São mensagens, entre outras, dos grandes Partidos Comunistas da França e da Itália; dos Partidos Comunistas da Espanha e de Portugal, que tão de perto nos falam ao coração; dos Partidos Comunistas da Índia e do Japão; do Partido do Trabalho da Coreia, que soube dirigir com implacável decisão a guerra do heroico povo coreano contra os bandidos imperialistas; dos Partidos Comunistas e Operários das Democracias Populares da Europa; do Partido Comunista dos Estados Unidos, que trava o seu combate dentro mesmo dos muros da cidadela do inimigo, que é nosso inimigo comum; dos fraternos Partidos da América Latina, cujas lutas se desenvolvem em condições tão semelhantes às nossas, contra semelhantes inimigos internos e o mesmo inimigo externo. Sentimo-nos sobremaneira sensibilizados com a mensagem do provado Partido Comunista da China, que conduziu à vitória a revolução antifeu-



dal e anti-imperialista do grande povo chinês, organizou e dirige a República Popular da China e inicia com êxito a construção do socialismo. Para encerrar com fecho de ouro estas referências, mencionarei, por fim, a mensagem verdadeiramente luminosa que nos envia o sábio Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, e que o nosso Partido recebe com justificado orgulho.

Além do muito que vale e significa, intrinsecamente, com suas palavras de estímulo, confiança e conselho, a honrosa mensagem do Partido Comunista da União Soviética adquire neste momento uma significação toda especial, muito grata ao nosso coração, pela feliz circunstância de se instalar o nosso IV Congresso justo na data, sobre todas gloriosa, de 7 de novembro, quando, no mundo inteiro, a humanidade progressista comemora com festas de regozijo e solidariedade o 37º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

O IV Congresso participa calorosamente dessas festas e reafirma, com o mesmo vigor de sempre, os sentimentos de irrestrita dedicação que o nosso Partido, desde a sua fundação, consagra à União Soviética e ao grande Partido de Lênin e Stálin.

Camaradas!

Do III ao IV Congresso do nosso Partido transcorreu um já longo período de 25 anos, assinalado por duras lutas contra os inimigos internos e externos.

Devo recordar, nesta hora, aqueles dos nossos que tombaram no seu posto de luta, os nossos heróis e mártires, cujos nomes guardamos como inspiração e incentivo ao prosseguimento da obra revolucionária que eles souberam honrar com a sua bravura e o seu sacrifício. São centenas de homens e mulheres, dirigentes e militantes do Partido, que empenharam toda a sua vida, sem nenhuma reserva, em prol de um futuro melhor para a nossa gente e a nossa terra. São homens e mulheres que enfrentaram corajosamente as armas assassinas e as torturas bestiais da reação, nos cárceres, nas greves e lutas operárias, nas lutas de camponeses, nas ações e de-

monstrações de rua. São os jovens combatentes da gloriosa insurreição de 1935. Seus nomes são já legião — Herculano de Sousa, Alencar Jorge, Luis Zudio, Mario Couto, Luis Bispo, José Francisco (Cabelo de Rato), Lourenço Bezerra, José Maria, Cabo Joffre, José Ribeiro Filho, tenente Tomas Meirelles, Feliz Valverde, Augusto Pinto, Anisio Dario, Honorato Lemos, Marma, Godoi, Rossi, William Gomes, Angelina Gonçalves, Euclides Pinto, Aladin Rosales, Dioclécio Santana, Zelia Magalhães, Cajazeiras, Lafaiete Fonseca, Ortiz... e outros, e outros. Citarei ainda o nome do nosso querido camarada Estócel de Moraes, membro do Presidium do Comitê Central do nosso Partido. Foi um homem, fibra por fibra, integrado na vida do Partido, exemplo do operário combativo que, ao encontrar o Partido Comunista, logo compreendeu que o Partido era justamente aquilo que lhe faltava — a organização de vanguarda da classe operária, o guia experimentado e clarividente, o verdadeiro condutor das lutas operárias e populares. Estócel de Moraes morreu no seu posto de dirigente e até o último sopro de vida foi um homem do Partido.

Camaradas!

Muito pouco representam 25 anos, um quarto de século, se os medimos simplesmente como quantidade de tempo no conjunto de séculos que formam milênios de história; mas estes 25 anos que se seguiram à data do III Congresso do nosso Partido formam, como qualidade, um quarto de século mais rico de extraordinários acontecimentos do que séculos inteiros no passado.

Iria longe se fosse proceder à apreciação de tais acontecimentos. Não me furtarei, todavia, a traçar apenas um quadro sumário daqueles sucessos que mais fundamente vincaram e que melhor definem a fisionomia do nosso tempo.

No centro e no cimo deles, dominando o curso da história contemporânea, encontra-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas com o seu primeiro Plano Quinquenal, com o seu prodigioso desenvolvimento econômico e cultural, e a sua conseqüente e não menos prodigioso



sa vitória na Segunda Guerra Mundial contra a monstruosa máquina militar, montada pelo eixo nazi-nipo-fascista. Da vitória soviética, que não significou somente um gigantesco feito de caráter militar, mas também uma vitória de alcance muito mais amplo, resultou o surgimento das Democracias Populares e da República Popular da China, cujas populações, somadas à população da União Soviética, perfazem já um total superior a 900 milhões de seres humanos, que vivem hoje libertos do jugo imperialista.

Acelera-se, depois da guerra, a decadência do mundo capitalista, irremediavelmente abalado em seus alicerces pela crise geral que o corrói. Esboroam-se as sucessivas provocações de guerra, arquitetadas pelos canibais de Wall Street, desesperados em face da crise. Os imperialistas, com todo o seu tão alardeado poderio econômico e militar, são derrotados na Coreia e na Indochina.

Em luta indormida contra os incendiários de uma nova guerra mundial, prevalece a vontade de paz dos povos, cujo movimento organizado se amplia de mais em mais no mundo inteiro. E, contrariamente ao que ocorre no mundo capitalista em decadência, onde a miséria e a insegurança das massas aumentam sem cessar, o campo do socialismo e da paz, com a União Soviética à frente, avança impetuosamente no caminho do progresso, do bem-estar e da cultura.

Quanto ao nosso país, caracteriza-se o quadro da situação por uma crescente penetração dos imperialistas norte-americanos, sendo que após a Segunda Guerra Mundial essa penetração assumiu certas formas mais brutais de escravização econômica, política e cultural, com vistas a reduzir o Brasil a mera colônia dos Estados Unidos. As classes dominantes, isto é, os latifundiários e grandes capitalistas no poder, facilitam a execução dos planos imperialistas, acumpliciam-se com os seus objetivos colonizadores e vendem o país, descaradamente — movidos que são por insaciável apetite de lucros e egoísticos interesses de classe. Para se manterem no poder — quaisquer que sejam os meios postos em prática: fraudes eleitorais, terrorismo policial ou golpes de Estado e militares — recorrem as

classes dominantes, sempre e sempre, aos dólares e às armas dos seus patrões norte-americanos. Assim foi em 1930, em 1937, em 1945, durante os sucessivos governos de Vargas e Dutra, e ainda recentemente, em 24 de agosto último.

O golpe de 24 de agosto, desfechado em momento de crescente agravção da situação econômica e política, e visando sobretudo a esmagar pelo terror fascista as greves operárias e as lutas populares em ascenso, deixou meridianamente comprovada a brutalidade da intervenção imperialista.

Mas o povo brasileiro jamais se submeteu nem ao despotismo interno nem à opressão externa. Isto ficou também comprovado agora, e comprovado de maneira contundente, pelas ações populares de rua contra o golpe de 24 de agosto, nas principais cidades do país e em diversas localidades do interior. E foi unicamente por isto que os generais e politagueiros golpistas não puderam fazer tudo aquilo que pretendiam. O Partido Comunista, que desde muito vinha denunciando os preparativos do golpe, alertou o povo, em documentos sucessivos, e pôs a nu, com particular acuidade e vigor, o que havia de real por trás do palavreado de pseudomoralistas e das manobras de supostos salvadores – a mão azinhavrada e sangrenta dos monopolistas norte-americanos a dar ordens e a obediência servil de alguns notórios ou disfarçados traidores da Pátria a cumprirem as diretivas que a Embaixada Americana lhes transmitia.

Aumenta de ano para ano o espírito combativo das massas. As grandes greves operárias, o despertar dos trabalhadores agrícolas, os movimentos patrióticos em defesa do petróleo e das nossas riquezas minerais pilhadas pelos imperialistas norte-americanos e seus agentes nativos, a organização da Liga da Emancipação Nacional que se amplia e fortalece por todo o país — eis alguns dos pontos altos que demonstram como crescem o nível e o vigor das lutas populares.

O Partido Comunista cumpre com energia e tenacidade o seu papel revolucionário de vanguarda, colocando-se à frente não só das lutas da classe operária e dos camponeses, mas também das lutas patrióticas e democráticas de todo o nosso povo.



Eis por que, em anos e anos de atividade, tem o nosso Partido ocupado, invariavelmente, a posição que lhe compete. Foi o Partido Comunista o organizador e dirigente da Aliança Nacional Libertadora, que agrupava largos setores das forças democráticas e progressistas do país, e da gloriosa insurreição de 1935, primeiro movimento armado do nosso povo dirigido pela classe operária. Na luta contra o nazismo, pelo envio da FEB à Europa, ao lado da União Soviética na guerra contra as hordas de Hitler, desempenhou o Partido Comunista do Brasil um papel que foi decisivo para a liquidação do Estado Novo. As lutas pela anistia e pela legalidade do Partido, as memoráveis campanhas pela Constituinte, a mobilização das massas populares contra a ocupação de bases militares por forças armadas norte-americanas obrigadas por isso a abandonar o solo brasileiro, o movimento pela paz que tem conseguido êxitos notáveis, inclusive na vitoriosa mobilização popular por impedir o envio de tropas para a Coreia, as lutas em defesa das nossas riquezas naturais contra a pilhagem norte-americana, as lutas pelas liberdades democráticas, as grandes greves operárias: de todas essas lutas tem participado o Partido Comunista como força de vanguarda.

Através dessas lutas da classe operária e do povo é que o Partido se formou e forjou uma direção provada, a cuja frente se encontra o líder do povo brasileiro, o camarada Luiz Carlos Prestes.

O Programa elaborado pelo Comitê Central do nosso Partido, durante dois anos de perseverantes trabalhos, é o atestado mais eloquente da maturidade já atingida pelo Partido Comunista do Brasil.

Desde já se pode medir o alcance decisivo do Programa do Partido, como arma de ação política, pelo fato incontestável de que ele se converteu, nos poucos meses decorridos desde sua publicação, no centro para onde convergem as atenções políticas de crescentes camadas do povo brasileiro.

Documento fundamental do Partido Comunista, o Programa segue o seu curso, avança para a frente como um rio de águas fertilizantes, penetrando com irresistível impulso na mente e nos corações de milhares de pessoas que se multiplicam dia a dia.

Camaradas!

Ao convocar o IV Congresso do Partido, declarou o Comitê Central:

“A realização do IV Congresso constituirá um marco histórico na vida do Partido. O IV Congresso será um fator de primeira grandeza para impulsionar e ampliar a democracia interna no Partido, princípio básico da sua organização e condição indispensável ao máximo florescimento da iniciativa revolucionária dos seus organismos e militantes. Com o IV Congresso serão vivificadas extraordinariamente as fileiras do Partido, estimulada a sua combatividade e reforçada a sua coesão e unidade inquebrantável.” Com essa compreensão da importância histórica do IV Congresso é que todo o Partido se jogou, durante meses, aos trabalhos de preparação do IV Congresso, que aqui se reúne, por fim, como demonstração pujante daquilo que já somos e daquilo que devemos e poderemos ser.

Árduo será o nosso trabalho, mas a ele nos entregamos com todas as nossas forças, convictos de que estamos trabalhando, como homens do Partido, pelo Partido e para o Partido, o que significa trabalhar pelos interesses vitais do nosso povo e para construir uma Pátria livre, forte e progressista.

O IV Congresso saberá cumprir o seu papel histórico, e dele sairá um Partido politicamente mais esclarecido, ideologicamente mais forte, com sua unidade consolidada e com maiores possibilidades de imediato desenvolvimento, um Partido realmente capaz de executar a sua tarefa precípua, que consiste em ganhar as grandes massas para as ideias do Programa e em forjar no fogo das lutas de massa a união de todas as forças democráticas e patrióticas do país para a revolução anti-imperialista e agrária, antifeudal e a instauração do governo democrático de libertação nacional que faça do Programa do Partido o seu próprio programa.

Camaradas!

O Partido Comunista do Brasil aparece aos olhos de camadas cada vez mais amplas do nosso povo como o Partido que apresenta um Programa justo, como o Partido da verdade e da esperança — o Partido de Luiz Car-



los Prestes. Para nós comunistas, o Partido é tudo, é toda a nossa vida, a nossa carne, o nosso sangue, a nossa alma. É o Partido que soube organizar e pôde realizar o IV Congresso — esta esplêndida assembleia democrática dos comunistas brasileiros.

E é sob o impulso criador e combativo do IV Congresso que havemos de marchar, daqui por diante, mais unidos e coesos que nunca, pelo mesmo pensamento, a mesma vontade e a mesma disciplina, cada qual no seu posto, que é sempre um posto de honra, seja onde for, a cumprir com redobrado entusiasmo e coragem, com mais audácia, sempre mais audácia, a tarefa atribuída a cada um de nós.

Este Congresso é também uma batalha e o Programa do Partido é a sua bandeira de combate. A vitória está em nossas mãos. Será uma grande vitória do nosso Partido e do nosso povo.

Viva os Partidos Comunistas e Operários, nossos irmãos de outros países!

Viva o grande Partido Comunista da União Soviética, modelo e guia dos Partidos Comunistas do mundo inteiro!

Viva o 37º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro!

Viva o Partido Comunista do Brasil, que organiza e dirige as lutas do nosso povo pela independência nacional, pela democracia e pela paz!

Viva o IV Congresso do nosso Partido!

Em nome do Comitê Central, declaro aberto o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Do Partido Comunista da União Soviética ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética envia calorosa saudação fraternal ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. Expressando os interesses vitais de seu povo, o Partido Comunista do Brasil marcha na vanguarda da luta da classe operária, do campesinato, da intelectualidade e de todos os trabalhadores do Brasil, pela realização de seus anseios e aspirações. Com todos os homens progressistas e amantes da paz de seu país, o Partido Comunista do Brasil luta conseqüentemente pela paz, pela liberdade e pela independência nacional, desmascarando sem cessar os planos agressivos do imperialismo norte-americano.

Desejamos ao Partido Comunista do Brasil novos êxitos na luta pelos interesses vitais dos trabalhadores, pela paz e pela independência de sua pátria, pela educação dos membros do Partido no espírito de abnegação à grande causa do comunismo, pelo fortalecimento das fileiras do Partido e a unificação das amplas massas trabalhadoras do Brasil no cumprimento das tarefas traçadas pelo Partido Comunista em seu novo Programa.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética



Ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética

Ao Camarada N. S. Kruschew, Os comunistas do Brasil, reunidos em seu IV Congresso, acolheram com profundo entusiasmo a honrosa saudação do sábio Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, em cujas palavras encontram um novo e poderoso estímulo para a luta que sustentam pela paz, pelas liberdades e pela independência nacional.

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, certo de que traduz os sentimentos da classe operária e do povo brasileiros, envia ao glorioso Partido de Lênin e Stálin e ao provado Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, sua ardente saudação de combate, e a expressão de sua confiança e profunda admiração e afeto.

Os patriotas brasileiros não esquecerão jamais que devem aos povos e às gloriosas forças armadas soviéticas a vitória histórica que libertou o mundo das hordas sanguinárias do nazismo. O povo brasileiro acompanha com entusiasmo, carinho e confiança o avanço dos novos soviéticos no caminho da construção pacífica, da realização dos grandiosos planos do comunismo que anunciam um mundo de felicidade e bem-estar para toda a humanidade. O povo brasileiro aplaude com calor a sábia política de paz do governo soviético, em que vê a mais sólida garantia contra o desencadeamento de uma nova guerra mundial. Para o nosso povo o País do Socialismo é a segurança e a vida.

Milhões e milhões de brasileiros apoiam, por isso, com entusiasmo e convicção crescentes a palavra de ordem levantada pelo Partido Comunista do Brasil: "O povo brasileiro jamais participará de uma guerra contra a União Soviética!".

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil aprovou unanimemente o Programa do Partido, programa de salvação nacional que permitirá a rápida unificação das mais amplas forças democráticas, populares e

progressistas, da maioria esmagadora da nação, para a luta vitoriosa em defesa da paz, pelas liberdades e a independência nacional, pela conquista de um regime democrático-popular.

Sabemos e proclamamos que a elaboração de um documento da envergadura do Programa que acabamos de aprovar só nos foi possível porque o nosso Partido sempre se manteve ilimitadamente fiel à imortal doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin, ao movimento comunista internacional e ao seu inspirador e guia, o glorioso Partido Comunista da União Soviética. Beneficiamo-nos, assim, do riquíssimo tesouro da experiência e da sabedoria marxista-leninista.

É com emoção que os comunistas brasileiros agradecem pelos ensinamentos do Partido Comunista da União Soviética e de seu sábio Comitê Central.

Armados com o Programa do Partido, lutamos e lutaremos por unir a classe operária, por assegurar a estreita aliança entre operários e camponeses, por unificar todas as forças anti-imperialistas e antifeudais, todas as forças democráticas e progressistas do Brasil em ampla frente democrática de libertação nacional, a fim de libertar nosso povo do jugo opressor do imperialismo norte-americano e do regime de latifundiários e grandes capitalistas, a fim de dar uma contribuição cada vez maior à luta mundial pela paz, a fim de abrir para o povo brasileiro o caminho da vitória da democracia e do socialismo.

Como nos ensina a história do Partido Comunista da União Soviética, não esqueceremos jamais que a primeira condição de sucesso está no reforçamento e no desenvolvimento do Partido. O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil acaba de aprovar os novos Estatutos do Partido, moldados nos princípios leninistas de organização e na rica experiência generalizada pelo XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e pelos seus novos Estatutos. Neste IV Congresso assumimos o compromisso de honra de não poupar esforços para a bolchevização de nosso Partido, para forjá-lo à imagem e semelhança do Partido de Lênin e Stálin.



Expressando o sentimento unânime de todos os comunistas do Brasil, o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil reitera ao Partido Comunista da União Soviética e ao seu Comitê Central os agradecimentos pela amizade fraternal com que sempre foram distinguidos e a segurança de sua fidelidade inabalável e de sua dedicação sem limites.

Viva a amizade entre os povos do Brasil e da União Soviética!

Viva a gloriosa União Soviética!

Viva o Partido Comunista da União Soviética e seu Comitê Central!

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil – PCB

Ordem do Dia do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil – PCB

1 Informe de balanço do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, informante: o secretário-geral do PCB, camarada Luiz Carlos Prestes.

2 Sobre o Programa do PCB, informante: o secretário do CC, camarada Diógenes Arruda.

3 Modificações dos Estatutos do PCB, informante: o secretário do CC, camarada João Amazonas.

4 Eleição dos órgãos centrais do Partido.



Programa do Partido Comunista do Brasil

[Aprovado no IV Congresso, 7 a 11 de Novembro de 1954]

I — O Brasil sob o Jugo Crescente dos Imperialistas Norte-Americanos

1

O Brasil é um país imenso e dotado de grandes riquezas naturais. Possui riquíssimas jazidas de ferro, manganês, tungstênio, ouro, petróleo, carvão, minerais radioativos. Dispõe de terras fertilíssimas e de clima favorável ao cultivo dos mais variados produtos agrícolas. Extensos vales e planaltos possibilitam a criação de todas as espécies de gado. São enormes as reservas florestais. O grande potencial hidráulico poderia ser utilizado para a construção de sistemas de irrigação contra as secas e para a eletrificação da economia nacional.

Apesar dessas imensas possibilidades, a situação do povo brasileiro é cada dia mais penosa e insuportável. Brasileiros morrem de fome nas estradas do Nordeste e até mesmo nos grandes centros industriais do país. A tuberculose e outras doenças matam ou inutilizam milhões de pessoas. Sem escolas nem hospitais, o povo vive na ignorância e morre ao desamparo. Vivendo num país tão rico, o povo brasileiro vegeta na miséria, em consequência da política de rapina dos monopólios norte-americanos e da dominação dos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros.

Em poder dos monopólios norte-americanos já estão as nossas maiores riquezas minerais. A United States Steel e a Bethlehem Steel apodera-



ram-se da produção de manganês. A Standard Oil luta abertamente pela posse de nossas jazidas de petróleo. Banqueiros norte-americanos controlam a produção de minério de ferro e a produção siderúrgica de Volta Redonda. Nas mãos da Light e da Bond and Share estão cerca de 90% de toda a produção de energia elétrica. Sob o controle do capital norte-americano já se encontra grande parte da indústria.

O comércio externo acha-se sob o controle dos imperialistas norte-americanos, que nos obrigam a exportar gêneros alimentícios e matérias-primas por preços ínfimos e a pagar preços excessivos pelos artigos industriais que importamos. Os Estados Unidos impedem o Brasil de manter relações comerciais com todos os países e, em prejuízo da economia nacional, assumem a posição de intermediários na venda de nossos principais produtos. Firms monopolistas norte-americanas detêm diretamente em suas mãos a maior parte das exportações de café e dominam o beneficiamento e o comércio interno e externo do algodão.

O capital norte-americano predomina nos transportes aéreos, controla as ferrovias e ameaça de aniquilamento a marinha mercante nacional. Rockefeller organiza no país grandes empresas agrícolas, que visam a controlar importantes centros produtores, e os frigoríficos norte-americanos açambarcam terras e organizam grandes plantações e fazendas de criação de gado.

Os monopólios norte-americanos, contra as próprias leis de nosso país, conseguem câmbio privilegiado, que lhes permite transferir para os Estados Unidos os fabulosos lucros obtidos no Brasil. O capital invertido no Brasil pelos monopólios dos Estados Unidos aumenta rapidamente com os lucros acumulados, o que faz crescer cada vez mais a remessa de lucros para o exterior. O capital monopolista norte-americano atua no Brasil como poderosa bomba de sucção, que absorve grande parte da renda nacional e parcela considerável do valor-ouro alcançado com as nossas exportações.

Toda a economia brasileira vai sendo, assim, transformada em simples apêndice da economia de guerra dos Estados Unidos.

Os imperialistas norte-americanos interferem diretamente em toda a

vida administrativa do país, põem a seu serviço o aparelho de Estado brasileiro para explorar e oprimir desenfreadamente o nosso povo, saquear nossas riquezas naturais e arrancar lucros máximos.

Nossa pátria perde rapidamente suas características de nação soberana e é invadida pelos agentes dos monopólios norte-americanos. Os representantes do Brasil no estrangeiro passam a instrumentos servis do Departamento de Estado. Nossas forças armadas são submetidas ao comando de oficiais e sargentos norte-americanos e os governantes do país descem ostensivamente à categoria de empregados do governo dos Estados Unidos. Por intermédio da imprensa, do rádio, do cinema, da literatura e da arte, reduzidos a instrumentos de colonização, procuram os agentes norte-americanos liquidar as mais caras tradições de nosso povo e a cultura nacional.

Os imperialistas norte-americanos penetram, assim, por todos os poros da vida econômica, política, social e cultural do país, humilham o nosso povo, violam a independência e a soberania da nação, que tratam de reduzir à condição de colônia dos Estados Unidos.

2

Esta dominação torna-se ainda mais pesada devido à militarização intensiva do Brasil. Aumentam as despesas públicas, elevam-se os impostos, cresce a inflação monetária e sobem rapidamente os preços internos — situação que pesa duramente sobre todas as camadas da população.

Os milhões de operários brasileiros sofrem duras privações com a baixa do salário real, com as novas formas de exploração e com o desemprego, que tende a se alastrar. Estabelece-se o sistema de multas a pretexto de assiduidade ao trabalho. São anulados, um a um, seus direitos e conquistas sociais. As greves são reprimidas pela violência. O atual governo intervéem nos sindicatos e nas eleições sindicais, coloca policiais e agentes dos imperialistas norte-americanos em diretorias de sindicatos. Os operários vivem subalimentados, moram em casebres miseráveis, adoecem e morrem sem o necessário socorro médico. Entre eles grassam as enfermidades profissionais e a tuberculose. Os filhos dos operários não têm assegurada



a instrução profissional e mal podem frequentar a escola primária.

A população camponesa — constituída por milhões de meeiros, agregados, arrendatários, sitiantes, posseiros, colonos, assalariados agrícolas, vaqueiros, peões etc., que representa 63% da população brasileira — na sua maior parte não possui terra e vive brutalmente explorada, privada de quaisquer direitos e submetida ao arbítrio dos donos dos latifúndios, seja nas fazendas, estâncias de criação de gado, nos engenhos, seja nas usinas de açúcar. Milhões de camponeses vivem na miséria, abandonados ao analfabetismo, vítimas de endemias, descalços e seminus, morando em choupanas. Os instrumentos agrícolas de que dispõem são os mais rudimentares, reduzindo-se em vastas regiões quase somente à enxada. Esta situação agrava-se cada vez mais em consequência do continuado aumento dos preços das ferramentas, dos adubos e inseticidas, com a especulação crescente dos intermediários protegidos do governo e que dispõem de crédito fácil no Banco do Brasil, com a elevação dos impostos, das tarifas ferroviárias, com a arbitrária e unilateral fixação dos preços dos produtos agrícolas e pecuários. Os assalariados agrícolas ganham salários de fome. Os pequenos e médios proprietários não têm garantias de posse da terra, que é constantemente ameaçada pelos latifundiários e pelas autoridades governamentais. Os pequenos e médios arrendatários são vítimas de contratos leoninos, não podem dispor da própria produção, que é praticamente confiscada pelos latifundiários, e são frequentemente expulsos das terras. As secas do Nordeste e as inundações em diversos pontos do país são verdadeiras calamidades para a população pobre, que se vê na contingência de emigrar para outras regiões, na maior miséria e sem o menor auxílio do governo, para morrer aos milhares pelos caminhos ou, finalmente, cair nas garras de outros exploradores. A luta dos camponeses pela posse da terra e contra o arbítrio e a exploração dos latifundiários é violentamente esmagada e afogada em sangue pelo governo.

As camadas médias das cidades atravessam grandes dificuldades. Os ordenados e vencimentos do funcionalismo público, dos empregados no comércio e nos escritórios, dos bancários e dos militares são cada vez mais

insuficientes para fazer face à crescente carestia da vida. A intelectualidade brasileira, elementos das profissões liberais, cientistas, técnicos, escritores, artistas, cineastas e professores, que não se prestam ao papel de lacaios dos Estados Unidos e defendem a cultura nacional, são perseguidos, sofrem crescentes privações e enfrentam os maiores obstáculos para o desenvolvimento de sua atividade criadora e profissional.

Não é melhor a situação dos artesãos, dos pequenos industriais e comerciantes, que sofrem as consequências da inflação, dos impostos extorsivos, da diminuição dos negócios, da falta de crédito e dos altos juros bancários; e que lutam com dificuldades crescentes para desenvolver a produção e os negócios e se sentem inseguros e desesperados.

Industriais e comerciantes brasileiros não podem desenvolver seus negócios devido ao baixo poder aquisitivo das massas trabalhadoras e à concorrência das mercadorias importadas dos Estados Unidos. Os monopólios norte-americanos freiam o desenvolvimento da indústria nacional e impedem a criação de indústrias básicas indispensáveis para libertar o Brasil da dependência econômica. O controle dos créditos bancários, dos meios de transporte, da distribuição das matérias-primas, das licenças de importação e exportação, é utilizado pelos imperialistas norte-americanos contra os industriais e comerciantes brasileiros. A importação de equipamentos necessários ao desenvolvimento industrial torna-se cada vez mais difícil e aumentam as restrições à importação de matérias-primas indispensáveis à indústria nacional.

Mesmo alguns setores de agricultores e pecuaristas lutam com dificuldades crescentes diante da posição monopolista das firmas norte-americanas no comércio exterior do Brasil. O governo dos Estados Unidos impõe preços-teto aos nossos produtos de exportação e impede que sejam comerciados, em condições vantajosas, com outros países, como a União Soviética e a China, que representam enormes mercados.

São as mais funestas, pois, as consequências da crescente dominação imperialista norte-americana. A militarização do Brasil, e especialmente de sua economia, atinge a imensa maioria da população.



3

Os imperialistas dos Estados Unidos, além de levarem a efeito a pilhagem das riquezas nacionais e a exploração desenfreada de nosso povo, querem arrastar o Brasil à guerra de agressão que prepararam contra os países do campo da paz, especialmente contra a União Soviética, e não escondem o objetivo de utilizar o povo brasileiro como carne de canhão.

A propaganda dos imperialistas norte-americanos e de seus lacaios brasileiros procura incutir em nosso povo a ideia da necessidade de participação do Brasil na guerra ao lado dos Estados Unidos. Mas a guerra que os imperialistas norte-americanos preparam é uma guerra de agressão e conquista com o objetivo de dominar o mundo e escravizar os povos para obter lucros máximos. Não podendo realizar sozinhos essa tarefa sinistra, os imperialistas norte-americanos procuram fazer a guerra com as mãos alheias, à custa do sangue de outros povos. Como o Brasil é um grande país, possui numerosa população e imensos recursos, os imperialistas norte-americanos tentam arrastar nosso povo à guerra, na qualidade de fornecedor de soldados e de produtos estratégicos, e querem utilizar nosso solo como praça de armas para assegurar o completo domínio colonial do Brasil e de toda a América Latina.

Por esse caminho seria o povo brasileiro reduzido ao papel de mercenário dos exércitos imperialistas e arrastado à mais ignominiosa das guerras. Além disto, a História ensina que a guerra, preparada pelos Estados Unidos contra a União Soviética, a China e as Democracias Populares, é uma aventura condenada de antemão a completo fracasso. A derrota dos agressores norte-americanos na Coreia é uma prova evidente de que os novos candidatos ao domínio do mundo serão esmagados, caso tentem repetir a sangrenta aventura de Hitler. A poderosa União Soviética é muito mais forte hoje do que quando derrotou o eixo fascista; ao seu lado estão a grande China e as Democracias Populares, formando um bloco solidamente unido e invencível. Enquanto isto, no campo dos agressores imperialistas, dirigido pelos Estados Unidos, agravam-se as

contradições internas que o minam e enfraquecem. Se os imperialistas norte-americanos se lançarem a uma nova guerra, sua derrota será inevitável.

A participação em qualquer guerra de agressão ao lado dos Estados Unidos significaria para o Brasil não apenas uma aventura injustificável do ponto de vista político e moral, mas ainda a completa ruína do país, o massacre de sua mocidade, a miséria ainda maior de toda a população. Não é este o caminho que convém ao Brasil.

4

Os supremos interesses do povo brasileiro reclamam a completa ruptura com a política norte-americana agressiva, guerreira e colonizadora. O Brasil só pode progredir tomando outro caminho: o caminho da colaboração pacífica com os países amantes da paz; do entendimento em pé de igualdade com todos os povos; da defesa intransigente de sua soberania e da independência nacional. Para ingressar neste caminho o Brasil precisa liquidar a odiosa dominação dos Estados Unidos e estreitar as relações econômicas e culturais com todos os países que reconheçam e respeitem nossa independência, antes de tudo com a União Soviética e a China.

A paz e a colaboração pacífica com todos os países podem assegurar ao Brasil vastos mercados para o excedente exportável de sua produção agropecuária e industrial, facilidades ilimitadas para a aquisição de equipamentos e matérias-primas necessários ao amplo desenvolvimento da indústria nacional.

O caminho da paz e da colaboração pacífica com todos os povos é o caminho do progresso do Brasil, do rápido florescimento da economia nacional, é o caminho da liberdade e da independência, que conduziará à elevação do nível cultural e a uma vida livre e feliz para o nosso povo. Este o caminho a seguir para que o Brasil ocupe relevante posição, como nação livre e independente, no selo da comunidade mundial das nações.



II — O Atual Governo de Latifundiários e Grandes Capitalistas é um Instrumento dos Imperialistas

1

O atual governo de latifundiários e grandes capitalistas é um instrumento servil dos imperialistas dos Estados Unidos. É por seu intermédio que os monopolistas norte-americanos saqueiam o Brasil e exploram nosso povo.

A política externa do atual governo é ostensivamente ditada pelo Departamento de Estado, sendo a delegação brasileira na ONU mundialmente conhecida por sua atuação subserviente ao governo norte-americano.

As ordens dos imperialistas norte-americanos são transformadas pelo atual governo em leis do país, sempre com o objetivo de tornar mais fáceis o assalto às riquezas nacionais e a exploração redobrada de nosso povo. Contra a vontade manifesta da nação, o governo de latifundiários e grandes capitalistas firmou com os Estados Unidos o “Acordo Militar” e outros tratados lesivos aos interesses brasileiros. As forças armadas nacionais são entregues ao comando direto de generais e almirantes norte-americanos, que as preparam ostensivamente para as guerras de agressão planejadas pelos militaristas dos Estados Unidos. No aparelho estatal são colocados “técnicos”, “assistentes” e “conselheiros” norte-americanos, que interferem diretamente em toda a vida administrativa do país. Por intermédio de seus agentes, colocados pelo governo de latifundiários e grandes capitalistas à testa dos serviços secretos das forças armadas e de todas as organizações policiais, a polícia política norte-americana intervém na vida política da nação e persegue cidadãos brasileiros, que lutam pelas liberdades democráticas e pela independência nacional.

A pretexto de ajuda norte-americana ao desenvolvimento da economia nacional, o atual governo entrega aos agentes norte-americanos a direção da política econômica e financeira do Brasil, que passa a ser orientada segundo os planos belicistas do governo dos Estados Unidos. Milhões de dólares e de cruzeiros são gastos na compra de armamentos,

na construção de bases aéreas e navais, na construção e no melhoramento de trechos de vias férreas e de alguns portos com o objetivo de facilitar o transporte e o embarque de matérias-primas para a máquina de guerra norte-americana e de permitir a movimentação de grandes efetivos militares e o reabastecimento de grandes esquadras navais e aéreas. Para a compra aos Estados Unidos de materiais necessários à realização de tais obras, o governo de latifundiários e grandes capitalistas contrai empréstimos onerosos que arruinam o país e o colocam sob o jugo colonizador do governo de Washington.

Em sua política de completa alienação da soberania nacional, o atual governo procura inculcar na mocidade estudantil e nos meios literários, artísticos e científicos, sentimentos de desprezo pelas tradições nacionais e de subserviência às ideias cosmopolitas e ao obscurantismo racista dos imperialistas norte-americanos.

2

A causa desta política de traição nacional está no próprio regime de latifundiários e grandes capitalistas, cujos interesses o atual governo representa. Enquanto existir este regime, a política dos governantes brasileiros será sempre determinada pelos latifundiários e grandes capitalistas, a serviço do imperialismo norte-americano.

Os latifundiários e grandes capitalistas submetem-se aos imperialistas norte-americanos porque, como estes, estão interessados na exploração e na escravização do povo brasileiro e desejam uma nova guerra mundial, com a esperança de obter grandes lucros pela venda de matérias-primas e gêneros alimentícios por preços exorbitantes e de ganhar bilhões neste negócio sangrento.

Os latifundiários e grandes capitalistas voltam-se para os imperialistas norte-americanos porque sentem medo crescente do povo. Através do atual governo e com o apoio dos dólares e das armas dos Estados Unidos, querem defender seus privilégios e impedir o progresso do Brasil. Apoiados nos imperialistas norte-americanos, condenam o nosso povo à



miséria e à escravidão e a nação ao estancamento, ao atraso crescente e à decomposição.

Arrastar o Brasil à guerra, vendê-lo aos imperialistas norte-americanos a fim de conservar o latifúndio e as sobrevivências feudais e escravistas na agricultura — eis o objetivo de toda a política do governo de latifundiários e grandes capitalistas. Esta política, que corresponde aos interesses de uma minoria reacionária, choca-se irreconciliavelmente com os interesses da maioria esmagadora da população, com os supremos interesses da nação.

É certo que se realizam eleições no país e que vivemos sob a vigência de uma Constituição. Isto não significa, no entanto, que as eleições exprimam a vontade da maioria da população brasileira nem que o nosso povo goze de efetiva liberdade ou possa, através do uso de seus direitos constitucionais, substituir o atual regime ou nele introduzir modificações radicais. A atual Constituição brasileira, se bem que registre algumas conquistas democráticas, é no essencial um código de opressão contra o povo. Garante aos latifundiários o monopólio da terra como direito sagrado; assegura à minoria opressora e exploradora a direção política do país. O direito de voto é concedido apenas aos que sabem ler e escrever, quando mais da metade da população do Brasil é de analfabetos. Os soldados e marinheiros não têm o direito de eleger e ser eleitos. Nem todos os partidos políticos, inclusive o partido político da classe operária — o Partido Comunista —, podem participar das eleições, enquanto os eleitores que se opõem ao regime dominante sofrem brutais perseguições policiais e são assassinados. As grandes massas camponesas praticamente não podem participar de eleições senão para votar nos candidatos impostos pelos proprietários das terras em que vivem. Com o monopólio dos meios de propaganda pelos grandes capitalistas e latifundiários, a serviço dos imperialistas norte-americanos, só há liberdade efetiva de propaganda para os candidatos dos ricos. Embora as eleições devam ser aproveitadas pelo povo em sua luta, elas não passam, nestas condições, de uma farsa para tentar esconder o caráter despótico do atual regime.

Mesmo esta Constituição não é cumprida nem respeitada pelo atual governo. Os direitos democráticos nela registrados são sistematicamente violados pelas autoridades do Estado reacionário e policial. Contra a letra da Constituição, são elaboradas leis como a atual Lei de Segurança, que liquida na prática as liberdades individuais. Os juízes e tribunais de justiça, continuando as tarefas da polícia, interpretam e aplicam as leis segundo os interesses dos latifundiários e grandes capitalistas serviçais dos imperialistas norte-americanos, e condenam a longos anos de prisão todos os que se opõem ao atual regime de exploração e opressão. A Constituição é usada apenas como máscara para tentar ocultar o caráter tirânico do Estado.

A violência contra o povo é a arma principal a que recorre o governo de latifundiários e grandes capitalistas. Simultaneamente, faz uso, porém, de desenfreada demagogia e recorre às mais cínicas promessas de “reformas”, de mudanças “radicais” até mesmo na estrutura econômica e social do Brasil. Para iludir os camponeses, o governo de latifundiários e grandes capitalistas promete uma reforma agrária, que não passa de legalização do atual sistema de arrendamento e da venda de terras improdutivas, à custa de pesadas indenizações. O objetivo dessas manobras é defender os privilégios da minoria reacionária que domina o país, garantir o monopólio da terra e conservar as relações semifeudais na agricultura.

O governo de latifundiários e grandes capitalistas é, portanto, um governo de preparação de guerra e de traição nacional, um governo inimigo do povo. É um instrumento útil e necessário aos imperialistas norte-americanos e que facilita a completa colonização do Brasil pelos Estados Unidos.

3

O Brasil necessita de outro governo, de um governo efetivamente do povo, legítimo representante das mais amplas camadas progressistas e anti-imperialistas, que seja capaz de libertar o país do jugo imperialista norte-americano, de executar uma política de paz e de realizar as transformações democráticas radicais indispensáveis ao progresso da nação e a uma vida próspera, livre e feliz para toda a população.



Se quisermos viver e prosperar, se quisermos que nossa pátria alcance o futuro radioso a que tem direito, se quisermos livrar-nos da odiosa escravização norte-americana e tirar o nosso povo do atraso, da miséria e da ignorância em que vegeta, é indispensável acabar com o regime de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos imperialistas dos Estados Unidos, derrubar o atual governo.

4

O Partido Comunista do Brasil está convencido de que as transformações democráticas que nosso povo necessita e almeja só podem ser alcançadas com um governo democrático de libertação nacional, governo de coalizão do qual participem, além da classe operária, os camponeses, a intelectualidade, a pequena burguesia e a burguesia nacional.

O Partido Comunista luta pelo socialismo, mas está convencido de que nas atuais condições econômicas, sociais e políticas do Brasil não é possível realizar transformações socialistas. É perfeitamente realizável, no entanto, a tarefa de substituir o atual governo, antipopular e antinacional, por um governo do povo, que liberte o Brasil do domínio do imperialismo norte-americano e dos seus sustentáculos internos, os latifundiários e grandes capitalistas.

O governo democrático de libertação nacional será um governo autenticamente democrático e popular. Será um governo patriótico e de paz, de defesa da soberania e da independência nacional. Será o governo da salvação do Brasil e da felicidade do povo brasileiro.

III — É Inevitável a Revolução Agrária e Anti-Imperialista, a Substituição do Governo de Latifundiários e Grandes Capitalistas por um Governo Democrático de Libertação Nacional

É inevitável a revolução democrática e nacional-libertadora, é inevitável a substituição do governo de latifundiários e grandes capita-

listas. O povo brasileiro levantar-se-á contra o atual estado de coisas, não permitirá que se reduza o Brasil a colônia dos Estados Unidos. A causa da independência e do progresso da nossa pátria exige a derrubada do atual governo. O regime de exploração e opressão a serviço dos imperialistas norte-americanos deve ser destruído e substituído por um novo regime — o regime democrático-popular. São, portanto, profundas transformações econômicas e sociais que reclamam os supremos interesses da nação.

O Partido Comunista do Brasil considera que o governo democrático de libertação nacional, surgido da luta revolucionária do nosso povo, deverá realizar e consagrar em lei as seguintes transformações democráticas e progressistas na vida econômica, política e social do Brasil:

Política Externa e Defesa da Independência Nacional

1 — Anulação de todos os acordos e tratados lesivos aos interesses nacionais, concluídos com os Estados Unidos.

2 — Confiscação de todos os capitais e empresas pertencentes aos monopólios norte-americanos que operem no Brasil, e anulação da dívida externa do Brasil para com o governo dos Estados Unidos e os bancos norte-americanos.

3 — Expulsão de todas as missões militares, culturais, econômicas e técnicas norte-americanas.

4 — Relações amistosas e colaboração pacífica com todos os países, especialmente com os países capazes de cooperar com o Brasil sem qualquer discriminação, na base de plena igualdade de direitos e de mútuos benefícios.

5 — Apoio à luta de libertação nacional dos povos oprimidos. Incentivo à solidariedade entre o nosso povo e os povos irmãos da América Latina. Política de cooperação e amizade com as nações latino-americanas.

6 — Adoção de medidas de defesa da paz. Proibição da propaganda de guerra e punição para os propagandistas de guerra.



Regime Político, Democrático-popular Democrático-popular

7 — Soberania do povo — o único poder legítimo é o que vem do povo. Será abolido o Senado Federal. O Congresso Nacional, constituído pelos representantes eleitos pelo povo, exercerá o poder supremo do Estado. Todos os órgãos do novo regime, dos inferiores aos superiores, serão eleitos pelo povo. Aos eleitores caberá o direito de cassar a qualquer momento o mandato de seus representantes.

8 — O Presidente da República será eleito pelo povo e o seu mandato terá a duração de quatro anos. Governará por intermédio de um Conselho de Ministros, responsável perante o Congresso Nacional.

9 — Todos os cidadãos com 18 anos completos, independentemente de sexo, bens, nacionalidade, residência e instrução, terão direito a eleger e ser eleitos. Gozarão destes mesmos direitos os analfabetos, bem como os militares, inclusive os cabos, os soldados e os marinheiros. Será assegurada a representação proporcional dos partidos políticos em todas as eleições.

10 — Os estados, municípios, territórios federais e o Distrito Federal terão autonomia política e administrativa, com a eleição, pelo povo, de todos os órgãos do Poder.

11 — Inviolabilidade da pessoa humana e do domicílio. Ampla liberdade de pensamento, de palavra, de reunião, de associação, de greve, de imprensa, de cátedra, de crença e culto religioso, liberdade de movimento e de profissão.

12 — Abolição de todas as discriminações de raça, cor, religião, nacionalidade etc., e punição aos transgressores. É livre a instrução em língua materna aos filhos de imigrantes estrangeiros.

13 — Separação do Estado de todas as instituições religiosas. O Estado será laico.

14 — Democratização das forças armadas e criação do exército, da marinha e da aviação nacional-populares, estreitamente ligados ao povo, que defendam a paz, a independência nacional e as conquistas democráticas.

Os soldados, marinheiros, cabos, sargentos e oficiais gozarão de plenos direitos civis, de liberdade de atuação política e terão asseguradas condições de vida normais e humanas. Livre acesso das praças de pré ao oficialato.

15 — Completa supressão das organizações policiais de repressão. As polícias militares serão democratizadas e incorporadas às forças armadas nacional-populares. Substituição das demais organizações policiais pela milícia popular.

16 — Justiça rápida e gratuita, com juízes e tribunais eleitos pelo povo.

17 — Ampla reforma do sistema tributário, com a sua simplificação e a supressão dos impostos e taxas injustos, apoiada sobretudo no imposto fortemente progressivo sobre a renda. Controle democrático dos preços, medidas práticas contra a inflação e reforma monetária, que assegurem a estabilidade da moeda nacional.

18 — Abolição de todas as desigualdades econômicas, sociais e jurídicas que ainda pesam sobre as mulheres. As mulheres terão direitos iguais aos dos homens em caso de herança, casamento, divórcio, profissão, cargos públicos etc. Proteção especial e gratuita à maternidade e à infância.

19 — Estímulo às atividades científicas, literárias, artísticas e técnicas de caráter pacífico, com pleno apoio e ajuda do Estado.

20 — Proteção e estímulo aos esportes e à educação física do povo. Construção, pelo Estado, de campos de esporte, ginásios, pistas, estádios populares etc.

21 — Ajuda à construção de casas para o povo, de maneira a assegurar, dentro do menor prazo, residência digna e barata para a população trabalhadora.

22 — Organização de uma ampla rede de hospitais e dispensários, com os recursos médicos adequados, a fim de atender à população de todo o país. Combate sistemático às endemias e a todas as moléstias de incidência generalizada.

23 — Instrução primária obrigatória e gratuita, assegurada pela construção de uma rede de escolas em todo o país, a fim de liquidar o analfa-

betismo. O Estado assegurará aos estudantes livros didáticos e materiais escolares a baixo preço. Redução gradativa de todas as taxas escolares. Garantia de emprego para os jovens diplomados nos cursos secundários, técnicos e superiores.

24 — Ajuda e proteção especial às populações aborígenes e defesa de suas terras. Os indígenas terão direito à organização livre e autônoma.

25 — Ajuda rápida e eficiente às populações vitimadas pela seca, inundações e por outros flagelos, principalmente por meio de concessões de terras produtivas, de máquinas e ferramentas de trabalho, de crédito sem juros e em longo prazo. Assegurar às populações obrigadas a emigrar de seus lugares natais condições que lhes permitam reconstruir seus lares.

Desenvolvimento Independente da Economia Nacional

26 — Liberdade de iniciativa para os industriais e para o comércio interno, com a garantia dos interesses da economia nacional e do bem-estar do povo. Não serão confiscados os capitais e as empresas da burguesia brasileira. Serão confiscados os capitais e as empresas dos grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se aliarem aos imperialistas norte-americanos.

27 — Defesa da indústria nacional. Proibição da importação de produtos que prejudiquem as indústrias existentes ou dificultem a criação de novas. Amplas facilidades para a aquisição de equipamentos e matérias-primas necessários ao desenvolvimento da economia nacional. Livre desenvolvimento da indústria de paz.

28 — Desenvolvimento independente da economia nacional e preparo das condições para a industrialização intensiva do país com a utilização dos capitais e das empresas confiscados aos imperialistas norte-americanos. Para o mesmo fim, atrair a colaboração de capitais privados, aos quais serão garantidos lucros e a defesa de seus interesses, segundo lei especial.

29 — Regulamentação do comércio externo para a defesa da produção nacional.

30 — Ajuda aos artesãos e a todos os produtores pequenos e médios por meio de concessão de créditos, facilidades para a aquisição de matérias-primas ou para o fornecimento de máquinas e instrumentos de trabalho.

31 — Atrair a colaboração de governos e de capitalistas estrangeiros, cujos capitais possam ser úteis ao desenvolvimento independente da economia nacional, sirvam à industrialização e se submetam às leis brasileiras.

Melhoria Radical da Situação dos Operários

32 — Fixação de salário-mínimo vital que assegure condições de vida normais e humanas para os operários e suas famílias em todo o país. Salário igual para igual trabalho, sem distinção de sexo, idade ou nacionalidade.

33 — Aplicação efetiva da jornada de trabalho de 8 horas e da semana de 44 horas para todos os trabalhadores. Jornada de 6 horas para os que trabalham no subsolo ou em profissões insalubres e para os menores.

34 — Democratização da legislação social, sua ampliação e extensão aos trabalhadores das empresas estatais e aos assalariados agrícolas. Os sindicatos fiscalizarão a justa aplicação da legislação social.

35 — Livre organização e funcionamento das entidades sindicais. Os sindicatos terão o direito de realizar livremente contratos coletivos de trabalho com as empresas privadas e estatais e de fiscalizar sua execução.

36 — Assistência e previdência social por todas as formas, por conta do Estado e dos capitalistas, beneficiando inclusive os desempregados. Aposentadoria e pensão, bem como auxílio aos acidentados no trabalho, de acordo com as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias. Administração e controle, pelos sindicatos, dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões.

37 — Abolição das formas de trabalho forçado, das leis de militarização do trabalho, e de todos os dispositivos legais que determinem multas, inclusive por motivo de falta ao trabalho.



Reforma Agrária e Ajuda aos Camponeses

38 — Confiscação de todas as terras dos latifundiários e entrega dessas terras, gratuitamente, aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos que nelas queiram trabalhar, para que as repartam entre si. A divisão das terras será reconhecida por lei, e a cada camponês será entregue o título legal de sua propriedade. A lei reconhecerá as posses e ocupações de terras dos latifundiários e do Estado, anteriormente realizadas pelos camponeses, que receberão os títulos legais correspondentes.

39 — Abolição das formas semifeudais de exploração dos camponeses — meação, terça e todas as formas de prestação de serviços gratuitos —, abolição do vale e barracão, e obrigação de pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores agrícolas.

40 — Garantia de salário suficiente aos assalariados agrícolas, não inferior ao dos operários industriais não especializados, como também garantia de terra aos que a desejarem.

41 — Garantia legal à propriedade dos camponeses ricos. A terra cultivada por eles ou por assalariados agrícolas assim como seus outros bens serão protegidos contra qualquer violação.

42 — Anulação de todas as dívidas dos camponeses para com os latifundiários, os usurários, o Estado e as companhias imperialistas norte-americanas.

43 — Concessão de crédito barato e em longo prazo aos camponeses para a compra de ferramentas e máquinas agrícolas, sementes, adubos, inseticidas, construção de casas etc. Ajuda técnica aos camponeses. Amplo estímulo e ajuda ao cooperativismo.

44 — Construção de sistemas de irrigação, particularmente nas regiões do Nordeste assoladas pelas secas, de acordo com as necessidades dos camponeses e do desenvolvimento da agricultura.

45 — Garantia de preços mínimos para os produtos agrícolas e pecuários necessários ao abastecimento da população, de modo que permi-

tam aos camponeses desenvolver suas atividades econômicas e aumentar a produtividade de suas terras, salvaguardando-se ao mesmo tempo os interesses da grande massa consumidora.

46 — Abolição das restrições injustas ao livre trabalho dos pescadores. Ajuda aos pescadores por meio da concessão de créditos para a construção de casas, entrepostos etc., e fornecimento de instrumentos e embarcações para a pesca.

IV — Forjar na Luta a Mais Ampla Frente Única Anti-imperialista e Antifeudal

O governo de latifundiários e grandes capitalistas não cederá seu lugar sem luta. Os latifundiários e grandes capitalistas, serviçais do imperialismo norte-americano, defenderão seus privilégios com unhas e dentes. Golpes de Estado ou militares não mudarão a situação do país. Eleições e reformas devem ser aproveitadas e podem ser úteis à causa do povo, porém não determinarão transformações radicais nos destinos do Brasil. É errôneo supor que sem destruir as bases do atual regime reacionário seja possível libertar o Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos e livrá-lo da catástrofe que o ameaça.

Sem o emprego da violência contra o povo, sem o apoio do opressor estrangeiro, o poder dos latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas norte-americanos já não mais existiria no Brasil. Por isso, os cárceres estão cheios, as greves são esmagadas pela força das armas, a polícia intervém nos sindicatos, os partidos políticos legitimamente democráticos são colocados fora da lei, os direitos constitucionais são sistematicamente violados. Um regime de reação e terror é imposto ao povo pelas forças reacionárias.

Nestas condições, a luta irreconciliável e revolucionária de todos os patriotas brasileiros é indispensável para derrotar o governo de latifundiários e grandes capitalistas e substituí-lo pelo governo democrático de libertação nacional. Não há outro caminho para libertar o Brasil do



jugo imperialista, para afastar do poder a minoria reacionária e realizar as transformações econômico-sociais necessárias ao progresso da nossa pátria.

São imensas as forças patrióticas e democráticas que se levantam por todo o país contra o atual governo de traição nacional e que já compreendem a necessidade urgente de salvar o Brasil da situação calamitosa em que se encontra. À sua frente está a classe operária, que através de lutas memoráveis vem golpeando a reação e indicando às grandes massas populares, às mais amplas camadas sociais, o caminho da luta como a única saída para a situação de miséria crescente e de escravização, que a todos aflige.

A vitória das forças patrióticas só será possível, no entanto, se elas se unirem, se forjarem, na própria luta libertadora contra a política de guerra, de fome e reação do governo de latifundiários e grandes capitalistas, a mais ampla frente única anti-imperialista e antifeudal, a frente democrática de libertação nacional. Nesta luta libertadora, os operários e camponeses constituem a força principal e indestrutível. A aliança de operários e camponeses é possível e necessária. Os operários ajudarão os camponeses, como aliados, na luta pela terra. Os camponeses ajudarão os operários, como aliados, em sua luta pelo melhoramento radical das condições de vida da classe operária. Esta aliança das forças fundamentais do povo brasileiro decidirá o destino do governo de latifundiários e grandes capitalistas e do regime reacionário que ele personifica.

Para substituir o governo de latifundiários e grandes capitalistas pelo governo democrático de libertação nacional, à aliança de operários e camponeses unir-se-ão os intelectuais, cientistas, escritores, artistas, técnicos, professores, pessoas de todas as profissões liberais, que também sofrem com a atual situação do país e não querem ser escravos dos colonizadores norte-americanos. Unir-se-ão aos operários e camponeses, por idênticos motivos, os empregados no comércio, nos escritórios e nos bancos, os funcionários públicos, as pessoas que trabalham por conta própria, os sacerdotes ligados ao povo, bem como os soldados, ma-

rinheiros, cabos, sargentos e oficiais das forças armadas. À aliança de operários e camponeses unir-se-ão os artesãos e os pequenos e médios industriais e comerciantes, que sentem as consequências desastrosas do domínio norte-americano e da política de traição nacional do governo de latifundiários e grandes capitalistas, unir-se-ão ainda parte dos grandes industriais e comerciantes que também sentem a concorrência dos imperialistas norte-americanos e sofrem os efeitos da política, econômica e financeira desse governo.

Em torno da grande aliança de operários e camponeses cerrarão fileiras, portanto, todas as forças progressistas do Brasil, sem quaisquer diferenças de situação social, de filiação partidária, de crenças religiosas ou tendências filosóficas, todos os democratas e patriotas que desejam uma pátria livre e poderosa.

A frente democrática de libertação nacional — ampla e poderosa frente única de todas as forças anti-imperialistas e antifeudais — será a garantia de salvação do Brasil, a única força capaz de implantar no país o regime democrático-popular, de arrancar o Brasil da dominação norte-americana e da situação humilhante em que se encontra, a única força capaz de conduzir nossa pátria a um futuro feliz e radioso.

O Partido Comunista do Brasil considera que lutar pela criação, ampliação e o fortalecimento da frente democrática de libertação nacional é tarefa urgente e inadiável, dever de honra de todos os patriotas brasileiros.

O Partido Comunista do Brasil considera indispensável unir desde já em todo o país as mais amplas massas populares, pessoas de todas as classes e camadas sociais que desejam lutar pela democracia e pela paz contra a política de guerra, de fome e reação do governo de latifundiários e grandes capitalistas, pela derrubada do atual governo e sua substituição pelo governo democrático de libertação nacional.

O Partido Comunista do Brasil apresenta este Programa ao povo brasileiro, cujas gloriosas tradições de luta pela liberdade e a independência constituem a melhor garantia de sua realização. Baseando-se na aliança de operários e camponeses e dirigido pelo proletariado e seu Partido Co-



munista, o povo brasileiro realizará vitoriosamente este Programa, tomará os destinos da pátria em suas próprias mãos, fará do Brasil uma grande nação, próspera, livre e independente.

Os imperialistas norte-americanos querem fazer do Brasil base principal para a completa colonização de todos os países da América Latina, mas o Partido Comunista do Brasil considera que o povo brasileiro tem todas as condições para ser vitorioso na luta patriótica contra o domínio escravizador dos Estados Unidos e pela democracia popular.

O Partido Comunista do Brasil conclama todos os patriotas brasileiros a lutarem unidos a fim de transformar este Programa em realidade viva, para a felicidade de nosso povo e glória de nossa pátria.

7 – Informes

Informe de Balanço do Comitê Central do PCB ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Índice

I

1. O Caráter da Revolução em Sua Atual Etapa
2. Concentrar Fogo no Imperialismo Norte-Americano
3. Importância da Questão Agrária e do Problema Camponês
4. As Relações com a Burguesia Nacional
5. O Regime Político e o Governo Por Que Lutamos

II

1. Organizar a Luta Popular em Defesa das Liberdades e da Constituição, Contra o Terror Fascista, Pelo Desmascaramento, Isolamento e Derrubada do Governo de Latifundiários e Grandes Capitalistas a Serviço dos Estados Unidos
2. Intensificar e Ampliar a Luta Patriótica Pela Emancipação Nacional
3. Intensificar, Ampliar e Melhor Organizar a Luta Pela Paz
4. Unir e Organizar a Classe Operária
5. Organizar as Grandes Massas Camponesas na Luta Pela Terra
6. Maior Atenção ao Trabalho Entre as Massas Femininas
7. Ampliar as Lutas e a Organização da Juventude



III

1. Fazer Crescer Rápida e Sistemáticamente as Fileiras do Partido
2. Construir o Partido Preferencialmente nas Grandes Empresas
3. Formar Mais e Mais Quadros Capazes
4. Melhorar e Ampliar a Nossa Agitação e Propaganda e Dar Maior Atenção à Nossa Imprensa
5. Travar a Luta Ideológica no Partido
6. Lutar Pela Assimilação e o Cumprimento dos Estatutos do Partido

Informe de Balanço do Comitê Central do PCB ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Luiz Carlos Prestes

I

Camaradas!

São decorridos 25 anos da realização do último Congresso de nosso Partido. Atravessamos um período rico de acontecimentos da maior importância na história da humanidade. Modificações profundas deram-se no cenário mundial, 900 milhões de homens e mulheres vivem hoje livres do jugo imperialista, tendo à frente a grande e poderosa União Soviética. A situação do Brasil agravou-se como país dependente do imperialismo norte-americano e cresceram os sofrimentos de nosso povo até atingirem proporções jamais conhecidas. Simultaneamente, ao fogo das lutas que sustentaram junto com o povo e à frente do povo, cresceram, de maneira considerável, as forças de nosso Partido, seu prestígio e sua influência entre as grandes massas.

Aumentam as ameaças à soberania nacional e à vida e à segurança de nosso povo. Cresce o descontentamento popular. Para as grandes massas da população brasileira, tornam-se cada dia mais evidentes a traição da minoria de latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas norte-americanos que dominam o país, e a política de preparação para a guerra, de fome e reação policial do governo que representa essa minoria.

É diante de tão grave situação que nosso Partido reúne o seu IV Congresso, e dirige-se a toda a nação para propor-lhe um programa de salvação nacional — a única solução que permitirá ao povo brasileiro tomar os



destinos da Pátria em suas próprias mãos e fazer do Brasil uma grande nação próspera, livre e independente.

A realização do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil constitui acontecimento de importância excepcional na vida de nosso Partido. Passamos da juventude para a maioridade. É compreensível, pois, o sentimento de alegria e de justo orgulho que nos domina. Saibamos avaliar as novas responsabilidades que pesam sobre nossos ombros.

I

Camaradas!

A atual situação internacional caracteriza-se por uma acentuação cada vez mais nítida das duas linhas de desenvolvimento surgidas após a Segunda Guerra Mundial. As forças amantes da paz, dirigidas pela grande e poderosa União Soviética, conseguiram nos últimos tempos consideráveis êxitos no sentido do alívio da tensão internacional; se bem que, de outro lado, a política agressiva dos meios governamentais dos Estados Unidos continua a ser intensificada e assume formas mais abertas e brutais, visando sempre à agravação da tensão internacional e à eclosão de uma nova guerra mundial.

A conclusão do armistício na Coreia constituiu notável vitória das forças amantes da paz e o primeiro grande passo no sentido da diminuição da tensão internacional, um dos objetivos imediatos da política de salvaguarda da paz no mundo, em que se acham empenhadas imensas forças populares dos países dominados pelo capital e todos os Estados do campo da paz, da democracia e do socialismo. Como afirmou o camarada Molotov, a conclusão do armistício na Coreia permitiu ao governo soviético colocar na ordem do dia um novo alívio da tensão internacional. Tanto a Conferência de Berlim, como a Conferência de Genebra, em que foi firmado o armistício na Indochina, contribuíram grandemente para esclarecer os mais importantes e delicados problemas internacionais e para apresentar aos povos e aos governos soluções concretas, possíveis na base de en-

tendimentos diretos entre as partes em litígio, concorrendo, assim, para afastar o perigo de novas guerras e salvaguardar a paz no mundo inteiro. Sem superestimar os resultados das Conferências de Berlim e Genebra, é indispensável acentuar que os fatos confirmam a justeza da política internacional do governo soviético, quando insiste que qualquer questão litigiosa nas relações internacionais contemporâneas, por mais difícil que seja, deve e pode resolver-se por via pacífica.

O fim das hostilidades na Coreia e na Indochina, assim como o repúdio pelo povo francês dos tratados sobre o “exército europeu”, que consagravam o renascimento do militarismo alemão, constituíram grandes vitórias das forças da paz e assinalam o crescente isolamento do imperialismo norte-americano. A causa principal destes e outros êxitos alcançados no sentido do alívio da tensão internacional está na força crescente do campo da paz, da democracia e do socialismo, na justeza da causa que defende, acessível aos povos, e que goza da simpatia de milhões de homens e mulheres amantes da paz. O campo da paz, da democracia e do socialismo inflige ao campo do imperialismo e da guerra derrotas cada vez maiores em todos os terrenos. Dirigido pelos círculos governamentais de Washington, o campo do imperialismo e da guerra torna-se cada vez mais fraco.

Na União Soviética, na República Popular da China e nos demais países de democracia popular, a linha de desenvolvimento econômico é assinalada pelo ascenso contínuo da economia pacífica e do nível de vida dos trabalhadores. A economia nos países do campo da paz, da democracia e do socialismo não conhece crises e desenvolve-se com o objetivo de assegurar a satisfação máxima das necessidades materiais e culturais de toda a sociedade. Enquanto a produção industrial nos Estados Unidos, estagnada no período de 1929-1939, apenas duplicou entre 1929 e 1951, na URSS o volume da produção industrial em 1951 representava 13 vezes mais do que em 1929, e o desenvolvimento da sua produção industrial e agrícola apoia-se na técnica de vanguarda mais avançada, o que lhe permite a crescente melhoria do bem-estar material do povo, revelada principalmente através das sucessivas rebaixas de preços de todos os artigos de amplo consumo.



Se bem que em níveis diferentes, é no mesmo sentido que se desenvolve a economia da República Popular da China e dos países de democracia popular, libertados do jugo imperialista e que contam com o apoio fraternal da União Soviética.

No campo imperialista, a linha de desenvolvimento é diametralmente oposta, é a linha da estagnação econômica e das crescentes dificuldades econômicas dos países capitalistas, da agravção de todas as contradições capitalistas, da militarização da economia e da preparação de uma nova guerra, do descenso contínuo do nível de vida dos trabalhadores, do aprofundamento e aguçamento cada vez maiores, em suma, da crise geral do capitalismo. Nos Estados Unidos já apareceram os primeiros sintomas de uma nova crise econômica, e nos países da Europa Ocidental aumenta a intranquilidade em consequência do agravamento da situação econômica. Simultaneamente, ganha intensidade e amplitude a luta dos povos dos países coloniais e dependentes contra o jugo opressor dos imperialistas e torna-se cada vez maior a desagregação do campo imperialista dirigido pelos Estados Unidos.

Aí estão as origens da política agressiva e cada vez mais desesperada e brutal dos meios dirigentes dos Estados Unidos. Os imperialistas norteamericanos lutam abertamente pela hegemonia mundial e para realizá-la lançam-se à política “de força”, à corrida armamentista, à intimidação atômica, às medidas discriminatórias a respeito do comércio internacional, às agressões militares como no caso da Coreia e ao apoio e sustentação militar do “colonialismo” no mundo inteiro. Procuram criar com a SEATO [Organização do Tratado do Sudoeste Asiático] uma agrupação militar de países que, em qualquer momento e sob qualquer pretexto, possa iniciar uma intervenção armada no sudeste asiático e, simultaneamente, utilizam as bases militares de Formosa para agredir a República Popular da China; diante da derrota da CED, tentam a reconstituição do exército alemão por meio de sua inclusão numa coalizão militar que visa a perpetuar a divisão da Alemanha, acentuar a oposição entre as duas partes da Europa arbitrariamente separadas e estimular a carreira armamentista. Semelhante

política visa à caça ao lucro máximo e ao desencadeamento de uma nova guerra mundial, ameaça a vida e segurança dos povos, não pode contar com o apoio destes.

Diante da ameaça de guerra, desenvolve-se o movimento de todos os povos em defesa da paz e da segurança, porque compreendem que uma nova matança mundial, com os meios de guerra modernos, significa a morte da civilização atual, como acentuou recentemente o camarada Malenkov.

À medida que se estreita o mundo capitalista, os imperialistas norte-americanos procuram reforçar sua dominação especialmente na América Latina. Não escondem sua intenção de dispor de maneira monopolista das riquezas naturais e da produção de todos os países latino-americanos; querem controlar por completo suas finanças e seu comércio exterior, bem como seus meios de transporte, suas fontes de energia, visam a liquidar a incipiente indústria nacional e colonizar por completo o Continente em seu conjunto. Os círculos dirigentes dos Estados Unidos querem fazer dos países da América Latina o “quintal” fornecedor de matérias-primas para seu próprio parque industrial, querem colocar a economia de tais países na completa dependência da economia de guerra dos Estados Unidos, querem transformar a América Latina em base de operações para sua política de hegemonia e expansão mundial, uma “retaguarda” que tratam de armar e na qual não escondem a intenção de levantar exércitos de milhões de homens, que lhes permitam fazer com as mãos alheias a guerra que preparam contra a URSS, a República Popular da China e as democracias populares. É para realizar esses objetivos que intervêm diretamente nos negócios internos de cada país, fazem e desfazem governos pela força, visando sempre a implantar o terror fascista, esmagar o movimento operário e patriótico, encarcerar os democratas, entregar o poder aos aventureiros e tiranos. A perseguição ao Partido Comunista dos Estados Unidos, a prisão de seus dirigentes, a intervenção armada na Guatemala, a tentativa de golpe no México, assim como o golpe de 24 de agosto no Brasil e a decretação do Estado de Sítio pelo senhor Ibañez no Chile, são as diversas manifes-



tações da mesma orientação que visa a assegurar para os incendiários de guerra a “retaguarda” tranquila de que necessitam para levar adiante suas provocações guerreiras na Europa e na Ásia.

Como semelhante política opõe-se diretamente aos interesses dos povos latino-americanos, os imperialistas norte-americanos e seus agentes procuram amortecer a vigilância desses povos, contornar o crescente sentimento nacional e enganar as grandes massas, mascarando a política agressiva e de colonização sob a bandeira do pan-americanismo ou sob a denominação de política de “colaboração” americana. Para estabelecer bases militares e ocupar militarmente os territórios dos países latino-americanos, dispor de suas matérias-primas estratégicas, intervir diretamente na organização e no comando de suas forças armadas, os círculos dirigentes dos Estados Unidos impõem tratados lesivos e falam em “acordos” militares entre potências “soberanas”, falam em concessões mútuas, em defesa “comum” do Continente americano, contra supostos “agressores” extracontinentais. Propagam a teoria da “fatalidade geográfica” que pretensamente obrigaria todos os países latino-americanos a colocarem-se em caso de guerra, sem reservas, ao lado dos Estados Unidos. Sob a denominação de “ajuda” aos países latino-americanos, tratam de encobrir a penetração do capital financeiro de Wall Street e de introduzir nas posições-chave do aparelho estatal de cada país seus agentes e espões. Com a intensa propaganda do cosmopolitismo, tudo fazem para liquidar a cultura nacional de cada povo, para impor a “cultura americana”, o chamado “estilo de vida americano”, a “democracia americana”.

Nos países da América Latina, apesar da traição aberta dos latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano e dos governos que os representam, os círculos dirigentes de Washington não conseguem, entretanto, tudo que desejam. Os povos latino-americanos lutam com vigor crescente em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional, contra a colonização de suas pátrias pelos monopólios norte-americanos. A não ser um pequeno contingente militar fornecido pelo governo da Colômbia, não conseguiram os agressores norte-america-

nos arrastar os povos da América Latina para a matança da Coreia. A descarada intervenção militar dos Estados Unidos na Guatemala encontrou a mais viva repulsa entre todos os nossos povos. A vitória momentânea do agressor norte-americano na Guatemala revelou, na verdade, a fraqueza do pretenso “colosso do norte” e pôs a nu os objetivos escravizadores de sua política no Continente.

As condições são as mais favoráveis para os povos latino-americanos avançarem vitoriosamente no caminho da luta pela paz, pelas liberdades, pelo progresso e a independência nacional.

O Brasil, como país riquíssimo, o maior do Continente, e com uma população que representa quase 50% de toda a população latino-americana, é particularmente visado pelos imperialistas norte-americanos.

Os imperialistas norte-americanos penetram por todos os poros da vida econômica, política, social e cultural do país, tratam de reduzir o Brasil à situação de colônia dos Estados Unidos e ameaçam o povo brasileiro de escravização total. Essa dominação é acompanhada da militarização ostensiva do país. Aumentam as despesas públicas com a compra de aviões e navios de guerra e do armamento “cedido” pelos Estados Unidos. A inflação monetária torna cada dia mais injusta e iníqua a distribuição da renda nacional. De menos de 5 bilhões de cruzeiros em 1939, cresceu a importância da moeda em circulação para mais de 54 bilhões em 30 de setembro do corrente ano. Os impostos federais, estaduais e municipais absorvem parcela cada vez mais considerável da renda nacional, superior no atual momento a 30%. Os preços sobem e baixa aceleradamente o salário real. Apenas 5% da população absorvem mais de 50% da renda nacional. Os lucros das grandes empresas, especialmente dos monopólios norte-americanos, tornam-se a cada dia maiores.

A causa dessa política catastrófica está no próprio regime de latifundiários e grandes capitalistas, que conserva o Brasil como país semicolonial e semifeudal, entrava o desenvolvimento das forças produtivas, dificulta o crescimento do mercado interno, causa a estagnação da produção nacional, mantém a agricultura brasileira nas condições de atraso secular



e de crescente decadência. A minoria parasitária, que domina o país, deseja uma nova guerra na esperança de fazer bons negócios e está interessada na crescente exploração e escravização do povo brasileiro. Seus interesses identificam-se, assim, com os dos imperialistas norte-americanos. Com medo crescente do povo, precisam das armas e dos dólares norte-americanos, que procuram obter para defender seus privilégios e impedir o progresso do Brasil e, simultaneamente, prestam-se a instrumento servil para a dominação do país pelos monopólios norte-americanos.

Além disto, os círculos governamentais dos Estados Unidos querem arrastar o Brasil às aventuras guerreiras, que preparam no mundo inteiro, e fazer de nossa juventude carne de canhão. Os agentes e espões do governo de Washington interferem diretamente no aparelho do Estado, orientam a polícia, dirigem e comandam as forças armadas brasileiras, como se estivessem na própria casa. O Departamento de Estado norte-americano intervém abertamente nos negócios internos do Brasil. A deposição do governo de Vargas e sua substituição pela ditadura dos mais vis lacaios dos provocadores de guerra dos Estados Unidos, realizada sob a inspiração e por ordem direta da Embaixada norte-americana no Rio de Janeiro, foi a última e mais descarada manifestação dessa interferência.

Com o golpe de Estado de 24 de agosto, quiseram os círculos dirigentes dos Estados Unidos barrar o ascenso no Brasil das lutas e da organização das forças democráticas e populares, esmagar o movimento operário e patriótico e criar as condições para a implantação no país do terror fascista. A crescente e continuada unificação da classe operária, o desenvolvimento impetuoso do movimento grevista, as lutas que vinham se desenvolvendo entre os camponeses, os funcionários públicos, os intelectuais, os estudantes e as mulheres etc. preocuparam profundamente os círculos dirigentes de Washington. Além disto, o movimento patriótico do povo brasileiro recebera no primeiro semestre do corrente ano poderoso impulso com a realização da Convenção de Emancipação Nacional e a criação da Liga da Emancipação Nacional. Acontecimento político não menos importante e significativo vinha sendo o êxito crescente da campanha eleitoral dos can-

didatos populares, através da organização de movimentos de frente única eleitoral e da mobilização de amplos setores da opinião pública. Tornava-se cada dia mais evidente a força mobilizadora do Programa do Partido Comunista entre as grandes massas da população. Todo esse despertar de nosso povo, suas lutas patrióticas e sua organização em amplos movimentos de unidade contrariavam frontalmente as intenções colonizadoras dos círculos dirigentes dos Estados Unidos, os quais não vacilaram em determinar aos seus mais descarados agentes, e mais particularmente aos generais fascistas, o desencadeamento do golpe de força contra o governo de Vargas e sua substituição pela ditadura americana de Café Filho.

O senhor Café Filho é um simples brinquedo nas mãos dos generais, brigadeiros e almirantes, que agora lideram a minoria de traidores da pátria e realizam, sob o controle imediato da Embaixada norte-americana, a política de total colonização do Brasil pelos Estados Unidos. Seu governo não passa de uma ditadura de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos monopólios e dos incendiários de guerra norte-americanos. É um governo muito mais fraco que o de Vargas, já que sua base política é excessivamente limitada, incomparavelmente menor do que aquela em que se apoiava o governo de Vargas. Além de não poder contar com as camadas populares que ainda acreditavam nas promessas de Vargas, terá de enfrentar o descontentamento crescente da esmagadora maioria da população em consequência do ritmo cada vez mais acelerado da inflação monetária, da crescente carestia da vida e do desemprego, tendente a crescer com a crise de superprodução que já ameaça a economia nacional.

Os generais fascistas não conseguiram alcançar o que efetivamente desejavam com a deposição de Vargas, mas, açulados por seus amos norte-americanos, serão capazes de novas e cada vez mais violentas investidas contra o povo. Se bem que ainda continuem falando em “democracia”, se bem que não tenham podido impedir a realização do pleito eleitoral a 3 de outubro e ainda não tenham tido forças para golpear o movimento operário e patriótico, os generais fascistas já proclamam claramente suas intenções: entregar o petróleo brasileiro à Standard Oil, pôr fim às limita-

ções legais que impedem a entrega total do subsolo e das quedas d'água aos monopólios norte-americanos, satisfazer os interesses dos monopólios norte-americanos que exigem a desvalorização do cruzeiro e a baixa do preço do café, do cacau e demais produtos de exportação, dar maiores garantias às inversões do capital norte-americano, sufocar a indústria nacional etc. Para realizar semelhante política, os generais fascistas procuram golpear o movimento operário, impedir a unificação do proletariado, liquidar as conquistas sociais dos trabalhadores, abolir o sufrágio universal, suspender os direitos constitucionais, acabar com todas as liberdades e com os restos de autonomia estadual e local.

Essa política opõe-se frontalmente aos interesses da maioria esmagadora da nação. O povo brasileiro manifesta inequívoca vontade de paz e sua oposição à política de traição nacional, de preparação para a guerra, de fome e reação policial dos governos de latifundiários e grandes capitalistas. Cresce rapidamente no país o ódio ao opressor norte-americano e ganha as mais amplas camadas sociais a luta contra a pilhagem das riquezas nacionais e a crescente colonização do Brasil pelo governo dos Estados Unidos. As massas trabalhadoras das cidades e do campo lutam contra a miséria e a fome, e o movimento grevista atinge proporções jamais conhecidas, como o comprovam as greves gerais de Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Foi relativamente rápido o desprestígio de Vargas e foi rapidamente que as massas se levantaram contra o golpe de Estado de 24 de agosto. As massas lutaram corajosamente nas ruas contra o imperialismo norte-americano, pelas liberdades democráticas, contra os politiquieiros da UDN, contra a ditadura terrorista. Manifestaram abertamente seu ódio patriótico aos imperialistas norte-americanos, atacando indignados a Embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, os consulados norte-americanos em diversas cidades, assim como grande número de empresas dos monopólios norte-americanos.

Essa situação se reflete na vida e atividade de todos os partidos políticos das classes dominantes, cujos círculos dirigentes divorciam-se cada vez mais das grandes massas trabalhadoras. À medida que se aprofunda

a contradição entre os interesses da minoria de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano, de um lado, e a vontade da maioria esmagadora da nação, de outro lado, crescem as ameaças de medidas antidemocráticas e de novos golpes de Estado e militares. A ditadura dos generais fascistas não tem base de massas, é instável e luta com dificuldades crescentes para consolidar-se no poder. A minoria reacionária em que se apoia treme diante da possibilidade de qualquer luta do povo. Para cumprir as ordens de seus amos norte-americanos e assegurar a completa submissão do Brasil aos Estados Unidos, usou das maiores violências e arbitrariedades contra a livre manifestação da vontade popular nas eleições de 3 de outubro.

Os acontecimentos de 24 de agosto puseram a nu a brutalidade dos métodos norte-americanos de dominação, despertaram o sentimento patriótico do povo diante da intervenção aberta da Embaixada dos Estados Unidos nos negócios internos de nosso país. As eleições de 3 de outubro mostraram às grandes massas do povo como a Justiça Eleitoral aplica a Constituição e as leis segundo os interesses dos latifundiários e grandes capitalistas, como a Constituição é usada para tentar ocultar o caráter tirânico do governo e como os latifundiários e grandes capitalistas defendem com unhas e dentes seus privilégios e não estão dispostos a ceder seu lugar sem luta. Aprofunda-se rapidamente no país a luta de classes, e o movimento democrático e nacional-libertador sob a direção da classe operária, liderada pelos comunistas, alcança novos níveis. Torna-se cada dia mais evidente para as grandes massas do povo que nem golpes de Estado ou militares, nem reformas parciais ou eleições, sem destruir as bases do atual regime reacionário, podem libertar o Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos e livrá-lo da catástrofe que o ameaça. Os fatos comprovam que só o Partido Comunista, que ergue com decisão e audácia as bandeiras da luta pelas liberdades e em defesa da soberania e da independência nacional, está em condições de indicar ao povo brasileiro a justa solução dos sérios problemas que enfrenta. Este o elevado objetivo do Programa do Partido Comunista do Brasil.



Apresentamos ao povo brasileiro o Programa da salvação nacional, o programa que permitirá libertar a pátria do jugo dos imperialistas norte-americanos e fazer do Brasil uma grande nação, próspera, livre e independente.

Camaradas!

O Programa do Partido baseia-se na análise da realidade brasileira à luz da ciência marxista-leninista e, partindo das conclusões da teoria, determina os objetivos do movimento operário em nosso país na atual etapa de seu desenvolvimento. É um Programa justo porque as soluções que indica estão baseadas nos ensinamentos do marxismo-leninismo. Examine-mos algumas das conclusões teóricas mais importantes em que se baseia o Programa.

1. O Caráter da Revolução em Sua Atual Etapa

O povo brasileiro, que se livrou do jugo português em 1822, conquistando, assim, sua independência política e a condição de nação soberana no concerto mundial das nações, não conseguiu, no entanto, libertar-se dos restos feudais e dos grandes latifúndios, e realizar as tarefas da revolução burguesa. Até 1888 a escravidão negra teve existência legal. A queda da monarquia e a Proclamação da República, se bem que tenham constituído elementos de progresso na evolução política do país, não modificaram no fundamental o caráter semifeudal e semiescravista da sociedade brasileira. Os senhores de escravos e, em seguida, os latifundiários e grandes capitalistas — grandes comerciantes e usurários — que governavam o país facilitaram a penetração do capital estrangeiro e, conseqüentemente, a transformação do Brasil em semicolônia, em país dependente das grandes potências capitalistas. Através do controle das finanças e da economia, dos assuntos políticos e até militares, as grandes potências imperialistas passaram a dominar o Brasil ao mesmo tempo em que, para oprimir o povo, apoiavam a minoria reacionária, sustentavam os latifundiários na conservação da sociedade semifeudal e semiescravista.

Sob esta dupla opressão, dos imperialistas e dos restos feudais, o povo brasileiro — especialmente os trabalhadores das cidades e do campo — tornou-se, e torna-se, cada vez mais pobre, sofre duramente e é privado de direitos políticos, vive no atraso, na miséria e na ignorância. Essa situação muito concorreu — e continua concorrendo — para retardar o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. No entanto, no correr do século XX, desenvolveu-se no país a indústria nacional e surgiu a burguesia brasileira como nova classe social, em boa parte ligada aos latifundiários e dependente dos bancos estrangeiros. Como as posições-chave da economia nacional estão em poder dos imperialistas estrangeiros, a burguesia brasileira é relativamente fraca, enquanto a classe dos proletários é relativamente numerosa e seu peso específico relativamente importante. A maioria da população é constituída, no entanto, pela massa camponesa que vive oprimida nos latifúndios e que em sua maior parte não possui terra. Nas cidades, parcela considerável da população é constituída pelas camadas médias — artesãos, empregados, pequenos comerciantes e industriais, intelectualidade e funcionalismo público, em processo de pauperização.

Essa situação de país semicolonial e semifeudal agravou-se ainda mais com o crescente predomínio dos imperialistas norte-americanos no Brasil, predomínio que começou a esboçar-se desde 1920 e que se acentuou aceleradamente após a Segunda Guerra Mundial. Sob a crescente dominação dos imperialistas norte-americanos, o Brasil está cada dia mais ameaçado de ser arrastado às guerras de agressão que são ostensivamente preparadas pelos círculos dirigentes dos Estados Unidos. Em consequência da militarização ostensiva do país, a dominação norte-americana torna-se ainda mais pesada e é crescentemente sensível a todas as camadas da população.

Nestas condições, as principais contradições que no momento atual se verificam no Brasil são as que contrapõem os imperialistas norte-americanos à maioria esmagadora da nação e, simultaneamente, os restos feudais ao povo brasileiro.

Estão, assim, nos imperialistas norte-americanos e nos restos feudais os principais inimigos do progresso do Brasil, da vida e segurança da



grande maioria da nação brasileira. É indispensável, por isso, libertar o Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos e realizar no país transformações democráticas radicais que ponham fim à opressão causada pelos restos feudais e pelo latifúndio. Estas duas tarefas marcham juntas. Enquanto os imperialistas norte-americanos constituem o principal sustentáculo dos latifundiários, de outro lado, se não for derrotado o poder dos latifundiários e grandes capitalistas, não poderá o domínio dos monopólios norte-americanos ser liquidado no Brasil.

A revolução brasileira em sua etapa atual é, assim, uma revolução democrático-popular, de cunho anti-imperialista e agrária antifeudal. É uma revolução contra os imperialistas norte-americanos e contra os restos feudais e tem por objetivo derrocar o regime dos latifundiários e grandes capitalistas. Libertando o Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos e dos restos feudais, desloca, simultaneamente, o país do campo da guerra e do imperialismo para o campo da paz, da democracia e do socialismo.

O Programa do Partido reflete essa justa caracterização da revolução brasileira em sua atual etapa. Nos pontos do Programa estão expressas as transformações democráticas e progressistas que reclamam os supremos interesses da nação e que expressam os interesses vitais do povo.

2. Concentrar o Fogo no Imperialismo Norte-Americano

O fogo da ação nacional-libertadora é concentrado nos imperialistas norte-americanos. Se bem que o Brasil seja um país semicolonial, submetido à exploração de diversos grupos imperialistas, o Programa do Partido dirige seu gume contra o imperialismo norte-americano, exigindo o confisco de todos os capitais e empresas pertencentes aos monopólios norte-americanos que operarem no Brasil, a anulação da dívida externa do Brasil para com o governo dos Estados Unidos e os bancos norte-americanos, a expulsão do Brasil de todas as missões militares, culturais, econômicas e técnicas norte-americanas etc.

Semelhante colocação do problema leva em conta a real situação do Brasil, onde os monopolistas norte-americanos exercem hoje posição pre-

dominante em todos os terrenos. Os imperialistas norte-americanos destacam-se de seus concorrentes no terreno econômico, pela posição monopolista que já alcançaram no comércio externo brasileiro, pelo total de inversões diretas e indiretas realizadas no país, bem como pela posição excepcional conquistada em diversos setores da produção. No terreno político, o predomínio norte-americano é evidente e sua influência é cada dia maior no aparelho de Estado brasileiro, praticamente reduzido a instrumento do Departamento de Estado norte-americano. Os imperialistas norte-americanos orientam, enfim, sua dominação no sentido de reduzir o Brasil à condição de colônia dos Estados Unidos, são os inimigos jurados do povo brasileiro, da maioria esmagadora da nação.

Nestas condições, golpear a dominação norte-americana e derrocar o regime de latifundiários e grandes capitalistas em que se apoia tal dominação, substituindo-o pelo regime democrático-popular, é alcançar o necessário e suficiente para esmagar os principais obstáculos ao desenvolvimento da economia nacional, é colocar nas mãos do povo os elementos indispensáveis para assegurar a defesa da soberania e da independência nacional, é deslocar o Brasil do campo da reação, da guerra e do imperialismo para o campo da paz, da democracia e do socialismo. Contando com o apoio dos países do campo da paz, com a ampla utilização do mercado mundial socialista, ficará o regime democrático-popular em condições de impedir a extração do lucro máximo do Brasil pelos monopolistas estrangeiros, poderá atuar no sentido de submeter os monopólios estrangeiros às leis do país, de denunciar os tratados lesivos com todos os países capitalistas.

Concentrando fogo contra os imperialistas norte-americanos, o Programa leva em conta a grande lição de estratégia e tática leninista que manda golpear os inimigos um a um e saber convergir o fogo em cada momento contra o inimigo principal e mais poderoso. Como ensina Stálin, não convém jamais sobrecarregar a revolução com todas as tarefas de uma só vez.

Leva-se ainda em conta a atual situação mundial no campo imperialista, onde as contradições entre os países capitalistas e deles com os



Estados Unidos, como ensina Stálin, tendem sempre a crescer. Existem possibilidades reais de utilizarmos tais contradições, desde que saibamos concentrar fogo no inimigo mais forte — o imperialismo norte-americano —, e abrir para os demais monopolistas imperialistas a perspectiva de entendimentos e acordos. Torna-se também mais fácil neutralizar os grandes capitalistas brasileiros ligados aos grupos imperialistas rivais dos norte-americanos, podendo-se, em condições particulares e temporariamente, chegar mesmo a tê-los como aliados na luta contra os monopolistas norte-americanos.

Quaisquer objeções à orientação do Programa no sentido de que seja necessário confiscar todas as empresas e todos os capitais estrangeiros que tenham fins agressivos, ou que operem em ramos fundamentais da economia do país etc., não levam em conta a realidade atual da dominação norte-americana no Brasil e só concorreriam para ampliar desnecessariamente o campo dos inimigos externos mais imediatos da revolução brasileira. A solução do Programa é justa, baseia-se no fato importantíssimo de que o golpe contra os imperialistas norte-americanos é suficiente para garantir à revolução vitoriosa as posições econômicas e políticas que permitam ao regime democrático-popular defender com sucesso a soberania e a independência nacional, o bem-estar do povo e o progresso do Brasil.

3. Importância da Questão Agrária e do Problema Camponês

A luta contra os imperialistas norte-americanos está intimamente ligada à luta contra o atual regime dominante no país, contra o atual Estado de latifundiários e grandes capitalistas. É por intermédio de tal regime que se dá a crescente colonização do Brasil pelos Estados Unidos. A minoria reacionária que domina o país luta desesperadamente pela conservação e defesa de seus privilégios e volta-se para os imperialistas norte-americanos, com os quais se identifica na luta por interesses que se combinam mutuamente. Aos imperialistas norte-americanos convém a conservação no país das sobrevivências feudais com toda a sua superestrutura burocrática, policial e militar.

Daí a importância que têm a questão agrária e o problema camponês no Programa do Partido. O monopólio da terra constitui a base econômica principal da minoria reacionária que domina o país. Foi na base da conservação do latifúndio e dos restos feudais e escravistas que o capital estrangeiro penetrou no Brasil e que se dá presentemente a sua crescente colonização pelos Estados Unidos. Não é possível libertar o Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos sem liquidar simultaneamente a base econômica das forças sociais em que se apoiam, sem liquidar os restos feudais e o monopólio da terra. O Programa do Partido reflete esta realidade e levanta a necessidade do confisco da terra dos latifundiários e sua entrega gratuita aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos que nelas queiram trabalhar, assim como a abolição de todas as formas semifeudais de exploração.

O latifúndio e os restos feudais e escravistas impedem o livre desenvolvimento da economia nacional e determinam o atraso, a miséria e a pauperização crescente das grandes massas camponesas que constituem a maioria da população brasileira. Por não possuírem terra e serem esmagados pelos restos feudais e escravistas, que permitem aos latifundiários viver parasitariamente da renda da terra e apoderarem-se de fato da maior parcela da produção, milhões de camponeses vivem em condições humilhantes, não podem desenvolver sua capacidade de produção e seu poder de compra. A penetração imperialista no país e a penetração capitalista na agricultura agravam ainda mais a situação das massas do campo, já que os restos feudais são conservados e, mesmo quando são “modernizados”, não aliviam de forma alguma a tremenda carga que significam para os camponeses trabalhadores. Aumenta o êxodo rural e a fome torna-se cada vez mais frequente entre as grandes massas camponesas, que estão completamente desamparadas e incapacitadas para enfrentar as consequências dos flagelos naturais, como as secas, as inundações, o granizo etc. Os camponeses arruinados, privados de terra, não podem desenvolver satisfatoriamente a agricultura e a pecuária e assegurar o abastecimento de víveres à população e de matérias-primas à indústria, não têm condições



de adquirir equipamentos agrícolas os mais elementares, nem de comprar uma quantidade mínima de artigos industriais.

O proletariado revolucionário, que luta conseqüentemente pela democracia e a independência nacional, é a única força que levanta a bandeira de uma reforma agrária radical e que pode dirigir a luta pela abolição do latifúndio e dos restos feudais. Na etapa atual da revolução, o inimigo no campo é o latifundiário, isto é, o grande proprietário, o parasita, que não trabalha na terra, ou realiza apenas um trabalho suplementar, e vive fundamentalmente da renda da terra, da usura, da brutal exploração das massas camponesas. Para a vitória da revolução brasileira, o essencial agora é que os camponeses adquiram na própria luta a consciência da necessidade da destruição revolucionária do atual regime de latifundiários e grandes capitalistas. Por isso, o Programa do Partido não levanta a reivindicação de nacionalização da terra, tem em conta a manifesta vontade da massa camponesa que, em nosso país, reclama, antes e acima de tudo, a distribuição da terra sob a forma de propriedade privada. O Programa levanta ainda com acerto todas as reivindicações progressistas dos camponeses e defende com firmeza os interesses de todos os camponeses, inclusive dos ricos, cujas propriedades não devem ser confundidas com as dos latifundiários, mas protegidas contra qualquer violação.

Nestas condições, a massa camponesa que constitui a maioria da população do país, todos os camponeses — os assalariados agrícolas, os camponeses pobres, os camponeses médios e mesmo os camponeses ricos —, pode ser ganha para o lado do proletariado e deve constituir seu principal aliado. É possível e indispensável a aliança da classe operária com todos os camponeses.

4. As Relações com a Burguesia Nacional

No que concerne às relações com a burguesia nacional, o Programa do Partido não só não ameaça seus interesses como defende suas reivindicações de caráter progressista, em particular o desenvolvimento da indústria nacional. Essa posição é acertada, decorre de uma justa com-

preensão do caráter da revolução brasileira em sua primeira etapa, quando as necessidades já maduras do desenvolvimento da sociedade brasileira, que exigem solução imediata, são exclusivamente as de caráter anti-imperialista e antifeudal. A burguesia nacional não é, portanto, inimiga; por determinado período pode apoiar o movimento revolucionário contra o imperialismo e contra o latifúndio e os restos feudais.

A burguesia brasileira encontra-se hoje dividida em dois grupos distintos. Um deles é formado pelos grandes capitalistas estreitamente ligados aos latifundiários e que servem diretamente aos interesses de um ou de outro grupo de monopolistas estrangeiros, particularmente norte-americanos. Constituem eles minoria insignificante pelo seu número, porém poderosa. O segundo grupo é constituído pela parte restante da burguesia brasileira, denominada pelo Programa com acerto de burguesia nacional, e que reflete principalmente os interesses da indústria nacional. Esta parte da burguesia brasileira necessita evidentemente da ampliação do mercado interno, da proteção contra a concorrência dos produtos importados, tem seus interesses afetados pela opressão imperialista, disputa com os monopólios imperialistas por uma parcela maior na exploração das riquezas naturais do Brasil e da força de trabalho barata existente no país. Se bem que não seja capaz de romper por completo suas ligações econômicas com o imperialismo e os latifundiários, sente-se oprimida por ambos, opõe-se a ambos e, deste ponto de vista, pode participar do movimento revolucionário anti-imperialista e antifeudal.

O Programa reflete essa realidade. Declara expressamente que não serão confiscados os capitais e as empresas da burguesia brasileira. Garante a liberdade de iniciativa para os industriais e para o comércio interno, a defesa da indústria nacional e o livre desenvolvimento da indústria de paz. Estabelece a proibição da importação de produtos que prejudiquem as indústrias já existentes ou dificultem a criação de novas, ao lado de amplas facilidades para a aquisição de equipamentos e matérias-primas necessários ao desenvolvimento da economia nacional e da ajuda aos artesãos e a todos os produtores pequenos e médios etc. Prevê o confisco,



unicamente, dos capitais e empresas dos grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se aliarem aos imperialistas norte-americanos.

Seria um erro, que enfraqueceria o campo das forças anti-imperialistas e antifeudais, confundir a burguesia nacional com as forças do campo feudal-imperialista, assim como subestimar a significação que tem a burguesia nacional, especialmente no estágio atual do movimento revolucionário brasileiro, pela sua influência nas fileiras da pequena burguesia, das massas camponesas e mesmo de parte da classe operária. Semelhante atitude levaria a uma política sectária e ao isolamento dos comunistas de grandes massas do povo, quando a vitória da revolução exige ganhar essas massas para o lado do proletariado, arrancá-las da influência da burguesia nacional e do nacional-reformismo. Sem amainar a luta econômica pelos seus interesses de classe, contra a exploração burguesa, trata-se para o proletariado de lutar e marchar junto com a burguesia nacional contra os imperialistas norte-americanos e contra o regime de latifundiários e grandes capitalistas.

As objeções que sejam porventura levantadas a respeito da possibilidade de ser efetivamente ganha a burguesia nacional para o campo das forças revolucionárias traduzem desconhecimento da realidade brasileira e da correlação de classes no país nas atuais condições. A burguesia nacional, política e economicamente débil, não é capaz de levantar a bandeira da democracia e da independência nacional. Sob a pressão crescente dos monopólios imperialistas em luta pelo lucro máximo e que exigem sempre a capitulação total da burguesia nacional, esta vacila, procura soluções de compromisso com o opressor estrangeiro. Nesse processo e visando a reforçar sua posição em relação aos imperialistas, procura a burguesia nacional obter o apoio da pequena burguesia e, em parte, igualmente da classe operária. Como o despertar político da classe operária torna isso cada vez mais difícil, volta-se a burguesia nacional para as grandes massas camponesas que não pode, no entanto, arrastar para o seu lado senão precariamente. As massas camponesas não poderão ter sua situação melhorada sem uma revolução agrária radical e a burguesia nacional

teme qualquer reforma agrária e até mesmo a simples formulação de semelhante reivindicação. Tudo isso revela a fraqueza política e econômica da burguesia nacional que – diante do movimento revolucionário anti-imperialista a antifeudal em avanço, da força crescente da aliança operário-camponesa, da alternativa de tomar uma posição de traição aos interesses nacionais, de capitular por completo diante do opressor estrangeiro, ou de participar da revolução, e conquistar suas reivindicações mais sentidas – não poderá objetivamente deixar de tomar o caminho da participação na luta ao lado da classe operária, dos camponeses, da pequena burguesia e da intelectualidade.

O Programa do Partido – que levanta as reivindicações progressistas da burguesia nacional e exige o castigo dos traidores que se aliarem aos imperialistas norte-americanos – e a atividade prática dos comunistas na luta pelos interesses do povo e da pátria criam as condições que facilitarão a passagem da burguesia nacional para o lado do movimento democrático de libertação nacional.

5. O Regime Político e o Governo Por Que Lutamos

Atualmente, temos como objetivo a destruição do regime de exploração e de opressão a serviço dos imperialistas norte-americanos e sua substituição por um novo regime, o regime democrático-popular. Tendo em vista as atuais condições econômicas, sociais e políticas do Brasil, não é possível realizar agora no Brasil transformações de caráter socialista. O novo regime não será uma ditadura do proletariado. Mas não será também uma ditadura da burguesia. Graças à atual correlação de forças de classes no mundo e ao papel dirigente da classe operária na revolução brasileira, irá ela adiante da revolução democrático-burguesa, criará um poder de transição para o desenvolvimento não capitalista do Brasil. Por sua essência de classe, o regime democrático-popular será uma ditadura das forças revolucionárias antifeudais e anti-imperialistas, será efetivamente o poder do povo, da maioria esmagadora da nação – operários, camponeses, pequena burguesia e burguesia nacional – sob a direção da classe operária



e do seu Partido Comunista. A hegemonia do proletariado é indispensável à vitória da revolução e à instauração do novo regime, cuja força residirá fundamentalmente na aliança operário-camponesa. Construído sobre as ruínas do velho regime, o regime democrático-popular servirá de instrumento aos trabalhadores em sua luta contra os elementos exploradores, contra todas as tentativas no sentido de restabelecer no Brasil a dominação dos latifundiários e grandes capitalistas e a dominação dos monopólios imperialistas.

As atuais empresas estatais, juntamente com os capitais e empresas confiscados ao imperialismo norte-americano e aos elementos traidores da burguesia brasileira, constituirão a base econômica para o novo regime. Se bem que no regime democrático-popular o setor da produção mercantil pequeno-burguesa e o setor do capitalismo privado venham a constituir parcelas importantes da economia nacional – já que a revolução não tocará nas raízes do capitalismo e a revolução agrária, com o confisco e distribuição da terra aos camponeses, dará grande impulso à pequena produção capitalista no campo –, o setor estatal da produção de caráter socialista, ajudado pelo setor do capitalismo de Estado, será suficientemente poderoso para garantir o desenvolvimento do país de acordo com os interesses e as aspirações das grandes massas populares. Com semelhante base econômica o regime democrático-popular poderá atrair o capital privado nacional e estrangeiro, a fim de dar mais rápido desenvolvimento à economia nacional e acelerar no país o preparo das condições para a industrialização intensiva.

Surgindo da vitória da revolução antifeudal e anti-imperialista, que deslocará o Brasil do campo do imperialismo e da guerra para o campo da paz, da democracia e do socialismo, o regime democrático-popular será essencialmente um regime de paz e estabelecerá relações amistosas e de colaboração pacífica com todos os países. A colaboração e amizade com a União Soviética, com a República Popular da China e demais países do campo da paz, constituirão fator importante e decisivo para a segurança do povo brasileiro e para o desenvolvimento independente da economia

nacional. Qualquer tendência ao enfraquecimento dessa colaboração, especialmente com a União Soviética, será sempre dirigida no sentido da liquidação da democracia popular e da restauração do regime dos latifundiários e grandes capitalistas e da dominação imperialista no país.

O regime democrático-popular contará, assim, com a base econômica e com o apoio externo que, juntos, lhe permitirão livrar o povo brasileiro da ação das forças agressivas do imperialismo e assegurar a melhoria radical do nível de vida dos operários, dos camponeses, da intelectualidade e demais camadas trabalhadoras, defender e desenvolver a indústria nacional, dar ajuda aos camponeses, como aos artesãos e pequenos e médios produtores. É assim que o regime democrático-popular terá assegurado o progresso do Brasil e seu desenvolvimento como uma grande nação, próspera, livre e independente.

A vitória da revolução, a substituição do atual regime de latifundiários e grandes capitalistas pelo regime democrático-popular exige a derrocada e a substituição revolucionária do governo de latifundiários e grandes capitalistas, hoje nas mãos dos generais fascistas, com o senhor Café Filho à frente. Sem a luta atual e concreta contra este governo, que é o representante da minoria reacionária que domina o país, é ilusão pensar em pôr fim à dominação imperialista norte-americana, aos restos feudais e à política de traição nacional e de preparação para a guerra dos latifundiários e grandes capitalistas.

O Programa do Partido prevê com razão a substituição do governo de latifundiários e grandes capitalistas pelo governo democrático de libertação nacional. Esta denominação traduz as tarefas principais que o novo governo deve enfrentar para que sejam efetivamente realizados os objetivos do regime democrático-popular no momento de sua instauração. Trata-se, no fundamental, de libertar o país do jugo dos imperialistas norte-americanos e de realizar transformações democráticas radicais. Democrático porque destruirá o regime de latifundiários e grandes capitalistas, entregará a terra aos camponeses, fará uma política de paz, instaurará no país a democracia para o povo, democratizará as forças armadas, abolirá a



polícia de repressão, melhorará radicalmente a situação dos trabalhadores, defenderá a indústria nacional e assegurará o livre desenvolvimento da economia nacional. De libertação nacional, porque defenderá a soberania nacional, confiscará todos os capitais e empresas dos monopólios norte-americanos, anulará os acordos lesivos com os Estados Unidos, expulsará do Brasil todas as missões norte-americanas, estabelecerá relações amistosas com a União Soviética e demais países do campo da paz. Nisto se concentrará a política diária do novo governo, que será um governo de coalizão de todas as forças antifeudais e anti-imperialistas sob a direção da classe operária e de seu Partido de vanguarda, o Partido Comunista do Brasil.

Camaradas!

Ao aprovarmos neste IV Congresso o Programa do Partido, apresentamos ao povo brasileiro o caminho da salvação nacional, e do alto desta tribuna dirigimos a todos os democratas e patriotas nosso apelo para que se unam a fim de transformar este Programa em realidade viva para a felicidade de nosso povo e glória de nossa pátria.

Com o Programa do Partido indicamos ao povo brasileiro o caminho da luta revolucionária para derrotar o governo de latifundiários e grandes capitalistas e substituí-los pelo governo democrático de libertação nacional. Isto significa que aumentam nossas responsabilidades. A tarefa que devemos realizar à frente do povo é gloriosa, mas é também das mais árduas. Recordemos aqui as vibrantes palavras do grande Lênin:

“A revolução é a locomotiva da História, dizia Marx. A revolução é a festa dos oprimidos e explorados. Jamais a massa do povo será capaz de agir, como elemento criador mais ativo do novo regime social, do que durante a revolução. Em tais períodos, o povo é capaz de fazer milagres, sob o ponto de vista da medida estreita e pequeno-burguesa do progresso gradual. Mas é necessário também que os dirigentes dos partidos revolucionários apresentem e defendam seus objetivos de um modo mais amplo e audaz nesses períodos; que suas palavras de ordem se coloquem sempre

à frente da iniciativa revolucionária das massas, servindo de guia para as massas, mostrando em toda a sua grandeza e magnificência o nosso ideal democrático e socialista, indicando o caminho mais curto e mais direto para a vitória completa, incondicional e decisiva.”.

II

Camaradas!

A transformação em realidade prática das soluções indicadas no Programa do Partido deve ser obra de milhões. Isto exige que saibamos fazer do Programa do Partido o programa de todo o povo. Precisamos levar o Programa às massas de milhões, ganhar as grandes massas de toda a população do país para os objetivos e as tarefas do Programa, conseguir convencer as massas de que devem e podem transformar em realidade viva as soluções indicadas no Programa.

Trata-se, pois, de difundir o Programa entre o povo, de levá-lo aos milhões, ao conhecimento de todos os brasileiros de todas as classes e camadas sociais, de explicá-lo detalhadamente uma e muitas vezes, de torná-lo compreensível a todos os trabalhadores. A difusão e popularização do Programa é indispensável, mas não é senão uma das formas de atividade do Partido entre as massas. O essencial é atuar entre as massas, despertá-las para a luta, mobilizá-las, uni-las e organizá-las, porque é na luta e através da própria experiência que as massas se convencerão mais facilmente do acerto das soluções indicadas no Programa, que serão efetivamente ganhas para os objetivos e as tarefas do Programa. Difundir o Programa entre as massas e atuar entre as massas é dever de todo o Partido, de todas as organizações do Partido e de cada comunista para conseguir realizar com êxito a transformação do Programa do Partido em programa de todo o povo.

Lutamos pela destruição do atual regime dominante no Brasil. Sem destruir as bases do atual regime de latifundiários e grandes capitalistas não é possível libertar o Brasil do jugo imperialista, livrar as massas trabalhadoras da exploração crescente e garantir o desenvolvimento indepen-



dente da economia nacional. O atual governo defende pela força os privilégios dos latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas norte-americanos. Por ser um país semicolonial e semifeudal, as atuais relações de produção no Brasil opõem-se violentamente ao desenvolvimento das forças produtivas. As classes moribundas impedem o livre curso da lei da correspondência obrigatória entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas. É necessário forjar a força social capaz de vencer a resistência que a minoria reacionária oferece ao progresso do Brasil.

“São imensas as forças patrióticas e democráticas que se levantam por todo o país contra o atual governo de traição nacional e que já compreendem a necessidade urgente de salvar o Brasil da situação calamitosa em que se encontra. À sua frente está a classe operária, que através de lutas memoráveis vem golpeando a reação e indicando às grandes massas populares, às mais amplas camadas sociais, o caminho da luta como a única saída para a situação de miséria crescente e de escravização, que a todos aflige.”

É isto o que coloca, com justeza, o Programa do Partido.

As imensas forças patrióticas e democráticas a que se refere o Programa acham-se, no entanto, ainda dispersas e não constituem por isso a força social capaz de vencer a resistência das classes moribundas, de derrocar o governo de latifundiários e grandes capitalistas e o regime que representa. É necessário unir todas as forças anti-imperialistas e antifeudais, forjar na própria luta a mais ampla frente democrática de libertação nacional, como a força social capaz de derrubar esse governo, de substituí-lo pelo governo democrático de libertação nacional, de libertar o Brasil do jugo imperialista, de liquidar o latifúndio e os restos feudais, de estabelecer plena democracia para o povo.

Só a classe operária, dirigida pelo seu Partido de vanguarda, o Partido Comunista do Brasil, poderá realizar essa tarefa. Ao proletariado, como a classe mais avançada – que cresce de ano para ano, desenvolve-se politi-

camente e é a mais suscetível de organização, como a classe mais revolucionária, que se propõe como fim o socialismo –, cabe esse papel dirigente de força capaz de aglutinar sob sua direção as forças anti-imperialistas e antifeudais em ampla frente democrática de libertação nacional.

Para conquistar esse papel hegemônico, a classe operária deve lutar não apenas pela satisfação de suas reivindicações, mas apoiar com suas ações as exigências justas de todas as forças que podem ser ganhas para a frente democrática de libertação nacional. Só assim conseguirá a classe operária chegar a ser a dirigente da revolução anti-imperialista e agrária antifeudal e lograr a mais ampla unidade de todas as forças populares, democráticas e patrióticas.

Nas atuais condições do Brasil, cabe ao proletariado lutar pelos interesses progressistas da burguesia nacional. Tomando a iniciativa e dirigindo a luta pela realização dessas reivindicações, a classe operária poderá ganhar a burguesia nacional para a frente única anti-imperialista e antifeudal. Idêntica deve ser a posição da classe operária diante das diversas camadas da pequena burguesia urbana — encabeçar e orientar a luta pelas reivindicações dos intelectuais, cientistas, escritores, artistas, técnicos, professores, estudantes, pessoas de todas as profissões liberais, dos empregados, dos funcionários públicos, dos artesãos, como ainda dos soldados, marinheiros, cabos, sargentos e oficiais das forças armadas etc.

Mas é na aliança entre os operários e camponeses, que constituem a maioria esmagadora da população, que deve repousar fundamentalmente a frente democrática de libertação nacional. A aliança operário-camponesa é a base indestrutível, a força principal em torno da qual será possível lograr a mais ampla unidade das forças anti-imperialistas e antifeudais, capaz de decidir do destino do governo de latifundiários e grandes capitalistas e do regime reacionário que ele representa. Cabe à classe operária, dirigida pelos comunistas, forjar na própria luta essa aliança, ajudando os camponeses em suas lutas pela terra e contra a exploração semifeudal, apoiando pela ação todas as reivindicações das massas camponesas, dirigindo a luta pela realização dessas reivindicações.



Para avançarmos no caminho da frente democrática de libertação nacional é necessário, pois, lutar pela unidade de ação em todos os terrenos, e lutar pela ampliação e o fortalecimento das organizações de massa. Só através de um trabalho cotidiano e sistemático, dirigindo efetivamente a luta pelos interesses mais sentidos das massas, utilizando as menores manifestações de protesto e de indignação das massas, é que conseguiremos criar a ampla frente democrática de libertação nacional, desmascarar o governo de latifundiários e grandes capitalistas e todos os demagogos a serviço dos imperialistas norte-americanos, ganhar a maioria da classe operária, desenvolver a aliança operário-camponesa e, sob a direção da classe operária, levar nosso povo, todas as forças progressistas e libertadoras, aos combates decisivos pelo poder democrático-popular no Brasil.

O Programa coloca nosso Partido diante da tarefa gigantesca de unir e organizar para a luta revolucionária a maioria esmagadora da população. Os comunistas para tanto precisam gozar da confiança de todo o povo, demonstrar na prática que o Partido Comunista é um Partido de patriotas, de lutadores pela libertação nacional do jugo imperialista. É por meio de ações concretas que poderemos convencer o povo brasileiro de que só o Partido Comunista pode salvar o Brasil, que só o nosso Partido pode efetivamente resolver os graves problemas nacionais e dirigir a luta pelas transformações radicais, econômicas e sociais, que reclamam os supremos interesses da nação.

O Programa coloca nosso Partido diante da tarefa inadiável de consolidar e ampliar suas ligações com as grandes massas. Todos os vestígios de sectarismo devem ser completamente extirpados das fileiras do Partido. Não nos esqueçamos jamais da advertência de Lênin, quando diz que só com a vanguarda é impossível triunfar. Na situação atual, é o sectarismo que constitui o principal obstáculo à realização com sucesso da tarefa imediata mais importante, colocada pelo Programa diante não apenas dos comunistas, mas também de todos os patriotas — a luta pela criação, ampliação e pelo fortalecimento da frente democrática de libertação nacional.

Os comunistas devem estar onde estejam as massas. É necessário atuar entre as massas e não esquecer que o Partido Comunista não obtém sem esforço nem automaticamente a direção das massas. O papel dirigente deve ser conquistado pelo Partido por meio de uma justa política, mas também de um trabalho paciente, cotidiano e persistente entre as massas. Somos os servidores do povo. Devemos conhecer suas reivindicações, seus sentimentos e desejos e demonstrar na prática que somos os mais firmes e consequentes lutadores pelos interesses das massas. Só com paciência e partindo sempre de uma justa apreciação da situação concreta, conseguiremos fazer avançar as grandes massas e levá-las até as posições do Partido, à compreensão da necessidade de derrocar o governo de latifundiários e grandes capitalistas e substituí-lo pelo governo democrático de libertação nacional.

Nas condições atuais, lutar pela frente única significa, antes e acima de tudo, estabelecer a unidade de ação com as amplas massas populares que, descontentes e desiludidas, buscam solução para os problemas que as afligem, mas em sua maioria ainda não alcançaram o caminho apontado pelo Programa do Partido Comunista em seu conjunto. É incorporando tais massas no movimento geral pela unidade de ação que criaremos as condições iniciais para levá-las até as posições do Partido, que as ganharemos para o Programa. Os comunistas devem saber descer ao nível das massas sem esquecer jamais que seu dever precípua consiste em elevar as massas ao nível das posições políticas do Partido. Isto significa que existe uma relação íntima entre a luta pelas reivindicações imediatas das massas e a luta pelos objetivos do Programa do Partido. De um lado, limitar a atividade dos comunistas à luta exclusiva pelos objetivos do Programa significa dificultar a ligação do Partido com as grandes massas. É uma atitude que leva ao sectarismo e que está em direta oposição à ideia central do Programa. Mas, de outro lado, reduzir a atividade dos comunistas à luta pelas reivindicações imediatas das massas, deixando de lado nossa tarefa principal, a luta pelos objetivos do Programa, é igualmente errôneo, significa arrastarmo-nos a reboque



dos acontecimentos, não avançarmos no sentido de ganhar as massas para a política do Partido.

Todo nosso trabalho deve basear-se, pois, na necessidade de unir as mais amplas massas, mas, simultaneamente, na necessidade de esclarecê-las politicamente, de ganhá-las para as posições do Partido. Lutadores intransigentes pela unidade em todos os terrenos, devem os comunistas saber agir sempre com a necessária flexibilidade, tudo fazer para facilitar a unidade de ação das massas e, ao mesmo tempo, utilizar todas as oportunidades para propagar e defender os objetivos e as tarefas do Programa do Partido.

O essencial consiste em estabelecer ligações com as massas para impulsioná-las à ação e organizá-las, e para dar forma ao movimento de massas. Em quaisquer circunstâncias, a frente única só terá consistência e constituirá um passo no caminho da construção da frente democrática de libertação nacional, se contar com o apoio de massas e servir para estimular a ação e a organização das massas. Isto não significa, evidentemente, que em muitos casos não seja vantajoso iniciar a frente única por cima. Equivocam-se, no entanto, aqueles que pensam que basta reunir personalidades ou pessoas de prestígio para avançar no sentido da frente única. Renunciar ao sectarismo não é apenas buscar relações amistosas com personalidades, mas encontrar a maneira de arrastar as massas à ação.

Tudo isso nos leva a concluir que, para avançarmos no sentido de transformar o Programa do Partido em programa de todo o povo, a atividade do Partido deve presentemente ser concentrada na realização das seguintes tarefas políticas:

1. Organizar a Luta Popular em Defesa das Liberdades e da Constituição, Contra o Terror Fascista, Pelo Desmascaramento, Isolamento e Derrubada do Governo de Latifundiários e Grandes Capitalistas a Serviço dos Estados Unidos

Os generais fascistas, ora no poder, não conseguiram realizar o que desejavam com a deposição de Vargas. Não estão em condições de levan-

tar nenhuma bandeira para atrair as massas. Subiram ao poder odiados pelo povo e derramando o sangue do povo. Querem rasgar definitivamente a Constituição, mas são forçados a falar em democracia e em defesa da Constituição; querem liquidar as conquistas sociais dos trabalhadores, mas precisam enganar os trabalhadores, declarar que não pretendem tocar na atual legislação social senão para melhorá-la e prometer uma utópica participação dos trabalhadores nos lucros das empresas. É evidente que só pela força poderão tentar realizar a política imposta pelos seus amos norte-americanos — golpear o movimento operário e patriótico, acabar com a liberdade de imprensa, com o direito de greve e a liberdade sindical, anular o sufrágio universal etc. Só por meio de novas e cada vez mais violentas investidas contra o povo poderão tentar impor à nação a política de traição nacional e de preparação para a guerra, de colonização do país e de total submissão aos monopólios, norte-americanos, já claramente exposta pelos senhores Café Filho e Eugênio Gudin. Os estertores sanguinários da ditadura americana não assustam, porém, o povo; anunciam o fim, cada vez mais próximo, do regime de latifundiários e grandes capitalistas. Assim como o terror dos governos de Dutra e de Vargas não conseguiu quebrar a resistência do nosso povo, tampouco as violências dos generais fascistas conseguirão impedir a ampliação das lutas do povo e o reforçamento da unidade das forças democráticas e patrióticas sob a direção da classe operária e de seu Partido Comunista.

Com o golpe de 24 de agosto, que pôs a nu a brutalidade da intervenção norte-americana em nosso país, o povo brasileiro muito aprendeu e avançou politicamente, deu provas de um sentimento patriótico muito elevado, demonstrou seu ódio sagrado aos imperialistas norte-americanos e obteve vitórias na defesa das liberdades. Nosso Partido foi o motor que pôs o povo em movimento, que orientou e dirigiu as ações de massas. Nosso Partido apareceu ainda mais claramente para as massas como o Partido antiamericano, como o Partido que luta em defesa das liberdades e pela Independência nacional. Não estávamos, no entanto, suficientemente preparados para dirigir as grandes ações patrióticas de



nosso povo. As lutas teriam sido muito mais elevadas e as conquistas muito maiores se as ações de massas tivessem contado com a força de organização, isto é, com fortes conselhos de empresa, com núcleos da Liga da Emancipação Nacional nos bairros e nas fábricas, com as massas camponesas organizadas, com uma organização juvenil e uma Federação de Mulheres verdadeiramente de massas, com uma campanha eleitoral dominando as ruas e com candidatos que atuassem como verdadeiros agitadores de massas.

O descontentamento popular é hoje um fenômeno de âmbito nacional. Maiores são as condições que permitem a ampliação da frente de massas para a defesa das liberdades, da Constituição, das reivindicações operárias e camponesas, das reivindicações populares em geral, para a luta contra a preparação de guerra e pela independência nacional do jugo do imperialismo norte-americano. A situação é agora muito mais favorável do que durante o governo de Vargas para se conseguir a unidade e organização das grandes massas populares. As massas getulistas podem agora mais facilmente e mais rapidamente ser conquistadas para a luta pela democracia e pela emancipação nacional. O mesmo acontece com os setores da pequena burguesia que eram enganados pela pretensa “oposição” da UDN.

É urgente, no entanto – ao mesmo tempo em que se faz um trabalho sistemático visando a desmascarar o caráter reacionário, militar e fascista da atual ditadura americana de Café Filho –, trabalhar pacientemente junto às massas com o objetivo de não permitir que sejam enganadas pelos demagogos que tudo fazem para afastá-las da luta e colocá-las a reboque dos imperialistas norte-americanos e de seus lacaios brasileiros. Os primeiros resultados das eleições de 3 de outubro mostram que as massas estão descontentes com a situação, mas que se deixam ainda arrastar em grande parte por demagogos como Jânio Quadros, Adhemar de Barros e outros. Só através do trabalho diário junto às massas, levantando suas reivindicações mais sentidas, despertando-as, organizando-as e levando-as a ações concretas, poderão as organizações do Partido desmascarar

os demagogos e agentes do imperialismo norte-americano e impedir que continuem seu trabalho de sapa em benefício dos monopólios norte-americanos e dos latifundiários e grandes capitalistas.

O essencial agora é conquistar as grandes massas, uni-las e organizá-las para a luta contra a atual ditadura americana e em defesa da Constituição, contra qualquer golpe de Estado que pretenda impor o terror ao povo. Através das lutas das massas e da ampliação da frente única, todas as tentativas terroristas da reação serão anuladas e cada tentativa de golpe de força dos generais fascistas e demais assalariados dos governantes dos Estados Unidos há de servir para abrir os olhos das massas, para agrupá-las cada vez mais estreitamente e levá-las para diante na luta vitoriosa pela liberdade e a independência nacional.

Foi, fundamentalmente, a debilidade das organizações de massas que não permitiu, na emergência do golpe de 24 de agosto, uma ação mais vigorosa das massas e maiores sucessos na luta em defesa das liberdades e das reivindicações populares. Devemos, pois, tratar de organizar rapidamente massas de milhões e avançar com decisão no sentido de novas e mais sérias ações de massas. O essencial é ampliar cada vez mais a unidade, ganhar dia a dia novos setores e novas camadas populares para a frente única, e não permitir que elementos “esquerdistas”, aventureiros ou provocadores, a pretexto de elevar as formas de luta, prejudiquem a amplitude da frente única ou golpeiem a unidade já alcançada. É indispensável também acompanhar com atenção as rápidas modificações da situação, que se refletem nos sentimentos das massas e exigem por vezes a rápida substituição de nossas palavras de ordem. Nossa causa é a causa das massas, nosso trabalho e nossa luta só têm êxito com as massas. Como justa maneira de ganhar novos setores para o Programa do Partido, é preciso intensificar a luta em defesa da Constituição e pelas liberdades democráticas, pelo direito de greve e pela liberdade sindical, sempre em íntima ligação com a luta por aumento de salários e pela defesa do salário-mínimo, pelo congelamento de preços, pela defesa do petróleo, da energia elétrica, dos minerais radioativos, pela defesa da indústria nacional,



assim como com a luta contra o “Acordo Militar Brasil-Estados Unidos” e pela emancipação nacional.

Precisamos, cada vez mais, atuar politicamente junto às massas com o objetivo de convencê-las, através de um trabalho sistemático e persistente de persuasão, com argumentos convincentes, da possibilidade e da viabilidade da derrubada do governo de latifundiários e grandes capitalistas, serviçais dos imperialistas norte-americanos.

2. Intensificar e Ampliar a Luta Patriótica Pela Emancipação Nacional

Crescem no país inteiro entre as mais amplas camadas da população o sentimento patriótico e o ódio ao opressor norte-americano, ganha as mais amplas massas a compreensão de que é indispensável impedir a total colonização do Brasil pelos Estados Unidos e lutar pela independência da pátria. Com o golpe de Estado de 24 de agosto a luta contra o imperialismo norte-americano ganhou novos setores do povo brasileiro. Transformou-se numa luta de grandes massas através de ações concretas e vigorosas das massas. O povo brasileiro, pelas suas camadas mais amplas, faz sua a palavra de ordem do Partido Comunista contra o jugo do imperialismo norte-americano e vê neste o inimigo jurado da nação.

O sentimento patriótico do povo é uma grande força. Os comunistas devem intensificar seu trabalho no sentido de mobilizar e unir essas forças para com elas derrotarem em todos os terrenos a política de traição nacional dos generais fascistas e dos grupos dirigentes dos diversos partidos das classes dominantes que apoiam, mesmo quando se dizem de “oposição”, o governo de latifundiários e grandes capitalistas, a ditadura americana de Café Filho no atual momento.

Para a luta pela emancipação nacional é possível mobilizar a maioria esmagadora da nação. Com exceção do reduzido grupo de serviçais do imperialismo norte-americano, dos traidores da pátria, a todos os brasileiros interessa a independência do Brasil, defender as riquezas naturais do país da pilhagem pelos monopolistas norte-americanos, denunciar os tratados

lesivos assinados com o governo dos Estados Unidos, lutar contra a intervenção na vida do país pelos agentes de Washington.

Neste sentido, constitui acontecimento de grande importância a realização da Convenção de Emancipação Nacional, que mobilizou amplos setores da população e tomou resoluções de enorme importância para o ulterior desenvolvimento da luta patriótica do povo brasileiro contra a crescente colonização do país e contra a política de traição nacional do governo de latifundiários e grandes capitalistas.

Com a Liga da Emancipação Nacional, surgida de resolução unânime da Convenção de abril do corrente ano, foi dado um novo e importante passo pelo movimento patriótico. Unificaram-se, em novo nível, todos os movimentos patrióticos, com o apoio caloroso de inúmeros sindicatos, de organizações juvenis, estudantis e femininas, de camponeses etc. É uma expressão do atual momento nacional e do estado de espírito da maioria da população brasileira.

A Liga da Emancipação Nacional expressa os desejos de coordenação e de unidade das forças patrióticas. Constitui um fator novo e de excepcional importância no caminho da organização dessas forças e abre a perspectiva de um mais rápido desenvolvimento no caminho da luta vitoriosa do povo brasileiro contra o jugo escravizador do imperialismo norte-americano e pela independência e o progresso do Brasil. Os comunistas devem dar o mais decidido apoio aos núcleos da Liga da Emancipação Nacional que vão sendo organizados por todo o país, nas fábricas, nos bairros, nas fazendas, nas vilas, nas escolas, nas repartições públicas, nos setores profissionais etc. Os comunistas devem atuar nos núcleos da Liga da Emancipação Nacional como elemento de coesão entre as diferentes forças sociais, procurando sempre impulsionar a ação concreta das massas pelos objetivos anti-imperialistas e democráticos da Carta de Emancipação Nacional. Através de uma atuação combativa nas organizações da Liga da Emancipação Nacional, conseguirão os comunistas ganhar as mais diversas camadas do povo para os objetivos e as tarefas do Programa do Partido e dar passos ainda mais rápidos no sentido da construção da frente democrática de libertação nacional.



3. Intensificar, Ampliar e Melhor Organizar a Luta Pela Paz

A luta pela construção da frente democrática de libertação nacional é inseparável da luta em defesa da paz. Os imperialistas norte-americanos querem arrastar o Brasil à guerra de agressão que preparam e utilizar o povo brasileiro como carne de canhão. Os interesses do povo brasileiro exigem a paz e a colaboração pacífica com todos os povos. A tarefa do Partido consiste em fazer com que milhões de brasileiros tomem uma posição ativa contra a guerra que preparam os círculos dirigentes dos Estados Unidos, assim como contra o campo da guerra e do imperialismo, já que ninguém, a não ser os Estados Unidos, ameaça a vida e a segurança de nosso povo. A derrota da política de preparação para a guerra, do governo de latifundiários e grandes capitalistas, constituirá poderosa contribuição do povo brasileiro à causa da paz e, ao mesmo tempo, um fator importante na luta pela independência nacional do jugo imperialista norte-americano.

Essa política de preparação para a guerra deve ser desmascarada de maneira concreta, através da denúncia de cada ato do governo, de cada um de seus passos no sentido de comprometer o país com a política de guerra dos círculos dirigentes dos Estados Unidos. É indispensável esclarecer as grandes massas populares acerca do verdadeiro conteúdo das decisões tomadas na recente Conferência de Caracas — sinistro conluio contra a paz e os interesses dos povos da América Latina. As decisões impostas por Foster Dulles em Caracas e subscritas pelos delegados do governo brasileiro significam que os preparativos de guerra deverão ser intensificados, que a dominação dos trustes norte-americanos será reforçada, e que o governo do Brasil se comprometeu a tomar medidas no sentido de liquidar os direitos constitucionais e impor o fascismo ao povo brasileiro. A luta contra as decisões de Caracas está intimamente ligada à solidariedade que devemos ao povo da Guatemala, contra o qual se dirige hoje em nosso Continente a fúria sanguinária dos chacais de Wall Street.

Na luta do povo brasileiro em defesa da paz, é de enorme significação o movimento a favor do restabelecimento de relações com a União Soviética. Estreitar relações com o grande país contra o qual é dirigida principalmente

a política agressiva dos Estados Unidos constituirá um importante passo no sentido de livrar nosso povo das ameaças de guerra. As relações comerciais com a URSS, com a República Popular da China e demais países do campo da paz, da democracia e do socialismo abrirão um vasto mercado para a produção nacional, ameaçada pela economia de guerra dos Estados Unidos.

Na luta pela salvaguarda da paz, devemos condenar a corrida armamentista e insistir na abertura de negociações para o desarmamento geral simultâneo, progressivo e proporcional, assim como exigir a proibição imediata da guerra bacteriológica, das armas atômicas e de todas as armas de extermínio em massa. Precisamos juntar nossas vozes às que clamam em todo o mundo por uma solução pacífica para os conflitos internacionais. É igualmente necessário lutar por uma solução pacífica para os problemas alemão e japonês, pela conclusão de um tratado de paz com a Alemanha unificada e democrática, pela assinatura de um tratado de paz com o Japão, para pôr termo à ocupação desses países e permitir seu ingresso no seio das nações pacíficas.

Ao Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz devemos dar o nosso mais decidido apoio, ajudá-lo em suas campanhas e em seus esforços pela união e organização de todas as forças partidárias da paz em nosso país para que possa ampliar cada vez mais seu campo de ação. À medida que for intensificada a luta pela paz, será mais fácil aos comunistas convencer as grandes massas da necessidade de libertar o Brasil do jugo imperialista, de substituir o governo de latifundiários e grandes capitalistas pelo governo democrático de libertação nacional, de organizar-se a ampla frente democrática de libertação nacional.

4. Unir e Organizar a Classe Operária

Lutar pela unidade das fileiras da classe operária é a primeira e principal tarefa de nosso Partido. Não apenas os operários comunistas, mas todos os democratas compreendem que nas circunstâncias atuais a unidade da classe operária é indispensável para levar à derrota a política de preparação para a guerra, de colonização crescente do país pelos imperia-



listas norte-americanos, de fome e reação do governo de latifundiários e grandes capitalistas. Só a unidade operária poderá enfrentar com sucesso os esforços reacionários no sentido de aumentar a exploração dos trabalhadores, de reduzir brutalmente seu nível de vida, de liquidar todas as suas conquistas democráticas. A classe operária não poderá desempenhar seu papel hegemônico na luta pela libertação do Brasil do jugo imperialista se suas fileiras não estiverem unidas.

A classe operária deve dar exemplo na luta contra a exploração e a opressão, porque só assim conseguirá arrastar à luta todas as outras camadas sociais, que sentem as consequências da política de traição nacional do governo de latifundiários e grandes capitalistas. Para realizar semelhante tarefa é indispensável intensificar o trabalho sindical e reforçar a luta pela unidade sindical. É dever dos comunistas lutar pela organização sindical de todos os operários e participar incansável e abnegadamente da atividade sindical. Nenhum comunista sindicalizável pode deixar de pertencer ao sindicato de sua empresa ou setor profissional, por mais reacionárias que possam ser tais organizações. É a grande lição de Lênin e que devemos ter sempre presente:

“É precisamente a absurda ‘teoria’ de não participação de comunistas nos sindicatos reacionários que demonstra com evidência a leviandade com que estes comunistas ‘de esquerda’ consideram a questão da influência sobre as ‘massas’ e o modo por que abusam destas palavras. Para saber ajudar a ‘massa’, para ganhar sua simpatia, sua adesão e seu apoio é preciso não temer as dificuldades, as rasteiras, os insultos, os ataques, as ofensas, as perseguições dos ‘chefes’ (que, oportunistas e social-chauvinistas, estão na maior parte dos casos em relação direta ou indireta com a burguesia e a polícia) e **trabalhar** obrigatoriamente **nos lugares onde a massa está**. É preciso saber fazer toda espécie de sacrifício, vencer os maiores obstáculos para se entregar a uma propaganda e uma agitação sistemática, tenaz, perseverante, paciente, nas instituições, sociedades, nos sindicatos, por mais reacionários que sejam, onde estiver a massa proletária ou semiproletária.”.

Nestas palavras de Lênin devem os militantes de nosso Partido encontrar a base teórica que lhes permita acabar nas fileiras do Partido com as tendências sectárias em relação ao trabalho sindical e principalmente ao trabalho nos sindicatos ainda submetidos ao governo e à polícia por intermédio do Ministério do Trabalho.

A luta nos sindicatos pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores deve ser sempre ligada à luta pela liberdade sindical, por eleições livres nos sindicatos, contra a discriminação ideológica dentro dos sindicatos, pela paz, pelas liberdades democráticas e pela emancipação nacional. Os sindicatos devem elevar seu protesto de massas contra a utilização dos trabalhadores nas guerras coloniais, contra a transformação do Brasil em base militar do imperialismo norte-americano. É dever dos comunistas lutar infatigavelmente pela unidade sindical, procurando utilizar todas as oportunidades para convencer a classe operária de que está na unidade de suas fileiras a arma principal para combater vitoriosamente a ameaça crescente de uma nova guerra mundial e a ofensiva da reação contra o nível de vida dos trabalhadores e contra suas conquistas democráticas. Nesse terreno é de grande significação o papel exercido pela Confederação dos Trabalhadores do Brasil como força orientadora no sentido de intensificar a solidariedade e a coesão em âmbito nacional do movimento sindical brasileiro e ligá-lo ao movimento internacional, à Confederação dos Trabalhadores da América-Latina e à Federação Sindical Mundial.

A situação da classe operária e sua disposição de luta permitem prever o desenvolvimento de poderosas ações em defesa de suas reivindicações econômicas e políticas. Os trabalhadores podem e devem alcançar grandes vitórias. E as alcançarão, se não perderem de vista que a arma fundamental em seu combate ulterior é também a unidade, a unidade para a ação e que não pode ser conseguida senão mediante uma denúncia implacável dos inimigos da unidade, de todos os divisionistas, assim como da organização cada vez mais vigorosa dos trabalhadores nos locais de trabalho.

É preciso garantir a unidade intersindical já alcançada, zelar pela unidade do proletariado como pela menina de nossos olhos, não permitir que



se fira a unidade do movimento sindical já conquistada. É contra essa unidade que se lançam desde o início toda a raiva e violência da ditadura de Café Filho e dos generais fascistas por ordem de seus patrões norte-americanos.

Dando o mais decidido apoio às direções sindicais, devemos dispensar uma atenção especial ao trabalho nas empresas e à organização dos conselhos sindicais nos locais de trabalho. A vitória das greves está fundamentalmente nas empresas. Depende também, em grande parte das ligações estabelecidas com os bairros, isto é, com todo o povo, que pode e deve ser ganho para o apoio aos movimentos grevistas e neles participar ativamente. Em especial na luta contra a carestia da vida e pelo congelamento de preços, como na luta em defesa das liberdades e da Constituição, é sempre possível estabelecer relações diretas e estreitas com toda a população dos bairros. Não há nada que justifique o isolamento da classe operária, cujos interesses cada vez mais coincidem com os das demais camadas e dos setores da população. É preciso ganhar as mulheres, os jovens, os estudantes, os elementos das profissões liberais, os pequenos e médios comerciantes e industriais, os trabalhadores por conta própria e os artesãos para o grande movimento contra a carestia da vida e pelo congelamento dos preços. As organizações do Partido, em cada região ou localidade, devem examinar concretamente o problema da carestia da vida e encontrar a solução capaz de convencer as massas da viabilidade do congelamento de preços e de seu controle pelas próprias massas, soluções que por sua vez não ameacem os interesses do pequeno comércio.

As greves gerais do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e de São Paulo – greves que, partindo do proletariado, ganharam todo o povo –, assim como o crescente descontentamento das massas, sua revolta e sua disposição de luta, nos mostram que o movimento grevista tende a passar do âmbito estadual para o âmbito nacional. Movimentos dessa envergadura exigem, no entanto, o fortalecimento ainda maior da unidade, um grande trabalho de organização, elevado espírito de responsabilidade e capacidade de manobra. A greve é um direito constitucional, é um dever defender este direi-

to dos trabalhadores. Mas a greve, para ser plenamente vitoriosa, precisa ser obra das grandes massas trabalhadoras em estreita unidade com todo o povo, traduzir uma necessidade inadiável das massas e impor-se a estas como útil e indispensável. É preciso levar em conta que as greves para serem vitoriosas exigem o máximo de organização. Devemos auscultar sempre o estado de espírito das massas, combinar a firmeza e a audácia na luta com a prudência e o espírito de responsabilidade na direção das massas.

Uma das fraquezas de nosso Partido no movimento operário está em não saber, na maior parte das vezes, encontrar a necessária ligação entre as reivindicações imediatas e os objetivos políticos do movimento operário, hoje expressos de modo sistematizado no Programa do Partido Comunista do Brasil. Isto significa que não podemos esquecer um só instante toda a perspectiva de nosso movimento e que devemos saber ligá-la às reivindicações imediatas. O Partido apoia as reivindicações dos sindicatos, participa ativamente da luta por elas, mas simultaneamente desenvolve suas próprias palavras de ordem, propaga-as e vai até a ação por um Brasil livre do jugo imperialista, pela derrocada do governo de latifundiários e grandes capitalistas e sua substituição por um governo democrático de libertação nacional, quer dizer, não poupa esforços para convencer os trabalhadores da necessidade da frente democrática de libertação nacional, como instrumento indispensável à vitória da luta revolucionária.

5. Organizar as Grandes Massa Camponesas na Luta Pela Terra

O Programa do Partido levanta a bandeira de uma reforma agrária radical e atende às reivindicações mais sentidas de todas as camadas da população camponesa. Constitui, assim, um poderoso instrumento que, se for efetivamente levado ao conhecimento dos milhões de camponeses e pacientemente explicado, muito poderá concorrer para despertá-los e levantá-los contra a brutalidade da exploração semifeudal e semiescravista, contra o atraso e a miséria predominantes no campo.

Nesse terreno, nosso atraso ainda é grande, e quase tradicional a subestimação nas fileiras do Partido pelo trabalho entre os camponeses e



mesmo entre os assalariados agrícolas. Com os acontecimentos de 24 de agosto, que comoveram todo o país, ficou claramente revelado que somos ainda fracos no interior do Brasil. Mais uma vez tivemos elevadas ações de massas circunscritas quase exclusivamente às grandes cidades. Mais uma vez quase nada surgiu no interior, sobretudo no campo. Isto significa que ainda não avançamos eficientemente no sentido da aliança operário-camponesa, sem a qual é impossível organizar e fortalecer a frente democrática de libertação nacional e desencadear lutas decisivas pelo poder político. Os acontecimentos mostraram, no entanto, que se tivéssemos algumas posições relativamente fortes no interior do país, se dirigíssemos grandes massas camponesas, teríamos podido aproveitar a crise do poder para criar em diversos municípios governos democráticos de libertação nacional. Camponeses de Canápolis ameaçaram tomar as terras — o que levou à debandada de latifundiários. O povo de Santa Rita de Sapucaí em suas demonstrações de rua pôs em fuga o prefeito e o delegado de polícia, chegando a escolher um novo prefeito. São fatos significativos que revelam a gravidade da situação objetiva e, ao mesmo tempo, nos chamam a atenção para a importância que devemos e precisamos dedicar ao trabalho do Partido junto às grandes massas da população camponesa. Está no pequeno e superficial trabalho entre as grandes massas camponesas o ponto débil para o desenvolvimento do movimento revolucionário em nosso país.

Precisamos vencer com rapidez as resistências ainda existentes e dedicar particular atenção à atividade dos comunistas nas grandes fazendas e nas concentrações camponesas de maior importância. Precisamos concentrar esforços e tomar medidas concretas a fim de impulsionar a luta de classes no campo, a fim de despertar, mobilizar e organizar as grandes massas camponesas, arrancando-as da influência escravizadora dos latifundiários e da burguesia e ganhando-as para a luta ativa sob a direção da classe operária. Para tanto, o essencial é conhecer as reivindicações mais imediatas e sensíveis das diversas camadas da população camponesa, que variam de região a região do país e, partindo da luta por tais reivindicações, fazer com que as massas camponesas, através da luta e da própria

experiência, compreendam a justeza do Programa do Partido e se disponham a lutar por ele.

Como elemento importante para facilitar a ligação com o campo e um mais rápido conhecimento das reivindicações das diversas camadas camponesas nas diversas regiões do país, estão as Conferências e os Congressos de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, cuja experiência deve ser devidamente estudada por todas as organizações do Partido. Essas Conferências, de âmbito municipal, regional, estadual e mesmo nacional, permitem observar o estado de espírito das massas camponesas, aproximar-nos delas e dar-lhes conhecimento da solução apresentada pela classe operária aos graves problemas que as afligem. Facilitam, além disto, forjar na prática a aliança operário-camponesa, porque permitem aos sindicatos operários conhecerem os problemas do campo e darem novos passos concretos no sentido de ajudar as massas camponesas a encontrar as melhores formas de organização e de luta. Através das Conferências de Trabalhadores Agrícolas e de Camponeses será possível avançar mais rapidamente na organização sindical dos assalariados agrícolas e na organização unitária das amplas massas camponesas. Os trabalhos realizados para a II Conferência de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, sua realização vitoriosa e a fundação da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil criaram as condições favoráveis para o desenvolvimento das organizações e das ações das massas camponesas. A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, tendo como ponto de apoio os assalariados agrícolas e os camponeses pobres, tem todas as possibilidades de mobilizar e organizar os milhões de camponeses do Brasil para a luta contra os latifundiários, contra as sobrevivências feudais e as demais reivindicações das grandes massas camponesas.

Existem, enfim, todas as possibilidades para eliminarmos em curto prazo as debilidades de nosso trabalho no campo. Para isto é preciso enviar quadros politicamente capazes para as concentrações camponesas mais importantes. Cada Comitê Regional, cada Comitê de Zona ou Distrital e cada Organização de Base do Partido devem planificar imediatamente seu



trabalho no campo, destacando para esse trabalho quadros politicamente desenvolvidos. Com urgência devemos enviar quadros capazes e dirigir e controlar diretamente, em âmbito nacional, todo o trabalho no sentido da organização das massas camponesas, nas grandes concentrações camponesas de maior importância política.

6. Maior Atenção ao Trabalho Entre as Massas Femininas

A mulher tem no Brasil, apesar de todo o nosso atraso e dos preconceitos burgueses e feudais com que procuram prendê-la exclusivamente ao lar e à cozinha, uma grande tradição de luta pela liberdade e pelos interesses do povo. Pelo seu espírito de iniciativa, pela sua combatividade, pelo ardor com que lutaram, as mulheres muito contribuíram para a grande vitória do povo brasileiro que impediu os governos de Dutra e de Vargas de enviarem soldados e marinheiros do Brasil para a matança da Coreia. O Programa de nosso Partido tem em conta que a vitória da revolução não será possível sem a participação das grandes massas femininas, levanta com vigor e clareza todas as reivindicações da mulher, vítima de discriminação no terreno econômico, das desigualdades sociais e jurídicas, por vezes arrastada pela miséria à prostituição e que é, sem dúvida, quem mais sofre com a carestia da vida, com o abandono em que se encontra a infância e com as consequências sangrentas de uma guerra.

Para ganharmos, porém, as grandes massas femininas para a política do Partido, é indispensável e urgente dedicar maior atenção ao trabalho dos comunistas entre as mulheres. O desprezo e a subestimação do trabalho entre as mulheres significam que esquecemos que a parte feminina da população representa importante reserva que deve ser ganha para a classe operária. É manifestação de oportunismo e indica que ainda estamos longe de eliminar em nossas fileiras os preconceitos burgueses a respeito da mulher. “A primeira tarefa do proletariado e de seu destacamento de vanguarda, o Partido Comunista” — ensina Stálin — “consiste em travar uma luta decisiva para libertar as mulheres, operárias e camponesas, da influência da burguesia, para educar politicamente e organizar as operá-

rias e as camponesas sob a bandeira do proletariado.”. É dever, não apenas das Organizações de Base femininas, mas também de todas as organizações do Partido, incluir entre suas tarefas cotidianas e permanentes o trabalho entre as massas femininas, a fim de dirigir e orientar a luta das mulheres em defesa de seus direitos, em defesa da infância e da paz. Será esta a maneira de acabarmos com a deficiência de nossa atividade entre a mulher operária, seja a que diretamente trabalha na fábrica, seja a dona de casa, esposa, mãe ou filha de operário. Maior ainda é nosso atraso no sentido de despertar e mobilizar para a atividade política as mulheres camponesas que representam, no entanto, uma considerável massa oprimida e brutalmente explorada, que pode e deve ser ganha através da luta em defesa de seus direitos e da paz, em defesa de seus filhos. É dever dos comunistas e das organizações do Partido levar a mulher operária aos sindicatos, organizar as camponesas, participar da atividade de todas as organizações de massas femininas, levantar todas as reivindicações imediatas das mulheres, apoiá-las em suas lutas, ter sempre em mira a necessidade de ganhar as mulheres e suas organizações para a frente democrática de libertação nacional.

Os comunistas e as organizações do Partido devem apoiar com o maior vigor e decisão a Federação de Mulheres do Brasil, participar ativamente de suas campanhas e não poupar esforços para assegurar às organizações da Federação de Mulheres do Brasil, além da maior amplitude possível, uma sólida base operária e camponesa, com raízes nas grandes fábricas e fazendas.

7. Ampliar as Lutas e a Organização da Juventude

A transformação do Programa do Partido em realidade viva exige a participação ativa da juventude na frente democrática de libertação nacional. Em consequência do alto índice de mortalidade em nosso país, os jovens de menos de 20 anos de idade constituem mais da metade da população, um quarto do proletariado urbano e um terço dos trabalhadores do campo. Bastam estes números – comparados com os reduzidíssimos



efetivos juvenis que temos conseguido mobilizar para a luta contra a terrível situação em que se encontra a juventude – para que se torne evidente a insuficiência do trabalho do Partido entre a juventude. Isto se deve fundamentalmente às tendências sectárias e esquerdistas de nossa orientação política, que só ultimamente corrigimos, mas igualmente à subestimação do movimento juvenil em nossas fileiras, expressão do espontaneísmo, já que significa o abandono das imensas forças que representa a juventude para a luta em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional. Se bem que exerça influência em diversos setores da juventude, que tenha concorrido para atrair centenas de jovens para a luta pela paz, pelas liberdades e pela independência nacional, assim como para o movimento comunista, a União da Juventude Comunista está longe de conseguir realizar de maneira que se possa considerar satisfatória ao menos as tarefas que lhe cabem. Isto se deve à falsa tendência, ainda vivaz entre os dirigentes da União da Juventude Comunista, de fazer dessa organização uma espécie de Partido Comunista para a juventude, quando deve ser, antes e acima de tudo, uma organização independente e sem partido, dirigente da luta de toda a juventude pelos seus interesses e que facilite à juventude educar-se no espírito da luta de classes, do internacionalismo proletário e do marxismo-leninismo, segundo métodos que lhe devem ser próprios, evitando-se sempre copiar os métodos do Partido. A educação marxista-leninista dos jovens é inseparável da organização de recreações, de festejos, de competições esportivas, de atos culturais, assim como da organização de lutas pelos interesses mais imediatos da juventude.

A resolução tomada pelo Comitê Central do Partido sobre o assunto em agosto de 1950 não chamou suficientemente as organizações do Partido para a necessidade de dedicarem atenção diária e constante ao trabalho entre a juventude. No entanto, cabe a todas as organizações do Partido lutar infatigavelmente pelos interesses da juventude, exercer em toda parte o papel de dirigente político capaz de dar a toda a juventude uma justa resposta aos problemas que a afligem e de ajudá-la a encontrar as formas de unidade e organização que lhe permitam lutar com sucesso e construir

um amplo e poderoso movimento juvenil independente e sem partido.

Na atual situação de nosso país, existem todas as condições para uma rápida ampliação das lutas juvenis. Cabe ao Partido apoiar a atividade da União da Juventude Comunista e ajudá-la a unificar e organizar os jovens operários e operárias, a juventude camponesa, os estudantes e os esportistas, através da luta pelas suas reivindicações específicas e de uma participação cada dia maior na luta pela paz, as liberdades e a independência nacional. O Programa do Partido, que levanta todas as principais e mais sentidas reivindicações da juventude, constitui novo e poderoso instrumento que facilitará às organizações do Partido e à União da Juventude Comunista educarem os jovens, ensinar-lhes a necessidade e as perspectivas da luta, facilitar-lhes a descoberta das causas verdadeiras da terrível situação em que se encontram.

As tarefas acima expostas indicam os principais caminhos que podem e devem ser utilizados pelo Partido visando a unir e organizar as massas para a ação. Como vimos, existem em todos os terrenos condições que nos permitem avançar com rapidez no sentido da criação da frente democrática de libertação nacional. Diante dos crescentes perigos que ameaçam a vida e a segurança do povo brasileiro, que ameaçam a integridade da pátria, é tarefa urgente e imediata, um dever de honra de todos os patriotas brasileiros, como afirma o Programa, lutar pela criação, ampliação e o fortalecimento da frente democrática de libertação nacional. Para tanto, o essencial, nas atuais condições de nosso país, é despertar e mobilizar as mais amplas massas e levá-las à luta pelos seus interesses, a fim de que através da própria experiência cheguem a compreender os objetivos do Programa de salvação nacional apresentado pelos comunistas e se disponham a lutar por ele. A ampla frente única anti-imperialista e antifeudal, sem a qual é impossível a vitória das forças patrióticas e democráticas, populares e progressistas, em sua luta pela libertação do Brasil do jugo imperialista e dos restos feudais, só pode surgir como resultado da unificação de tais forças através da própria luta contra a política de traição nacional, de preparação para a guerra, de fome, e de reação do governo de



latifundiários e grandes capitalistas. Como organização de amplas forças sociais para a luta pela derrubada do atual governo e sua substituição pelo governo democrático de libertação nacional, será forjada no processo das lutas de massas contra o governo, em defesa da pátria, das liberdades e da independência nacional.

São numerosos os caminhos que levam à organização das massas operárias e populares em correntes de unidade. Mas estas, orientadas e dirigidas pela classe operária liderada pelos comunistas, tendem todas para o mesmo caudal único que é a frente democrática de libertação nacional. Sua base será constituída pela força indestrutível da aliança operário-camponesa a que virão juntar-se os intelectuais, cientistas, escritores, artistas, técnicos, professores, pessoas de todas as profissões liberais; juntar-se-ão os empregados do comércio, dos escritórios e dos bancos, os funcionários públicos, as pessoas que trabalham por conta própria, os sacerdotes ligados ao povo, bem como os soldados, marinheiros, cabos, sargentos e oficiais das forças armadas. E ainda os artesãos, os pequenos e médios industriais e comerciantes, bem como parte dos grandes industriais e comerciantes, que também sentem a concorrência dos imperialistas norte-americanos e sofrem os efeitos da política econômica e financeira do governo de latifundiários e grandes capitalistas. Todos os que desejam uma pátria livre e poderosa, sejam quais forem suas crenças religiosas, suas filiações partidárias, suas tendências filosóficas, poderão igualmente ser ganhos para o lado da classe operária, para as fileiras da frente democrática de libertação nacional.

São imensas as forças patrióticas e democráticas de nosso povo, cresce no país inteiro o ódio ao opressor norte-americano, foi rápido o desprestígio do governo de Vargas e o atual governo é constituído pelos piores inimigos do povo e conhecidos agentes do imperialismo norte-americano — depende de a atividade dos comunistas saber dar forma ao movimento espontâneo das massas e saber encontrar, procurando aprender com as próprias massas, a justa maneira de unir e organizar todas as forças patrióticas, anti-imperialistas e antifeudais, que constituem a maioria es-

magadora do povo brasileiro, forjar enfim na própria luta a poderosa e invencível frente democrática de libertação nacional.

III

Camaradas!

Passo agora à questão do Partido. Nos 25 anos decorridos desde a realização do III Congresso do Partido, percorremos um longo caminho, difícil, sinuoso, cheio de heroísmo e de inquebrantável fidelidade à classe operária e ao povo. Sofremos duros reveses, passamos por dolorosos sacrifícios, tivemos erros e acertos, derrotas e vitórias. Jamais arriamos nossa bandeira de luta, por mais duras que tenham sido por vezes as condições em que tivemos de atuar e de lutar. Nem por um instante sequer, nosso Partido deixou de existir e de lutar, de esforçar-se por defender com abnegação os interesses da classe operária e do povo brasileiro, de guiá-los corajosamente em suas lutas contra os exploradores e opressores. Cresceram por isso as forças de nosso Partido de maneira considerável, e paralelamente cresceu sua influência entre as grandes massas da população trabalhadora. Em nosso país, é o Partido Comunista o único partido político verdadeiramente nacional, com raízes nas massas fundamentais da população e que encarna todas as qualidades de nosso povo e suas aspirações de paz, liberdade, independência e progresso social. Constituímos hoje e cada vez mais uma força decisiva nos destinos do Brasil.

Nosso Partido acumulou grande e rica experiência. À frente da classe operária e do povo participamos de todas as lutas importantes que assinalaram em nosso país as profundas modificações havidas no cenário mundial nesse quarto de século. A despeito de erros, de fraquezas e hesitações, nosso Partido esforçou-se sempre por se manter entre as massas operárias e populares, por marchar com elas para frente, esforçou-se por educá-las no espírito da luta de classes e do internacionalismo proletário, no amor e dedicação à gloriosa União Soviética, ao Partido Comunista da União Soviética e aos seus geniais dirigentes, Lênin e Stálin.



Na luta contra o regime de latifundiários e grandes capitalistas, na luta contra o avanço do fascismo em nosso país, na difícil luta pela participação do Brasil na guerra contra a Alemanha hitlerista ao lado dos Estados e dos povos que lutavam pela democracia e pela liberdade, e, mais recentemente, na grandiosa luta em defesa da paz mundial, contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia, nosso Partido fez os maiores esforços, alcançou sucessos de relativa importância, ligou-se mais estreitamente às massas, conseguiu, assim, consolidar suas fileiras e aumentar seu prestígio político em todo o país.

Na atividade de nosso Partido destacam-se, pela sua particular importância, os acontecimentos de 1935. Atuando bravamente contra a fascistização do país, em defesa das liberdades e da democracia, nosso Partido tomou a iniciativa de organizar a Aliança Nacional Libertadora — frente única revolucionária anti-imperialista e antifeudal, que lutava por um governo popular nacional-revolucionário e que chegou a congregar em suas fileiras amplas massas populares do país inteiro e os mais variados elementos sociais, desde o proletariado até a burguesia nacional. À frente da Aliança Nacional Libertadora, erguendo as bandeiras da luta pela libertação nacional do jugo imperialista, da revolução agrária e do progresso do Brasil, lutamos contra a tirania de Vargas e a fascistização do país e chegamos à insurreição de novembro de 1935. Pela primeira vez em nosso país, o Partido da classe operária foi o dirigente de uma luta armada consciente contra o opressor estrangeiro, contra os latifundiários e contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas. A insurreição de 1935 foi derrotada, esmagada pela reação, mas constituiu a mais alta manifestação do sentimento antifascista de nosso povo, foi fator decisivo que impediu a completa fascistização do Brasil e sua total entrega aos bandos assassinos do hitlerismo. Se bem que as condições objetivas fossem favoráveis ao triunfo da revolução, fomos derrotados porque o Partido Comunista não se achava ainda à altura das necessidades do momento. Não soubemos escolher a melhor oportunidade para a insurreição, nem evitar que a provocação policial precipitasse o desencadeamento da insurreição.

Os acontecimentos de 1935 revelaram, no entanto, ao país inteiro e para sempre, o caráter revolucionário de nosso Partido, seu espírito de luta e sua capacidade de sacrifício na defesa dos interesses do povo e da pátria.

Experiência positiva na atividade do Partido, que é preciso ressaltar, prende-se aos esforços despendidos durante a Segunda Guerra Mundial no sentido de conseguir unir em nosso país as mais amplas camadas sociais para contribuir ativamente para a derrota do nazi-fascismo que então ameaçava o mundo. Apesar dos duros golpes sofridos pelo Partido em consequência da derrota de 1935, apesar do golpe policial de 1940 contra a direção central do Partido, os comunistas brasileiros, sempre fiéis ao internacionalismo proletário, souberam compreender a gravidade da situação criada pelo ataque traiçoeiro da Alemanha hitlerista à União Soviética, pátria querida do proletariado. Fazendo das fraquezas forças, souberam traduzir os sentimentos mais profundos das grandes massas trabalhadoras de nosso país, conseguindo levá-las a exercer pressão crescente sobre o governo e bem utilizar as circunstâncias políticas da época, até obrigá-lo a mudar de política, a romper relações com a Alemanha hitlerista, a colocar o Brasil ao lado dos países que lutavam pela liberdade, a organizar a Força Expedicionária Brasileira e enviá-la à Europa, onde o invencível Exército Soviético comandado pelo génio de Stálin lutava vitoriosamente pela causa da democracia e da civilização. A justa utilização das possibilidades legais criou condições para uma crescente atuação do Partido, trabalho coroadado de sucesso com a realização da III Conferência Nacional do Partido, em agosto de 1943, que coordenou nacionalmente as atividades das organizações regionais do Partido e significou, assim, a derrota dos inimigos do proletariado que, infiltrados nas fileiras do Partido, pensavam poder utilizar a situação para liquidar o Partido como organização independente da classe operária. Graças a essa justa orientação, com a vitória dos povos que se aproximava após a derrota das hordas nazistas em Stalingrado, nosso Partido conseguiu a anistia para os presos políticos e conquistou finalmente o direito à vida legal após 23 anos de atividade clandestina. Ainda desta vez, não conseguimos bem utilizar as condições objetivas fa-



voráveis. Devido às debilidades do próprio Partido, não foi possível aproveitar o momento da derrota militar do nazismo em 1945 para levar a classe operária a conquistar posições que lhe facilitassem as lutas ulteriores por sua emancipação social e fazer o povo brasileiro dar passos decisivos no sentido de sua emancipação nacional.

A análise das principais experiências positivas do nosso Partido exige que façamos referência especial aos êxitos alcançados no período de pós-guerra na luta em defesa da paz, contra a política dos agressores norte-americanos e de seus agentes brasileiros que querem arrastar o Brasil a aventuras guerreiras. Graças à atividade dos comunistas, foi possível mobilizar milhões de brasileiros para a luta em defesa da paz no país inteiro, derrotar na prática as tentativas dos governos de Dutra e Vargas no sentido de enviar brasileiros para a matança norte-americana na Coreia e fazer com que o nosso povo, através do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, desse considerável contribuição à luta mundial contra o desencadeamento de uma terceira guerra mundial. Para darmos maior contribuição à causa da paz no mundo precisamos, no entanto, muito fazer ainda para intensificarmos a luta pela independência nacional do jugo imperialista.

Nesses 25 anos cometemos, porém, sérios erros que prejudicaram bastante a ação dirigente do Partido entre as massas e não nos permitiram por várias vezes melhor utilizar uma situação objetivamente favorável para levarmos nosso povo ao triunfo em sua luta pela emancipação do país do jugo imperialista, pela liberdade e pelo progresso do Brasil. A vitória da revolução, como nos ensinam Lênin e Stálin, não vem por si só — deve ser preparada e conquistada. “E só um forte partido revolucionário do proletariado” — diz Stálin — “pode fazê-lo. Há momentos em que a situação é revolucionária, o poder da burguesia está abalado até os alicerces, e, no entanto, o triunfo da revolução não chega, porque não existe um partido revolucionário do proletariado suficientemente forte e prestigioso para arrastar as massas e tomar o poder em suas mãos.”.

Nosso Partido avança, sem dúvida, no processo de sua formação como um verdadeiro partido revolucionário do proletariado, esforça-se por en-

trar no caminho de sua bolchevização. Este avanço, porém, só tem sido possível na medida em que temos conscientemente lutado pela eliminação no seio do Partido de todas as manifestações de direita e de “esquerda”, da influência ideológica da pequena burguesia, causa e origem de nossos erros.

É certo que nosso Partido, fundado sob a influência direta da Grande Revolução Socialista de Outubro e filiado desde seus primeiros passos à Internacional Comunista, foi construído de acordo com os princípios de Lênin, sempre aceitou expressamente a doutrina marxista-leninista para guiá-lo em toda a sua atividade. Jamais deixamos de acatar as diretivas da Internacional Comunista e de procurar estudar e assimilar a rica experiência do grande Partido de Lênin e Stálin. Subjetivamente, aderimos, desde o começo da formação de nosso Partido, aos princípios estabelecidos por Marx, Engels, Lênin e Stálin. Estes os fatores favoráveis no desenvolvimento e fortalecimento de nosso Partido e que muito facilitaram sua formação como um partido de tipo leninista-stalinista.

Outros fatores, porém, dificultaram — e ainda dificultam — essa formação. É evidente que vai uma grande distância entre conhecer o marxismo-leninismo, desejar aplicá-lo a uma realidade concreta determinada, e efetivamente realizar essa aplicação. Tanto mais que, se é verdade que em nosso país não existem tradições socialdemocratas, igualmente não possui o proletariado brasileiro tradições marxistas. Está, porém, nos elementos da pequena burguesia que durante muitos anos constituíram considerável proporção do Partido, a base social do oportunismo de direita e de “esquerda” dentro do Partido, da influência ideológica da pequena burguesia em suas fileiras.

Essa influência decorre do processo de formação de nosso Partido. O proletariado brasileiro já é numeroso, cresce de ano para ano e denota grande combatividade. O Brasil, no entanto, é ainda um país fracamente desenvolvido no sentido capitalista. Uma boa parte do proletariado brasileiro trabalha ainda em pequenas empresas de caráter artesanal e mesmo patriarcal. Se bem que na cidade de São Paulo, por exemplo, cerca de 200



mil operários já trabalhem em grandes empresas de mais de 500 operários, o número de tais empresas é ainda excessivamente pequeno. Em todo o estado de São Paulo, não chegavam a 200 em 1949. E foram estimadas no Brasil, em 1950, em 360, nas quais trabalhavam ao todo 450 mil operários. Além disto, o proletariado brasileiro é de formação ainda recente e sua origem camponesa não pode deixar de exercer forte influência ideológica, trazendo para o seio do Partido diferentes opiniões não proletárias. Outra causa dessa influência da ideologia da pequena burguesia nas fileiras de nosso Partido está no afluxo da intelectualidade revolucionária anti-imperialista, especialmente estudantil, que só em nosso Partido encontra o lutador conseqüente contra a odiada dominação imperialista. Muitos desses aderentes ao Partido, no curso da luta revolucionária, adquirem a ideologia do proletariado, mas outros sentem maior dificuldade para se libertarem por completo da ideologia da pequena burguesia, e como por vezes, em consequência do baixo nível político e ideológico dos operários, os intelectuais exercem influência preponderante nas organizações do Partido, concorrem para uma difusão maior de opiniões não proletárias em suas fileiras.

Em diversas oportunidades, a influência ideológica da pequena burguesia se fez sentir na direção do Partido, levando-nos a percorrer caminhos errôneos – só corrigidos, muitas vezes, depois que as consequências desastrosas já se haviam tornado patentes e, quase sempre, sem que tivéssemos nas fileiras do Partido a luta ideológica necessária e indispensável para a eliminação de influências ideológicas estranhas ao proletariado. Daí a tendência, tantas vezes verificada na vida do Partido, de cairmos em desvios de “esquerda” ao tentarmos corrigir erros de direita e de cairmos no oportunismo de direita ao tentarmos corrigir erros de “esquerda”.

Como é sabido, no III Congresso do Partido, serviu de base para todas as suas resoluções a “teoria” tipicamente oportunista da “terceira revolta” com que se procurava defender a política “seguidista” sobre o Bloco Operário e Camponês, no qual na verdade era dissolvido o Partido Comunista. A pretexto de esperar uma suposta “terceira revolta” dirigida pela peque-

na burguesia, colocava-se o proletariado a reboque da burguesia. Posteriormente, quando em 1930-1931, com a ajuda da Internacional Comunista, procuramos retirar o Partido do pântano oportunista e prepará-lo para enfrentar com sucesso a nova situação mundial, fomos levados a posições sectárias e ultraesquerdistas, que separaram o Partido das massas e causaram consideráveis prejuízos ao movimento operário e à luta de nosso povo contra o imperialismo e a tirania de Vargas.

Já em 1935, apesar da justa orientação do Partido, procurando unir as mais amplas forças anti-imperialistas e antifeudais na Aliança Nacional Libertadora, a influência do radicalismo pequeno-burguês na direção do Partido, sob a forma específica do chamado golpismo “tenentista”, levou-nos a cometer o grave erro de precipitar a insurreição quando eram ainda débeis nossas forças na classe operária e, por falta de apoio na massa camponesa, quase inexistente a aliança operário-camponesa. Para o triunfo da insurreição popular é indispensável ganhar o apoio de soldados e marinheiros, mas reduzir a insurreição a uma luta quase só de quartéis é grave erro que teria de levar, como de fato levou, à derrota do movimento de novembro de 1935. Depois da derrota de novembro de 1935, ainda sob a influência do idealismo pequeno-burguês, tardamos demais a compreender a necessidade de fazer a retirada, causando dessa forma prejuízos desnecessários e evitáveis ao Partido e ao movimento nacional libertador em nosso país. Quando em 1937, diante da evidência dos erros esquerdistas e das modificações na situação, procuramos mudar a orientação política do Partido, caímos no extremo oposto: no oportunismo de substituir a hegemonia do proletariado pela hegemonia da burguesia e pregar que a burguesia brasileira seria capaz de fazer a sua própria revolução democrática; no oportunismo de considerar a luta pela industrialização do país como objetivo revolucionário, de lutar pelo fortalecimento da burguesia e considerar dispensável a aliança operário-camponesa, enrolando praticamente por algum tempo as bandeiras de luta contra o imperialismo e contra o feudalismo. Essa falsa orientação facilitou o trabalho desagregador de elementos trotskistas e acabou por debilitar a própria direção nacional



do Partido, que caiu em sua quase totalidade nas mãos da polícia em 1940.

Devemos ainda ressaltar os males causados pela influência ideológica da pequena burguesia na direção do Partido no período da guerra e do pós-guerra. Particularmente a partir de 1945 tivemos grandes êxitos: conseguimos ligar o Partido às grandes massas e transformar nosso Partido rapidamente em grande Partido de massas. Nas eleições à Assembleia Constituinte conseguimos obter 10% dos sufrágios do eleitorado e nossa representação no Parlamento lutou abnegadamente pelos interesses das massas. Nosso Partido mobilizou grandes massas, foi vitorioso na campanha pela expulsão dos soldados norte-americanos de nosso território, unificou nacionalmente o movimento sindical na Confederação dos Trabalhadores do Brasil, organizou milhares de Comitês Democráticos em todo o país, defendeu a paz, levantou a palavra de ordem da não participação em qualquer guerra contra a União Soviética, ergueu a bandeira da luta pela reforma agrária radical e pela entrega da terra dos latifundiários gratuitamente aos camponeses sem terra, criou Ligas Camponesas etc. O Partido aumentou seus efetivos, chegando a ter cerca de 200 mil membros. Não conseguimos, no entanto, manter a legalidade do Partido e, em maio de 1947, sem resistência organizada de massas, fomos obrigados a passar novamente à vida clandestina, sendo que em janeiro de 1948 os parlamentares comunistas tiveram cassados seus mandatos. A causa de tais insucessos estava, em grande parte, nos desvios reformistas de nossa linha política e nas ilusões parlamentaristas que predominaram no Partido, manifestações de direita da ideologia da pequena burguesia na direção do Partido. Na defesa dessa falsa orientação política chegamos mesmo a cair em posições revisionistas do marxismo-leninismo, como as das teses do “desenvolvimento pacífico” e da colaboração de classes, ou a tese da luta por uma impossível “união nacional”, bem como a entrar o desenvolvimento da luta de classes nas cidades e no campo. Foi à luz dos ensinamentos contidos no Informe do camarada Zidanov – pronunciado em setembro de 1947, na reunião de constituição do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, e já sob os duros golpes da reação

– que começamos a compreender o que havia de errôneo em nossa linha política e a fazer esforços para corrigi-la. Ainda desta vez, porém, ao corrigirmos os erros de direita, fomos unilaterais e caímos em posições sectárias e esquerdistas, expressas em nossos documentos da época, desde o *Manifesto de Janeiro* de 1948 até o *Manifesto de Agosto* de 1950, bem como na atividade prática do Partido, particularmente em sua atividade sindical, na tendência ao abstencionismo eleitoral em outubro de 1950, na tendência a abandonar a luta pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores, no emprego de uma fraseologia ultrarrevolucionária etc.

Foi na luta contra essas sucessivas manifestações do oportunismo de direita e de “esquerda”, manifestações todas da influência ideológica da pequena burguesia nas fileiras do Partido, que conseguimos avançar no sentido da construção e consolidação do Partido, bem como no da ampliação e consolidação de sua influência entre a classe operária e as grandes massas da população de nosso país. Foi porque não tememos reconhecer abertamente nossos erros, porque temos feito esforços para descobrir suas causas e procurado analisar a situação que lhes deu origem, bem como os meios de corrigi-los, que conseguimos avançar e elaborar o Programa do Partido.

Nesses 25 anos, o inimigo tratou sempre de utilizar nossos erros para reforçar as posições de seus agentes infiltrados em nossas fileiras e para tentar dividir e mesmo liquidar o Partido. Além dos elementos trotskistas que procuraram em 1937 explorar o descontentamento causado entre uma parte dos comunistas pela linha “seguidista” da então direção do Partido, tivemos em 1942-1945 os elementos francamente liquidacionistas que, infiltrados em nossas fileiras e tendo à frente Fernando Lacerda, quiseram aproveitar a situação que então atravessávamos para realizar seus objetivos criminosos. Sob o pretexto de que a luta contra o fascismo deveria ser empreendida exclusivamente pelo governo, esses elementos pregavam inicialmente o completo desaparecimento do Partido em benefício da união nacional para depois passarem, em sua maior parte, à conspiração golpista ao lado de conhecidos agentes do imperialismo norte-americano,



visando sempre a impedir o desenvolvimento do movimento patriótico pela participação do Brasil na guerra ao lado da União Soviética e pelo envio de uma Força Expedicionária para a Europa, movimento liderado pelo Partido Comunista. Utilizando todas as armas da injúria e da calúnia, difamando militantes e dirigentes do Partido, afirmando que todas as organizações do Partido estavam infiltradas de policiais, os liquidacionistas, pretendiam a liquidação de todas as organizações ilegais do Partido e defendiam a tese de um futuro “Congresso das Esquerdas”, visando à formação de um movimento amplo de que pudessem participar conhecidos demagogos e agentes do imperialismo norte-americano, na verdade um partido burguês e nacional-reformista. A realização da Conferência da Mantiqueira, que coordenou nacionalmente as atividades das organizações regionais do Partido, que levantou com decisão a bandeira da luta ativa contra o nazismo, de apoio ao governo e de luta pela remessa de um corpo expedicionário à Europa, significou a derrota dos liquidacionistas.

Mais recentemente, quando começamos a fazer maiores esforços no sentido da consolidação política, ideológica e orgânica do Partido, tivemos de enfrentar e esmagar as tentativas fracionistas do aventureiro nacionalista José Maria Crispim que se infiltrou em nossas fileiras e que, à sombra das tendências reformistas no período da legalidade do Partido, conseguiu chegar à posição de membro do seu Comitê Central. Procurando utilizar os erros esquerdistas do *Manifesto de Agosto* de 1950, o referido indivíduo pensou em assaltar a direção do Partido para desviá-lo para as posições do nacionalismo burguês e da completa capitulação diante dos imperialistas norte-americanos e do governo de Vargas. Sentindo-se impotente diante da unidade monolítica do Partido e da vigilância do Comitê Central, desertou e com mais alguns capitulacionistas que ainda se achavam em nossas fileiras tentou organizar um grupo fracionista com bandeira tipicamente nacionalista. Desmascarado, não passa hoje de vil instrumento de provocação policial a serviço dos piores inimigos de nosso povo.

Nosso Partido acumulou uma rica experiência nos seus 32 anos de existência. A história do Partido Comunista do Brasil é a história da luta

pela assimilação e aplicação do marxismo-leninismo e também a história da luta contra a influência da pequena burguesia no seio de nosso Partido, da luta pela superação de todas as manifestações do oportunismo de direita e de “esquerda” na política e atividade de nosso Partido. Cometemos sérios erros, extraviamo-nos ora para a direita, ora para a “esquerda” do justo caminho do proletariado revolucionário, mas isto significa também que já dispomos de uma rica experiência. Se soubermos fazer o exame crítico e autocrítico de nossos erros, se não vacilarmos em sua denúncia implacável, teremos à nossa disposição os elementos preciosos que nos permitirão arrancá-los pela raiz, através de uma luta ideológica consequente e da educação marxista-leninista dos quadros e membros do Partido.

Com a elaboração do Programa do Partido dispomos agora da base sólida que facilitará a luta ideológica em nossas fileiras, uma mais rápida formação de nossos quadros e o avanço de nosso Partido no caminho de sua bolchevização.

Já andamos pela direita e pela esquerda. Na base de nossas experiências e armados com o Programa do Partido, já dispomos de elementos que nos permitirão avançar pelo justo caminho. Chegou o momento de liquidarmos ideológica, política e praticamente todos os remanescentes do oportunismo nas fileiras de nosso Partido, de colocarmos o Partido na altura do Programa e das grandes lutas que se avizinham, de consolidá-lo do ponto de vista orgânico, político e ideológico.

Entre as numerosas tarefas que enfrentamos visando ao crescimento do Partido, o desenvolvimento de sua atividade entre as massas, a melhoria de sua composição social, assim como sua capacidade dirigente, o fortalecimento constante de sua unidade e a elevação de seu nível político e teórico, devemos aqui destacar e dar particular atenção às seguintes:

1. Fazer Crescer Rápida e Sistemáticamente as Fileiras do Partido

Para poder cumprir com êxito suas tarefas nos múltiplos terrenos de sua atividade e, muito particularmente, para conseguir construir a frente democrática de libertação nacional e dirigir a luta libertadora do povo



brasileiro, precisamos no Brasil de um Partido Comunista de centenas de milhares de membros, de um poderoso Partido de massas.

Os efetivos de nosso Partido cresceram nos últimos anos, mas o ritmo desse crescimento não é uniforme e está muito aquém das necessidades e das imensas possibilidades criadas pela situação que atravessamos. Se bem que os planos de recrutamento Stálin e Lênin tenham constituído iniciativas vitoriosas no seu conjunto, iniciativas em que devemos insistir e que nos fornecem uma rica experiência que precisa ser generalizada e conhecida de todo o Partido, em nossas fileiras são ainda fortes as tendências espontaneístas e sectárias no que se refere ao crescimento do Partido. Semelhantes tendências significam, no fundo, subestimação do papel dirigente do Partido e não são senão manifestações da ideologia da pequena burguesia no seio do Partido. Precisam ser energicamente combatidas e rapidamente liquidadas.

A questão do crescimento numérico do Partido deve estar permanentemente no centro de toda a nossa atividade. É tarefa cotidiana que exige das organizações do Partido e de cada militante a maior perseverança, uma atividade organizada e devidamente planejada. Nas atuais condições, de ascenso das lutas de massas, são maiores do que nunca as possibilidades para um rápido e sistemático crescimento do Partido, desde que os comunistas saibam ocupar sua posição de vanguarda nas batalhas de classe e apresentar com clareza às massas os objetivos do Partido.

2. Construir o Partido Preferencialmente nas Grandes Empresas

Na luta que sustentamos pelo fortalecimento de nosso Partido tem importância fundamental a composição social de suas fileiras. É indispensável ganhar para o Partido a massa fundamental do proletariado ou, como diz Stálin, “a massa dos proletários ‘puro sangue’ que já rompeu há muito as suas ligações com a classe capitalista.” “Esta camada do proletariado” — ensina Stálin — “constitui o esteio mais firme do marxismo.” É através do fortalecimento das bases do Partido nas grandes empresas e por meio do recrutamento planejado, especialmente entre os setores

decisivos da classe operária, que melhoraremos ainda mais a composição social do Partido e que aumentaremos nossa influência sobre as parcelas mais consequentes do proletariado.

Nos últimos anos conseguimos dar passos importantes nesse sentido e são hoje raras as empresas de mais de mil operários no país inteiro em que não existem organizações do Partido. Muito ainda precisamos fazer, no entanto, para organizar o Partido em todas as empresas de mais de 300 operários. Existe ainda em nosso Partido séria incompreensão a respeito da necessidade urgente de enraizar o Partido nas grandes empresas e isto significa subestimação do papel dirigente da classe operária, manifestação da ideologia da pequena burguesia em nossas fileiras. Muitos dos elementos que entram no Partido, porque nele veem o mais decidido lutador contra a dominação imperialista, não chegam por vezes a compreender suficientemente que o Partido Comunista não é somente o Partido da luta contra a opressão imperialista, mas o Partido que, como partido político do proletariado, trava uma luta decisiva contra toda espécie de exploração, o partido que, sendo o lutador anti-imperialista mais combativo e consequente, vai muito mais adiante e inculca na classe operária e nas pessoas avançadas a consciência socialista.

A concentração do trabalho de construção do Partido preferencialmente nas grandes empresas torna-se ainda indispensável porque é através do proletariado das grandes empresas que mais facilmente serão ganhos para as posições do Partido os demais setores da classe operária e as grandes massas populares. Para que o Partido possa realizar com sucesso suas tarefas mais urgentes e importantes — e, antes de tudo, travar a batalha pela paz, a democracia e a independência nacional, construir a frente democrática de libertação nacional — precisa estar profundamente enraizado nas grandes empresas, que devem constituir verdadeiras fortalezas da classe operária e do Partido.

3. Formar Mais e Mais Quadros Capazes

O Partido fez progressos em seu trabalho de preparação, formação



e educação de quadros. Avançamos no trabalho de educação política e ideológica, mas ainda não dispomos no Partido da rede de escolas capaz de garantir de maneira satisfatória e no ritmo necessário a formação do número crescente de quadros exigido pelo crescimento do Partido e de sua influência. A deficiência de quadros é ainda grande e cada vez maior. Dispomos, no entanto, nas fileiras do Partido de uma quantidade considerável de homens e mulheres combativos e de um devotamento sem limites. Nem sempre, porém, sabemos ajudá-los como é necessário, aconselhá-los política e praticamente, encontrar com eles os meios de vencer as dificuldades que podem encontrar para progredirem. Os dirigentes em todos os escalões do Partido nem sempre têm uma atitude fraternal, compreensível e paciente para com os militantes das organizações que dirigem, como não sabem ainda selecionar os quadros através de uma justa apreciação do trabalho realizado. Sem dúvida, o baixo nível cultural de nosso proletariado, a grande proporção de analfabetos ou semianalfabetos dificultam grandemente a formação de quadros. Por isso seria um erro pretender selecionar os quadros exclusivamente na base da maior ou menor capacidade dos militantes em redigir informes ou do melhor aproveitamento nas escolas do Partido. Os elementos importantes de seleção de quadros são: o devotamento à causa da classe operária e a fidelidade ao Partido, provados na prática da própria vida; a estreita ligação com as massas; o espírito de iniciativa e o sentimento de responsabilidade; o espírito de disciplina e a intransigência na luta pela aplicação da linha do Partido e contra todos os desvios do marxismo-leninismo. Evidentemente, a educação nas escolas do Partido visa a desenvolver todas essas qualidades através da elevação ao nível teórico, mas a promoção dos militantes que já as revelaram na prática facilitará o mais rápido desenvolvimento de tais militantes, como quadros dirigentes capazes do Partido.

Está, porém, na subestimação da teoria, ainda muito generalizada nas fileiras do Partido desde o próprio Comitê Central, o principal obstáculo que tem até agora impedido a mais rápida formação de quadros capazes

em nosso Partido. O desconhecimento da teoria conduz inevitavelmente ao espontaneísmo e o espontaneísmo é a base ideológica do oportunismo, o clima que facilita a disseminação das concepções pequeno-burguesas ainda vivazes no Partido. “Devemos recordar a todo momento” — disse o camarada Malenkov — “que qualquer atenuação da influência da ideologia socialista pressupõe o fortalecimento da influência da ideologia burguesa”. Precisamos dar maior atenção à propaganda das ideias do marxismo-leninismo, intensificar a publicação das obras dos clássicos e tomar medidas práticas para desenvolver sua difusão. Para tanto, precisamos melhor utilizar a imprensa e através dela desenvolver o estudo individual, que é ainda grandemente subestimado em todo o Partido, inclusive pelos seus quadros de maior responsabilidade.

4. Melhorar e Ampliar a Nossa Agitação e Propaganda e Dar Maior Atenção à Nossa Imprensa

Na situação atual, ampliar e melhorar a propaganda e a agitação política do Partido é uma questão decisiva para o próprio Partido. O Programa do Partido precisa ser conhecido e compreendido pelas grandes massas de milhões de todo o nosso povo. Para os objetivos e tarefas indicados pelo Programa precisamos ganhar as massas de milhões. Sem dúvida, avançamos no trabalho de agitação e propaganda entre as massas. Temos conseguido elevar a consciência de milhares de pessoas explicando-lhes a política de paz da União Soviética, desmascarando as intenções sinistras dos incendiários de guerra anglo-americanos, assim como a política de traição nacional do governo de latifundiários e grandes capitalistas. Já conseguimos, também, realizar uma ampla difusão do Programa do Partido entre os mais diversos setores da população e temos feito alguns esforços no sentido de atrair as massas populares ao debate das teses e ideias nele expostas.

Muito precisamos, no entanto, ainda fazer para colocar a agitação e a propaganda à altura das necessidades atuais de nosso Partido, quando aumentam suas responsabilidades diante do crescente descontentamento



popular e da intensificação e ampliação das lutas de massas. Na verdade, não vamos ainda às grandes massas de milhões.

Um trabalho de agitação e propaganda eficiente exige a assistência permanente dos organismos dirigentes do Partido que devem fornecer os materiais necessários, reunir frequentemente os propagandistas e agitadores para consulta e troca de experiências, visando sempre a melhorar os métodos e as formas de seu trabalho.

Quanto à imprensa é indispensável tomar algumas medidas enérgicas para melhorar rapidamente seu conteúdo e assegurar sua maior difusão. A imprensa precisa ter à sua frente direções responsáveis, ideologicamente firmes, com espírito de iniciativa e capazes de aplicar sem graves erros a política do Partido aos fatos concretos de cada dia, que devem ser levados ao conhecimento das massas, devidamente explicados e respondidos. Nossa imprensa deve ser combativa e polêmica, saber convencer, mas também desmascarar. As organizações do Partido devem dedicar maior atenção à difusão de nossa imprensa, acabar com a subestimação da imprensa, assegurar a ligação necessária indispensável da imprensa do Partido com as bases e as massas.

5. Travar a Luta Ideológica no Partido

Para que possa cumprir a sua tarefa de guia e organizador dos trabalhadores, deve o Partido travar sem hesitações uma luta interior persistente e decidida nas duas frentes, contra os desvios oportunistas de direita e de “esquerda” da linha do Partido.

A luta contra os desvios, a luta pela eliminação dos defeitos e das fraquezas que dificultam ou freiam a atividade do Partido e das massas populares, está em íntima ligação com o esforço constante pela elevação do nível ideológico do Partido e pela mobilização de todos os membros do Partido para a discussão, assimilação e aplicação das tarefas do Partido.

O Partido cresce e progride a despeito dos elementos oportunistas ou sectários que tudo fazem na prática para empurrá-lo para trás, cresce e progride apesar das tentativas dissimuladas do inimigo no sentido de

procurar golpeá-lo por dentro. No entanto, ainda não travamos no Partido a luta ideológica necessária e indispensável. Os militantes e as organizações do Partido, em geral, não são ainda capazes de manter uma posição intransigente em relação às tendências oportunistas e sectárias, nem de opor uma barreira intransponível às tentativas de penetração policial e de desmascarar em tempo os agentes do inimigo de classe infiltrados em nossas fileiras.

A vigilância ideológica e revolucionária é um dever de cada militante, mas só poderá ser cumprida por aqueles que tenham feito esforços por assimilar o marxismo-leninismo e saibam defender com firmeza seus princípios. O estudo do marxismo-leninismo deve, portanto, ser desenvolvido em íntima ligação com a luta ideológica contra todas as manifestações de ideologias estranhas ao proletariado nas fileiras do Partido. Neste sentido, o gume de nosso ataque deve estar particularmente voltado contra todas as manifestações de nacionalismo burguês, contra as tendências nacional-reformistas, contra o “golpismo” aventureiro do radicalismo pequeno-burguês, contra as diversas tendências direitistas que levam a renunciar a uma política independente da classe operária, contra o sectarismo que leva ao abandono das massas ou à inaptidão de realizar qualquer trabalho de massas.

Mas a luta ideológica significa também o combate persistente a todas as teorias falsas que já tiveram curso no Partido em diversos períodos de sua vida e que, por não terem sido em tempo devidamente destruídas, sob uma forma ou outra, ainda persistem em nosso meio, como, por exemplo, a chamada “teoria da terceira revolta”, a falsa tese do “desenvolvimento pacífico”, as incompreensões a respeito da luta de classes ou do caráter da revolução no Brasil em sua atual etapa etc.

A luta ideológica significa ainda a defesa intransigente do materialismo dialético e do materialismo histórico contra seus detratores, confessos ou hipócritas, e nos obriga a travar um combate vigoroso contra todos os aspectos do idealismo. Neste sentido, tem particular importância o combate ao subjetivismo que se manifesta em nossas fileiras tanto através do



empirismo como do dogmatismo. Em ligação com isto, devemos dedicar maior atenção à intelectualidade comunista que necessita receber uma ajuda especial para que se possa libertar das influências ideológicas burguesas e progredir no sentido da ideologia do proletariado. Não é admissível que pessoas que proclamam ser membros do Partido vivam prosternadas ante a cultura burguesa decadente, propaguem concepções contrárias aos princípios do Partido e resistam ao estudo e à propaganda das grandes ideias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Como ensina o grande Lênin:

“O partido é uma associação voluntária que se desagregaria inevitavelmente, primeiro ideológica, depois materialmente, se não se depurasse de todos os seus membros que propagam concepções contrárias a seus princípios. Para demarcar as fronteiras entre o que corresponde às concepções do Partido e o contrário, é que existe o Programa do Partido, é que estão as resoluções do Partido e seus Estatutos.”

6. Lutar Pela Assimilação e o Cumprimento dos Estatutos do Partido

Neste Congresso devemos aprovar os novos Estatutos do Partido. Trata-se da lei interna do Partido que estabelece os princípios de organização do Partido, instrumento indispensável para que se torne possível a justa aplicação do Programa e da tática do Partido. Elemento de grande força organizadora e mobilizadora, os Estatutos do Partido constituem poderoso fator para a educação ideológica dos militantes e dirigentes do Partido, para o desenvolvimento da democracia interna, da disciplina e da unidade nas fileiras do Partido, assim como da crítica e da autocrítica. O Programa do Partido, para que possa ser aplicado com êxito, exige uma organização monolítica, centralizada e combativa, exige a rápida assimilação dos Estatutos por todos os membros do Partido e que travemos uma luta persistente e sistemática pelo rigoroso cumprimento de todos os seus preceitos.

Através da assimilação dos Estatutos e na luta pelo seu cumprimento, todos os militantes compreenderão a necessidade de reforçar mais a unidade das fileiras do Partido, assim como a necessidade da ligação indissolúvel do Partido com a classe operária, os camponeses, a intelectualidade

progressista e demais camadas sociais que devem ser ganhas para a frente democrática de libertação nacional. Respeitar os Estatutos é lutar pela elevação da vigilância política e ideológica nas fileiras do Partido, é preservar o Partido da ação dos elementos hostis, dos agentes do inimigo de classe que nele queiram penetrar ou que nele consigam se infiltrar. Com os novos Estatutos estamos armados para desenvolver ainda mais a democracia interna no Partido, elemento que permite descobrir as deficiências no trabalho e vencê-las, que facilita a ligação da base do Partido com sua direção. A situação atual e as tarefas do Partido exigem de cada comunista um sentido de responsabilidade a cada dia maior diante das tarefas que lhe são confiadas e para com as coisas do Partido. É indispensável estar atento e combater a falta de entusiasmo, de decisão e persistência na realização de cada tarefa, não aceitar as desculpas fáceis, nem muito menos silenciar diante das falhas e deficiências, como se fossem coisas que não dissessem respeito a cada comunista. É indispensável combater a tendência a fazer promessas solenes que não são cumpridas, a irresponsabilidade, o abandono de tarefas sem qualquer controle etc. Tudo isso significa falta de vigilância revolucionária. Como afirmam os Estatutos, a vigilância é imprescindível em todos os domínios e em todas as circunstâncias.

As crescentes exigências sobre o trabalho de cada comunista e de cada organização do Partido, a denúncia dos erros, a superação das deficiências e o espírito de luta intransigente contra as dificuldades estão indissolivelmente ligados à maior circulação da crítica e da autocrítica e da crítica de baixo em todo o Partido. A crítica e a autocrítica reforçam o Partido, elevam sua combatividade, ampliam e aprofundam suas ligações com as massas, desenvolvem a atividade criadora dos comunistas. É dever criar no Partido as condições favoráveis ao amplo desenvolvimento da crítica vinda de baixo. A crítica e autocrítica devem e precisam ser apoiadas e estimuladas, como elementos indispensáveis ao desenvolvimento e contínuo reforçamento do Partido.

A assimilação dos Estatutos e a luta pelo seu cumprimento facilitarão ainda o combate à tendência ao trabalho individual nos organismos diri-



gentes do Partido, que em muito tem prejudicado a atividade dirigente do Partido, retardando a eliminação de erros e facilitando mesmo a tarefa de arrivistas e aventureiros infiltrados no Partido.

A luta pela aplicação do princípio da direção coletiva em todas as instâncias do Partido está intimamente ligada à luta ideológica contra uma das piores e mais persistentes manifestações da ideologia da pequena burguesia nas fileiras do Partido — o individualismo dos que procuram impor suas opiniões pessoais, substituir o trabalho dos comitês do Partido pelo trabalho individual, sem reuni-los por longos períodos ou que os reúnem apenas para aprovação formal de decisões individuais muitas vezes já postas em prática. Essas tendências caudilhescas refletem em nosso Partido uma das características específicas do “tenentismo”, dos elementos pequeno-burgueses vacilantes que, oscilando entre o proletariado e a burguesia, não podem lutar por um programa definido e o substituem pelo nome do “chefe”, do “líder”, do “general” ou do “herói”. O marxismo-leninismo ensina que as personalidades representam importante papel na vida social apenas na medida em que expressam acertadamente os interesses da classe avançada da sociedade. Quem faz a História são as massas. A classe operária e seu Partido é que criam, através da luta revolucionária, seus chefes, os homens que podem por vezes representar para as grandes massas as ideias por que luta o Partido. Mas dentro do Partido quem dirige é a sabedoria e a experiência coletivas do Comitê Central. O caráter coletivo da direção é o princípio supremo da direção partidária. Em nosso Partido não pode haver, portanto, grão-senhores imunizados em relação à crítica e à autocrítica. O dever do dirigente é dar exemplo de atitude partidária em relação à crítica e manter sempre uma atitude autocrítica em relação ao seu trabalho, contribuir de todas as maneiras para o desenvolvimento da crítica e da autocrítica nas fileiras do Partido. O comunista deve saber utilizar o nome do “chefe” de prestígio popular entre as massas para ganhá-las para as posições do Partido, mas isto não significa desenvolver o culto ao indivíduo nem tampouco confundir a dedicação do comunista ao Partido e às suas grandes ideias com a dedicação a pessoas. O culto ao in-

divíduo e o endeusamento de pessoas são concepções pequeno-burguesas nocivas ao Partido e inadmissíveis nas fileiras do Partido.

A observância das normas de vida partidária do princípio do caráter coletivo da direção, estabelecidas nos Estatutos do Partido, é uma premissa de importância inestimável para a maior consolidação da coesão orgânica e ideológica das fileiras do Partido e para o fortalecimento da capacidade de luta das organizações partidárias e dos comunistas.

* * *

As tarefas acima expostas indicam as principais direções em que devemos concentrar nossa atividade visando ao reforçamento orgânico, político e ideológico do Partido. O problema da construção do Partido é o da assimilação da teoria, do manejo da frente única e da justa combinação das formas de luta, é, antes e acima de tudo, o problema da luta pela assimilação do Programa do Partido e pela sua vitória.

O Programa do Partido constitui um novo e poderoso instrumento para a consolidação orgânica, política e ideológica do Partido, para o fortalecimento da unidade do Partido, além de importante fator de ligação do Partido com as grandes massas operárias e populares. É indispensável, pois, que travemos uma luta persistente pela rápida assimilação do Programa por todos os membros do Partido. A luta pela assimilação do Programa deve estar no centro de toda a atividade do Partido, constituir preocupação obrigatória de todas as organizações do Partido e de cada um dos seus militantes. O Programa precisa ser discutido detalhadamente, seus fundamentos, suas teses, seus objetivos e suas tarefas devem ser profundamente compreendidos e assimilados. Não nos esqueçamos, porém, que para realmente assimilar as ideias do Programa é indispensável extirpar, em todo o Partido, as velhas ideias profundamente arraigadas, os restos de concepções falsas que até a elaboração do Programa tinham curso em nosso meio e estavam muitas delas sancionadas em importantes documentos do Partido.

A luta pela assimilação do Programa é inseparável da luta que travamos pela vitória do Programa. Trata-se de colocar o Partido à altura do



Programa e das grandes lutas que se avizinham. Garantir a vitória do Programa é avançar no sentido de ganhar as massas para as posições do Partido, de despertá-las, mobilizá-las e uni-las e organizá-las na ampla frente democrática de libertação nacional.

* * *

Camaradas!

Os resultados da atuação do Partido e do Comitê Central estão presentes na força e na influência do Partido. Tivemos defeitos, cometemos erros, mas o Partido e o Comitê Central não os ocultaram e fizeram esforços para corrigi-los. Tivemos importantes êxitos de que não podemos deixar de nos orgulhar, sem qualquer vanglória e sem permitir jamais que nos ceguem ou nos subam à cabeça.

Nosso Partido cresce, desenvolve-se e se reforça, ganha influência e prestígio porque é o Partido da classe operária e trabalha e luta pelos interesses do proletariado, de todo o povo e da pátria.

A realização com êxito do IV Congresso é a demonstração mais palpável de que o Partido Comunista do Brasil é o único continuador das grandes tradições de luta do povo brasileiro, o único partido que levanta em nossa terra as bandeiras da luta pela democracia e pela independência nacional, pelo progresso do Brasil e por uma vida feliz e radiosa para o povo. O IV Congresso é a prova de que o Partido Comunista do Brasil saberá cumprir sua missão histórica de Partido de vanguarda da classe operária e de todo o povo brasileiro.

Aproximam-se grandes lutas. Nosso povo não se submeterá à escravidão nem entregará o sangue e a vida de seus filhos aos incendiários de guerra, aos banqueiros imperialistas. Sabemos que os combates que se aproximam serão duros e difíceis. O inimigo que nosso povo enfrenta não tem entranhas, é capaz de todos os crimes. Mas na luta pela liberdade e pela independência, nosso povo será invencível, afirmar-se-ão em massa suas grandes qualidades e virtudes. É sobre nós, comunistas, que pesarão, porém, as maiores responsabilidades, as mais árduas tarefas. Precisamos desenvolver cada vez mais o espírito de Partido, a dedicação sem limites

ao Partido, à classe operária e ao nosso povo, reforçar a disciplina, o sentimento de responsabilidade e a capacidade de iniciativa, fazer de cada comunista um combatente firme, sereno e disciplinado.

Sabemos que não estamos sós. Ao lutar pela libertação de nosso povo do jugo dos imperialistas norte-americanos, lutamos pela conservação da paz no mundo, lutamos em defesa da civilização humana, contamos com a simpatia e o apoio de toda a humanidade progressista. Marchamos serenos e confiantes, porque sabemos que à frente dos povos amantes da paz e que lutam pelo progresso social está a poderosa e invencível União Soviética, baluarte da paz no mundo, onde sob a direção do grande e glorioso Partido de Lênin e Stálin se constrói o novo mundo de pão e rosas para toda a humanidade. Do alto desta tribuna queremos reafirmar, perante nosso povo e a classe operária do mundo inteiro, nossa fidelidade inabalável ao grande Partido Comunista da União Soviética e ao seu sábio e provado Comitê Central, dirigentes e guias experimentados e queridos do proletariado internacional.

Sob as bandeiras gloriosas de Marx, Engels, Lênin e Stálin, iluminados pela doutrina invencível que eles criaram, inquebrantavelmente fiéis ao espírito do internacionalismo proletário, marchemos ao trabalho e ao combate, confiantes nas forças da classe operária, nas forças do povo, com fé inabalável no futuro que nos pertence, aconteça o que acontecer.

Armados com o Programa do Partido, à frente das forças patrióticas e democráticas de nosso povo, que chamamos para a luta e para a unidade, avancemos pelo caminho que nos levará à conquista de uma Pátria livre, independente e próspera.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva o Brasil livre, democrático e independente!

Tudo pela criação, ampliação e o fortalecimento da frente democrática de libertação nacional!

Viva a paz entre os povos!



Programa do Partido Comunista do Brasil

Bandeira de Luta e da Vitória

(Informe Apresentado, em Nome do Comitê Central, no IV
Congresso do Partido Comunista do Brasil - PCB)

Diógenes Arruda
[Secretário do Comitê Central]

Novembro de 1954

Camaradas:

Depois de 25 anos realiza-se o IV Congresso de nosso Partido. É um longo período no qual nosso Partido palmilhou caminhos difíceis e passou por duras provas, teve acertos e cometeu erros, conquistou vitórias e sofreu derrotas, acumulando assim uma rica experiência.

O Partido chega ao IV Congresso com seu Programa — expressão exata dos interesses, supremos do povo e da nação. A amplitude e intensidade das discussões em torno do Programa, sua aprovação unânime pela totalidade dos membros e das organizações do Partido, constituem um acontecimento extraordinário na vida de nosso Partido.

O Programa do Partido é o prêmio alcançado depois de uma longa e árdua caminhada. Se é verdade que o Programa significa um salto qualitativo no desenvolvimento histórico do Partido, nem por isso podemos obscurecer a sua íntima vinculação ao passado do Partido. A aprendizagem no fogo da luta revolucionária, a crítica e a autocrítica de nossa prática política não só fizeram nascer a imperiosa necessidade do Programa do Partido, como acumularam o acervo de experiências de combate e de conhecimentos da realidade brasileira que facilitaram a elaboração do



Programa. O Programa do Partido está historicamente ligado à gloriosa insurreição nacional libertadora de 1935, à dura clandestinidade da época do Estado Novo, ao período breve, mas tão rico de ensinamentos, da nossa atuação legal e às lutas pertinazes, frequentes vezes sangrentas, que estamos desenvolvendo com o Partido novamente na ilegalidade. O esforço autocrítico que fizemos através de todos estes anos, particularmente depois que o camarada Prestes assumiu a liderança efetiva do Partido, revela a busca honrada, incansável, da orientação cientificamente revolucionária, que afinal alcançamos com o Programa.

O passado de lutas de nosso Partido mostrou-nos também toda a nossa insuficiência de revolucionários práticos desprovidos do domínio da arma todo-poderosa que é o marxismo-leninismo. Foram precisos amargos reveses para que se apresentasse diante de nós, com inequívoca nitidez, a exigência de alcançar o domínio desta arma, exigência imposta pelas próprias necessidades práticas da luta revolucionária. A crítica teórica de nossa experiência revolucionária só vem sendo possível na medida em que mais assimilamos os geniais ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Sem essa crítica teórica não chegaríamos ao Programa do Partido.

É nosso dever reconhecer que só tivemos forças para elaborar um documento da envergadura do Programa porque o nosso Partido integra incondicionalmente o movimento comunista internacional e se mantém ilimitadamente fiel ao seu inspirador e guia, o glorioso Partido Comunista da União Soviética. Beneficiamo-nos, assim, do riquíssimo tesouro da experiência e da sabedoria marxista-leninista. Nisso consiste o maior mérito da direção à cuja frente se encontra o camarada Luiz Carlos Prestes.

Camaradas:

Ao concluirmos o trabalho de elaboração de nosso Programa tínhamos consciência de sua justeza científica. Hoje, diante do julgamento autorizado do órgão do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, considerando o Programa do Partido Comunista do Brasil uma obra de marxismo criador, sentimos como dever sagrado subordinar todos os nossos atos às exigências do Programa, dar a própria vida para trans-

formar os seus grandiosos objetivos em irrevogáveis conquistas históricas do proletariado e do povo brasileiro.

I - Bases e Significação do Programa do Partido Comunista do Brasil

Camaradas:

O desenvolvimento da luta patriótica pela derrota dos opressores norte-americanos e do governo de latifundiários e grandes capitalistas brasileiros e por um Brasil independente e democrático, exigia do Partido Comunista e demais forças democráticas e progressistas, a formulação e apresentação de um Programa comum mobilizador, de união e de combate. Tal Programa comum é o Programa de nosso Partido.

O Programa do Partido Comunista do Brasil é um Programa científico, inteiramente «justo. Caracteriza a situação econômica e política do Brasil como um país semicolonial e semifeudal; revela a crescente dominação do Brasil pelos monopólios norte-americanos que procuram reduzi-lo à situação de colônia dos Estados Unidos; mostra o caráter despótico do poder dos latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas norte-americanos; expõe as insuportáveis condições de vida de nosso povo, particularmente dos operários e camponeses. Baseando-se nesta análise da realidade brasileira, o Programa do Partido define a revolução brasileira como uma revolução anti-imperialista e agrária antifeudal, determina os objetivos e as tarefas do movimento revolucionário brasileiro, indica a direção, os caminhos e os meios que devem ser seguidos para se conquistar a vitória e formula as transformações democráticas necessárias para o Brasil ingressar no caminho do progresso, da democracia e da independência, que conduzirá à elevação do nível material e cultural da nação e a uma vida livre e feliz para nosso povo.

Levando em conta tais indicações e a atual disposição das forças sociais e políticas no Brasil e no mundo, o Programa do Partido apresenta como tarefa principal a luta revolucionária pela derrocada do regime de latifundiários e grandes capitalistas e pela conquista do regime democrá-



tico popular. São imensas as forças patrióticas e democráticas que se podem levantar contra o atual regime e que compreendem a necessidade urgente de salvar o Brasil, mas a vitória só será possível se tais forças se unirem e forjarem, na própria luta, a mais ampla frente anti-imperialista e antifeudal. Por isso, o Programa do Partido considera indispensável a criação, ampliação e fortalecimento da frente democrática de libertação nacional, baseada na aliança dos operários e camponeses e tendo à frente a classe operária.

Vê-se assim, camaradas, que o Programa do Partido é um documento que tem características bem definidas. Seguindo fielmente os ensinamentos do marxismo-leninismo, nosso Programa só se detém no essencial das particularidades concretas da situação historicamente determinada do Brasil, só contém o que é absolutamente indiscutível e o que foi efetivamente comprovado, diz as coisas como são na realidade. Por isso, o Programa do Partido é uma exposição breve, clara e precisa, plasmada em fórmulas científicas, de todas as coisas que nosso Partido tenta obter e pelas quais luta no atual momento histórico.

Durante os debates democraticamente travados no Partido surgiram incompreensões em torno do que deve ser o Programa do Partido. Convém examiná-las no que possuem de essencial.

A compreensão da essência profundamente democrática das transformações revolucionárias, que se encontram na ordem do dia e definem o caráter antiimperialista e agrário antifeudal da revolução brasileira, é indispensável para nos assenhorearmos do Programa do Partido. As transformações democráticas são as únicas que já se encontram maduras para serem concretizadas no Brasil. Somente a realização efetiva dessas transformações abrirá o caminho para atingirmos as futuras transformações socialistas. Imbuídos de subjetivismo, divorciados da realidade, camaradas existem que consideram terem sido formulados muito modestamente os objetivos e as tarefas do Partido, da classe operária e do povo brasileiro, no atual momento histórico. A esses camaradas respondemos com as palavras de Lênin ao polemizar contra a fraseologia “esquerdista” de Bukhárin:

“...no Programa devemos escrever absoluta e precisamente apenas o que realmente existe. E então nosso Programa será irreprochável”.

Ao elaborar o Programa, levamos em conta as condições históricas concretas do Brasil, as particularidades nacionais que distinguem o Brasil dos demais países dentro dos marcos da mesma época histórica, a posição geográfica e internacional do Brasil, a atual disposição das forças sociais e políticas no Brasil e no mundo e a circunstância de que o movimento revolucionário democrático e de libertação nacional deve ser iniciado e, desde o primeiro momento, dirigido pelo nosso Partido. Em consequência, não se pode sobrecarregar o movimento revolucionário com muitas tarefas de uma só vez, atribuir-lhe arbitrariamente essas ou aquelas tarefas. Não há lugar, tampouco, para pretender levantar contra nós todos os inimigos ao mesmo tempo. A destruição das atuais barreiras ao progresso do Brasil e ao bem-estar de nosso povo exige a coordenação de todas as forças democráticas, progressistas e populares. São grandes os obstáculos a transpor, são poderosos os inimigos a vencer. Dados esses passos, o movimento revolucionário brasileiro se desenvolverá e se fortalecerá com muita rapidez, e quanto melhor o fizermos mais depressa entraremos no caminho de profundas e radicais transformações democráticas e populares. Então e só então, poderemos lutar por novos objetivos e novas tarefas.

Se há camaradas que não avaliam a distância a percorrer e esquecem os obstáculos que encontraremos pelo caminho, existem outros ainda incapazes de olhar além do pequeno círculo de questões cotidianas. O Programa é um documento de princípios que deve servir, em sua integridade, para toda a etapa da revolução antiimperialista e agrária antifeudal. É falso amoldar o Programa a certas necessidades táticas puramente momentâneas e transitórias. As concessões para fins imediatos, justas do ponto de vista tático, não são, porém, permissíveis num documento de princípios como o Programa. As questões fundamentais devem ser aí claramente colocadas, ocupando o primeiro lugar a questão da conquista revolucionária do poder político. Os fins e as tarefas de luta que o Programa traça não



se podem subordinar, por exemplo, às forças de que o Partido dispõe no momento. Não se situa, portanto, no terreno programático, a objeção de que tal ou qual ponto do Programa pode assustar um aliado ou não ser compreendido por certos setores das massas, convindo, assim, “suavizá-lo”, “adoçá-lo”, encobri-lo com eufemismos. No terreno do Programa do Partido, o que cabe examinar é se os seus objetivos são realizáveis pela revolução antiimperialista e agrária antifeudal, se os seus objetivos refletem com exatidão científica as necessidades imperiosas para o progresso econômico e social da nação brasileira e os interesses fundamentais da classe operária e do povo.

Respondemos, pois, a esses camaradas com as palavras de Engels, ao fazer a crítica do projeto de Programa de Erfurt:

“Este esquecimento das grandes considerações essenciais diante dos interesses passageiros do dia, esta corrida atrás dos sucessos efêmeros e da luta que se trava nas proximidades, sem se preocupar com as consequências ulteriores, este abandono do futuro do movimento, que se sacrifica ao presente, tudo isto tem talvez móveis honestos. Mas isto é e continuará sendo oportunismo. Ora, o oportunismo «honesto» é talvez o mais perigoso de todos».

As propostas de alguns camaradas, visando fazer certos acréscimos ao Programa, partem de uma equivocada compreensão sobre o que deve ser um documento dessa ordem, isto é, de que “deve ser tão curto e preciso quanto possível”, como recomendava Engels. Seria errôneo sobrecarregar o Programa do Partido com detalhes supérfluos e explicações circunstanciais que nada acrescentem ao seu conteúdo fundamental. Não procedem, pois, certas propostas como as de enumerar todas as moléstias e endemias que afligem nosso povo, especificar todos os aspectos da reforma tributária e monetária, do sistema eleitoral, da legislação trabalhista etc, no regime democrático popular. O Programa do Partido não comporta explicações e comentários, nem é uma espécie de “Vade mecum” que fornece receitas para todos os males. O Programa não é Programa se se

atém a questões de detalhe e descamba para a casuística. Devemos seguir estritamente o ensinamento de Lênin de que «o Programa só estabelece os princípios fundamentais», fixa unicamente «os princípios orientadores de uma política».

Igualmente não é justo fazer do Programa uma soma imensa de pequenas questões ou de particularidades desta ou daquela região do Brasil. “Um Programa sem uma linha dominante não é um Programa, mas uma coletânea mecânica de teses diferentes” — é o que ensina Stálin. Por isso, o Programa do Partido não pode ser elaborado à base de particularidades regionais. O Programa deve partir das características comuns à maioria das regiões do país, refletir o que é essencial ao conjunto da realidade brasileira, seguir, assim, uma linha eminentemente nacional.

Aos camaradas que ainda revelam incompreensões sobre o conteúdo e a forma do Programa, respondemos portanto: o que o Programa do Partido apresenta, com clareza e precisão, não é fruto de desejos nem de imaginações. O processo de elaboração do Programa foi também um processo de luta intransigente contra toda espécie de subjetivismo. Através de salutar crítica e autocrítica e mediante fecunda luta de opiniões, pudemos, então, identificar e eliminar as posições incorretas a que fomos levados por interpretações idealistas do caráter da revolução brasileira. O quadro vivo e exato que o Programa revela, resulta de uma análise marxista-leninista, rigorosamente científica portanto, da situação concreta existente no Brasil. Por isso, os objetivos e as tarefas que o Programa indica, refletem as necessidades já amadurecidas para o progresso de nossa pátria e o bem-estar de nosso povo e expressam os interesses vitais da classe operária e do povo brasileiro. A direção fundamental da luta revolucionária do proletariado, os caminhos e os meios para tornar vitorioso o Programa, apoiam-se na análise da realidade brasileira contida no Programa e nos pontos do Programa.

O Programa é a bússola que dá rumo seguro para o trabalho e a ação do Partido em todos os terrenos. O Programa é a declaração de guerra dos milhões de brasileiros explorados e oprimidos ao imperialismo nor-



te-americano e ao governo de latifundiários e grandes capitalistas. O Programa é um marco histórico na vida de nosso Partido, de nosso povo e de nossa pátria.

II - O Programa do Partido, Programa de Salvação Nacional

Camaradas:

Que conclusões podem ser extraídas da análise marxista-leninista da realidade brasileira no atual momento histórico? Quais as conclusões básicas que estão sintetizadas no Programa de nosso Partido? Vejamos:

PRIMEIRA: Vivemos num país imenso e fabulosamente rico, que conta com incalculáveis recursos naturais, mas nosso povo tem um dos mais baixos padrões de vida do mundo é obrigado a arrastar uma existência miserável.

Temos riquíssimas jazidas de ferro, manganês, tungstênio, níquel, alumínio, quartzo, ouro, petróleo, carvão, mica, sal-gema, minerais radioativos, etc. Contamos com grandes bacias hidrográficas e um potencial hidráulico calculado em 20 milhões de cavalos-vapor. A flora brasileira é imensamente variada são incalculáveis as madeiras de lei, as plantas oleaginosas, as fibras, as ceras, as gomas e os produtos extrativos. Dispomos de terras fertilíssimas e de clima favorável ao cultivo dos mais variados produtos agrícolas. Os extensos vales e planaltos possibilitam a criação de toda espécie de gado.

Apesar disto, brasileiros morrem de fome, a tuberculose e outras doenças matam ou inutilizam milhões de pessoas o povo vive na ignorância na miséria e ao desamparo. O nível de vida do povo é baixíssimo, a renda nacional “per capita” não excede de 5.000 cruzeiros anuais e o poder de compra de cada pessoa na região das secas no Nordeste não passa de 356 cruzeiros por ano. O consumo de carne no Brasil é de 21 quilos e o consumo de leite é de 37 litros, ambos “per capita” e por ano A média de consumo de tecidos no Brasil é de 3 quilos e 700 gramas por habitante, enquanto no Uruguai é de 6 quilos e 300 gramas. A vida média do brasileiro é de 42 anos e apenas 9% dos brasileiros alcançam a idade de 50 anos.

A mortalidade infantil ceifa mais de metade de nossas crianças nascidas vivas antes de completar 4 anos de idade e existem menos de 2 leitos hospitalares por mil habitantes. Mais de metade da população não dispõe de escolas de alfabetização, sendo que só 7 pessoas em 10 mil habitantes estudam em escolas superiores.

A causa desse tremendo contraste reside na política de rapina dos imperialistas norte-americanos e no regime despótico de latifundiários e grandes capitalistas. Enquanto os imperialistas norte-americanos e os latifundiários e grandes capitalistas brasileiros se beneficiam com tal situação e enriquecem fabulosamente, com lucros até de 5.000%, a existência de nosso povo é cada dia mais penosa e insuportável, estando hoje ameaçado de escravização total e de ser transformado em carne de canhão.

SEGUNDA: O Brasil, de país economicamente dependente mas gozando formalmente de independência política, encontra-se hoje sob a ameaça de ser transformado em colônia dos Estados Unidos.

A situação de dependência do Brasil se acentuou, funda mentalmente, na época em que o capitalismo mundial encetava sua fase imperialista. A vida econômica e política da nação se subordinou à maior influência desta ou daquela potência imperialista, sem que nenhuma delas alcançasse uma situação predominante em todos os setores decisivos da economia nacional. Nessas circunstâncias, apesar de reduzir-se dia a dia a soberania nacional, era possível manter certa independência política.

Muito diversa, entretanto, é a situação que se apresenta no atual momento. O Brasil se encontra sob a ameaça imediata de completa colonização pelo imperialismo norte-americano, que é hoje o imperialismo mais agressivo e tomou a si o papel de gendarme mundial da reação. O imperialismo norte-americano, que possui no Brasil mais força do que todos os demais reunidos, exerce crescente influência nos negócios bancários e nos transportes marítimos, domina no comércio externo, nas inversões diretas e indiretas de capital, na produção de energia elétrica, na mineração, nos transportes aéreos, no beneficiamento e no comércio de algodão, no comércio de café, nos mais importantes setores da indústria, como meta-



lurgia, produtos químicos, artigos de borracha, artigos elétricos, montagem de automóveis, etc. Em consequência, o aparelho de Estado brasileiro caiu numa subordinação sem precedentes com relação aos monopólios de Wall Street. Os círculos dirigentes dos Estados Unidos não só determinam a orientação dos partidos das classes dominantes e influenciam os atos das altas autoridades governamentais, a começar pelo Presidente da República, como se instalaram dentro do próprio aparelho de Estado, através de uma chusma de “comissões” e de “conselheiros”, que ocupam oficialmente posições-chave nos ministérios, nas forças armadas, na polícia, etc. Os imperialistas norte-americanos lançam mão de meios brutais e cínicos para dominar completamente nossa vida econômica, política, social e cultural, para nos retirar toda e qualquer característica de nação soberana e reduzir nossa pátria a território ocupado, submetido ao governo, às tropas e às leis dos Estados Unidos. Tal é o perigo que ameaça a própria existência da Nação brasileira.

TERCEIRA: A política agressiva e de pilhagem dos imperialistas norte-americanos afeta duramente os interesses e a existência da esmagadora maioria da população brasileira. A militarização intensiva do Brasil, que provoca o aumento das despesas de guerra, o aumento dos impostos, a inflação, a alta vertiginosa dos preços, etc, torna a situação de milhões de brasileiros ainda mais grave e difícil.

A classe operária sofre com a baixa do salário real, com o desemprego, as multas, as violências policiais do governo, que suprime os seus direitos mais elementares. Os camponeses, na maioria sem terra, vivem brutalmente explorados pelos latifundiários, não gozam de direitos e sofrem as privações mais cruéis, colocados na situação de escravos pela espessa rede das sobrevivências feudais. A intelectualidade, que se coloca em defesa da cultura nacional ameaçada pelas ideias cosmopolitas e racistas dos imperialistas norte-americanos, enfrenta os maiores obstáculos em sua vida profissional, passa dificuldades, é perseguida e impedida de desenvolver livremente suas atividades criadoras. Vastas camadas da pequena burguesia dia a dia se pauperizam com mais rapidez. Industriais e comerciantes

brasileiros não podem desenvolver seus negócios devido ao baixo poder aquisitivo das massas trabalhadoras e populares, à falta de energia elétrica, de crédito, matérias-primas e equipamentos, à política colonialista dos Estados Unidos enfim, que freia e sufoca por todos os meios o desenvolvimento da economia nacional. Mesmo alguns setores de agricultores e pecuaristas defrontam-se com empecilhos crescentes diante do monopólio das firmas norte-americanas no comércio exterior do Brasil, dos preços teto impostos pelo governo de Washington aos nossos produtos de exportação e da proibição pelo Departamento de Estado da exportação de nossos produtos agrícolas e pecuários para os países do campo democrático que representam um mercado de mais de 900 milhões de consumidores.

As consequências da política de rapina e guerra dos imperialistas norte-americanos são as mais funestas para nosso povo e nossa pátria.

QUARTA: A guerra de agressão que os Estados Unidos preparam e para a qual pretendem arrastar o Brasil é profundamente contrária aos interesses nacionais.

Os imperialistas norte-americanos pensam realizar suas aventuras à custa do sangue e dos recursos materiais de outros povos. O Brasil figura, por isso, nos planos dos fautores de guerra de Washington como fornecedor de soldados para as frentes de batalha e de produtos estratégicos para a máquina bélica e como praça de armas. Mas a participação em qualquer guerra de agressão ao lado dos Estados Unidos seria uma aventura criminosa, condenada pelo povo brasileiro e por toda a humanidade que aspira a uma paz duradoura.

A guerra que os imperialistas norte-americanos preparam é a mais injusta e odiosa das guerras, subordinada aos seus objetivos monstruosos de estabelecer o domínio mundial, escravizar os povos e acumular lucros máximos. É uma guerra dirigida contra a gloriosa pátria dos trabalhadores, a União Soviética, e contra os demais países do campo da paz, que não ameaçam o Brasil nem causam o mais insignificante prejuízo aos nossos interesses. Os países do campo da paz realizam uma conseqüente política de paz e estão dispostos a estabelecer, à base de igualdade de direitos e



mútuos benefícios, estreitas relações econômicas e culturais com o Brasil. Enquanto isto, os Estados Unidos agridem criminosamente todos os povos que se erguem em defesa da própria liberdade e independência, como os povos da Coreia, do Vietnã e da Guatemala, cuja causa sagrada é a mesma de nosso povo. A única ameaça que pesa sobre o Brasil vem precisamente dos Estados Unidos.

A participação do Brasil na guerra planejada pelos Estados Unidos só contribuiria para intensificar a exploração de nosso país pelos imperialistas norte-americanos, que saqueariam ainda mais as nossas riquezas e transformariam nosso povo em escravos comandados por capatazes a soldo dos monopólios de Wall Street. E traria para o Brasil a mais ignominiosa das derrotas. A União Soviética é invencível, o seu poderio é hoje muito maior do que na segunda guerra mundial, quando esmagou os exércitos de Hitler. O campo da paz aumenta constantemente suas forças, enquanto o campo do imperialismo se desagrega e se debilita, demonstrando sua fraqueza irreparável diante de pequenos países como a Coreia e o Vietnã. Permitir que o Brasil sirva aos desígnios agressivos e monstruosos dos imperialistas dos Estados Unidos é o maior dos crimes contra nossa pátria. O interesse da nação brasileira é, pelo contrário, o de defender a causa da paz mundial e de lutar pela sua libertação do jugo norte-americano.

QUINTA: Coincidem os interesses dos latifundiários e grandes capitalistas com os dos imperialistas norte-americanos .

Os latifundiários e grandes capitalistas precisam das armas e dos dólares dos imperialistas dos Estados Unidos para manter o atual regime econômico e social vigente no Brasil, que lhes dá, assim como aos seus patrões norte-americanos, o privilégio de saquear nossas riquezas e explorar nosso povo. Os latifundiários e grandes capitalistas têm seus interesses entrelaçados com os interesses dos imperialistas norte-americanos no mesmo objetivo de extrair lucros fabulosos à custa da exploração desenfreada de nosso povo, defendendo uma situação que permite que apenas 5% da população brasileira se aposses da metade de toda a renda nacional. Os latifundiários e grandes capitalistas, tanto quanto os imperialistas nor-

te-americanos, contam com uma nova guerra mundial, a fim de vender aos países beligerantes matérias-primas e gêneros alimentícios a preços exorbitantes e enriquecer mais ainda à custa deste negócio sangrento. Os latifundiários e grandes capitalistas e os imperialistas norte-americanos precisam manter no Brasil um aparelho de Estado terrorista e despótico não só para defender seus odiosos privilégios como para implantar o fascismo no país, reduzir nossa pátria à condição de colônia e assegurar a retaguarda na América Latina para mais facilmente desencadear uma nova guerra mundial. Os latifundiários e grandes capitalistas são, assim, o ponto de apoio social do imperialismo norte-americano, são os sustentáculos internos do pior inimigo de nossa pátria.

Este bloco de reacionários e exploradores brasileiros e norte-americanos tem interesses irreconciliavelmente contrários aos interesses da maioria esmagadora da população do Brasil, aos supremos interesses da nação brasileira. Num polo, estão os imperialistas norte-americanos e seus sustentáculos internos, os latifundiários e grandes capitalistas; noutro polo, estão as amplas massas do povo brasileiro e os setores democráticos, progressistas e nacionais. Esta é a contradição que hoje domina no Brasil e que só pode ser resolvida com a vitória da revolução democrática popular de caráter antiimperialista e agrário antifeudal, que dará a supremacia às amplas massas populares dirigidas pelo proletariado.

SEXTA: O atual governo, expressão política dos latifundiários e grandes capitalistas, é um instrumento útil e necessário aos imperialistas norte-americanos.

A substituição do governo através de eleições ou de golpes nenhuma modificação trará ao país, enquanto se mantiver o atual regime de opressão e exploração. A situação do Brasil permanecerá a mesma, esteja à frente do governo Café Filho ou qualquer outro instrumento da mesma minoria reacionária. A política do atual governo, como a de Dutra e a de Vargas, só tem um objetivo: conservar o latifúndio e as sobrevivências feudais e escravistas na agricultura e na pecuária, manter o regime de latifundiários e grandes capitalistas, vender o país aos monopólios dos Estados Unidos e



arrastar o povo brasileiro à guerra. O governo de Café Filho é o defensor dos privilégios da minoria de latifundiários e grandes capitalistas, que se beneficiam e enriquecem com a política cambial, as concessões escandalosas, os financiamentos do Banco do Brasil, as negociatas à custa dos dinheiros públicos e toda espécie de favores oficiais, a inflação e o estímulo à carestia da vida, com a exploração feroz dos operários e dos camponeses.

O atual governo é o biombo que esconde a dominação do imperialismo norte-americano no Brasil. Não é possível libertar o Brasil do jugo norte-americano e do regime de latifundiários e grandes capitalistas sem derrubar o atual governo. Este é o primeiro passo no caminho da independência do Brasil e da democracia para o povo.

SÉTIMA: Estão maduras no Brasil as condições para profundas e radicais transformações democráticas na vida econômica e social.

O Brasil é um país atrasado, industrialmente pouco desenvolvido, onde os latifúndios e toda espécie de sobrevivências feudais predominam na agricultura e na pecuária e que tem sua economia controlada pelo imperialismo norte-americano. Do ponto de vista político, somos um país que possui apenas restos de soberania nacional e cujo povo não goza de liberdades democráticas. No plano econômico, as forças produtivas exigem, antes de tudo, para seu livre desenvolvimento, a eliminação das relações de produção semifeudais e a supressão do jugo imperialista. Não é possível resolver qualquer dos problemas fundamentais de nosso povo, nem mesmo dar os primeiros passos para solucioná-los, sem conquistar as liberdades democráticas para o proletariado e para as demais camadas do povo, sem antes varrer definitivamente o secular despotismo dos senhores de terra e democratizar a vida política brasileira em todos os seus aspectos, fornecendo ao proletariado e às grandes massas populares meios poderosos para manifestar sua vontade, elevar sua educação política e desenvolver sua atividade criadora. Leve-se em conta, por outro lado, que a atual correlação das forças de classe, o grau de desenvolvimento da luta de classes, o grau de organização e de consciência política das grandes massas não permitem ao proletariado agrupar forças suficientes

para colocar na ordem do dia a realização de transformações socialistas imediatas; possibilitam, porém, a união das vastas camadas democráticas e progressistas e a formação de um amplo movimento democrático e nacional libertador.

Eis por que são perfeitamente realizáveis em nosso país as transformações democráticas radicais que constituem o conteúdo da revolução antiimperialista e agrária antifeudal. As condições objetivas já amadureceram em nosso país para tornar inevitável essa revolução. Sua realização vitoriosa significará a maior reviravolta na História do Brasil e pela primeira vez abrirá para o nosso povo o largo e luminoso caminho da independência, do progresso, do bem-estar material crescente e do livre florescimento cultural.

OITAVA: O regime capaz de realizar as transformações radicais indicadas no Programa do Partido é o regime democrático popular. Não é um regime qualquer, mas um regime inteiramente novo, distinto, portanto, de tudo que já existiu até hoje no Brasil. Sua estrutura de classe deve ser capaz de garantir a efetiva realização das profundas transformações econômicas, sociais e políticas que reclamam os supremos interesses do povo e da nação. Só pode ser a ditadura das classes e camadas sociais revolucionárias anti-imperialistas e antifeudais, isto é, da classe operária, dos camponeses, da intelectualidade, da pequena burguesia e da burguesia nacional, baseada na aliança operário camponesa e dirigida pelo proletariado e seu Partido Comunista.

Este regime e estas forças são capazes de destruir o atual regime de exploração e opressão a serviço dos imperialistas norte-americanos e de construir uma vida nova em nossa pátria. Este regime e estas forças são capazes de liquidar a dominação dos imperialistas norte-americanos e defender a soberania nacional, de destruir os latifúndios e os restos feudais e distribuir gratuitamente a terra aos camponeses, de realizar uma política de paz e colaboração amistosa com todos os países em igualdade de condições, de impulsionar o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, de efetuar a industrialização intensiva, de garantir plena democracia para o



povo, de assegurar aos operários e demais trabalhadores suas conquistas e seus direitos, de proporcionar a toda a população brasileira uma vida próspera, livre e feliz.

O regime democrático popular terá no governo democrático de libertação nacional o órgão que traçará e executará sua política diária.

NONA: O governo de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos imperialistas norte-americanos não cederá seu lugar sem luta.

As forças reacionárias e antinacionais que, com a ajuda dos Estados Unidos, exploram e oprimem nosso povo, defenderão seus privilégios com unhas e dentes. Na defesa do opressor norte-americano e dos mais reacionários interesses de classe, o governo de latifundiários e grandes capitalistas recorre e recorrerá cada vez mais à violência e ao terror contra o povo. Não será espontaneamente que o governo de latifundiários e grandes capitalistas entregara o poder político. Não será tampouco por meio de golpes militares ou de Estado, de reformas parciais ou de eleições, sem tocar nas bases do regime de latifundiários e grandes capitalistas a serviço do governo de Washington, que faremos desaparecer o atual regime reacionário e antinacional e libertaremos o Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos. As reformas parciais devem ser utilizadas para organizar as massas e aumentar a confiança das massas em suas forças, mas, por si mesmas, jamais eliminarão o poder das classes dominantes e dos monopólios de Wall Street. As eleições devem ser aproveitadas em nossa luta libertadora para educar e organizar as massas, explicar ao povo o Programa do Partido, desmascarar o papel traidor dos reacionários, defender os direitos democráticos do povo e apoiar as reivindicações econômicas e políticas dos operários e camponeses, fortalecer a frente única, mas não podem expressar a vontade das amplas massas neste regime despótico de latifundiários e grandes capitalistas, onde os partidos democráticos não têm direito à vida legal, onde os patriotas sofrem brutais perseguições e são assassinados pela policia política e pelos bandos armados dos latifundiários. Os golpes são hoje uma das formas preferidas para enganar as massas, especialmente da pequena burguesia,

e realizam-se sempre sob a inspiração e por ordem dos imperialistas norte-americanos. A conquista do Estado democrático popular e do governo democrático de libertação nacional não pode ser obra de conspiradores ou de uma vanguarda isolada, mas obra das massas de milhões de brasileiros explorados e oprimidos.

O único caminho justo para derrubar o governo de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos imperialistas norte-americanos e substituí-lo pelo governo democrático de libertação nacional é o caminho da luta revolucionária de todos os patriotas brasileiros.

DÉCIMA: A força social capaz de expulsar do Brasil o opressor norte-americano e de vencer a resistência dos latifundiários e grandes capitalistas é a frente única das forças antiimperialista e antifeudais. Desde o proletariado até a burguesia nacional, sob a direção da classe operária e seu Partido Comunista e tendo como base a aliança operário camponesa.

A primeira condição para a construção da frente democrática de libertação nacional é, portanto, a existência da direção política da classe operária, liderada pelo Partido Comunista. Isto se tornará possível através da própria luta libertadora. A classe operária deve lutar não só para satisfazer suas reivindicações como para apoiar, através de suas ações, as reivindicações de todas as forças capazes de participar na frente democrática de libertação nacional, especialmente dos camponeses que representam seus principais e mais seguros aliados. A classe operária apoia todo movimento democrático, colabora com todo aliado, mesmo inconstante e temporário, no interesse da ampliação e do fortalecimento da frente democrática e para a realização das transformações democráticas radicais. É assim que o proletariado poderá ganhar e fortalecer sua hegemonia, agrupar em torno de si todo o povo e conquistar o posto de força dirigente da nação.

A principal garantia da direção da classe operária reside na criação e no fortalecimento da aliança dos operários e camponeses. Este é o alicerce da frente democrática de libertação nacional, esta é a condição decisiva de sua solidez e de sua capacidade de combate. Os camponeses constituem



a massa fundamental da nação e têm interesse vital na realização da reforma agrária, na liquidação, da classe dos latifundiários. É formidável o potencial revolucionário dos camponeses que, dirigidos pelo proletariado e seu Partido Comunista, lutarão de corpo e alma pela vitória da revolução agrária e antiimperialista. Em torno da aliança operário camponesa se agruparão os intelectuais, os estudantes, os empregados no comércio, nos escritórios e nos bancos, os funcionários públicos, as pessoas que trabalham por conta própria, os soldados e oficiais das forças armadas, os sacerdotes ligados ao povo, os artesãos, os pequenos e médios industriais e comerciantes e parte dos grandes industriais e comerciantes que sentem a concorrência do imperialismo norte-americano e sofrem os efeitos prejudiciais da política econômica e financeira do atual governo.

A soma total dos interesses das forças antiimperialista e antifeudais constitui hoje o conjunto dos interesses da própria nação. Embora os latifundiários e grandes capitalistas vivam sobre o solo brasileiro, os seus interesses são antinacionais. e, por isso, podem ser mais facilmente isolados e derrotados. Existem, pois, condições objetivas favoráveis para a constituição imediata da frente democrática de libertação nacional.

DÉCIMA PRIMEIRA: O povo brasileiro tem imensas possibilidades objetivas de êxitos e vitórias na luta pela libertação nacional do jugo imperialista norte-americano e pela conquista do regime democrático popular.

É imenso o potencial combativo das forças sociais que podem formar no campo da revolução brasileira. À sua frente se encontra um proletariado bastante desenvolvido, do qual fazem parte cerca de dois milhões de operários industriais e mais de três milhões de assalariados agrícolas, perfazendo 10% da população, índice relativamente elevado para um país semicolonial e semifeudal. O proletariado brasileiro possui experiência, tradição de luta e conta com um Partido Comunista que se fortalece sem cessar. Apesar da terrível opressão que têm sofrido através dos séculos e que os afasta praticamente de uma participação ativa na vida nacional, os milhões de camponeses sem terra, ajudados pelos operários, podem despedaçar todos os grilhões e irromper na cena política brasileira como uma

força de primeira ordem, que desde o início se colocará no campo da revolução. A intelectualidade e a pequena burguesia, dadas as condições de atraso do país, são camadas em crescente pauperização, profundamente patrióticas e que já no passado tiveram papel destacado nos movimentos progressistas e nacional libertadores. Finalmente, apesar de sua fraqueza política e econômica, dado que é burguesia de um país semicolonial formada já em plena época do imperialismo, a burguesia nacional entrará em choques cada vez maiores contra o imperialismo norte-americano e poderá apoiar o campo da revolução ou pelo menos adotar uma atitude de neutralidade favorável.

Enquanto isto, os latifundiários e grandes capitalistas ainda dispõem do controle da vida econômica, do aparelho do Estado e de uma larga experiência de dominação de classe, mas a sua caducidade é tamanha que não podem mais se manter senão com os dólares e as armas dos Estados Unidos. Esta a causa por que se colocam numa posição antinacional, desmoralizando-se cada vez mais diante das amplas massas e aprofundando a desagregação de suas próprias fileiras.

A luta do povo brasileiro pela sua libertação contará ainda com o apoio e a solidariedade das mais poderosas forças da humanidade, as forças do campo da paz e da democracia, liderado pela União Soviética, as forças do movimento operário internacional e de todos os povos que lutam pela sua liberdade e independência. Em particular, os povos da América Latina se levantarão impetuosamente para lutar ao lado do povo brasileiro contra o odiado inimigo comum. O imperialismo sofre golpes sobre golpes, mordeu o pé da derrota na Coreia e na Indochina, enquanto as forças do campo da paz e da democracia acumulam vitórias e ganham sem cessar novas forças. As condições no atual momento histórico são tais que um povo que luta pela sua liberdade e independência, como afirmou o camarada Malenkov, é invencível.

Estas são, camaradas, as conclusões essenciais contidas no Programa de nosso Partido, justamente qualificado de Programa de salvação nacional.



III — Elementos Novos e Essenciais que Determinam o Conteúdo Fundamental do Programa do Partido

Camaradas:

O princípio essencial que norteia o Programa do Partido é que, sendo o Programa da classe operária, deve ser, ao mesmo tempo, o Programa de todo o povo, de todas as forças. populares, democráticas, progressistas, nacionais e libertadoras. Precisamente por isso, o Programa não traça reivindicações que possam dividir o povo, isolar a classe operária e facilitar a luta das forças reacionárias contra o movimento revolucionário democrático de libertação nacional.

Partindo daí e tendo por base a doutrina marxista-leninista sobre a revolução nos países coloniais e dependentes, refletindo cientificamente a realidade objetiva e as características da revolução brasileira, surgem quatro elementos novos e essenciais que determinam o conteúdo fundamental do Programa de nosso Partido. É o que vamos, agora, examinar:

PRIMEIRO: O Programa não levanta a luta contra todos os imperialismos, mas concentra o fogo do ataque contra o imperialismo norte-americano. Por isso, o Programa exige unicamente o confisco dos capitais e empresas pertencentes aos monopólios norte-americanos que operam no Brasil, a anulação da dívida externa do Brasil para com o governo dos Estados Unidos e os bancos norte-americanos, a anulação de todos os acordos e tratados lesivos aos interesses nacionais concluídos com o governo de Washington, a expulsão de todas as missões militares, culturais, econômicas e técnicas norte-americanas. Isto é justo porque os imperialistas norte-americanos ocupam hoje no Brasil posição predominante em todos os terrenos, os capitais e empresas norte-americanos sobrepujam os capitais e empresas de qualquer outra origem quer pela sua massa, quer pelas posições-chave que detêm, o aparelho de Estado brasileiro está submetido inteiramente ao governo de Washington, a dominação política, econômica e militar norte-americana orienta-se no sentido de reduzir o Brasil à condição de colônia dos Estados Unidos.

Dirigindo seu gume contra o imperialismo norte-americano, o Pro-

grama permite utilizar em proveito da revolução as contradições inter imperialistas, assim como neutralizar e mesmo ter como aliados temporários os capitalistas brasileiros ligados aos demais grupos imperialistas não-americanos.

Uma vez derrotado o imperialismo norte-americano, o governo democrático de libertação nacional terá em suas mãos os setores decisivos da economia do país e contará com poderoso apoio do povo, o que lhe proporcionará condições favoráveis para se entender em pé de igualdade com as outras potências imperialistas e obrigar seus capitais e empresas a submeterem-se às leis brasileiras.

A libertação do Brasil do jugo do opressor americano determinará radical modificação em nossa política externa. O Brasil deixará de fazer parte do campo imperialista e guerreiro, dirigido pelos Estados Unidos, e se integrará no campo antiimperialista e pacífico, liderado pela gloriosa União Soviética. A política externa do governo democrático de libertação nacional terá por objetivo manter relações amistosas e colaboração pacífica com todos os países, especialmente com os países capazes de colaborar com o Brasil à base de plena igualdade de direitos e de mútuos benefícios; apoiar a luta de libertação nacional dos povos oprimidos; incentivar a solidariedade entre nosso povo e os povos irmãos da América Latina; adotar medidas que favoreçam a manutenção da paz; proibir a propaganda de guerra e punir os propagandistas de guerra. É a política externa que corresponde, rigorosamente, aos mais sagrados interesses da Nação, que precisa de independência e de paz para trilhar o caminho do progresso florescente.

Com sua libertação do jugo imperialista norte-americano, o povo brasileiro poderá realizar, pela primeira vez em sua História, o desenvolvimento independente da economia nacional. Isto se dará fundamentalmente porque o Estado democrático popular contará com diversas condições vantajosas: terá em suas mãos uma grande quantidade de capitais e de empresas, exatamente nos setores-chave como transportes ferroviários e marítimos, energia elétrica, mineração e siderurgia, frigoríficos, bancos,



etc; disporá das atuais empresas estatais e paraestatais e dos capitais e empresas que forem confiscados dos monopólios dos Estados Unidos e dos grandes capitalistas brasileiros que traírem os interesses nacionais e se aliarem aos imperialistas norte-americanos; contará com toda a ajuda da União Soviética e das Democracias Populares, mediante o fornecimento de equipamentos de primeira qualidade, o envio de técnicos, etc.; atrairá a colaboração de capitais privados, aos quais serão garantidos lucros e a defesa de seus interesses. Com recursos tão gigantescos, o Estado democrático popular será capaz de impulsionar rapidamente a industrialização do país, levantar uma poderosa indústria pesada, fazer florescer a economia nacional e garantir o acenso contínuo do bem-estar material, da proteção à saúde pública e do nível cultural do povo.

“Este, o caminho a seguir para que o Brasil ocupe relevante posição, como nação livre e independente, no seio da comunidade mundial das nações” — declara o Programa, com inteira justeza.

SEGUNDO: O Programa não levanta a luta pela nacionalização da terra, limita-se ao confisco das terras dos latifundiários, à liquidação das sobrevivências feudais e à entrega gratuita das terras dos latifundiários aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos que nelas queiram trabalhar, sob a forma de propriedade privada. São essas as reivindicações sentidas e vitais das grandes massas camponesas no Brasil. É nosso dever ir ao encontro de tais reivindicações. Elas possibilitam uma amplíssima aliança no campo — a aliança da classe operária com todos os camponeses.

As massas camponesas representam uma grande força política no movimento democrático de libertação nacional. Sem elas não pode haver um poderoso e invencível movimento revolucionário. A revolução agrária antifeudal é a pedra de toque da revolução democrática popular no Brasil. A população rural representa 63,8% da população brasileira. É extrema a desproporção entre a população rural (cerca de 35 milhões) e o número de proprietários (cerca de 2.100.000), ou seja, o número de proprietários representa 6% da população rural. Os assalariados agrícolas e camponeses sem

terra constituem 81% da população rural ativa. A maioria esmagadora dos camponeses no Brasil é, portanto, de camponeses sem terra. Os camponeses são obrigados a vagar de um para outro lado, constantemente ameaçados de despejo ou de grilagem, pagando a meia e a terça, suportando ainda outras formas terríveis de exploração semifeudais, como o trabalho gratuito, e até semi-escravistas, como a prisão por dívidas e a venda dos “devedores”. Um punhado de latifundiários, isto é, os grandes proprietários de terra que dispõem de mais de 500 hectares e representam 3% do número total de proprietários de terra e 0,7% da população ativa no campo, monopolizam 63% da área global das propriedades agrícolas. Entre estes, existem 33 mil latifundiários possuidores de mais de 1.000 hectares, quer dizer — apenas 1,6% do número total de proprietários de terra monopolizam 51,1% da área total das propriedades, cabendo a cada latifundiário em média quase 4.000 hectares. A terra é pouco cultivada, os métodos de cultivo são os mais primitivos, baixíssimo é o rendimento por hectare, a produção é escassa e de alto custo. Calcula-se que a parte do território brasileiro apropriada para o cultivo é de 675 milhões de hectares, mas apenas 20 milhões de hectares são cultivados, ou seja, menos de 3%. Em relação à área total das propriedades, não alcança 10% a parte cultivada. Eleva-se a 87% a área cultivada que desconhece qualquer espécie de máquina. A população com atividade na agricultura representa 61,9% do total da população economicamente ativa, mas sua participação na renda nacional é de apenas 30,2%. A produção agrícola por hectare decai de ano para ano, mesmo em culturas de capital importância para a economia nacional como o algodão e o café. Tradicional e grande produtor de algodão, o Brasil tem uma colheita de algodão por hectare que mal alcança a média anual de 310 quilos, ao passo que no Cazaquistão é de 1.100 a 1.200 quilos — e o camarada Khruchtchev diz ser possível elevá-la a 2.000 ou 2.500 quilos!

Nestas condições, o desenvolvimento da vida material da sociedade brasileira exige a eliminação do latifúndio e das relações de produção semifeudais, o que afastará os obstáculos que impedem a imediata expansão das forças produtivas na agricultura e criará para a indústria um



amplo mercado interno e novas fontes de matérias-primas. Refletindo tais necessidades, o Programa do Partido postula o confisco das terras dos latifundiários e sua repartição gratuita entre os camponeses, a liquidação de todas as formas de exploração semifeudais e uma série de outras medidas em benefício dos camponeses pobres e dos camponeses médios e úteis à economia nacional: anulação das dívidas para com os latifundiários, os usurários, o governo e as companhias imperialistas norte-americanas; concessão de crédito barato e a longo prazo; ajuda técnica; amplo estímulo e ajuda ao cooperativismo; construção de sistemas de irrigação, particularmente nas regiões do Nordeste assoladas pelas secas; ajuda rápida e eficiente às populações vitimadas pelas secas, inundações e outros flagelos; garantia de preços mínimos compensadores para os produtos agrícolas e pecuários.

Nisto consiste a reforma agrária democrático popular que transformará radicalmente a estrutura econômica do país e dará um golpe de morte na classe dos latifundiários, esteio secular de toda reação no Brasil e ponto de apoio da dominação imperialista norte-americana.

A medida essencial da reforma agrária democrático popular será a entrega gratuita da terra dos latifundiários aos camponeses, sob a forma de propriedade privada. A terra não será, pois, nacionalizada. De que considerações partimos ao não propor a nacionalização da terra?

Consideramos, em primeiro lugar, que na etapa da revolução antiimperialista e antifeudal, a nacionalização da terra é, por princípio, possível, porém não imprescindível. A ausência de tal medida, por si só, não retirará à reforma agrária a ser realizada, o seu caráter democrático radical.

Consideramos, em segundo lugar, ao elaborar a parte especificamente agrária do Programa, que este devia refletir uma necessidade já madura do desenvolvimento da vida material, uma exigência da lei da correspondência obrigatória entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas; e, em consonância com isso, devíamos levantar a bandeira que consignasse as mais profundas aspirações dos camponeses, possibilitando ganhá-los mais facilmente para a aliança operário camponesa e fazê-los

aceitar a direção da classe operária e de seu Partido Comunista. Ora, que aspiração mais profunda existe entre os camponeses brasileiros do que ser proprietário de um pedaço de terra?

Se nosso Programa agrário é justo do ponto de vista estritamente econômico, é justo, ao mesmo tempo, do ponto de vista da necessidade de ganhar os camponeses para a revolução. Sem os camponeses não é possível pensar em hegemonia do proletariado. Somente apoiando-se nos camponeses poderá o proletariado afirmar o seu papel de direção na frente democrática de libertação nacional e levá-la à vitória.

O Programa do Partido veio corrigir, por fim, uma série de erros que vínhamos cometendo no que se refere aos camponeses médios e ricos. Sob a influência da orientação sectária do Manifesto de Agosto de 1950, formou-se em nossas fileiras a opinião de que os camponeses ricos, e mesmo médios, eram contra revolucionários e suas terras deviam ser confiscadas pelo Estado democrático popular. Apesar do trabalho realizado com o Programa, essa opinião ainda influencia, aqui e ali, as atividades do Partido, o que dificulta a formação da aliança antifeudal dos operários com todos os camponeses, sob a direção da classe operária e seu Partido Comunista. É um erro confundir os camponeses ricos com os latifundiários e não compreender que a reforma agrária antifeudal, dado seu caráter democrático, não visa a liquidar o capitalismo na agricultura, mas sim os latifúndios, os restos feudais de exploração e a classe dos latifundiários.

Ao garantir a propriedade dos camponeses ricos, o Programa do Partido reflete uma realidade econômica objetiva, da qual não nos podemos afastar. Com isto, ganhamos ou neutralizamos os camponeses ricos para a revolução e consolidamos ainda mais as possibilidades de conquista dos camponeses médios.

Ao mesmo tempo, devemos ganhar os camponeses pobres e os camponeses sem terra, como o nosso ponto de apoio mais firme entre as massas camponesas. Somente os camponeses pobres e os camponeses sem terra darão solidez às alianças que estabelecermos no campo, sendo para isso necessário acirrar a luta de classes no campo, agrupar as grandes massas



de camponeses pobres e sem terra em torno do Partido, educando-as no processo da própria luta revolucionária.

Temos, agora, com o Programa do Partido, um programa agrário revolucionário cem por cento justo, pois levanta com acerto todas as reivindicações progressistas dos camponeses e defende com firmeza os interesses dos camponeses. Com um tal programa, o proletariado e seu Partido Comunista poderão atrair os camponeses para a luta revolucionária; com a intensificação da luta de classes no campo, a luta antiimperialista marchará no necessário ritmo para a vitória.

TERCEIRO: O Programa não levanta a luta pelo confisco nem pela nacionalização dos bancos, das empresas e dos capitais da grande burguesia brasileira, garante a liberdade de iniciativa para os industriais e para o comércio interno e a defesa da indústria nacional, estabelece que serão confiscados tão somente os capitais e empresas dos grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se aliarem aos imperialistas norte-americanos. Colocando a questão nestes termos, o Programa do Partido está em perfeita correspondência com o atual caráter antiimperialista e antifeudal da revolução democrática popular no Brasil, com a correlação de forças sociais e políticas e com o atual nível das forças produtivas no Brasil. Há condições reais para que, no curso da luta democrática de libertação nacional, contra o imperialismo norte-americano, contra os latifundiários e os grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se colocarem ao lado dos governantes dos Estados Unidos a burguesia nacional seja ganha para a frente única, apoie a luta do povo ou, pelo menos, se coloque numa posição de neutralidade favorável.

Mesmo para os grandes capitalistas brasileiros, o Programa apresenta esta alternativa: se marcharem com o povo ou tomarem uma posição de neutralidade favorável terão seus interesses garantidos: se colocarem os interesses dos imperialistas norte-americanos acima dos interesses da Nação, serão tratados como traidores da pátria. Neste caso, terão seus capitais e empresas confiscados e serão entregues aos tribunais populares. Com isto, abre-se a possibilidade de se debilitar e desagregar o bloco dos gran-

des capitalistas brasileiros com os imperialistas norte-americanos.

Precisadas as questões fundamentais sobre a posição do Partido em relação à burguesia brasileira, é necessário desfazer os equívocos e as tendências falsas surgidas entre alguns camaradas.

Estão equivocados os que dizem que visamos estimular ao máximo e incontroladamente o desenvolvimento do capitalismo. O Programa estabelece com toda a clareza: garantia de liberdade de iniciativa para os industriais e para o comércio interno; livre desenvolvimento da indústria de paz; defesa da indústria nacional: proibição da importação de produtos que prejudiquem as indústrias existentes ou dificultem a criação de novas; amplas facilidades para a aquisição de equipamentos e matérias-primas necessários ao desenvolvimento da economia nacional; defesa da produção nacional com a regulamentação do comércio externo; ajuda e proteção especial aos artesãos e a todos os pequenos e médios produtores; supressão dos impostos e taxas injustos; colaboração de capitais privados para a industrialização do Brasil, garantindo-se-lhes lucros e a defesa de seus interesses; estabilidade da moeda nacional. Tudo isto é correto, como é pacífico que o Estado democrático popular disporá da base econômica e da força política que lhe permitirão assegurar o desenvolvimento independente da economia nacional e sujeitar aos interesses do povo o desenvolvimento do capitalismo, salvaguardando os direitos dos trabalhadores e impedindo a restauração do velho poder. A classe operária, em particular, conquistará uma legislação trabalhista avançada, que a burguesia será obrigada a cumprir.

Estão equivocados os que dizem que empresas e capitais; confiscados dos imperialistas norte-americanos e dos grandes capitalistas traidores da pátria podem vir a ser entregues a elementos da burguesia nacional. O Programa estabelece que esses capitais e empresas ficarão nas mãos do Estado democrático popular, constituindo sua base econômica, o elemento principal da nova estrutura econômica do Brasil, que deve ser utilizado no desenvolvimento independente da economia nacional e na intensificação da industrialização do país. O Estado democrático popular, se fôr conve-



niente, poderá organizar empresas mistas estatais-privadas, a fim de dar mais rápido desenvolvimento à economia nacional e acelerar a criação das condições para a industrialização intensiva.

Estão equivocados os que supõem que, para ganhar a burguesia nacional para a frente democrática de libertação nacional, deve ser amainada a luta de classes. O equívoco se origina de duas razões principais:

1ª) da suposição de que as formas da luta de classes se reduzem apenas às lutas econômicas, quando, na verdade, abrangem também as lutas políticas e ideológicas, sendo que, dentre elas, decisivas são as lutas políticas pelo Poder;

2ª) da incompreensão de que a frente democrática de libertação nacional é a união de forças heterogêneas, desde a classe operária até a burguesia nacional, união na qual o proletariado deve desempenhar o papel dirigente e lutar pela realização não só dos interesses gerais, como também de seus interesses específicos.

Lutando pela mais ampla frente democrática de libertação nacional, nosso Partido, ao mesmo tempo, defende conseqüentemente os interesses imediatos e finais do proletariado e distingue claramente a perspectiva do desenvolvimento histórico. O proletariado deve marchar com a burguesia nacional na luta contra o imperialismo norte-americano, os latifúndios e as sobrevivências feudais, mas, simultaneamente, deve lutar pelos seus interesses, contra a exploração burguesa, para organizar e unir suas forças, para desenvolver sua aliança com os camponeses e assegurar a hegemonia na frente democrática de libertação nacional. Unir-se com a burguesia nacional, sem deixar de lutar contra ela, é uma parte importante da linha do Partido. Na defesa de seus interesses de classe, o proletariado e a burguesia nacional se chocam, mas o proletariado e a burguesia nacional têm interesses comuns na luta contra o imperialismo norte-americano e contra o regime de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos Estados Unidos. Seria falso, então, tanto amainar a luta pelas reivindicações específicas do proletariado e atenuar a sua ação política independente

de classe, como desconhecer ou menosprezar as tarefas fundamentais do momento e as possibilidades de atrair a burguesia nacional para a frente única e a luta nacional libertadora.

Estão equivocados os que afirmam ser impossível a burguesia nacional aliar-se às demais forças anti-imperialistas e antifeudais. Esta é uma possibilidade real. “Olvidar isto — ensina o grande Lênin — significaria olvidar o caráter popular geral da revolução democrática: se é «popular», isto é, de todo o povo, quer dizer que existe «unidade de vontades», precisamente porque essa revolução satisfaz às necessidades e às exigências do povo em geral». À medida que se acentua a dominação do imperialismo norte-americano, a burguesia nacional, para defender seus interesses, precisará lutar contra a política de traição nacional e participar da luta libertadora e da frente democrática. As condições objetivas não admitem um terceiro caminho — a submissão total ao opressor norte-americano ou a luta pela liberdade e a Independência. O golpe de Estado de 24 de agosto foi a mais recente comprovação do dilema que enfrenta a burguesia nacional. É nosso dever, portanto, utilizar a possibilidade de atrair a burguesia nacional para a frente única e para a luta patriótica. São grandes as vantagens. Amplia-se a frente das forças anti-imperialistas e antifeudais, isola-se o inimigo principal, mais facilmente podemos vencer esse inimigo e mais facilmente conquistaremos a vitória.

Estão equivocados os que dizem que pouco adianta a cooperação com a burguesia nacional porque sua participação na frente única e na luta libertadora tem um caráter temporário ou porque se trata de um aliado vacilante, pusilânime e pouco sólido. Sem dúvida, a classe operária e os camponeses são as forças decisivas da luta nacional libertadora, enquanto as amplas massas da pequena burguesia e a intelectualidade patriótica são os seus aliados mais fiéis, mas a burguesia nacional pode contribuir para o desenvolvimento da luta contra o imperialismo norte-americano e os traidores da pátria, seja manifestando simpatia em relação à luta, seja se incorporando à frente democrática de libertação nacional, seja participando diretamente da luta patriótica. Seria um erro não sabermos aproveitar



as menores possibilidades de obter um aliado de massas, mesmo temporário, vacilante, instável e condicional. “Quem não compreender isto não compreende uma só palavra de marxismo” — ensina o grande Lênin.

Estendemos a mão à burguesia nacional para a luta pelos grandiosos objetivos formulados no Programa de salvação nacional. Realizamos firmemente a política da mais ampla frente democrática de libertação nacional, conservando e defendendo simultaneamente a independência e a autonomia de nosso Partido, como Partido Comunista.

QUARTO: O Programa não levanta a luta pela instituição de um Estado e de um governo quaisquer, apresenta a palavra de ordem de conquista de um Estado democrático popular e de um governo democrático de libertação nacional. Isto quer dizer que lutamos por uma República Democrática Popular e por um governo de ampla coalizão democrática formado por todas as forças anti-imperialistas e antifeudais. São duas palavras-de-ordem determinadas pelas transformações democráticas necessárias ao progresso econômico, social, político e cultural do Brasil e pelas aspirações mais sentidas das amplas massas de nosso povo.

Objetivamos conquistar um Estado democrático popular cuja forma política será uma República Democrática Popular por seu caráter, por suas forças e pelas tarefas que deve enfrentar. A essência de classe desse Estado será a ditadura da classe operária, dos camponeses, da intelectualidade, da pequena burguesia e da burguesia nacional, baseada na aliança entre operários e camponeses e dirigida pelo proletariado e seu Partido Comunista. Nisto se encontra sua diferença radical em relação a um Estado burguês, cuja essência de classe é a ditadura da burguesia. A República Democrática Popular opôr-se-á aos opressores norte-americanos de nosso povo e aos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros, representa uma necessidade para destruir o atual Estado antipopular e despótico, os latifúndios e as sobrevivências feudais, para aniquilar a influência norte-americana no Brasil, esmagar a resistência dos traidores da pátria, democratizar de fato toda a vida política, defender a paz, assegurar as liberdades democráticas e as relações amistosas e pacíficas com todos os povos, organizar a

economia nacional, garantir progresso contínuo do bem-estar material, da proteção da saúde pública e do nível cultural do povo, etc. Enquanto o Estado que aí está representa os interesses de uma insignificante minoria de traidores da pátria, que são os latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos Estados Unidos, a República Democrática Popular representará os interesses dos 55 milhões de habitantes do Brasil, isto é, dos operários, de todos os camponeses, da intelectualidade, das vastas camadas da pequena burguesia e da burguesia nacional, especialmente dos operários e camponeses que juntos constituem cerca de 70% da população brasileira. O conjunto dos interesses de todas essas forças forma os interesses da Nação. O Estado democrático popular é, assim, um poder do povo, genuinamente democrático e nacional.

Lutamos por um governo democrático de libertação nacional, um governo de ampla coalizão, do qual participem, além da classe operária, os camponeses, a intelectualidade, a pequena burguesia e a burguesia nacional. É um governo autenticamente democrático, popular, de paz, de defesa da soberania e da independência nacional; é um governo de progresso para o Brasil, criador de uma vida livre, feliz e de bem-estar para o povo brasileiro. Um governo assim é necessário para traçar os caminhos e meios para a realização das transformações democráticas e progressistas estabelecidas no Programa de nosso Partido, para executar a política diária do Estado democrático popular. A libertação do Brasil do jugo do imperialismo norte-americano, a realização da política de paz, a execução das transformações democráticas radicais, eis as tarefas básicas do futuro governo democrático de libertação nacional como legítimo representante das amplas forças progressistas, democráticas e populares do Brasil.

São as condições históricas do Brasil que prescrevem uma República Democrática Popular e um governo democrático de libertação nacional. Mas, o estabelecimento de um tal Estado e de um tal governo são impossíveis sem uma ampla frente democrática de libertação nacional e sem uma luta revolucionária árdua, prolongada, persistente, audaz. Estes são, camaradas, os elementos essenciais que determinam o conteúdo funda-



mental do Programa de nosso Partido. Somente nos subordinando a eles, sem procurarmos nos adiantar para tarefas que a História ainda não colocou na ordem-do-dia, o Programa do Partido poderá transformar-se em programa de todo o povo e de todas as forças democráticas, progressistas, nacionais e libertadoras. Assimilando bem todo esse conteúdo, poderemos lutar com êxito para agrupar todas as forças progressistas e populares do Brasil contra as forças reacionárias e o domínio dos imperialistas norte-americanos, pela conquista do governo democrático de libertação nacional. Com a vitória, o Partido Comunista do Brasil tudo fará para que se levem conseqüentemente até o fim os objetivos e as tarefas da revolução, indicadas claramente no Programa da salvação de nossa pátria e da felicidade de nosso povo.

IV — As Tarefas Imediatas que o Programa Impõe ao Partido Dever de Honra de Todos os Comunistas

Camaradas:

Quando o Programa foi entregue ao conhecimento e debate do Partido, da classe operária, do povo e de todas as forças democráticas e progressistas do Brasil, o Comitê Central colocou, diante de todo o Partido, duas tarefas imediatas e fundamentais, como dever de honra. Estas tarefas são:

PRIMEIRA: Ganhar todo o Partido para o Programa.

SEGUNDA: Transformar o Programa do Partido em programa de todo o povo e de todas as forças democráticas e progressistas.

Vejamos como se trabalha na execução da primeira tarefa. A maioria dos comunistas discutiu o Programa antes do início dos trabalhos do IV Congresso. Ainda maior foi a participação dos membros e das organizações do Partido nas discussões do Programa durante a preparação do IV Congresso, desde as Assembleias Gerais das Organizações de Base até às Conferências Regionais. As discussões na Região do Rio, por exemplo, atingiram 98% das Organizações de Base e 80% dos efetivos do Partido. Mais de 80% dos militantes e quase todas as Organizações de Base parti-

ciparam das discussões na Região do Rio Grande do Sul. O mesmo aconteceu na quase totalidade das organizações do Partido no Brasil inteiro. Como sabeis, o Programa foi ativamente discutido em todos os órgãos da imprensa popular.

Os amplos debates que se desenrolaram em torno do Programa constituíram um fato histórico na vida de nosso Partido. Revestidos de grande entusiasmo, crescente interesse e ânsia de aprender, os debates puseram de manifesto maior sentido de responsabilidade pelos destinos do Partido e maior preocupação pela execução das tarefas do Partido. Já se observa uma compreensão política mais elevada entre os militantes e uma sensível melhoria na atuação das organizações do Partido. Atualmente é mais rápido o avanço no sentido da maior ativação de nossas fileiras e do desenvolvimento da capacidade de luta e do papel de vanguarda dos comunistas, o que permite prever uma grande ampliação nas atividades de nosso Partido.

Apesar dos êxitos conseguidos, não demos senão os primeiros passos no caminho da assimilação do Programa, da retificação do estilo de todo o trabalho do Partido e de uma vida nova nas nossas fileiras. Os acontecimentos que se seguiram à deposição e morte de Vargas e que comoveram a nação, revelando o alto nível atingido pelo movimento democrático e nacional, se, de um lado, constituíram brilhante confirmação do Programa, de outro lado, mostraram que ainda não fomos capazes de tomar todas as medidas que nos permitam dirigir os acontecimentos no sentido de um mais rápido avanço para os objetivos revolucionários. Esta debilidade reflete a fraca assimilação do Programa em todo o Partido, das direções às bases. Na campanha eleitoral que vem de terminar, apesar dos êxitos alcançados, o pouco interesse manifestado em diversas instâncias do Partido pela utilização das eleições como forma legal de luta e, inclusive, a tendência ao abstencionismo eleitoral traduzem séria incompreensão do Programa e a persistência do sectarismo e das opiniões «esquerdistas» em nossas fileiras.

Ainda estamos no início da execução da tarefa de ganhar todo o Par-



tido para o Programa. Há Regiões do Partido, como Piratininga, Pernambuco, Marítimos, por exemplo, onde as discussões do Programa só atingiram, até agora, a pouco mais da metade dos militantes. Via de regra, as discussões feitas sobre o Programa se ressentem de grandes insuficiências. Há muita generalidade e superficialidade. Comum é a tendência de se discutirem questões secundárias e miúdas. Usa-se e abusa-se das frases feitas e da gíria partidária, difíceis de serem compreendidas pelos novos militantes do Partido. Ora se repete palavra por palavra do Programa, ora se trava o debate, de modo especulativo e acadêmico, sobre uma série de questões que só terão importância após a tomada do poder. Militantes existem que dizem somente umas poucas palavras, confessando não haver estudado com atenção o Programa. Uma boa parte dos membros do Partido ainda sentem grandes dificuldades em participar ativamente dos debates do Programa, dado seu atraso político e cultural. Ainda é pequeno o contingente daqueles que travam os debates com profundidade sobre as questões básicas do Programa e que buscam encontrar a melhor maneira de aplicar o Programa de acordo com as condições concretas de cada lugar e com as reivindicações específicas de cada força antiimperialista e anti-feudal. Isto revela tanto a fraqueza política de muitas de nossas Organizações de Base como a subestimação das direções na ajuda direta e eficaz para que os militantes assimilem de fato o Programa do Partido.

Aqui e ali, no processo de discussão do Programa, surgiram diversas manifestações de “esquerda” e de direita contra as quais devemos centuplicar nossa vigilância.

As manifestações de “esquerda” originam-se particularmente da posição diante da burguesia nacional e do imperialismo. Uns consideram que a burguesia nacional é inimiga da revolução anti-imperialista e agrária antifeudal; outros se opõem à concentração do fogo apenas contra o imperialismo norte-americano e batem-se pelo ataque a todos os imperialismos ao mesmo tempo.

As manifestações de direita provêm também da posição diante da burguesia nacional e do imperialismo. Uns acham que o acirramento da

luta de classes impede a conquista da burguesia nacional para a frente democrática de libertação nacional; outros afirmam que, uma vez que voltamos o gume da luta libertadora contra o imperialismo norte-americano, os demais imperialismos são aliados e não mais inimigos da revolução brasileira.

As discussões do Programa revelaram ainda fortes Influências do nacionalismo burguês. Militantes e mesmo quadros intermediários existem que consideram absurdo que os estrangeiros tenham o direito de eleger e ser eleitos, como também que o Programa assegure a liberdade de instrução em língua materna aos filhos dos imigrantes. Nada mais contrário aos interesses da revolução e ao internacionalismo proletário do que estabelecer desigualdade de direitos entre os operários e camponeses brasileiros, portugueses, italianos, espanhóis, alemães, japoneses, eslavos, etc, que vivem e lutam no Brasil e que são igualmente oprimidos pelo regime de latifundiários e grandes capitalistas. Os operários e camponeses não se dividem pela sua origem, unem-se pela comunidade de seus interesses. A pedra angular de toda a política de nosso Partido, como partido marxista-leninista do proletariado, consiste em unir fraternalmente as massas trabalhadoras e populares de todas as origens para a luta revolucionária comum pela derrocada do jugo do imperialismo norte-americano e dos latifundiários e grandes capitalistas. Justamente por isso, defendemos o princípio de autodeterminação nacional, que é a base de nosso profundo patriotismo de comunistas.

Igualmente perigosas e daninhas são as tendências capitulacionistas de alguns membros do Partido. Uns revelam ceticismo, afrouxamento, falta de fé nas forças do Partido e nas forças da classe operária e das demais classes e camadas sociais anti-imperialistas e antifeudais, levantando dúvidas sobre a possibilidade e viabilidade da vitória do Programa. Outros especulam sobre se há ou não condições para enfrentarmos os imperialistas norte-americanos que exploram e oprimem nossa pátria, demonstrando seus nervos fracos ante o gigante de pés de barro que são os Estados Unidos. É assim que penetra nas fileiras do Partido o mito da invencibili-



dade dos inimigos de nosso povo, trazendo em seu bojo a passividade, a inação e a negação do valor da luta revolucionária das massas. Manifestando falta de confiança nas forças da revolução, fazem coro na afirmação de que é falso apresentar no Programa do Partido a tarefa de derrubar o governo de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos imperialistas norte-americanos.

Sabeis, camaradas, que a questão do poder é a questão fundamental de toda revolução. A tarefa central e a forma mais elevada da revolução é a conquista do poder político. Não é, então, por acaso que em torno desta questão se trava a luta capaz de separar os revolucionários dos oportunistas, daqueles que temem a revolução e lançam mão de todas as artimanhas para fazer o Partido dar volta atrás.

O golpe de Estado de 24 de agosto, que pôs a descoberto a fraqueza do governo de Vargas e confirmou a análise do Programa a respeito da crescente dominação norte-americana no Brasil, pôs também por terra toda a argumentação podre daqueles que combatiam a essência revolucionária do Programa. Com a substituição do governo de Vargas pela ditadura americana de Café Filho e dos generais fascistas persiste no país o mesmo regime de latifundiários e grandes capitalistas e se torna ainda mais exata a afirmação do Programa a respeito da inevitabilidade da derrubada de semelhante governo. Se até 24 de agosto lutávamos pela derrubada do governo de Vargas, lutamos agora pela derrubada da ditadura americana de Café Filho, que poderá ser amanhã substituída pela de qualquer outro representante dos latifundiários e grandes capitalistas serviços dos imperialistas norte-americanos, sem que isto mude a situação do Brasil.

Dizei que a palavra de ordem fundamental do Programa, referente à derrubada do governo de latifundiários e grandes capitalistas, é expressão de golpismo ou resulta de delírios “esquerdistas”, é lutar para que nosso Partido não tenha o Programa de um partido do proletariado que combate praticamente contra uma coisa real e definida que é o governo existente no país, é bater-se para que o Partido adote um manual acadêmico sobre a revolução antiimperialista e agrária antifeudal em geral e ataque de modo

abstrato a política do governo. O Programa não deixa margens para dúvidas: não se trata de substituir Homens no governo, mas de substituir o governo de latifundiários e grandes capitalistas pelo governo democrático de libertação nacional. O Programa não seria o Programa do proletariado revolucionário se obscurecesse a questão da conquista do poder político, se não formulasse da maneira mais nítida possível sua ata de acusação contra o regime de latifundiários e grandes capitalistas, se não declarasse guerra ao atual governo, se não situasse a luta pelo governo democrático de libertação nacional como luta atual. Colocando as coisas nestes termos, o Programa de nosso Partido corresponde plenamente a um dos principais objetivos de um programa, que é, como ensina o grande Lênin, servir ao Partido como um guia seguro para sua propaganda e agitação do dia a dia.

As tendências e manifestações contrárias ao Programa não devem ter guarida nas fileiras do Partido. A questão não está em saber se são poucos ou muitos os seus portadores e porta vozes. Trata-se de não subestimar perigos que adubam o terreno para a tergiversação com o Programa na prática.

Cada comunista deve sentir-se responsável pelo destino do Programa, cada comunista deve colocar-se na posição de um apaixonado e intransigente defensor do Programa e de um ativo e abnegado lutador pela justa e efetiva aplicação do Programa. O que nos cabe fazer agora é elevar o nível dos debates sobre o Programa, é derrotar as manifestações e tendências que surgem em contraposição ao Programa, é realizar a discussão do Programa de modo concreto e vivo, ligando-a sempre aos problemas locais, às reivindicações cotidianas das massas, enfim à melhor aplicação do Programa na região, na fábrica e na fazenda, entre o proletariado, os camponeses e cada uma das demais forças anti-imperialistas e antifeudais.

Passemos ao exame da segunda tarefa. O Programa do Partido, poderosa arma de combate dos comunistas, é o arsenal para a luta libertadora de nosso povo. A questão é saber se temos avançado na luta para transformar o Programa do Partido em programa de todo o povo. Em que medida



lutamos para difundir e popularizar o Programa do Partido, para ganhar a classe operária, para estabelecer a aliança dos operários e camponeses e a unidade com as várias camadas da pequena burguesia e com a burguesia nacional? Que fizemos para a formação da frente democrática de libertação nacional e para o desencadeamento de ações revolucionárias das amplas massas para o desmascaramento, isolamento e derrocada do governo?

Os fatos demonstram que temos avançado. O que devemos ver é até que ponto já chegamos, onde estamos atrasados, quais as falhas reveladas e o que é necessário fazer para avançarmos com mais acerto e mais rapidez.

Múltiplo e variado vem sendo o trabalho de agitação e propaganda em torno do Programa do Partido. Intensas são a difusão e a popularização do Programa nos jornais da imprensa popular, em folhetos e na imprensa que não está sob nossa influência. Os exemplares do Programa, até agora editados e difundidos, atingem quase 4 milhões. Realizam-se pequenos e grandes debates, conferências, sabatinas públicas e comícios. Lido em assembleias de Sindicatos, apoiado por organizações de massa, recebendo opiniões favoráveis de industriais e comerciantes, saudado por líderes sindicais e camponeses, por líderes de vários partidos e personalidades de diferentes tendências, tem sido grande a repercussão do Programa no país inteiro. Dia a dia novos fatos revelam o interesse, a aceitação, o entusiasmo e o apoio cada vez maiores do povo ao Programa de nosso Partido.

A agitação e a propaganda desempenham importante papel no trabalho de fazer do Programa do Partido o programa de todo o povo, mas é preciso ter em vista que elas são apenas meios para esclarecer, mobilizar, organizar e levar as massas às lutas revolucionárias pela vitória do Programa. Se separarmos a agitação e a propaganda das ações de massas, da formação da frente democrática de libertação nacional e da realização prática das tarefas do Programa, alimentaremos incompreensões ainda existentes, tais como se o Programa é ou não coisa do futuro, se todos os camponeses podem ou não se incorporar à luta libertadora, etc. O essen-

cial é que todas as formas de atividade do Partido sejam molas propuloras para despertar as massas para a luta, para mobilizar e organizar as massas e para emprendermos amplas ações de massas. São as ações das massas, são as atividades incansáveis dos comunistas pela construção da frente democrática de libertação nacional que mais rapidamente convencerão as massas de que as tarefas do Programa são uma coisa do presente e não do futuro.

Com o Programa do Partido surgiu na vida política brasileira um novo e poderoso fator de acirramento da luta de classes, de intensificação do descontentamento popular e de polarização das forças sociais e políticas. Cresce nossa influência no seio da classe operária e dos camponeses. Os aliados de nosso Partido aumentam dia a dia nas várias camadas da população.

Depois do grande movimento unitário e vitorioso pelo salário-mínimo, os operários se levantam numa campanha nacional por aumento geral de salários e contra a carestia da vida. Movimentos grevistas surgem por toda parte. Além de greves de ferroviários, de trabalhadores de usina de açúcar, etc. assistimos a greves gerais no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais. A grandiosa greve geral em São Paulo constituiu acontecimento de excepcional importância que assinala o novo nível já alcançado pelo movimento operário, assim como considerável avanço no campo da unidade da classe operária. Em cada Estado existe hoje uma Comissão Intersindical formada à base de pactos de unidade e coordenando as atividades dos sindicatos, fato que ressalta o crescente desejo de unidade da classe operária.

Depois dos êxitos da I Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses Pobres, da Conferência de Assalariados Agrícolas e Camponeses Pobres do Nordeste e da Conferência dos Flagelados no Ceará, foram organizados Sindicatos Rurais de Colonos e de Assalariados Agrícolas e Associações de Camponeses. Novas e importantes iniciativas surgiram no processo de preparação da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, como as conferências de sitiantes, posseiros, parceiros, meeiros e arrendatários, de colonos de café, de as-



salariados agrícolas da lavoura canavieira, do arroz e do cacau, etc. Todo esse trabalho culminou vitoriosamente com a realização da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses. A Conferência tomou resoluções de alta relevância, tais como a elaboração da Carta dos Direitos e a fundação da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. São acontecimentos sumamente importantes e fadados a ter profunda repercussão na vida brasileira. É digna de destaque a colaboração ativa dos sindicatos operários no trabalho de mobilização, esclarecimento e organização dos camponeses, pois significa que passos concretos são dados para estabelecer a aliança dos operários e camponeses.

Partindo das ações das massas operárias e camponesas, as lutas se desenvolvem entre as mais amplas camadas da população brasileira e amplia-se o campo dos democratas que passam a engrossar as campanhas patrióticas. Confirma-o o amplo e vitorioso movimento pela realização da Convenção de Emancipação Nacional, que pôs novos setores da população em atividade e culminou com a fundação da Liga da Emancipação Nacional. Confirmam-no a ampliação do campo dos que formam sob a bandeira do Movimento dos Partidários da Paz, bem como os importantes movimentos dos intelectuais em defesa da cultura nacional, dos estudantes em defesa das liberdades democráticas, etc. Registram-se êxitos no trabalho feminino, sendo de destacar-se a Conferência Latino-Americana de Mulheres pela sua importância e repercussão. Ao lado disto, teve início amplo movimento pela legalidade do Partido Comunista do Brasil e pelo reatamento de relações com a União Soviética.

Foram, porém, os grandes movimentos populares que se seguiram à deposição do governo de Vargas, aqueles que mais claramente revelaram o novo e mais alto nível já atingido pelo movimento democrático e nacional no Brasil, graças fundamentalmente à ação esclarecedora e mobilizadora do Programa do Partido. As massas manifestaram abertamente seu ódio patriótico aos imperialistas norte-americanos, mostraram na prática que se apoderam das palavras de ordem fundamentais do Programa e que as transformam em vigorosas e corajosas ações contra o opressor norte-ame-

ricano e seus agentes em nossa terra. Muito concorreu para isso a posição dos comunistas que, diante da ameaça do golpe de Estado, apelaram para a luta de massas em defesa da Constituição e alertaram as massas para o caráter norte-americano do golpe. A posição independente dos comunistas foi compreendida e aceita pelas grandes massas. A deposição de Vargas permitiu mais fácil aproximação com os trabalhadores getulistas e uma rápida ampliação da frente única em defesa das liberdades e pelas reivindicações dos trabalhadores, em particular na luta contra a carestia da vida. por aumento geral de salários e em defesa da atual legislação social. A justa posição do Partido, estendendo fraternalmente a mão aos trabalhistas para a ação comum contra o inimigo comum, possibilitou amplo contato com as massas getulistas e abriu o caminho para novo e maior avanço na unidade das forças patrióticas.

Tudo isto são frutos que já se colhem do Programa do Partido Comunista do Brasil. Mas, o que já alcançamos é muito pouco para aquilo que necessitamos e podemos alcançar. São os primeiros passos que estamos dando na estrada que nos conduz à vitória.

O trabalho de agitação e de propaganda com o Programa ainda é pequeno. Não iniciamos ainda uma agitação e uma propaganda do Programa em massa, dirigidas especificamente para os operários, para os camponeses, para os jovens, para as mulheres, enfim para cada força antiimperialista e antifeudal. A própria difusão e popularização do Programa não obedece inteiramente a um trabalho planejado e contínuo, fábrica por fábrica, fazenda por fazenda, casa por casa. Como convencer nosso povo da justiça e da viabilidade do Programa, se não popularizamos nem debatemos continuamente o Programa junto aos milhões e milhões de explorados e oprimidos? O grande Lênin dizia que a verdadeira política não começa nos milhares mas nos milhões. Colhemos quando semeamos; conseguiremos que milhões lutem pelo Programa do Partido se estes milhões se apossarem e fizerem seu o Programa do Partido. As massas seguem o Partido quando sabem o que ele quer e compreendem a justiça de seus objetivos.



Se isto acontece na agitação e propaganda do Programa, sérias falhas e debilidades se verificam no terreno da mobilização, da organização e das ações de massas. O trabalho que desenvolvemos entre as massas é débil diante das possibilidades existentes e das exigências do Programa. Ainda não incorporamos à luta e aos movimentos de frente única os milhões de brasileiros descontentes com a atual situação. Mesmo as massas que protestam e os setores mais combativos que saem à rua não são organizados, conservam-se à margem das organizações democráticas. Em vez de nosso trabalho se dirigir a todos, despertando todos para a luta e para a unidade, conquistando, mobilizando e organizando milhões, ele ainda se limita àqueles com os quais já estamos acostumados a trabalhar e que mais facilmente nos ouvem e nos seguem. Por isso, contam-se por centenas ou milhares os que participam organizada e ativamente dos movimentos de frente única, quando podiam ser milhões.

Em nossos esforços por construir a frente única de massas conservamos debilidades seríssimas como seja o pouco trabalho pela base ou a tendência ao trabalho meramente de cúpula. Isto se deve, fundamentalmente, à fraqueza orgânica e política das Organizações de Base do Partido que ainda não atuam como dirigentes políticos das massas em todos os terrenos. O trabalho feminino e o trabalho juvenil giram em torno de pequenos grupos de mulheres e de jovens, enquanto milhões de mulheres e de jovens ficam à espera de uma direção eficaz e de autênticos chefes políticos, da ação diária dos comunistas orientados e dirigidos pela Organização de Base a que pertencem. O mesmo se passa, embora em menor escala, no trabalho sindical, que é, no entanto, tarefa permanente de todos os comunistas entre as massas. Apesar do trabalho já realizado pelo Partido em apoio à Liga da Emancipação Nacional, esta ainda não é a organização patriótica de massas que deve e pode ser, porque as Organizações de Base do Partido não lançaram a totalidade de suas forças na luta pela organização de núcleos da Liga da Emancipação Nacional, que agrupem na fábrica, na fazenda, no bairro ou no povoado as massas que sentem a opressão do imperialismo norte-americano e estão prontas a lutar pela independência

nacional. Insistir nessa prática significa marcar passo. Comprova-o a fraqueza orgânica do movimento sindical e de movimentos patrióticos tão importantes como o movimento de emancipação nacional e o movimento dos partidários da paz. Não se tomam as importantes conquistas no terreno da unidade de ação e da unidade orgânica no movimento sindical, por exemplo, como alavancas para ir adiante no trabalho político e de organização do proletariado, sindicalizando em massa, fazendo assembleias de massa e formando Conselhos Sindicais em todos os locais de trabalho. Agir assim, é agir como se a luta libertadora de nosso povo pudesse ser obra de indivíduos e de personalidades e não obra de milhões das massas trabalhadoras e populares.

O mesmo se pode dizer acerca da subestimação da aliança operário camponesa, acerca da resistência em estender audazmente nosso trabalho ao campo para nos fazermos fortes entre os camponeses — e nisto não sabemos aproveitar o prestígio que nosso Partido goza entre os camponeses. Isto significa que ainda não nos livramos do mal crônico de, quando pensamos na realização de movimentos de frente única, pensarmos sempre em termos de cidade e não em buscar os necessários contatos com o aliado fundamental do proletariado para forjar a aliança dos operários e camponeses, fato que freia a expansão do papel dirigente do proletariado e dificulta transformarmos as possibilidades em êxitos e vitórias. A falta de um trabalho paciente e tenaz do Partido entre as massas camponesas não nos permitiu até agora dar forma e dirigir as ações espontâneas das massas de retirantes que sofrem no Nordeste o flagelo das secas. Nos acontecimentos que se seguiram à deposição e morte de Vargas, ficou claramente revelado o quanto somos fracos no interior do país. Os fatos evidenciaram que, se tivéssemos posições relativamente fortes no interior do Brasil, se dirigíssemos grandes massas camponesas, isto é, se estivéssemos aplicando vivamente o Programa através da ação corretamente planejada do Partido, teríamos podido, na emergência do golpe de 24 de agosto e da crise de poder que então se verificou, criar em diversos municípios do interior governos democráticos de libertação nacional.



A causa fundamental de nossos erros, falhas e debilidades, bem como de nosso avanço ainda lento na batalha para transformar o Programa do Partido em programa de todo o povo, é a persistência das tendências sectárias e espontaneístas nas fileiras do Partido. Aí estão os elementos que determinam o surgimento, aqui e ali, da falta de espírito unitário e da indiferença pedante na luta pela mais ampla unidade de ação das grandes massas trabalhadoras e no trabalho para mobilizar e organizar as massas de milhões. São o sectarismo e o espontaneísmo que nos fazem deixar as Organizações de Base sem uma política concreta e clara que expresse a ligação viva das reivindicações sentidas pelas massas do local com as reivindicações contidas no Programa do Partido. São o sectarismo e o espontaneísmo que nos levam a pensar que basta reunir personalidades ou pessoas de prestígio para avançarmos no sentido da frente democrática de libertação nacional, sem que haja a preocupação de realizar o trabalho tenaz, paciente, às vezes aparentemente ingrato ou só possível à custa de duras penas, para unir as mais amplas massas, esclarecê-las politicamente, conduzi-las à ação e ganhá-las enfim para as tarefas e os objetivos do Programa.

O sectarismo e o espontaneísmo levam a que, na luta pelo Programa, substituamos o estudo minucioso e aprofundado das características da situação concreta de cada região, zona, distrito, empresa, fazenda, bairro, etc, assim como da disposição das forças de classe, de estado de espírito das massas, seu nível de consciência, seu grau de organização e suas disposições de luta pelos nossos desejos, pela transplantação mecânica e literal de métodos e formas de trabalho de um lugar para outro, pelas declarações altissonantes e de amor ao Programa do Partido e pelas fórmulas gerais, simplistas e sem vida, que nada dizem e para nada servem. A luta pela conquista do governo democrático de libertação nacional exige minucioso trabalho cotidiano com as massas, capacidade de persuasão no esclarecimento político das massas, persistência na organização das massas, cuidadosa preparação das lutas das massas, com o carinho e o entusiasmo correspondentes à sua importância política e revolucionária.

O sectarismo e o espontaneísmo são fontes do exclusivismo e da indiferença para com aqueles que não são do Partido ou amigos do Partido, o que liquida qualquer possibilidade de ampla unidade. Não esqueçamos que a vanguarda sozinha não pode alcançar a vitória. Tampouco conspiramos a vitória somente com os aliados fiéis e consequentes. Isolarmo-nos voluntariamente e cruzarmos os braços como espectadores é um suicídio político. Para derrotar, o inimigo é preciso unir milhões de brasileiros que não pensam como nós mas que se dispõem a lutar. Diante destes milhões, somos uma gota-d'água no oceano. Baseados em que podemos recusar a estreita cooperação com os que não são do Partido? Nosso dever é cooperar com todos os que desejam ou possam cooperar conosco. Nenhum exclusivismo se justifica. Tudo que nos isola é prejudicial e não tem fundamento. O Programa do Partido impõe a necessidade de marcharmos com todos, absolutamente todos, que queiram dar um passo sequer na luta pela independência nacional, pela paz, pelas liberdades democráticas e por um governo democrático de libertação nacional.

As formas de frente única e de ação de massas para a vitória do Programa do Partido devem ser as mais variadas. Ou mais claramente, devem ir das mais elementares às mais amplas, das de baixo nível às de alto nível, da unidade de ação à unidade orgânica, da unidade da classe operária e da aliança operário camponesa à unidade com a burguesia nacional, dos abaixo-assinados às greves, das greves parciais às greves gerais, dos protestos às demonstrações de rua, das lutas eleitorais à luta armada. Todas essas formas de frente única e de ação de massas devem ser como afluentes que desembocam num mesmo rio — a frente democrática de libertação nacional e as lutas revolucionárias pela derrubada do governo.

A nossa ação entre as amplas massas do povo está subordinada, assim, à tarefa de esclarecer, unir e educar desde já, no Brasil inteiro, os milhões de brasileiros explorados e oprimidos. Precisamos estar na primeira fila das lutas contra a carestia da vida, por aumento de salários, pela baixa do arrendamento, enfim por todas as reivindicações imediatas das massas; mas precisamos também ter em vista que não se detém aí o papel



do Partido. Durante cada luta, devemos aparecer como os inspiradores e organizadores das ações das massas contra o governo. Trata-se de mostrar às massas o caminho que elas procuram e que por si mesmas não encontrarão.

Se compreendermos que o que há no espírito das massas é o descontentamento e a revolta contra tudo que aí está. Compreenderemos também que existem imensas e crescentes possibilidades de levantar as massas contra o governo. As formas pelas quais devemos fazer as denúncias políticas e abordar as massas para a luta pelas tarefas do Programa variam segundo as circunstâncias. Entre os operários são de uma maneira, entre os camponeses são diferentes das que devemos usar entre as camadas da pequena burguesia e da burguesia nacional. O essencial é descobrirmos sempre as melhores formas de despertar o ódio das massas contra o governo e aquilo que devemos levantar como bandeira para levar as massas às ações políticas. É preciso estarmos sempre intimamente ligados às massas para sabermos o que elas pensam, a fim de que as palavras de ordem possam ser lançadas corretamente e encontrem rápido eco no seio das massas, de modo a elevar suas lutas e reforçar sua unidade.

Sem darmos sistematicamente essa orientação política que o Programa nos impõe, as lutas das massas não terão consequência e o movimento nacional libertador não avançará no ritmo possível e necessário. As lutas econômicas das massas trabalhadoras e populares não sairão de seus estreitos limites e terão um fim em si mesmas; as lutas patrióticas se desenvolverão como simples e limitadas campanhas e como tais desaparecerão ao cabo de certo tempo. A prática revolucionária demonstra que o Partido só pode criar as forças capazes de derrubar o governo, se trabalhar com esta palavra de ordem, aplicá-la desde já no transcurso dos choques de classes, nas greves, nas manifestações, nas campanhas eleitorais, em cada luta e em cada lugar, por todos os meios e em todas as circunstâncias.

A questão é esta: quanto mais nos ligarmos às massas e quanto maior for nossa flexibilidade na tática, tanto mais rapidamente transformaremos o Programa do Partido em programa de todo o povo. Com a classe ope-

rária à frente e apoiados na aliança operário camponesa, esclarecer e unir a maioria da população brasileira, conquistar todos os aliados possíveis, atrair a burguesia nacional para a frente única, explorar habilmente as contradições, isolar ao máximo os inimigos, combatê-los um a um, concentrando sempre o fogo no inimigo principal, tais são os princípios da tática que devemos utilizar na luta pela vitória do Programa do Partido. Assim será mais fácil lutar e as lutas renderão muito mais.

Camaradas:

Entre as circunstâncias excepcionais que cercam a realização do IV Congresso de nosso Partido, ocupa o primeiro plano o fato de que o desenrolar de seus trabalhos se realiza à luz do Programa. Das Assembleias Gerais das Organizações de Base até ao Congresso que ora se reúne, sentimos ao vivo quanto o Programa tem contribuído para forjar o Partido, temperando-o no fogo rejuvenescedor da crítica e da autocrítica, despertando e criando em seu seio novas energias. O Programa de nosso Partido continuará a desempenhar este papel inestimável, se sempre o tivermos junto a nós e soubermos recorrer confiantes à sua ajuda, como se recorre à ajuda de um amigo íntimo e sábio que nos anima a vencer as piores dificuldades e nos indica o justo caminho a seguir.

As questões aqui levantadas pelo Comitê Central resultam do fecundo estudo e debate do Programa pelos membros e organizações do Partido, são a expressão de conjunto do trabalho realizado por nosso Partido na luta para ganhar as massas para o Programa. As organizações do Partido e numerosos comunistas formularam observações e propostas sobre o Programa que expressam a capacidade e o salutar desejo de contribuir, a justa preocupação pelas questões do Partido. Nosso Congresso não deixará, por certo, de examinar atentamente essas observações e propostas, delas tomando o que possa apurar ainda mais o conteúdo científico do Programa e a propriedade de sua forma, dentro da sua essência de legítimo fruto do marxismo criador.

Os êxitos no trabalho pela vitória de tão grandiosas tarefas e pala realização de tão sublimes objetivos dependem da atividade e da combati-



dade das organizações partidárias, da firmeza e da audácia dos comunistas. Para isto, é imprescindível e urgente assegurarmos no Partido a plena circulação da crítica e da autocrítica, abriremos as portas de todos os órgãos dirigentes do Partido, dos Secretariados das Organizações de Base até o Comitê Central, para a crítica que vem das bases.

É preciso dizer, quanto a isso, que as coisas estão longe de ir bem em nosso Partido. Camaradas existem que acham que só se devem ver os êxitos e os lados bons do trabalho. Uns tomam uma atitude complacente e liberal para com os que insistem obstinadamente nos erros; outros resistem à autocrítica como se ela fosse um castigo: uns tomam a autocrítica como se fosse uma simples remissão de pecados; outros encaram a crítica como perseguição quando é feita por um organismo superior e como desrespeito quando provém das bases. São muitos os que veem os erros e as debilidades no trabalho e passam por cima ou se calam como se isto não lhes dissesse respeito. São poucos, em suma, os que têm uma atitude crítica e autocrítica com relação ao trabalho. Daí a tendência mais ou menos generalizada no Partido, particularmente em muitos quadros dirigentes, à autossuficiência, a se darem por satisfeitos com o que já foi solucionado, a dormirem sobre pequenos êxitos, a se olvidarem rapidamente dos compromissos assumidos para com o Partido, a se apresentarem com ar de importância e sem se preocuparem em conseguir resultados cada vez mais elevados no trabalho. É isto que ancilosa muitos e bons quadros e militantes e que limita a plena expansão da combatividade revolucionária de nosso Partido.

A crítica e a autocrítica são os remédios capazes de curar doenças tão malignas quanto o sectarismo, o espontaneísmo, a fraseologia e o burocratismo. Temos a firme convicção de que de agora em diante começaremos a utilizar efetivamente esses remédios para nos curarmos de nossos males e avançarmos no bom caminho do fortalecimento do Partido, da criação da frente democrática de libertação nacional e da condução das massas aos combates decisivos pela vitória do Programa do Partido.

Nosso avanço será tanto mais rápido, quanto mais dermos provas de

tenacidade e audácia na luta pela realização prática das tarefas do Programa, quanto mais intransigentes formos para com todo gênero de deficiências no trabalho, para com todos aqueles que ocultam os erros, para com a dissimulação dos defeitos, enfim quanto mais nos dispusermos a enfrentar e superar as falhas, as debilidades e os erros no trabalho.

Camaradas:

Nosso Partido chega ao IV Congresso coeso, temperado, estreitamente unido em torno do Comitê Central e do camarada Luiz Carlos Prestes. A unidade do Partido, a fidelidade ao marxismo-leninismo, à gloriosa União Soviética e ao invencível Partido Comunista da União Soviética e seu sábio Comitê Central, a dedicação à classe operária e ao povo são o que caracteriza a vida de nosso Partido.

Somos os legítimos e fiéis porta-vozes do povo brasileiro. Somos a esperança do povo e da pátria. Guiamo-nos pela todo-poderosa doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin, que ilumina o caminho a percorrer. Com o Programa temos desfraldadas nossas bandeiras de combate. Somos invencíveis a vitória de nossa causa é inevitável. Saudemo-la, camaradas!



IV Congresso do Partido Comunista do Brasil - PCB

Sobre as Modificações nos Estatutos do Partido Comunista do Brasil

João Amazonas
(Secretário do Comitê Central)

Novembro de 1954

Camaradas!

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil constitui um acontecimento que ficará para sempre assinalado na história do Partido e do nosso povo. Com sua realização abre-se nova etapa no movimento operário de nosso país e nas lutas do povo brasileiro.

Vinte e cinco anos são passados desde a realização do III Congresso do Partido. Foram anos de luta, de êxitos e de derrotas, que temperaram as nossas fileiras, forjaram um núcleo dirigente estável e combativo e estreitaram as ligações do nosso Partido com as grandes massas do povo. Hoje, milhões de brasileiros explorados e oprimidos voltam-se esperançosos para o nosso Partido, nele veem sua salvação e a garantia de um futuro livre e feliz.

Este é o Congresso da aprovação do Programa do Partido Comunista do Brasil, que é o mais importante documento do movimento revolucionário brasileiro de nossa época. Com o Programa, o IV Congresso dá ao Partido e ao povo um instrumento eficaz de luta para libertar o país do jugo escravizador do imperialismo norte-americano e instaurar um regime de paz e felicidade, o regime democrático popular.

A condição principal para tornar o Programa vitorioso é a existência de um Partido da classe operária, revolucionário e combativo. É urgente elevar-



mos o trabalho do Partido à altura das exigências do Programa. Mais do que nunca se torna imperiosa a existência de um Partido forte, que domine as leis do desenvolvimento da sociedade e da luta de classes, dotado de elevada consciência revolucionária, modelo de organização, exemplo de coesão, possuído de uma vontade única. Forjar nosso Partido, tendo como paradigma o Partido Comunista da União Soviética, é a maneira pela qual poderemos conduzir à vitória o proletariado e o povo brasileiros.

Neste sentido, desempenha papel destacado a estrita observância dos princípios de organização do Partido, o rigoroso cumprimento das normas de sua vida interna bem como as formas de organização e os métodos de trabalho. Estes princípios e normas, formas de organização e métodos de trabalho estão plasmados nos Estatutos do Partido.

A atual situação, o Programa, o desenvolvimento do Partido e da luta de classes, tornaram caducos muitos dos artigos dos Estatutos do Partido, as formas de organização e os métodos de trabalho aí estabelecidos. Daí a necessidade de modificações nos Estatutos do Partido.

Ao elaborar as modificações nos Estatutos, o Comitê Central teve em conta a rica experiência do nosso Partido e se inspirou nas contribuições criadoras do Partido Comunista da União Soviética, expressas particularmente nos Estatutos aprovados no histórico XIX Congresso.

Quais os elementos novos e essenciais introduzidos nos Estatutos do Partido Comunista do Brasil?

A Declaração de Princípios do Partido

Os novos estatutos apresentam, no artigo 1.º, a Declaração de Princípios do Partido.

O artigo 1.º dá a definição do Partido, assinala os objetivos finais e as tarefas imediatas do Partido.

Ao definir o Partido Comunista do Brasil, os Estatutos reafirmam os princípios leninistas de organização do Partido, proclamam o seu papel de partido de vanguarda, de partido revolucionário do proletariado. O Partido mantém, em toda a sua pureza, o seu caráter de partido de uma só

classe, de partido da classe operária. Nas atuais condições, quando a classe operária, sob a direção do nosso Partido, procura mobilizar e unificar todas as classes e camadas sociais interessadas na libertação do país do jugo imperialista, na liquidação do latifúndio e das sobrevivências feudais, é da maior importância definir com precisão o caráter do Partido. Na frente única com as outras forças anti-imperialistas e anti-feudais, o Partido não se confunde com elas, não renuncia aos seus objetivos, mantém-se fiel ao marxismo-leninismo. É claro que o Partido admite em suas fileiras elementos vindos de outras camadas sociais — camponeses, intelectuais, etc. — mas sempre com a condição de que se desfaçam da ideologia de sua classe, abracem a ideologia do proletariado e se dediquem, sem restrições à causa da classe operária. No Partido não há lugar para duas ideologias. O Partido Comunista do Brasil é guiado em toda a sua atividade pela doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin. O Partido é a união voluntária e combativa dos comunistas. É uma grande e fraternal família de lutadores, unidos pela mesma ideologia, pela mesma firme vontade de vencer e pela mesma dedicação consciente à causa da classe operária e do povo brasileiros.

Os novos Estatutos estabelecem os objetivos finais do P.C.B. — construir no Brasil o socialismo e edificar a sociedade comunista. Isto tem uma extraordinária importância para a educação dos militantes do Partido. O P.C.B. como partido da classe operária, é o partido do socialismo, que luta pela liquidação de toda espécie de opressão e exploração, pela derrocada do capitalismo, pela sociedade sem classes.

As tarefas imediatas do Partido, constantes dos Estatutos, estão assinaladas no nosso Programa. O Programa do Partido afirma que o P.C.B. luta pelo socialismo, mas que, nas atuais condições econômicas, sociais e políticas do Brasil, não é possível realizar transformações socialistas. É possível, no entanto, substituir o atual governo de latifundiários e grandes capitalistas por um governo que liberte o Brasil do domínio do imperialismo norte-americano e das forças reacionárias que o apoiam.

Assim, o artigo 1.º dos Estatutos, ao mesmo tempo que fixa os objetivos finais, define também as tarefas imediatas do Partido. Justamente



porque queremos o socialismo, nosso Partido é o mais fiel e consequente lutador pela libertação do país do domínio do imperialismo norte-americano, do jugo dos latifundiários e grandes capitalistas. Por isso é o mais firme executor do Programa de salvação nacional. A luta pela vitória do Programa passa a ser, pelos novos Estatutos, um dever indeclinável de todo militante.

Educar os membros do Partido no espírito do internacionalismo, da solidariedade aos trabalhadores de todos os países, constitui um elevado princípio inscrito no artigo 1.º dos novos Estatutos. Para a vitória do Programa do Partido e para o Partido cumprir sua missão histórica, é condição básica a mais estreita união com o movimento revolucionário mundial, com as forças do campo da paz e do socialismo e, em primeiro lugar, com a gloriosa União Soviética e seu provado Partido Comunista. Justamente por nossa firme posição internacionalista é que somos o Partido dos melhores patriotas. A educação dos membros do Partido nos princípios do internacionalismo proletário é, portanto, uma exigência que decorre dos novos Estatutos.

O artigo 1.º dos novos Estatutos tem imensa significação na construção do nosso Partido, tanto no plano ideológico como no de organização.

A Definição de Membro do Partido

As modificações nos estatutos definem o que é um membro do Partido. Elevam ainda mais o título de membro do nosso Partido ao fixar as exigências que devem ser satisfeitas pelo militante da vanguarda do proletariado. Zelar pelo cumprimento integral das condições para ser membro do Partido é uma preocupação permanente na tarefa de construir o Partido.

Aceitar o Programa e os Estatutos do Partido.

É um princípio leninista, o de que só pode ser membro do Partido aquele que aceita seu Programa e seus Estatutos. O Programa do Partido define os fins e as tarefas da classe operária na atual etapa da revolução brasileira. Os Estatutos constituem a lei interna fundamentai do Partido

e regulam toda a vida partidária. Não é concebível, portanto, admitir-se como membros do Partido os que se opõem ou fazem restrições ao Programa e aos Estatutos. Enquanto discutimos o projeto de Programa e as modificações nos Estatutos, todos os membros do Partido têm o direito de fazer críticas e sugestões e de propor quaisquer alterações. Mas, uma vez aprovados esses dois documentos básicos, os membros do Partido têm o dever de aceitá-los sem restrições.

Não basta, entretanto, aceitar o Programa e os Estatutos. É imprescindível contribuir para a sua aplicação.

Como Partido marxista-leninista da classe operária, somos, acima de tudo. Uma organização de luta. O nosso Programa é um instrumento de transformação revolucionária da sociedade brasileira. Os membros do Partido têm o dever de lutar infatigavelmente, dando o melhor de si mesmos, pela vitória do Programa do Partido.

O mesmo acontece com os Estatutos. Eles não são um documento para arquivos. Sem os Estatutos não pode existir funcionamento regular do Partido. Seus princípios e suas normas regem permanentemente a vida dos organismos e as atividades dos militantes. Cada membro do Partido deve enquadrar a sua vida nos dispositivos estatutários.

Militar em uma das Organizações do Partido.

A obrigatoriedade de todo membro do Partido militar em uma das suas organizações é uma exigência que decorre do papel do Partido como partido revolucionário do proletariado. Por isso, é inconcebível um militante do Partido que não pertença a um organismo partidário. Sem o fiel cumprimento desta exigência leninista, o Partido transforma-se num conglomerado de indivíduos, numa organização amorfa, desprovida de condições e forças capazes de levar a cabo as tarefas da revolução brasileira e sua missão histórica. Cada membro do partido deve, portanto, participar de uma organização partidária, para que possa “fundir suas aspirações com as do partido e, junto com o Partido, dirigir o exército combativo dos proletários” (Stálin).



Cumprir Todas as Decisões do Partido.

Entre as condições que se exigem do militante para ser considerado membro do Partido está a obrigação de cumprir todas as decisões do Partido. O Partido só poderá realizar a tarefa histórica de libertar o povo brasileiro se atuar com uma vontade única, se os seus militantes agirem como um todo combativo e harmônico. As decisões do Partido só se tornam realidade quando os seus membros lutam decididamente por sua execução. Há, no entanto, membros do Partido que se eximem de executar as tarefas que lhes são confiadas, enfraquecendo desse modo a combatividade do Partido. Algumas resoluções ficam no papel e não são levadas à prática. Os Estatutos impõem o integral respeito a esta exigência.

Pagar as Contribuições Estabelecidas.

O membro do Partido tem a obrigação irrecusável de pagar pontualmente a sua mensalidade. A contribuição financeira estabelece um vínculo material entre o militante e o Partido. Negar-se a cumprir este dispositivo estatutário, significa criar entraves à organização do Partido, uma vez que as finanças estáveis do Partido repousam nas contribuições dos seus militantes. Sem elas, o Partido não poderia manter o aparelho indispensável para assegurar o êxito da luta em que se empenha.

No entanto, esta condição imprescindível a qualidade de membro do Partido nem sempre é rigorosamente cumprida. Durante os trabalhos preparatórios do IV Congresso, em algumas Assembleias de Organizações de Base, surgiram propostas para dispensar os membros do Partido do pagamento de suas mensalidades ou para que estas mensalidades não fossem fixadas conforme dispõe o artigo 50 do projeto dos Estatutos. Entre os argumentos invocados, afirmava-se que o membro do Partido contribuí para o sindicato, a associação beneficente ou para o clube e que, portanto, não dispõe de recursos para pagar sua contribuição ao Partido. Este argumento demonstra profunda subestimação do Partido, que é colocado em situação inferior às próprias organizações de massas. O Partido da classe operária só pode ser mantido pela classe operária. Os militantes do Parti-

do devem compreender, portanto, a alta significação política do pagamento das contribuições ao Partido.

Deveres dos Membros do Partido

Os novos Estatutos, precisando melhor os deveres dos membros do Partido, modificam a sistemática dos Estatutos anteriores e introduzem novos princípios. Os deveres dos membros do Partido dimanam das novas tarefas que se apresentam ao Partido com a aprovação do seu Programa e das novas condições em que a luta de classes se desenvolve no país. Os deveres estatuídos no artigo 3.º elevam o papel de vanguarda dos militantes comunistas. São eles:

Lutar pela unidade do Partido.

A salvaguarda da unidade do Partido é o dever primeiro de todo militante. A unidade do Partido é a condição principal da força do Partido. A unidade e a coesão das nossas fileiras são as características essenciais de um Partido de novo tipo. O Partido não é apenas uma soma de suas organizações, é ao mesmo tempo, um sistema único dessas organizações, constituído por órgãos superiores e inferiores, onde a minoria se subordina às decisões da maioria, onde as resoluções são obrigatórias para todos os membros do Partido. Para realizar na prática as decisões dos organismos do Partido, os seus membros devem agir como um só homem. As decisões dos Congressos, das Conferências, dos Plenos do Comitê Central constituem a vontade coletiva do Partido. Tais decisões devem ser aplicadas por todo o Partido.

A unidade do Partido é determinada pelo próprio caráter de classe do Partido. A missão do Partido só pode ser realizada se ele for a encarnação mesma da unidade. Fortalecer a unidade do Partido em torno do seu Comitê Central é condição básica para forjar a unidade da classe operária, para estabelecer a aliança de operários e camponeses e criar a frente democrática de libertação nacional.

Com o Programa do Partido surge uma base sólida para reforçar a unidade



e a coesão do nosso Partido em torno de seus princípios. A assimilação do Programa e a luta por sua aplicação reforçam a unidade do Partido.

A experiência do Partido ensina que o inimigo procura constantemente golpear o Partido, debilitando e atacando sua unidade. Os inimigos do Partido, trotsquistas e liquidacionistas, tudo fizeram para quebrar a unidade do Partido. No entanto, o Partido soube enfrentá-los; esmagando-os, consolidou mais e mais a unidade de suas fileiras. Nosso Partido chega ao IV Congresso mais unido e coeso do que nunca.

Participar Ativamente da Vida Política do Partido

Este é também um dever dos membros do Partido. O militante que não participa ativamente da vida política do Partido não está em condições de acompanhar o curso dos acontecimentos, de observar os fenômenos novos que vão surgindo, desliga-se da própria realidade em movimento, fica impossibilitado de se orientar com segurança, não pode aplicar com êxito a linha política do Partido. Daí a grande importância desse dever estatutário.

A realidade, nos mostra que ainda não é satisfatória a vida política dos militantes e das Organizações de Base do nosso Partido. Existem militantes que vivem voltados apenas para as tarefas internas do Partido e isolados das massas: não tomam iniciativas, não respondem aos acontecimentos políticos no âmbito da atividade de seu organismo. A luta pela vitória do Programa exige de cada militante a participação ativa na vida política do Partido.

Estreitar as Ligações com as Massas

A vitória do Programa do Partido será obra de milhões de brasileiros. Ganhar as massas para o Programa, torná-lo o Programa de todo o povo, deve ser preocupação cotidiana de cada militante. Daí a importância de que se reveste o dever estabelecido nos Estatutos de estreitar a ligação do Partido com as massas.

O Partido impõe aos seus membros o dever de defender as reivindicações das massas explicar às massas a significação da política do Partido, organizá-las para a luta, ganhá-las para as posições políticas do Partido. O

membro do Partido deve viver em função dos interesses das massas, ser um fiel servidor do povo, estar sempre onde se encontram as massas, ser um dirigente de massas, um chefe político de massas.

No entanto, nosso trabalho entre as grandes massas é ainda insatisfatório. O Programa do Partido não está sendo suficientemente levado ao povo. O trabalho com o Programa tem ainda caráter superficial e estreito, pouco mobilizador e organizativo. A causa disto está no sectarismo, que ocasiona ao Partido os mais graves prejuízos.

A luta pela execução da exigência estatutária de ligarmo-nos estreitamente às massas está, assim, vinculada à luta contra o sectarismo em nossas fileiras.

De outro lado, a passividade contribui para nos separar das massas e abre campo ao trabalho dos demagogos. As massas não necessitam de dirigentes que marcham a reboque dos acontecimentos ou que limitam sua atividade ao âmbito estreito das lutas econômicas. O Partido é a vanguarda justamente porque, diferentemente de outras organizações da classe operária, tudo faz para atrair as massas para a luta pela conquista do poder político.

Aos comunistas cabe, portanto, o papel de dirigir, unir, organizar e educar as mais amplas massas.

Elevar o Nível Político e Ideológico

Trabalhar constantemente para elevar o próprio nível político e ideológico é obrigação de todo militante do Partido. Esta é uma condição decisiva para assegurar a vitória do Programa. Simultaneamente só a assimilação do marxismo-leninismo possibilita dirigir com acerto a luta pela vitória da revolução brasileira. Nosso Partido faz esforços para que seus membros assimilem a ideologia do proletariado. Quanto a isto, muito ainda temos a fazer. O trabalho de agitação e propaganda do Partido ainda não fornece os elementos indispensáveis à elevação do nível político e ideológico dos comunistas. Com a publicação do Programa e dos Estatutos do Partido esta tarefa tem todas as condições de ser realizada com pleno êxito.



Cada membro do Partido deve procurar elevar seu próprio nível político e ideológico. Sem teoria revolucionária — ensina o grande Lênin — não há movimento revolucionário.

Observar a Disciplina do Partido

Sem disciplina, o Partido não pode atuar como um só homem: sem uma vontade única falta ao Partido unidade de pensamento e de ação. A disciplina partidária é igual para todos os membros do Partido, sejam dirigentes ou militantes de base. A disciplina partidária faz crescer a combatividade do Partido e cria as condições para a aplicação com êxito das tarefas do Partido.

Apesar disto, a disciplina nem sempre é fielmente cumprida. Há dirigentes e organizações do Partido que não cumprem inteiramente as decisões do Partido. Muitas resoluções ficam sem ser executadas, o que contribui para entravar o desenvolvimento do trabalho do Partido. Às vezes, decisões do Comitê Central não vão além dos Secretariados regionais, não chegam às Organizações de Base.

Surge até mesmo um ou outro caso de dirigentes que não aplicam as resoluções do Comitê Central, substituindo-as por suas próprias resoluções. Os camaradas do Comitê Regional Piratininga, por exemplo, chegaram a fazer modificações na estrutura orgânica do Partido, sem a necessária autorização do Comitê Central. Os dirigentes do Comitê Regional do Rio levaram a tal ponto o relaxamento da disciplina partidária que ocasionaram grandes dificuldades e graves prejuízos à atuação do Partido na Região. Alguns dirigentes ainda substituem as relações de Partido pelas relações pessoais, não fazem o controle da execução das resoluções, nem prestam contas de sua atividade aos organismos a que pertencem. Há camaradas que violam a disciplina, permitindo-se chegar atrasados nas reuniões ou nos encontros, pondo em jogo a segurança e a boa ordem do trabalho partidário.

A infração da disciplina constitui grave erro, porque abala a unidade do Partido e dificulta a aplicação de sua linha política. A luta pelo respeito

à disciplina partidária deve ser uma das nossas principais preocupações. Os novos Estatutos trazem uma poderosa contribuição para reforçar a disciplina, que deve ser voluntária e consciente. A disciplina se consolida e se vivifica à medida que os militantes adquirem espírito de Partido, aprimoram a firmeza, a abnegação e a combatividade para bem servir ao Partido.

Desenvolver a Crítica e a Autocrítica

Os novos Estatutos elevam à condição de um dever dos militantes desenvolver a crítica e a autocrítica. Em nosso Partido ainda não demos a atenção que merecem a crítica e a autocrítica especialmente a crítica que vem das bases, como método permanente de trabalho e de fortalecimento do Partido. Ainda não organizamos suficientemente em nosso Partido, à base da crítica e da autocrítica, a luta contra as debilidades e os erros. Existe o temor da crítica e da autocrítica. Existem dirigentes que julgam que a crítica e a autocrítica só servem para diminuir e para debilitar a sua autoridade perante o Partido. Outros encaram a crítica como perseguição quando esta é feita por um órgão superior ou como um desrespeito quando provém das bases. Tais incompreensões impedem o livre desenvolvimento da crítica e da autocrítica nos organismos partidários. Isto significa que ainda não se apossou de todo o Partido a compreensão de que, para avançar e progredir, temos que utilizar a crítica e a autocrítica como o mais eficiente método para o aperfeiçoamento da atividade do Partido.

O reverso da medalha dessa situação é a atitude daqueles dirigentes e militantes que implantam nos organismos em que atuam o regime dos bons amigos, das relações de ordem pessoal que excluem os interesses do Partido. Então, a crítica e a autocrítica desaparecem e os erros se acumulam uns sobre os outros. Exemplo típico deste estado de coisas encontramos no Comitê Regional do Espírito Santo, onde um de seus dirigentes, na assistência aos organismos intermediários, afirmava que podia criticar, mas não ser criticado, porque era dirigente. Também estranha é a atitude de um membro do Comitê Regional de Campos, que defendia o princípio



de que não eram necessárias a crítica e a autocrítica, uma vez que todos os membros do Comitê Regional se davam bem e eram bons amigos.

Causam grandes prejuízos ao Partido os dirigentes que freiam as críticas que vêm de baixo. Ainda não criamos todas as condições necessárias para estimular as críticas que vêm das bases. Elementos existem que utilizam variados meios para impedir que as bases exerçam o seu direito de crítica aos dirigentes e aos organismos superiores. Nos trabalhos de preparação do IV Congresso na Região do Rio, por exemplo, um dirigente intermediário impugnou a eleição de um secretário de uma Organização de Base, porque este militante lhe havia criticado. No Comitê Regional Piratininga, outro dirigente intermediário tentou impedir que constassem da ata da Assembleia da Organização de Base as críticas à sua atuação como assistente do organismo. Casos como estes devem ser combatidos e eliminados, são incompatíveis com as necessidades do Partido.

O temor de criticar leva à complacência para com os erros e debilidades, à falta de intransigência para com as falhas e para com os infratores da disciplina partidária, leva à estagnação e à burocracia. Apontar os defeitos no trabalho do Partido, lutar para conseguir a eliminação dos erros e debilidades é uma obrigação a que nenhum militante pode se furtar. Sem a crítica e a autocrítica nosso Partido não poderá cumprir seu papel de vanguarda, realizar a sua tarefa histórica e tornar vitorioso o seu Programa.

Ser Sincero e Honesto Para Com o Partido

Causam imensos danos ao Partido os militantes que não falam a verdade e mantêm uma atitude desonesta. Tais elementos minam a confiança no Partido e levam a degenerescência moral para dentro dos organismos a que pertencem. Dizer a verdade ao Partido é um dever de todo membro do Partido.

As informações “baluartistas” sempre ocasionaram graves prejuízos ao Partido. Muitos elementos contribuíram para o fracasso da insurreição de 27 de novembro de 1935, em virtude de informações que exageravam a

força e as possibilidades do Partido. Há ainda em nosso meio militantes e mesmo dirigentes que exageram a importância do trabalho efetuado, deformam a realidade, dando aos organismos superiores uma visão errônea da verdadeira situação.

De outra parte, existem casos de membros do Partido cuja conduta não se coaduna com a moral do Partido. São elementos que procuram esconder seu comportamento desonesto, mentindo ao Partido. Têm duas vidas, criam nas bases um ambiente de inquietude e desconfiança. Contra os infratores da moral do Partido é preciso utilizar a máxima energia, puni-los de acordo com a gravidade da falta.

É no espírito da sinceridade e da honestidade para com o Partido que devem ser educados todos os membros do Partido.

Guardar os Segredos do Partido e Dar Provas de Vigilância e de Firmeza Diante do Inimigo

Os Estatutos estabelecem como uma obrigação indeclinável dos membros do Partido guardar os segredos do Partido. O inimigo que enfrentamos lança mão de todos os recursos, visando debilitar o nosso Partido. Cabe-nos dar provas de permanente vigilância, resguardando o Partido contra a ação do inimigo. As questões privativas do Partido não devem ser objeto de discussões fora dos organismos do Partido. É indispensável haver o mais rigoroso acatamento às normas do trabalho clandestino a fim de impedir que a reação possa assestar golpes na organização do Partido.

Há uma regra obrigatória para todos no trabalho clandestino do Partido: cada um deve saber apenas o que é necessário para o cumprimento de suas tarefas, ultimamente, vêm-se tornando comuns em nosso Partido práticas que infringem as regras do trabalho clandestino e permitem ao inimigo obter informações sobre problemas privativos do Partido. Muitos militantes, por indisciplina, displicência ou negligência no trabalho, não tomam o indispensável cuidado com os documentos do Partido; conduzem desnecessariamente planos de trabalho, relatórios, endereços, nomes de militantes, atas de reuniões, etc.



Dar provas de vigilância significa também estar permanentemente em condições de defender o Programa e a orientação política do Partido contra quaisquer tentativas, declaradas ou encobertas, de desviar o Partido da sua linha política. Cada membro do Partido deve ser um defensor intransigente do Programa e das diretivas do Partido, o que exige de parte de todos os militantes o estudo constante e profundo dos documentos do Partido.

O inimigo procura incessantemente enviar seus agentes e espões para realizarem, dentro do Partido, o trabalho de desagregação, de provocação e fomentar desvios da linha política. Todo membro do Partido deve estar em condições de impedir a penetração dos agentes do inimigo em nossas fileiras ou desmascará-los se conseguirem infiltrar-se no Partido.

O cumprimento dos deveres estatutários exige que todo membro do Partido esteja preparado para enfrentar com honra e dignidade a eventualidade de uma prisão. Nenhuma ilusão com a polícia, não receber favores da polícia, firmeza e vigilância diante do inimigo de classe não revelar nenhum segredo do Partido e desmascarar o atual regime são normas que orientam a conduta de um comunista. Nas fileiras do Partido não há lugar para conciliadores, pusilânimes e delatores. Os novos Estatutos exigem fidelidade ao Partido em qualquer situação.

Aplicar Acertada Política de Seleção de Quadros

Reveste-se de primordial importância para o Partido a questão dos quadros. Os bons quadros impulsionam a atividade do Partido, são um fator de primeira grandeza para o fortalecimento do Partido. Por outro lado, os maus quadros, que não se preocupam com a sua própria formação e permanecem indiferentes ante às exigências do Partido, criam obstáculos à luta pela vitória do Programa e pelo cumprimento das tarefas do Partido.

Entretanto, nem sempre se faz em nosso Partido uma acertada seleção e distribuição dos quadros. Em muitos casos prevalecem, na seleção dos quadros, critérios estranhos aos interesses do Partido. Há organismos em que os quadros são selecionados de acordo com a simpatia ou a amizade, de acordo com a facilidade maior ou menor que tenham de “falar bonito”.

Mas isto nada tem de comum com os interesses do Partido. Como nos ensina o camarada Stálin, dois critérios fundamentais devem servir para nortear a seleção dos quadros, isto é, sua capacidade política e sua aptidão prática. Precisamos de quadros firmemente dispostos a lutar pelo Programa do Partido e pela fiel execução das tarefas do Partido, quadros que revelem, no próprio fogo da luta, sentido prático e realizador. Não precisamos de elementos contemplativos, que não se preocupem com as insuficiências e debilidades no trabalho, que não se intranquilizem quando as coisas não marcham bem.

Os quadros constituem o tesouro do Partido. Isto quer dizer que, ao lado da realização de um esforço sistemático para a formação do maior número de quadros, deve existir no Partido uma justa seleção dos quadros.

A importância decisiva que tem para o Partido a acertada seleção dos quadros justifica que passe a constituir um dever de cada membro do Partido aplicar, com firmeza, em qualquer posto que lhe seja confiado, a orientação do Partido sobre a acertada seleção de quadros de acordo com as qualidades políticas e aptidões práticas.

Solidariedade aos Companheiros Vítimas da Perseguição Política

À medida em que se fortalece o nosso Partido e aumenta a sua capacidade de mobilizar e levar à luta grandes massas, cresce o desespero do inimigo. Atualmente, milhares de companheiros em todo o país passam todos os anos pelos cárceres ou são processados e condenados. É necessário assegurar a esses camaradas, vítimas de perseguição política, pronta e eficiente solidariedade. Simultaneamente com as providências necessárias à sua defesa, desde os protestos de massa às medidas de caráter jurídico, devemos assegurar às famílias das camaradas vítimas da perseguição política toda a ajuda possível. A inclusão, entre os deveres dos militantes do Partido, da solidariedade aos companheiros vítimas de perseguição política será um fator de desenvolvimento do espírito de solidariedade e do humanismo comunista em nossas “fileiras.

* * *

Como se pode facilmente observar, os deveres dos membros do Parti-



do não constituem uma simples enumeração de exigências a que se submetem os militantes comunistas. Muito maior é a sua significação. Os deveres dos membros do Partido mostram quanto elevadas são as qualidades que caracterizam o homem comunista.

Sem dúvida, muitos militantes do Partido — inclusive bons militantes — não possuem todas essas qualidades ao ingressar no Partido. São homens e mulheres que vêm da classe operária, das massas camponesas ou da pequena burguesia, trazendo, uns mais outros menos, os defeitos de sua origem e de sua formação. Ao nosso Partido cabe tomar pelas mãos os seus militantes e mostrar-lhes como se podem transformar em homens novos, eliminando seus defeitos e mazelas e desenvolvendo as suas qualidades positivas. Ao exigir dos seus militantes o fiel cumprimento dos deveres definidos nos Estatutos, o Partido tem em vista forjar combatentes de têmpera especial, dedicados de corpo e alma à cause sagrada do Partido, da classe operária e do nosso povo.

Direitos dos Membros do Partido

Os novos Estatutos fixaram, com toda clareza, os direitos de que gozam os membros do Partido. Ao definir esses direitos, os Estatutos asseguram o pleno exercício da democracia interna. Garantem igualmente a maior participação do conjunto do Partido na elaboração de sua linha política e de suas resoluções bem como nas atividades do Partido. Os direitos assegurados aos membros do Partido reforçam o centralismo democrático, estimulam a atividade dos membros do Partido e a discussão coletiva das questões essenciais da vida do Partido.

Os membros do Partido têm o direito de participar da discussão livre e responsável, nas reuniões e na imprensa, dos problemas da política do Partido, o que constitui valiosa contribuição para o desenvolvimento da democracia interna, para estimular a crítica e a autocritica e impulsionar a atividade criadora dos militantes de base, elemento imprescindível para o crescimento e o fortalecimento do Partido e a aplicação justa da sua orientação política. A verdade é que, apesar das melhoras que vimos obtendo, particularmente agora, na discussão do Programa, é ainda bastante

reduzida a participação do conjunto do Partido na elaboração dos seus documentos básicos. Poucas são as sugestões e as críticas das bases e dos militantes no debate das questões essenciais do Partido.

Outro direito que é reafirmado nos novos Estatutos é o do membro do Partido poder eleger e ser eleito para os órgãos dirigentes. É a afirmação do caráter essencialmente democrático do nosso Partido e uma das múltiplas características que o distinguem dos demais Partidos existentes no país.

A crítica em reuniões do Partido a qualquer de seus membros é um direito inalienável do membro do Partido. Em nosso Partido ninguém pode se eximir da crítica. Nele não existem pessoas que possam sobrepor-se à vigilância crítica das bases. Muitas vezes acontece que militantes de base observam falhas e deficiências em quadros dirigentes, mas, por uma falsa compreensão sobre o papel dos dirigentes, deixam de criticá-los, de denunciar suas falhas e erros aos organismos responsáveis, que não podem manter uma vigilância completa sem a ajuda permanente das Organizações de Base e dos militantes. Não utilizar esse direito ocasiona grandes prejuízos ao Partido e atrasa o seu desenvolvimento.

Especial importância tem o novo direito introduzido nos Estatutos que assegura ao membro do Partido a faculdade de apresentar propostas, sugestões e observações e comunicar os defeitos no trabalho do Partido a qualquer organismo, inclusive ao Comitê Central. Os militantes, ao aplicar de maneira viva e concreta a linha política do Partido, sentem o estado de espírito das massas, adquirem novas experiências e podem encaminhar o resultado de suas observações aos órgãos dirigentes do Partido, sem entraves de qualquer espécie. O direito que tem o membro do Partido de dirigir-se diretamente aos órgãos superiores do Partido irá possibilitar a eliminação, com mais rapidez e presteza, das falhas e debilidades nos organismos partidários e impedir que erros se acumulem ou se mantenham encobertos. Quaisquer manobras para ocultar os erros e as falhas serão desmascaradas desde que os membros do Partido se disponham a usufruir em sua plenitude este direito.

Os novos Estatutos estabelecem ainda o direito de o membro do Partido exigir sua participação pessoal sempre que se trate de resolver sobre sua atuação



ou conduta. Embora este princípio já constasse dos Estatutos, nem sempre é respeitado. Há casos de militantes que são afastados de seus postos, rebaixados e punidos, sem ao menos serem ouvidos. E o pior é que isso acontece, geralmente, devido a causas estranhas aos interesses do Partido, a motivos de caráter pessoal, como a simpatia ou a antipatia por tal ou qual militante. Isto acontece também como resultado da falta de paciência na formação dos quadros e na ajuda aos militantes que se atrasam em seu desenvolvimento.

* * *

Os direitos assegurados pelos Estatutos aos membros do Partido expressam o caráter genuinamente democrático do Partido Comunista. Constituem uma decorrência do próprio caráter do partido revolucionário do proletariado e exprimem as características da ideologia socialista. Só o proletariado pode se guiar pelo democratismo consequente e aplicá-lo em sua plenitude.

É isto o que refletem os Estatutos do Partido ao postular os direitos para os seus membros. Esses direitos ao mesmo tempo inculcam nos membros do Partido as qualidades necessárias à formação do caráter comunista.

A Estrutura do Partido e os Seus Órgãos Dirigentes

O Contínuo crescimento do nosso Partido e as novas condições surgidas no Brasil na luta contra o domínio imperialista norte-americano, contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas e por um governo democrático de libertação nacional, estavam a exigir substanciais modificações na estrutura orgânica do Partido. Pelos Estatutos aprovados em 1945, a organização do Partido obedecia rigorosamente à atual divisão administrativa do país. No entanto, esta divisão administrativa nem sempre corresponde aos interesses da luta de classes do proletariado e ao avanço do movimento revolucionário. O Brasil possui um desenvolvimento econômico-social desigual. Na capital de São Paulo, por exemplo, concentra-se grande parte da indústria nacional e encontra-se o maior núcleo operário do país. Do ponto-de-vista da luta de classes do proletariado, a capital do Estado de São Paulo é mais importante do que vários Estados do

Norte do país reunidos. Entretanto, de acordo com os antigos Estatutos, o Comitê Central dirigia cada um desses Estados diretamente, enquanto a capital de São Paulo era dirigida através do Comitê Estadual de São Paulo.

Levando em conta esta realidade e a necessidade de impulsionar a luta de classes, de consolidar o Partido nos postos-chave, os novos Estatutos estabelecem para efeito de organização do Partido que o país seja dividido em Regiões, as Regiões em Zonas, as Zonas em Distritos. Esta divisão está mais de acordo com as necessidades da luta de classes do proletariado, da luta revolucionária do povo. A estrutura orgânica estabelecida no projeto de Estatutos elimina, assim, uma instância na organização partidária. Se antes, existiam o Comitê Nacional, os Comitês Estaduais, os Comitês de Zonas, os Comitês Municipais, os Comitês Distritais e as Células, pela estrutura estabelecida nos novos Estatutos existirão o Comitê Central, o Comitê Regional, o Comitê de Zona, o Comitê Distrital e a Organização de Base. Quatro instâncias, portanto. Tendo ainda em conta que as grandes empresas e as importantes concentrações camponesas de cada Região estarão diretamente ligadas ao Comitê Regional, resulta que entre o Comitê Central e os núcleos fundamentais de operários e camponeses existirá apenas uma única instância.

As Direções Políticas Especiais

Nos novos Estatutos é facultado ao Comitê Central o direito de criar Direções Políticas Especiais nas regiões ou setores de grande importância política em que o Partido se encontre débil e sem condições de atuação efetiva.

A experiência partidária ensina que em certas Zonas ou Regiões podem surgir condições para um rápido desenvolvimento de grandes lutas revolucionárias, mas as organizações locais do Partido, devido à sua debilidade, muitas vezes não são capazes de aproveitar essas condições favoráveis.

Nestas circunstâncias, é imprescindível que o Comitê Central assuma o comando direto do Partido na Região ou na Zona, organizando para isso Direções Políticas Especiais. Por exemplo, em 1951, no Estado do Ma-



ranhão, criou-se um ambiente de efervescência política e de lutas que ocasionou duas poderosas manifestações populares contra o governo. Mas, o Partido, devido à debilidade de sua direção local, não foi capaz de interferir ativamente nos acontecimentos e imprimir uma justa direção à revolta espontânea das massas. A justeza da medida proposta foi confirmada durante as grandes greves da capital de São Paulo, em 1953, bem como na greve nacional dos marítimos, no mesmo ano. Então, o Comitê Central criou Direções Políticas Especiais junto ao Comitê Estadual de São Paulo e ao Comitê de Zona dos Marítimos, que tiveram uma importância decisiva na condução vitoriosa daquelas importantes lutas.

O curso da situação política nacional faz prever o desencadeamento de grandes lutas num ou noutro ponto do país. Daí, a justeza de incluir nos Estatutos a faculdade de o Comitê Central criar Direções Políticas Especiais.

Essas Direções Políticas Especiais, à medida que cumpram suas tarefas e por resolução do Comitê Central, serão dissolvidas ou transformadas em organismos permanentes do Partido.

Os Organizadores do Comitê Central

Os Estatutos atribuem também ao Comitê Central o direito de enviar seus organizadores aos setores de grande importância política. Os organizadores do Comitê Central são quadros qualificados do Partido, membros ou não do Comitê central, que são enviados como representantes do Comitê Central para atuarem nas empresas fundamentais a fim de organizar e dirigir o Partido. Estes quadros, embora estejam subordinados à Organização de Base da empresa e às respectivas instâncias intermediárias, são também ligados diretamente ao Comitê Central que, periodicamente e sempre que necessário, os convoca para controlar sua atividade e transmitir-lhes suas decisões. Estes organizadores só podem ser removidos dos seus postos por decisão do Comitê Central.

O preceito que faculta, instituir os organizadores do Comitê Central tem uma elevada significação na tarefa de construção do Partido. Possibilita ao Comitê Central ligar-se direta e permanentemente com os nú-

cleos fundamentais da classe operária, transmitir-lhes seu pensamento. O Comitê Central pode, assim, auscultar os sentimentos dos operários das grandes empresas. Esta prática ajuda também o Comitê Central a melhorar sua política de quadros, permite acompanhar mais de perto a formação e a promoção de quadros operários das empresas fundamentais.

A Nomenclatura do Partido

Os novos Estatutos, ao mesmo tempo que apresentam modificações na estrutura orgânica do Partido, alteram a nomenclatura dos organismos partidários. O Comitê Nacional passa a ter a designação de Comitê Central, designação esta que corresponde mais exatamente ao princípio da direção única e centralizada. A nova designação traduz melhor as funções do órgão dirigente do Partido entre dois Congressos, dado que o Comitê Central centraliza todas as organizações partidárias.

Com as modificações nos Estatutos passa a denominar-se Presidium do Comitê Central a antiga Comissão Executiva. Esta nova denominação expressa melhor as funções do órgão dirigente do Partido entre duas reuniões do Comitê Central. A antiga denominação de Comissão Executiva não traduzia bem tais funções, que são não somente de ordem executiva, mas também de caráter político e organizativo.

Quanto ao órgão imediatamente inferior ao Comitê Central, sua designação passa a ser Comitê Regional ao invés de Comitê Estadual, pois a Região nem sempre será formada por um só Estado, podendo incluir mais de um Estado ou ser constituída de parte de um Estado ou de partes de vários Estados.

A nomenclatura de Comitê Municipal desaparece e surge em seu lugar o Comitê de Zona. Os Comitês de Zonas são constituídos por partes de um município, por mais de um município ou por um município apenas. Mantêm-se a designação de Comitê Distrital.

A denominação de Célula foi mudada para Organização de Base. Esta nova designação corresponde melhor ao caráter e às funções do organismo básico do Partido. É uma denominação que se define por si mesma.



A Comissão Central de Controle e a Comissão Central de Finanças

As modificações nos Estatutos incluem na estrutura do Partido dois novos órgãos de direção: a Comissão Central de Controle e a Comissão Central de Finanças.

As exigências da vida partidária, o desenvolvimento do Partido e o aguçamento das lutas em nosso país exigem um constante e cuidadoso exame da vida e da conduta dos quadros do Partido. Os inimigos de nosso povo não só atacam o nosso Partido pela violência e pelo terror como procuram infiltrar em suas fileiras espiões e agentes provocadores. Tal situação impõe o fortalecimento da vigilância política e a análise minuciosa das atividades de todos os elementos que ocupam cargos de direção no Partido. Para cumprir esta tarefa torna-se imprescindível a criação da Comissão Central de Controle para que se dedique especialmente a zelar pela pureza das nossas fileiras contra as investidas do inimigo de classe dentro do Partido.

O artigo 29 do projeto de Estatutos esclarece as funções e responsabilidades da Comissão Central de Controle. É indispensável acentuar que as decisões da Comissão Central de Controle, para que sejam válidas, devem ser confirmadas pelo Comitê Central.

A criação da Comissão Central de Finanças foi incluída nas modificações dos Estatutos a fim de atender às necessidades de controlar em âmbito nacional o trabalho de finanças do Partido. As empresas do Partido se estendem por todo o país e é vultoso o movimento financeiro do Partido. A atual Tesouraria do Comitê Central não mais satisfaz às exigências para orientar e exercer um controle centralizado e eficiente sobre todo o movimento financeiro do Partido. O controle realizado pela atual Comissão de Finanças é insuficiente e formal e não se estende a todas as Regiões do país.

A criação da Comissão Central de Finanças destaca, por sua vez, a alta significação que tem o trabalho de finanças para a atividade do Partido. A falta de recursos financeiros suficientes ocasiona dificuldades de

toda ordem ao bom funcionamento do Partido, e a desordem financeira é um indicie da desorganização da vida partidária. A ausência de um justo controle das finanças do Partido constitui uma porta aberta à corrupção e à degenerescência dos quadros e à infiltração do inimigo em nossas fileiras.

As atribuições da Comissão Central de Finanças encontram-se expostas no artigo 30 do projeto de Estatutos. As suas decisões, para que sejam válidas, devem, igualmente, ser confirmadas pelo Comitê Central.

A Direção Coletiva

O princípio supremo da direção partidária é o caráter coletivo da direção. Organizado à base do centralismo democrático, o Partido Comunista elabora coletivamente sua orientação e suas resoluções. As resoluções do Partido exprimem a sabedoria do Partido, do Comitê Central do Partido e não o pensamento isolado de tais ou quais dirigentes. Nenhum dirigente do Partido, por maior e mais variado que seja o seu conhecimento, pode abranger toda a complexidade dos problemas políticos e ideológicos que se colocam ante o Partido, substituindo o trabalho de conjunto pelo trabalho individual. Quanto menor seja a elaboração coletiva das decisões, mais possibilidade de erros e de unilateralismo, quanto maior for o trabalho coletivo, menores são as possibilidades de erros e de unilateralismo. Por isso, vanguarda da classe operária, o Partido Comunista, cujas responsabilidades, como força dirigente da revolução brasileira, aumentam cada dia, orienta seu trabalho guiando-se pelo princípio da direção coletiva.

Neste terreno são múltiplos os exemplos negativos em nosso Partido. Há Comitês do Partido que não funcionam regularmente segundo as normas estatutárias. É comum o Secretariado absorver as funções do Comitê que, às vezes, passa meses sem se reunir. Existem Comitês Regionais que até pouco só se reuniam quando convocados pelo Comitê Central, através dos assistentes, para discutir os documentos da direção nacional do Partido. Dirigentes de Comitês do Partido tomam resoluções individuais e dirigem de acordo com as suas opiniões, e não segundo a vontade da maioria. Mesmo em Comitês Regionais importantes, nem sempre as reu-



niões plenárias são preparadas devidamente nem os informes apresentados expressam as opiniões do coletivo. Muitas vezes os participantes das reuniões não tomam conhecimento antecipado das questões em debate, o que lhes restringe as possibilidades de contribuir de modo positivo na discussão. Em consequência, carecem de caráter coletivo as resoluções aí adotadas. A ausência do trabalho coletivo conduz a uma excessiva centralização do trabalho do Partido em mãos de um reduzido número de dirigentes, o que entrava a formação dos quadros. No antigo Comitê Estadual do Ceará, por exemplo, o fato do Secretário mais responsável ficar ausente um mês do Estado determinou que o Secretariado ficasse sem se reunir durante todo esse período.

Para combater as violações do princípio da direção coletiva, é necessário que os órgãos dirigentes do Partido em todas as instâncias, apliquem o princípio da democracia interna, desenvolvam a crítica e a autocrítica e fortaleçam a disciplina partidária. Os novos Estatutos são a arma poderosa para a estrita observância do princípio da direção coletiva. O trabalho coletivo da direção assegura uma atividade normal às organizações do Partido e consolida a unidade em nossas fileiras.

O camarada Prestes, em seu informe a este Congresso, nos ensina:

“A luta pela aplicação do princípio da direção coletiva em todas as instâncias do Partido está intimamente ligada à luta ideológica contra uma das piores e mais persistentes manifestações da ideologia da pequena burguesia nas fileiras do Partido — o individualismo dos que procuram impor suas opiniões pessoais, substituir o trabalho dos Comitês do Partido pelo trabalho individual, sem reuni-los por longos períodos ou que os reúnem apenas para a aprovação formal das decisões individuais, muitas vezes já postas em prática”.

As Organizações de Base do Partido

As modificações dos Estatutos dão uma atenção particular às questões das Organizações de Base do Partido. Novos dispositivos foram estabelecidos sobre as funções e as tarefas das Organizações de Base. Deste modo destaca-se a gran-

de importância do papel das Organizações de Base como os alicerces do Partido e que realizam na prática a linha política do Partido junto as massas.

Nosso Partido tem dado passos importantes no fortalecimento e ampliação de suas Organizações de Base. Através da execução sistemática do “Plano Stálin” e do “Plano Lenin” de construção do Partido foram criadas numerosas Organizações de Base, particularmente nas empresas. Atualmente, o Partido existe na quase totalidade das empresas de mais de 500 operários do país. Na Região de Piratininga, por exemplo, onde se situa o maior núcleo industrial do Brasil, há Organizações de Base em todas as empresas de mais de 500 operários.

No entanto, as Organizações de Base, de um modo geral, ainda não cumprem as suas funções de maneira satisfatória. São inúmeras as debilidades que precisam ser rapidamente corrigidas: funcionamento irregular, reuniões nas quais participam reduzidos número de militantes, etc.

Como fenômeno geral as Organizações de Base desenvolvem uma atividade política que não é ainda satisfatória. Esta é a sua principal debilidade. São ainda limitadas as iniciativas das Organizações de Base para responder aos acontecimentos políticos no âmbito de suas atividades. Agora mesmo, com os acontecimentos de 24 de agosto, que comoveram a opinião pública nacional, muitas Organizações de Base deixaram de mobilizar as massas a fim de manifestar nas ruas o seu repúdio ao golpe americano. Fatos como este, foram comuns, também, na campanha eleitoral. Isto não significa que as Organizações de Base não desenvolvam atividades partidárias e não atuem entre as massas. O que acontece é que as nossas Organizações de Base ainda não atuam inteiramente como dirigentes políticos das massas. Tal situação rebaixa o papel de vanguarda que devem desempenhar as Organizações de Base e as confunde com as organizações de massa. É evidente que a culpa não cabe às Organizações de Base, mas aos órgãos dirigentes, dos Comitês Distritais ao Comitê Central que ainda não orientam como é necessário as Organizações de Base para uma vida política mais intensa e uma maior atividade política entre as massas trabalhadoras e populares.



As Organizações de Base ressentem-se ainda de fraca ligação com as massas. São poucas as que mobilizam, organizam, dirigem e educam efetivamente as massas. Isto resulta da incompreensão do papel de vanguarda do Partido, chamado a orientar e dirigir a luta da classe operaria e de todo o povo. E é fruto do sectarismo que entrava a ligação do Partido com as massas. Precisamos nos ligar mais e mais às massas, fonte onde reside a nossa força e invencibilidade. O Partido é invencível se é capaz de “ligar-se, aproximar-se e, se o quereis, fundir-se, até certo ponto, com as mais vastas massas trabalhadoras, em primeiro lugar proletárias, mas também com a massa trabalhadora não proletária” (Lênin).

Lênin e Stálin ensinam que para ganhar as massas para as posições políticas do Partido é preciso convencê-las através de sua própria experiência. Ainda não empregamos suficientemente em nosso Partido o método da persuasão. Frequentemente, utilizamos os métodos impositivos. Não procuramos auscultar o estado de espírito das massas, conhecer as suas reivindicações, a fim de levantá-las com justeza.

Para estreitarmos nossos vínculos com as grandes massas operárias e populares, a audácia, a combatividade e o destemor são qualidades imprescindíveis aos militantes das Organizações de Base. Os comunistas devem trabalhar persistentemente nas organizações de massa. Nenhum membro das Organizações de Base deve estar fora de uma organização de massa. Lutando contra o sectarismo e o burocratismo, elevando seu nível político e ideológico, as Organizações de Base poderão cumprir integralmente sua função de defensores consequentes dos interesses da classe operária e do povo. É necessário dedicar especial atenção às reivindicações das massas, estudar em cada local seus problemas e formular com justeza as suas exigências. Mas isto não basta. As Organizações de Base, para cumprir o seu papel, devem estar sempre à frente das massas operárias e populares para conduzi-las audazmente à luta e à vitória. Tudo isto tendo em vista reforçar a luta contra o governo, contribuir para criar a frente democrática de libertação nacional e tornar vitoriosas as tarefas do Programa do Partido.

Outra questão que diz respeito ao funcionamento e à atividade das Organizações de Base é a mobilização de todos os seus membros. A atividade das Organizações de Base, repousa atualmente sobre alguns militantes, quando é necessário incorporar todos ao trabalho. Não é admissível um membro do Partido que não execute tarefas que lhe são atribuídas pelo organismo a que pertença. A escassa atividade dos militantes enfraquece a ação unida e combativa do Partido.

As Organizações de Base ainda são, em grande parte, subestimadas pelos órgãos dirigentes que não lutam suficientemente para elevar o nível político e ideológico dos militantes. É necessário organizar o trabalho de educação política das Organizações de Base de modo a possibilitar aos seus membros adquirir os conhecimentos elementares do marxismo-leninismo, dos fundamentos do Partido e de seus objetivos. O desenvolvimento da crítica e da autocritica, estimuladas pelos órgãos dirigentes, muito contribuirá para a maior atividade das Organizações de Base e para melhorar o seu nível político e ideológico. A educação dos militantes muito depende do bom funcionamento da Organização de Base. Em sua atuação na base os comunistas têm a principal escola de educação partidária. Para facilitar esse trabalho os novos Estatutos fixam com clareza as funções e as tarefas essenciais das Organizações de Base.

É através de suas Organizações de Base que o Partido mantém permanente e indissolúvel ligação com as massas e leva às massas suas ideias, sua política. As Organizações de Base devem ser, cada vez mais, as fortalezas inexpugnáveis do Partido da classe operária.

* * *

Tais são camaradas, as questões essenciais, as modificações mais importantes introduzidas nos novos Estatutos do Partido. Elas respondem às necessidades do Partido e o colocam em melhores condições para levar adiante e com êxito a luta da classe operária, o movimento revolucionário em nosso país.

Nosso Partido orienta-se pelo marxismo-leninismo. As modificações constantes dos Estatutos e os Estatutos no seu conjunto baseiam-se nos princí-



pios de organização leninistas. As normas da vida interna do Partido decorrem desses princípios.

Os novos Estatutos constituem, assim, um instrumento fundamental de consolidação e desenvolvimento de nosso Partido, um fator poderoso de educação dos comunistas, representam um elemento organizador e mobilizador.

O camarada Prestes diz com justeza em seu informe ao IV Congresso:

“Através da assimilação dos Estatutos e na luta pelo seu cumprimento, todos os militantes compreenderão a necessidade de reforçar mais a unidade das fileiras do Partido, assim como a necessidade da ligação indissolúvel do Partido com a classe operária, os camponeses, a intelectualidade progressista e demais camadas sociais que devem ser ganhas para a frente democrática de libertação nacional.

A observância das normas da vida partidária e do princípio do caráter coletivo da direção são premissas de importância inestimável para a maior consolidação da coesão orgânica e ideológica das fileiras do Partido e para o fortalecimento da capacidade de luta da organização partidária e dos comunistas”.

Camaradas!

As propostas de modificações nos Estatutos foram ampla e livremente discutidas e aprovadas por unanimidade nas Assembleias das Organizações de Base, nas Conferências Distritais, de Zona e Regionais. Este fato, ligado ao entusiasmo com que os Estatutos foram debatidos, revela a saudável preocupação dos militantes pelo fortalecimento do Partido e pela elevação de sua capacidade dirigente.

Nossos Estatutos no terreno da organização colocam o Partido à altura de seu Programa. Os Estatutos do Partido constituem incalculável contribuição para forjarmos um Partido à imagem e semelhança do Partido Comunista da União Soviética, modelo e exemplo para os Partidos revolucionários da classe operária de todo o mundo.

Os Estatutos são a Carta Magna do Partido, a sua lei interna fundamental. De agora em diante, regerá a vida de todos os organismos partidários. Nenhum

membro do Partido pode desobedecer a essa lei inviolável sem quebrar os compromissos que, por sua livre e espontânea vontade, assumiu para com o proletariado e o povo. Seu estudo, sua assimilação e sua estrita observância infundirão nos militantes espírito de Partido e confiança na vitória da grande causa que defendemos.

Este Congresso arma o nosso Partido para as grandes batalhas que está chamado a dirigir. Com a aprovação do Programa e dos Estatutos do Partido maiores são as possibilidades que se abrem para novos êxitos e vitórias.

À frente das amplas massas, contando com o apoio internacional dos trabalhadores e com a solidariedade fraternal do Partido Comunista da União Soviética — rico de experiência e sabedoria — marchemos pelo caminho que conduz à paz, à independência nacional, à felicidade e ao bem-estar do povo brasileiro. Cerremos fileiras em torno do Comitê Central com o camarada Prestes à frente.

Viva o IV Congresso do P.C.B.!

Viva o Nosso Glorioso Partido!



Estatutos do Partido Comunista do Brasil – PCB

(Aprovados no IV Congresso, 7 a 11 de Novembro de 1954)

Índice

- I – O Partido. Os Membros do Partido, Seus Deveres e Direitos
- II – Estrutura do Partido. Democracia Interna
- III – Organismos Superiores do Partido
- IV – Organismos Dirigentes Regionais do Partido
- V – Organismos Dirigentes do Partido nas Zonas
- VI – Organismos Dirigentes Distritais do Partido
- VII – Organizações de Base do Partido
- VIII – Frações do Partido nas Organizações de Massa
- IX – Medidas Disciplinares do Partido
- X – Finanças do Partido



I – O Partido. Os Membros do Partido, Seus Deveres e Direitos

1 – O Partido Comunista do Brasil é o partido político da classe operária, a vanguarda consciente e organizada da classe operária, a mais elevada forma de sua organização de classe. O Partido Comunista do Brasil, união voluntária e combativa dos comunistas, é guiado em toda a sua atividade pela doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin.

O Partido Comunista do Brasil tem como objetivos finais construir no Brasil o socialismo e edificar a sociedade comunista.

O Partido Comunista do Brasil educa seus membros no espírito do internacionalismo, da solidariedade internacional dos trabalhadores de todos os países.

Atualmente, as tarefas principais do Partido Comunista do Brasil consistem em unir as mais amplas forças anti-imperialistas e antifeudais da sociedade brasileira para derrubar o poder dos latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo, libertar o Brasil do jugo imperialista e conquistar um regime democrático-popular.

2 – Membro do Partido é todo aquele que aceita o Programa e os Estatutos do Partido, contribui para sua aplicação, milita em uma de suas organizações, cumpre todas as decisões do Partido e paga as contribuições estabelecidas.

3 – O membro do Partido tem o dever de:

- a) Salvar e guardar por todos os meios a unidade do Partido como condição principal da força do Partido;
- b) participar ativamente da vida política do Partido e trabalhar incansavelmente pelo cumprimento das decisões do Partido;
- c) estreitar diariamente as relações do Partido com as massas, ter participação ativa nos sindicatos e em outras organizações de massa, dedicar-se à defesa das reivindicações das massas, explicar às massas a significação da política do Partido e organizá-las para a luta a fim de

realizar as tarefas estabelecidas pelo Partido;

d) trabalhar constantemente para elevar o próprio nível político e ideológico, assimilar os princípios do marxismo-leninismo;

e) observar a disciplina do Partido, igualmente obrigatória para todos os membros do Partido, independentemente de seus méritos e dos cargos que ocupem;

f) desenvolver a autocrítica e a crítica, apontar os defeitos no trabalho do Partido, lutar contra os erros e debilidades e tudo fazer para eliminá-los;

g) ser sincero e honesto para com o Partido, não permitir que se oculte ou desvirtue a verdade;

h) guardar os segredos do Partido, dar provas de vigilância política e de firmeza diante do inimigo de classe, lembrando-se de que a fidelidade ao Partido e a vigilância dos comunistas são imprescindíveis em todos os domínios e em todas as circunstâncias;

i) aplicar firmemente, em qualquer posto que lhe seja confiado pelo Partido, a orientação do Partido sobre a acertada seleção de quadros de acordo com as qualidades políticas e aptidões práticas;

j) manifestar pronta solidariedade aos companheiros vítimas de perseguição política, tomando em cada caso as providências necessárias.

4 – O membro do Partido tem o direito de:

a) Participar da discussão livre e responsável, nas reuniões e na imprensa do Partido, dos problemas da política do Partido;

b) eleger e ser eleito para os organismos dirigentes do Partido;

c) criticar, em reuniões do Partido, qualquer membro do Partido;

d) apresentar propostas, sugestões e observações e comunicar os defeitos no trabalho do Partido a qualquer organismo do Partido, inclusive ao Comitê Central; e) exigir participação pessoal sempre que se trate de resolver sobre sua atuação ou conduta.

5 – A admissão ao Partido é realizada em caráter individual. Podem



ingressar no Partido pessoas maiores de 18 anos de idade.

6 — Para ingressar no Partido, o candidato deve ser proposto e recomendado por um membro do Partido que tenha no mínimo um ano de militância. A proposta é discutida na Organização de Base do local de trabalho ou de residência do candidato e, se aprovada, submetida à confirmação do Comitê imediatamente superior.

7 — Os membros do Partido, por motivo de mudança de residência ou de local de trabalho, são transferidos de organização, segundo as normas que o Comitê Central estabelecer.

8 — É afastado do Partido todo membro que durante seis meses deixe, sem razões justificadas, de participar da vida do Partido, de aplicar as decisões do Partido ou de pagar as contribuições. A organização a que pertença deve chamá-lo a cumprir suas obrigações e, caso ele persista em sua atitude, submeterá ao organismo imediatamente superior a decisão de seu afastamento do Partido.

9 — A expulsão de um membro do Partido é discutida e resolvida na Assembleia Geral da Organização de Base a que pertença; a resolução só se torna válida depois de aprovada pelo organismo imediatamente superior. Quando se trata de membro de um Comitê Distrital, de Zona ou de Região, a exclusão do Comitê ou a expulsão do Partido deve ser decidida em reunião plenária do Comitê a que pertença, por maioria de dois terços. Esta decisão só entrará em vigor depois de aprovada pelo organismo imediatamente superior.

10 — A exclusão do Comitê Central de um de seus membros, ou sua expulsão do Partido, é decidida pelo Congresso do Partido; no intervalo entre dois Congressos, estas medidas podem ser aplicadas pelo Pleno do Comitê Central, desde que sejam aprovadas por maioria de dois terços.

11 — Sempre que se trate de resolver casos de expulsão do Partido é preciso haver o máximo cuidado e espírito de fraternidade e examinar minuciosamente o fundamento das acusações formuladas contra um membro do Partido. Por faltas leves (não assistir a uma reunião, não pagar

regularmente a contribuição etc.) devem ser impostas as medidas educativas e corretivas previstas nos Estatutos do Partido e não a expulsão do Partido, que é a sanção disciplinar mais severa.

II – Estrutura do Partido. Democracia Interna

12 — O princípio diretor em que se baseia a estrutura orgânica do Partido é o centralismo democrático, que significa:

- a) Eleição de todos os organismos dirigentes do Partido, de baixo para cima;
- b) prestação de contas periódica dos organismos dirigentes do Partido ante as respectivas organizações que os elegeram;
- c) disciplina rigorosa no Partido e submissão da minoria à maioria;
- d) caráter estritamente obrigatório das decisões dos organismos superiores para os organismos inferiores.

11 — Os organismos do Partido trabalham segundo o princípio da direção coletiva. Todos os órgãos dirigentes devem discutir e decidir coletivamente sobre os problemas que se colocam diante do Partido, as tarefas e os planos de trabalho. O princípio da direção coletiva não elimina a responsabilidade individual. O culto da personalidade é estranho ao caráter de um Partido marxista-leninista e deve ser combatido.

14 — O Partido é organizado à base de território e de local de trabalho; a organização do Partido que desenvolve sua atividade em uma área determinada é considerada superior a todas as organizações do Partido que limitam sua atividade a partes dessa área; a organização do Partido que desenvolve sua atividade em um ramo da produção é considerada superior a todas as organizações do Partido que limitam sua atividade a partes desse ramo da produção.

15 — Para fins de organização do Partido, o país será dividido em Regiões, estas em Zonas e as Zonas em Distritos. Estes serão constituídos pelas Organizações de Base do Partido existentes em sua jurisdição.



16 — O âmbito da jurisdição das organizações do Partido é determinado pelo Comitê Central do Partido e pode ser modificado por este sempre que necessário.

17 — Todas as organizações do Partido são autônomas no que se refere à decisão das questões locais, desde que estas decisões não contrariem as decisões do Partido.

18 — A Assembleia Geral da Organização de Base elege um Secretariado, e as Conferências e o Congresso elegem Comitês que funcionam como seus órgãos executivos entre duas Assembleias, Conferências ou Congressos. Os Secretários das Organizações de Base e Comitês, eleitos pelas Assembleias e Conferências, são sujeitos à confirmação em seus cargos pelo organismo imediatamente superior. Os organismos dirigentes do Partido em todas as instâncias podem cooptar membros para preencher as vagas que ocorram eventualmente, mas a cooptação só persistirá enquanto não for possível a convocação das respectivas Conferências ou Assembleias. Em ocasiões excepcionais, o organismo superior pode designar os componentes dos organismos imediatamente inferiores.

19 — As eleições em qualquer organismo do Partido são realizadas por votação nominal e os candidatos são apresentados em listas, com a garantia de que os votantes tenham o direito de criticar e de substituir qualquer candidato constante da lista.

20 — Nenhum Comitê ou organização do Partido, nem seus dirigentes, têm o direito de fazer declarações ou manifestar-se publicamente sobre qualquer questão de âmbito nacional antes que o Comitê Central tenha feito declaração ou tomado decisão a respeito.

21 — Todo membro do Partido pode discutir livremente nas reuniões do Partido para expressar sua opinião sobre qualquer problema, direito que emana da democracia interna. Só assim é possível desenvolver a crítica e a autocritica e fortalecer a disciplina do Partido, que deve ser consciente. Tomada, porém, uma resolução numa organização do Partido, a discussão sobre o assunto a que ela se refere só pode ser reaberta por

decisão da maioria da mesma organização ou por decisão de organismo superior. A decisão que for então adotada deve ser acatada e aplicada incondicionalmente.

É garantido aos que estiverem em desacordo com a resolução adotada o direito de apelar para os organismos superiores, inclusive o Comitê Central e o Congresso do Partido. Enquanto o apelo estiver pendente, a resolução deverá ser cumprida por todos os membros da organização que a adotou.

22 — A revisão ou discussão da política geral do Partido em âmbito nacional deve ser organizada de modo a não permitir tentativas de uma minoria de impor sua vontade à maioria do Partido, ou tentativas de constituir grupos fracionistas para romper a unidade do Partido, ou ainda tentativas de cisão que possam minar a força e a capacidade de luta do Partido. Uma ampla discussão no Partido só pode ser considerada indispensável quando:

- a) For reconhecida esta necessidade pela maioria das organizações partidárias de âmbito regional;
- b) não houver no Comitê Central do Partido maioria suficientemente firme sobre questões essenciais da política do Partido;
- c) embora existindo no Comitê Central do Partido maioria firme, o Comitê Central considere necessário comprovar a justeza de sua política por meio de uma discussão no Partido.

Somente desse modo é possível garantir o Partido contra o uso abusivo da democracia interna por elementos antipartidários e impedir que a democracia interna seja utilizada em prejuízo do Partido e da classe operária.

III – Organismos Superiores do Partido

23 — O organismo supremo do Partido Comunista do Brasil é o Congresso do Partido. Este deve reunir-se, ordinariamente, de três em três anos, convocado pelo Comitê Central. Ao Congresso compete:



- a) Discutir e aprovar os informes do Comitê Central do Partido;
- b) rever e modificar o Programa e os Estatutos do Partido;
- c) determinar a linha tática do Partido sobre as questões fundamentais da atualidade política;
- d) eleger o Comitê Central do Partido.

24 — Podem realizar-se Congressos extraordinários do Partido, por iniciativa do Comitê Central ou a pedido de um número de organizações do Partido cujos efetivos representem pelo menos dois terços do total dos membros do Partido.

25 — O Congresso do Partido é constituído pelos delegados eleitos nas Conferências Regionais. O número de delegados de cada Região depende do número de membros e da importância da organização regional. O Comitê Central fixa as normas dessa representação. O Congresso decide a respeito de sua ordem do dia e elege seus organismos dirigentes. O Presidium do Congresso, na duração deste, exerce as funções de Comitê Central.

26 — Durante os dois meses anteriores ao Congresso, discutem-se, em todas as organizações do Partido, toda a matéria e os problemas importantes que devem ser debatidos no Congresso. Nesse período, todas as organizações do Partido têm o direito e o dever de tomar decisões ou fazer observações sobre os projetos de resoluções preparados pelo Comitê Central para o Congresso. Os membros do Partido gozam, igualmente, nesse período, dos mais amplos direitos para reabrir discussão sobre qualquer ponto da política do Partido, assim como sobre o trabalho dos Comitês dirigentes e sobre sua futura composição.

27 — As decisões do Congresso são válidas e obrigatórias para todo o Partido e não podem ser modificadas, substituídas ou revogadas senão por outro Congresso. Todos os membros e organizações do Partido são obrigados a reconhecer a autoridade das decisões do Congresso e a direção do Partido eleita pelo mesmo.

28 — O Comitê Central é o organismo dirigente máximo do Partido no período entre dois Congressos. É eleito pelo Congresso e constituído

de militantes que tenham pelo menos cinco anos consecutivos de atividade partidária. As vagas abertas no Comitê Central serão preenchidas pelos candidatos a membro do Comitê Central eleitos no Congresso. O Comitê Central reúne-se ordinariamente pelo menos uma vez de seis em seis meses, por convocação do Presidium. Pode ser convocada sua reunião a qualquer momento pela maioria dos membros do Comitê Central. Os candidatos a membros do Comitê Central participam dessas reuniões com direito a voz.

O Comitê Central aplica as resoluções do Congresso e dirige toda a atividade do Partido; zela pela fiel observância do Programa e dos Estatutos; distribui as forças do Partido e cuida de suas finanças; fixa o número de membros dos organismos dirigentes do Partido.

O Comitê Central informa regularmente sobre suas atividades às organizações do Partido. O Comitê Central elege em seu seio um Presidium e um Secretariado do Comitê Central. O Comitê Central organiza uma Comissão Central de Controle e uma Comissão Central de Finanças.

Cria as Seções que julgar necessárias ao trabalho de direção, nomeia os membros dessas Seções, dirige e controla o trabalho das Seções.

O Comitê Central orienta e controla a imprensa do Partido. Nomeia e substitui os responsáveis pelos órgãos centrais da imprensa do Partido, os quais só podem ser escolhidos entre os militantes que tenham pelo menos quatro anos consecutivos de atividade partidária. O Comitê Central designa os candidatos do Partido aos cargos eletivos federais em todo o país e decide sobre as listas de candidatos apresentados para cargos eletivos estaduais e municipais pelos Comitês Regionais e de Zona.

29 — O Presidium, eleito pelo Comitê Central entre os membros deste que tenham pelo menos seis anos consecutivos de atividade partidária, dirige toda a atividade do Partido no período entre duas reuniões do Comitê Central. O Presidium executa todas as decisões do Comitê Central. É responsável diante do Comitê Central por sua atividade e informa ao Comitê Central sobre toda a atividade do Partido.

O Secretariado do Comitê Central cuida do trabalho diário do Partido,



de acordo com as resoluções do Presidium.

30 — A Comissão Central de Controle, eleita pelo Comitê Central e constituída de militantes que tenham pelo menos dez anos consecutivos de atividade partidária, tem as seguintes atribuições:

- a) Examinar as acusações dirigidas contra a honorabilidade pessoal e a conduta pública dos membros do Comitê Central e dos candidatos a membro do Comitê Central, dos membros das Seções e Comissões subordinadas ao Comitê Central, dos responsáveis pelos órgãos centrais da imprensa do Partido, dos Secretários dos Comitês Regionais, bem como dos militantes que exercerem funções de representação partidária em âmbito nacional;
- b) verificar todas as questões de caráter disciplinar que lhe venham a ser submetidas pelo Comitê Central;
- c) investigar a vida de todos os militantes que ocupem cargos de direção no Partido.

As decisões da Comissão Central de Controle, para que sejam válidas, devem ser confirmadas pelo Comitê Central.

31 — A Comissão Central de Finanças tem as seguintes atribuições:

- a) Coordenar e controlar todo o trabalho de finanças do Partido;
- b) controlar a atividade financeira e econômica das empresas do Partido;
- c) apresentar regularmente ao Comitê Central relatórios e balanços da atividade financeira do Partido.

As decisões da Comissão Central de Finanças, para que sejam válidas, devem ser confirmadas pelo Comitê Central.

32 — O Comitê Central tem o direito de criar Direções Políticas Especiais nas regiões ou nos setores de grande importância política em que o Partido se encontre débil e sem condições de atuação efetiva. Com o mesmo fim, o Comitê Central pode enviar organizadores do Comitê Central a essas regiões ou setores. À medida que tais Direções Políticas cumpram suas tarefas, o Comitê Central tem o direito de dissolvê-las ou transformá-

-las em organismos permanentes do Partido.

33 — A Conferência Nacional do Partido é convocada pelo Comitê Central no período entre dois Congressos, sempre que o Comitê Central julgue necessário discutir determinados problemas políticos do Partido. A Conferência Nacional é constituída por delegados eleitos pelos Comitês Regionais, segundo as normas que o Comitê Central estabelecer.

As resoluções da Conferência Nacional, para que sejam válidas e obrigatórias para todo o Partido, devem ser ratificadas pelo Comitê Central.

A Conferência Nacional, independentemente de aprovação do Comitê Central, pode substituir os membros do Comitê Central por candidatos a membro do Comitê Central dentro dos limites de um quinto do número total de membros do Comitê Central, e completar por eleição o número de candidatos a membro do Comitê Central.

Em casos excepcionais, quando o Congresso não puder reunir-se, a Conferência Nacional poderá tomar decisões válidas em lugar do Congresso do Partido.

IV – Organismos Dirigentes Regionais do Partido

34 — O organismo superior da organização do Partido na Região é a Conferência Regional.

A Conferência Regional é constituída, segundo as normas que o Comitê Central estabelecer, por delegados eleitos nas Conferências de Zona e Distritais ou nas Assembleias de Organizações de Base diretamente subordinadas ao Comitê Regional. A Conferência Regional é convocada ordinariamente pelo Comitê Regional uma vez cada ano e meio para eleger o Comitê Regional e discutir os assuntos constantes da ordem do dia.

A Conferência Regional pode ser convocada extraordinariamente pelo Comitê Central do Partido ou por exigência de um número de Comitês de



Zona, Comitês Distritais ou Organizações de Base, cujos efetivos representem pelo menos dois terços do total dos membros do Partido existentes no território sob a jurisdição do Comitê Regional.

No último caso é indispensável a prévia aprovação do Comitê Central. O Comitê Central pode, em qualquer caso, decidir que seja posto na ordem do dia da Conferência Regional um assunto determinado.

35 — O Comitê Regional, eleito pela Conferência Regional, dirige a atividade de todas as organizações do Partido existentes no território sob sua jurisdição. Seu mandato tem, em regra, a duração de um ano e meio.

O Comitê Regional elege em seu seio um Secretariado de três a cinco membros para cuidar do trabalho diário de direção e controlar o cumprimento das resoluções do Partido.

O Comitê Regional aplica as resoluções da Conferência Regional e assegura o cumprimento das diretivas dos organismos superiores do Partido, bem como o desenvolvimento da crítica e da autocrítica, orienta e controla o trabalho de todas as organizações existentes no território sob sua jurisdição; dirige o estudo do marxismo-leninismo pelos membros do Partido.

O Comitê Regional organiza uma Comissão Regional de Finanças por meio da qual arrecada as cotas de finanças de todas as organizações do Partido a ele diretamente subordinadas e entrega ao Comitê Central a cota correspondente.

O Comitê Regional nomeia e substitui os responsáveis pelos órgãos da imprensa do Partido existentes na Região e não diretamente subordinados ao Comitê Central do Partido. O Comitê Regional é responsável por seu trabalho, perante a Conferência Regional e os organismos superiores do Partido, aos quais presta informações sobre toda a atividade do Partido na respectiva Região.

O Comitê Regional reúne-se ordinariamente pelo menos uma vez de dois em dois meses.

V — Organismos Dirigentes do Partido nas Zonas

36 — O organismo superior da organização do Partido na Zona é a Conferência de Zona. A Conferência de Zona é constituída, segundo as normas que o Comitê Central estabelecer, por delegados eleitos nas Conferências Distritais ou Assembleias de Organizações de Base diretamente subordinadas ao Comitê de Zona. A Conferência de Zona é convocada ordinariamente pelo Comitê de Zona uma vez por ano para eleger o Comitê de Zona e discutir os assuntos constantes da ordem do dia.

A Conferência de Zona pode ser convocada extraordinariamente pelo Comitê Central, pelo Comitê Regional ou por exigência de pelo menos dois terços dos militantes do Partido na respectiva Zona.

37 — O Comitê de Zona, eleito pela Conferência de Zona, dirige a atividade de todas as organizações do Partido existentes no território sob sua jurisdição. Seu mandato tem, em regra, a duração de um ano.

O Comitê de Zona elege em seu seio um Secretariado de três a cinco membros para cuidar do trabalho diário de direção e controlar o cumprimento das resoluções do Partido.

O Comitê de Zona aplica as resoluções da Conferência de Zona e assegura o cumprimento das diretivas dos organismos superiores do Partido, bem como o desenvolvimento da crítica e da autocrítica; orienta e controla o trabalho de todas as organizações existentes no território sob sua jurisdição; dirige o estudo do marxismo-leninismo pelos membros do Partido.

O Comitê de Zona organiza uma Comissão de Zona de Finanças por meio da qual arrecada as cotas de finanças de todas as organizações do Partido que lhe estejam diretamente subordinadas e entrega ao Comitê Regional a cota correspondente.

O Comitê de Zona é responsável por seu trabalho, perante a Conferência de Zona e os organismos superiores do Partido, aos quais presta informações sobre toda a atividade do Partido na respectiva Zona.

O Comitê de Zona reúne-se ordinariamente pelo menos uma vez de dois em dois meses.



VI – Organismos Dirigentes Distritais do Partido

38 – O organismo superior da organização do Partido no Distrito é a Conferência Distrital. A Conferência Distrital é constituída, segundo as normas que o Comitê Central estabelecer, por delegados eleitos nas Assembleias das Organizações de Base. A Conferência Distrital é convocada ordinariamente pelo Comitê Distrital uma vez por ano para eleger o Comitê Distrital e discutir os assuntos constantes da ordem do dia.

A Conferência Distrital pode ser convocada extraordinariamente pelo Comitê Central, pelo Comitê Regional, pelo Comitê de Zona ou por exigência de pelo menos dois terços dos militantes do Partido no Distrito.

39 – O Comitê Distrital, eleito pela Conferência Distrital, dirige a atividade de todas as organizações do Partido existentes no território sob sua jurisdição. Seu mandato tem, em regra, a duração de um ano.

O Comitê Distrital elege em seu seio um Secretariado de três membros para cuidar do trabalho diário de direção e controlar o cumprimento das resoluções do Partido. O Comitê Distrital aplica as resoluções da Conferência Distrital e assegura o cumprimento das diretivas dos organismos superiores do Partido, bem como o desenvolvimento da crítica e da autocrítica; cria novas Organizações de Base; orienta e controla o trabalho de todas as Organizações de Base existentes no território sob sua jurisdição; dirige o estudo do marxismo-leninismo pelos membros do Partido.

O Comitê Distrital organiza uma Comissão Distrital de Finanças por meio da qual arrecada as cotas de finanças de todas as organizações do Partido que lhe estejam diretamente subordinadas e entrega ao Comitê de Zona a cota correspondente.

O Comitê Distrital é responsável pelo seu trabalho, perante a Conferência Distrital e os organismos superiores do Partido, aos quais presta informações sobre toda a atividade do Partido no Distrito.

O Comitê Distrital reúne-se ordinariamente pelo menos uma vez por mês.

VII – Organizações de Base do Partido

40 — Os alicerces do Partido são constituídos por suas Organizações de Base. As Organizações de Base do Partido são criadas onde existam três ou mais membros do Partido, em cada local de trabalho: empresa, fábrica, mina, usina, oficina, escritório, loja, fazenda, navio, quartel, centros de ensino etc., ou em cada local de residência: bairro, povoado, rua, conjunto residencial etc.

A criação de uma Organização de Base do Partido deve ser aprovada pelo Comitê imediatamente superior.

A instância máxima da Organização de Base do Partido é a Assembleia Geral, que se reúne pelo menos uma vez por mês.

41 — Nas Organizações de Base de local de trabalho, sempre que necessário, podem ser criadas seções da Organização de Base, a critério do organismo imediatamente superior.

42 — Nas empresas, fábricas etc., de mais de mil operários e de mais de cinquenta militantes, podem ser criados, mediante autorização do Comitê Central do Partido, Comitês de Empresa equiparados a um organismo distrital. Neste caso, as seções da Organização de Base passam a gozar dos direitos de uma Organização de Base do Partido.

43 — A Organização de Base do Partido liga a classe operária e as massas trabalhadoras e populares com os organismos dirigentes do Partido. Suas tarefas são:

- a) Realizar trabalho de agitação e propaganda e de organização entre as massas, visando a ganhá-las para os pontos de vista defendidos pelo Partido e para a realização prática das tarefas indicadas nas resoluções dos organismos superiores do Partido;
- b) estar incessantemente atenta aos sentimentos e reivindicações das massas, transmitir esses sentimentos e reivindicações aos organismos



superiores do Partido, fazer com que os membros do Partido tenham participação ativa nos sindicatos e outras organizações de massa, dar atenção à vida política, econômica e cultural dos trabalhadores e do povo e ganhá-los para que resolvam seus próprios problemas;

c) recrutar novos membros, recolher as contribuições dos membros do Partido, controlar e verificar a atuação e a vida dos membros do Partido e reforçar a disciplina do Partido entre os militantes;

d) organizar o estudo político dos membros do Partido e controlar a assimilação, por eles, de um mínimo de conhecimentos do marxismo-leninismo;

e) desenvolver a crítica e a autocrítica e a educação dos comunistas no espírito de uma atitude intransigente em face dos defeitos no trabalho do Partido.

44 — Para dirigir o trabalho da Organização de Base do Partido, a Assembleia Geral elege um Secretariado de três membros, cujo mandato tem, em regra, a duração de um ano.

O Secretariado pode ser destituído a qualquer momento pela Assembleia Geral.

Na Organização de Base que possua até sete membros a Assembleia Geral elege apenas um Secretário.

VIII – Frações do Partido nas Organizações de Massa

45 — Para coordenar o trabalho do Partido em todas as organizações de massa — sindicatos, organizações camponesas, cooperativas, clubes, associações femininas, juvenis etc. —, e também nos órgãos legislativos onde haja no mínimo três membros do Partido, poderão ser organizadas Frações do Partido.

46 — As Frações do Partido, conforme o âmbito das organizações de massa ou dos órgãos legislativos em que atuem, ficarão sob a direção e o

controle dos Comitês correspondentes do Partido e, em todos os assuntos, deverão aplicar as decisões por estes adotadas.

Cada Fração terá um Secretariado designado pelo Comitê do Partido que a dirige. A Fração não equivale a uma Organização de Base do Partido. Os membros da Fração participarão e atuarão, obrigatoriamente, nas suas respectivas Organizações de Base.

IX – Medidas Disciplinares do Partido

47 – As organizações do Partido em todas as instâncias poderão tomar medidas disciplinares, sempre sujeitas à aprovação do organismo imediatamente superior e de acordo com as circunstâncias concretas, contra os infratores da moral do Partido (mentir ao Partido, faltar à honestidade e à sinceridade para com o Partido, incidir em calúnias, dissolução de costumes etc.) e em virtude de faltas que o Partido considere criminosas, como o não cumprimento das resoluções dos organismos superiores, a violação do Programa e dos Estatutos do Partido ou ainda conduta que prejudique o prestígio e a influência do Partido no seio da classe operária e do povo.

48 – As medidas disciplinares aplicáveis a toda uma organização do Partido são as seguintes: repreensão, reorganização parcial de seu organismo dirigente, dissolução de seu organismo dirigente e nomeação de um organismo dirigente provisório, ou dissolução da organização.

49 – As medidas disciplinares aplicáveis a um membro do Partido, variando segundo o grau de responsabilidade do militante e a gravidade da falta que tenha cometido, são as seguintes: advertência ou censura pessoal, advertência ou censura pública, afastamento da função que exerce, exclusão do organismo a que pertence, afastamento ou expulsão do Partido.

50 – O membro, ou a organização do Partido, que julgue injusta a medida disciplinar imposta pode pedir sua reconsideração, ou ainda apelar para organismo superior do Partido.

X – Finanças do Partido



51 — Os recursos financeiros do Partido são constituídos pelas contribuições de seus membros, por donativos e rendas eventuais.

As contribuições mensais dos membros do Partido são estabelecidas, de acordo com a receita de cada um, na seguinte proporção: até dois mil cruzeiros pagam um por cento; de dois mil e um a três mil cruzeiros pagam dois por cento; superior a três mil cruzeiros pagam três por cento.

O Comitê Central estabelece a forma de repartir as contribuições entre as organizações subordinadas e o Comitê Central.

52 — Qualquer membro do Partido, em caso de desemprego, de doença, ou eventualidade semelhante, pode ser temporariamente isento do pagamento de sua contribuição pelo organismo dirigente de sua organização, com a aprovação do organismo imediatamente superior.

9 – Intervenções



Agitação e Propaganda Para Milhões, Fator Decisivo Para a Vitória do Programa do Partido

[Intervenção no IV Congresso do Partido Comunista do Brasil – PCB]

Maurício Grabois
Novembro de 1954

**Camaradas Delegados Fraternalis,
Camaradas Delegados,**

Em seu Informe ao IV Congresso, o camarada Prestes arma os membros do Partido para lutarem com êxito pelos objetivos do Programa, traça com clareza as tarefas para derrotar as forças reacionárias internas e o opressor imperialista norte-americano. Diz o camarada Prestes: “Na atual situação, ampliar e melhorar a propaganda e a agitação política do Partido é uma questão decisiva para o próprio Partido.”.Como estamos enfrentando essa questão decisiva?

Com o lançamento do Programa, a nossa agitação e propaganda ganhou novo estímulo, cresceu em volume e melhorou em qualidade. O Programa foi editado e difundido em massa através dos jornais da imprensa popular, de folhetos, volantes e palestras e de vários órgãos da imprensa que não estão sob a nossa influência. Nenhum documento do Partido foi tão popularizado e debatido entre o povo como o Programa. Atinge a quase quatro milhões o número de exemplares do Programa até agora editados e divulgados em todo o país. Mais de vinte jornais que representam as mais diferentes forças e correntes políticas, entre os quais se incluem alguns órgãos de imprensa de grande circulação, reproduziram em suas páginas o Programa do Partido.



Inúmeras iniciativas, muitas delas novas e criadoras, surgiram no trabalho de agitação e propaganda após o lançamento do Programa. São milhões e milhões de volantes e boletins com trechos do Programa, são os cartazes e as pinturas sobre o Programa, são as cartas endereçadas a milhares de pessoas apresentando o Programa. Em vários estados, estações de rádio do interior e serviços de alto-falantes irradiam partes do Programa. Debates, conferências, palestras e sabatinas sobre o Programa foram realizados em grande número entre amplas massas das cidades e do campo. Comandos nas grandes cidades e no interior foram realizados, com visitas de casa em casa para divulgar e explicar o Programa. Na Região de Piratininga, em todas as empresas de mais de 500 operários, o Programa foi distribuído e discutido com plena aceitação da massa. Camaradas do interior do Ceará debateram o Programa com mais de dois mil camponeses, percorrendo fazenda por fazenda. Numa assembleia da Associação de Camponeses de Nova Fátima, no norte do Paraná, o Programa foi lido para 800 camponeses. O Comitê de Empresa da Prefeitura do Distrito Federal enviou aos funcionários, pelo correio, exemplares do Programa e, posteriormente, controlou o seu recebimento, colhendo as impressões causadas e entabulando discussão sobre as diversas questões suscitadas pelo Programa. Experiência interessante no debate do Programa foi a polêmica travada entre o *Jornal do Povo*, de Belo Horizonte, e o jornal do padre da cidade de Diamantina — acontecimento que despertou grande interesse e determinou que o Programa prendesse vivamente a atenção do povo durante várias semanas.

O trabalho de agitação e propaganda concorre, assim, para aumentar a repercussão que o Programa está alcançando entre as mais variadas camadas da população e no país inteiro.

No trabalho de agitação e propaganda do Programa, o papel mais destacado coube à imprensa popular. Após o lançamento do Programa, os jornais da imprensa popular realizaram importante avanço. Em diversos estados, jornais que estavam sem circulação voltaram novamente a ser editados e em outros estados foram criados novos órgãos de imprensa.

Hoje, a imprensa popular é constituída pela *Voz Operária*, por cinco periódicos de caráter nacional, por sete diários, doze semanários e inúmeros pequenos jornais de empresa e de setor profissional. Esta rede de jornais é uma arma insubstituível na propaganda do Programa e na luta pela execução das tarefas que o Partido enfrenta.

Com a publicação do Programa do Partido, a imprensa popular vem revelando alguns progressos. Isto diz respeito, particularmente, à *Voz Operária* e aos diários do Distrito Federal e de São Paulo. Embora lentamente, melhora-se o conteúdo e a apresentação gráfica, bem como aumenta a circulação da maioria dos jornais da imprensa popular. Com a publicação do Programa, a *Voz Operária* teve sua tiragem aumentada em cerca de 80%, sendo que, na capital de São Paulo, a sua circulação cresceu em 5 vezes. O diário *Imprensa Popular*, que circula no Distrito Federal, aumentou sua vendagem em 100%, sem incluir as vendas através de comandos realizados aos domingos. Em São Paulo, o *Hoje*, diário de massas, teve também acrescida a sua circulação. No Rio Grande do Sul, o órgão diário da imprensa popular realizou sensíveis progressos. O jornal da Bahia, que tinha sido profundamente golpeado pela reação, voltou a circular diariamente e a sua tiragem foi duplicada. O semanário de Minas Gerais foi transformado em diário. A difusão dos jornais da imprensa popular tem aumentado com a sua venda através dos comandos realizados organizadamente aos domingos. Isto contribuiu para torná-los mais conhecidos das massas. Basta citar o fato de comandos da *Imprensa Popular*, no Rio, distribuírem, em um domingo, três vezes mais exemplares do jornal do que a quantidade vendida normalmente nas bancas.

Mas os êxitos obtidos na frente de agitação e propaganda são poucos em relação às exigências da luta para tornar vitorioso o Programa. Ainda não satisfazem, tanto em quantidade como em qualidade, os volantes, boletins, cartazes, faixas e pinturas. É insuficiente o número de comícios, palestras, conferências e sabatinas públicas sobre o Programa, e os oradores e conferencistas deixam muito a desejar. Não fazemos uma agitação e propaganda para milhões de brasileiros. Não nos dirigimos especificamente



aos operários, aos camponeses, às mulheres, aos jovens, a cada camada social que pode integrar a frente única antifeudal e anti-imperialista. Nossos folhetos e volantes, na maioria das vezes, são dirigidos a todos os patriotas indistintamente, sem falar das reivindicações particulares de cada camada da população.

Mesmo no terreno da difusão do Programa, estamos atrasados. Não há um só Comitê Regional que tenha superado as cotas de publicação do Programa fixadas pelo Comitê Central no Plano Lênin. O trabalho de divulgação e popularização do Programa ainda não obedece a uma planificação detalhada e permanente, com a determinação das datas e dos lugares das empresas, fazendas, dos bairros e ruas que devem ser atingidos. A edição de cerca de 4 milhões de exemplares do Programa é insuficiente para um país como o Brasil, com uma população de 51 milhões de habitantes. Como esclarecer as massas do Rio Grande do Norte e dirigir suas lutas se, naquele estado, o Comitê Regional só distribuiu cerca de mil exemplares do Programa? Como conquistar os 6 mil mineiros de Morro Velho para as posições políticas do Partido se ali, até agora, foi difundido apenas um milhar de folhetos com o Programa? Não nos podemos contentar com as irrisórias edições do Comitê Regional de Pernambuco, de 75 mil exemplares, para uma população de três milhões e 400 mil pessoas. Tampouco satisfaz o trabalho do Comitê Regional do Rio Grande do Sul, com a publicação de 550 mil exemplares, para serem distribuídos entre uma população de cerca de 5 milhões de habitantes.

Temos perdido inúmeras e boas oportunidades para falar ao povo. Por exemplo, não soubemos aproveitar suficientemente, apesar do muito que fizemos, os acontecimentos de 24 e 25 de agosto, quando o povo na rua se mostrava indignado com o imperialismo ianque, para denunciar a decomposição do atual regime e apontar às massas as nossas soluções, as medidas que se incluem no Programa do Partido. Mesmo no curso da campanha eleitoral, não trabalhamos, como era necessário e preciso, entre as diversas camadas do povo com o Programa, explicando-o mais claramente nos comícios, nos comandos e nas palestras. Nossa agitação

e propaganda cuida frequentemente da “alta política” sem contato com a realidade local, sem partir dos problemas da vida cotidiana que mais preocupam as massas. Vejamos um exemplo bastante expressivo: a corrupção dos governantes e os escândalos que caracterizam o atual regime. É uma questão que desperta o maior interesse do povo. Durante a campanha eleitoral a imoralidade que viceja nos círculos políticos das classes dominantes veio à tona. Enquanto politiquinhos venais, declarados agentes dos monopólios norte-americanos, demagogicamente, levantavam a luta contra a corrupção e, assim, ludibriavam as massas, nós, comunistas, que somos inatacáveis e de reconhecida honradez, não fomos suficientemente capazes, no momento oportuno, de desmascarar as roubalheiras e negociações, de revelar a lama em que chafurda o regime de latifundiários e grandes capitalistas.

É reduzido o nosso trabalho de agitação e propaganda dirigido às massas de analfabetos que constituem a maioria das camadas sociais que precisamos conquistar. Daí a nossa pouca utilização do rádio, do cinema, dos discos etc., para divulgar e esclarecer o Programa.

Ainda falamos uma linguagem pouco acessível às massas. Usamos em certos casos, as frases feitas e decoradas que constituem a gíria partidária. Este linguajar é uma manifestação sectária, uma vez que, sendo incompreensível para o povo, dele nos isola.

No trabalho de imprensa, temos a assinalar inúmeras debilidades. Os jornais da imprensa popular avançam lentamente no esclarecimento e educação política do povo. Não explicamos suficientemente nos jornais da imprensa popular o Programa, nem orientamos com segurança o debate público em torno desse documento básico do Partido. As entrevistas, os artigos de esclarecimento, os fatos vivos para a comprovação das teses do Programa frequentemente aparecem nos jornais da imprensa popular sem continuidade e sem relevo. As respostas às perguntas dirigidas às redações, de um modo geral, são ainda superficiais e sobre questões de detalhe. Muitos jornais da imprensa popular deixaram desaparecer as seções sobre o Programa e outros se limitam a reproduzir as respostas



publicadas na *Voz Operária*. Algumas respostas às perguntas dos leitores são incompletas e muitas outras não trazem os dados para comprovar as teses defendidas.

Pouco utilizamos na imprensa um meio tão poderoso de esclarecimento e educação do povo como a polêmica. Não respondemos com persistência as teses da imprensa a serviço do imperialismo americano que procura justificar a submissão do país aos monopólios dos Estados Unidos. Há, ainda, vacilações na defesa das nossas posições e das reivindicações das classes e camadas sociais que são chamadas a integrar a frente democrática de libertação nacional. Embora tenhamos dado alguns passos no que se refere à defesa dos direitos e reivindicações da classe operária, não abordamos com a devida profundidade as questões relacionadas com os interesses da pequena burguesia urbana, da intelectualidade e da burguesia nacional. Os problemas das massas camponesas estiveram ausentes durante um longo período nos jornais da imprensa popular, e ainda hoje subestimamos os assuntos referentes ao trabalho no campo. Assim, não contribuímos na medida do necessário para impulsionar a organização da frente única antifeudal e anti-imperialista. Nota-se ainda nos jornais da imprensa popular pouca vivacidade e falta de combatividade. Os jornais não refletem inteiramente o descontentamento cada vez maior das massas com relação à política do atual governo. Reagimos lentamente face aos acontecimentos e nem sempre respondemos na ocasião oportuna, e de maneira justa, aos fatos que se sucedem no cenário político. Isto porque os nossos jornalistas ainda não assimilaram de todo o Programa. Em algumas ocasiões os jornais da imprensa popular caem no objetivismo burguês e se deixam influenciar pela imprensa burguesa, pelo seu sensacionalismo, o que significa, na prática, capitular diante da pressão ideológica das classes dominantes e do imperialismo norte-americano. Outro fator que dificulta a melhoria e a expansão dos jornais da imprensa popular é a sua linguagem pouco compreensível ao povo. Embora depois da apresentação do Programa, tenhamos progredido na maneira de redigir e apresentar as matérias, muitas vezes escrevemos como se os jornais da imprensa popu-

lar se destinassem unicamente aos comunistas e simpatizantes e não aos milhões de brasileiros. Os jornais da imprensa popular, via de regra, são pouco noticiosos, o que prejudica sua penetração nas amplas massas.

As debilidades apontadas repercutem negativamente na circulação dos jornais da imprensa popular. Apesar de o número de jornais da imprensa popular não ser pequeno, as suas tiragens são reduzidas se comparadas com as necessidades da luta pela vitória do Programa. O ritmo de crescimento da circulação dos jornais da imprensa popular é vagaroso. Confrontando o número de exemplares que atinge a circulação dos diários e semanários da imprensa popular em cada estado e município com o número de seus habitantes, a conclusão a tirar é de que eles alcançam somente os comunistas e os homens mais avançados.

As deficiências da imprensa popular estão inteiramente ligadas à nossa subestimação em relação aos jornais. Não orientamos de modo persistente os diários ou periódicos. As redações passam meses sem controle e assistência. É geral o descaso. Pouco se discute a situação da imprensa e não se tomam as medidas necessárias para superar as suas falhas. Satisfazemo-nos com as pequenas tiragens, quando é perfeitamente possível multiplicar por muitas vezes a circulação dos jornais da imprensa popular.

Em face das exigências do trabalho de popularização e esclarecimento do Programa, a agitação e propaganda em todos os seus aspectos tem que sofrer uma profunda reviravolta. Em nossa agitação e propaganda é preciso colocar em primeiro plano os problemas básicos do Programa e as atuais tarefas políticas traçadas no Informe do camarada Prestes. Defender a paz, não dar tréguas ao imperialismo norte-americano, desmascarar o governo de latifundiários e grandes capitalistas que realizam no Brasil a política dos monopólios dos Estados Unidos. Manter uma posição unitária procurando atrair todos os que podem marchar conosco, por um ponto do Programa que seja, na luta contra o inimigo comum. Aos jornais da imprensa popular cumpre popularizar ainda mais as realizações da União Soviética, da República Popular da China e dos países de democracia popular.



Ampliemos os nossos horizontes e pensemos na agitação e propaganda em termos de milhões. Para continuarmos com mais intensidade a batalha para transformar o Programa do Partido em programa de todo o povo, cabe-nos editar e divulgar milhões de exemplares do Programa, para que todo patriota receba um exemplar do Programa. É indispensável organizar cuidadosamente a distribuição do Programa entre as massas, levar o Programa de fábrica em fábrica, de fazenda em fazenda, de vila em vila, de casa em casa. Especial atenção deve merecer a confecção de milhões de volantes, cartazes, pinturas murais etc., capazes de atrair a atenção das massas para o Programa.

A popularização do Programa exige a intensificação de debates, mesas-redondas, conferências, comícios etc. Para isso, cabe-nos organizar grupos de agitadores e propagandistas com elementos capazes de explicar o Programa ao povo, cada dia e cada hora, em linguagem clara e simples, com argumentos convincentes.

Uma importante exigência da luta pelo Programa é a de intensificar a agitação e propaganda entre as massas de analfabetos. Neste sentido, é necessário desenvolver a agitação oral e fazer todos os esforços para utilizar ao máximo as estações de rádio e os serviços de alto-falantes existentes no país, bem como gravar discos com partes do Programa e textos sobre as tarefas que enfrentamos.

Simultaneamente, é preciso acelerar o nosso trabalho editorial, tendo em vista melhorar a propaganda. Aumentar o ritmo de publicação das obras dos clássicos do marxismo, terminando no menor prazo a publicação das *Obras Escolhidas* de Lênin e das *Obras* de Stálin. Nos próximos planos editoriais, precisamos incluir estudos sobre a realidade brasileira.

Pensamos ser dever irrecusável de todos os Comitês Regionais ajudar as organizações de base a elaborarem seus planos de popularização e esclarecimento do Programa entre as massas. Isto significa difundir o Programa aos milhões e levantar as suas tarefas, tendo em conta que as questões políticas mais candentes e as reivindicações mais sentidas das massas devem estar ligadas de maneira viva ao Programa.

No que se refere ao trabalho com a imprensa popular, precisamos melhorar o conteúdo de todos os jornais. A imprensa popular precisa ser o melhor veículo de divulgação e esclarecimento do Programa e expressar fielmente as nossas tarefas atuais.

O semanário *Voz Operária* necessita elevar rapidamente seu nível. Precisamos melhorar a qualidade das matérias editoriais e tornar a *Voz Operária* um poderoso instrumento de educação dos comunistas e das massas, que faça, sem interrupção, a propaganda do marxismo-leninismo.

Um persistente combate deve ser travado para ligar ainda mais a imprensa popular às grandes massas. Os jornais, principalmente os diários, precisam ser bastante informativos, tratar dos problemas que interessam aos mais diversos setores da população, levantar com vigor as reivindicações da classe operária e das massas populares. Com urgência, necessitamos criar amplas redes de correspondentes dos jornais da imprensa popular, capazes de estabelecer uma viva ligação entre os jornais e as massas e de levar ao conhecimento das redações os fatos que ocorrem nas fábricas, fazendas e vilas, bairros e em todos os locais de trabalho.

Particular atenção estão a merecer os pequenos jornais de empresa e setor profissional, através de um auxílio continuado aos seus redatores com opiniões e sugestões. Os pequenos jornais têm que refletir sempre as reivindicações mais sentidas das massas trabalhadoras.

Importante tarefa no trabalho de agitação e propaganda é elevar o nível político, ideológico e profissional dos nossos jornalistas. Para que estes jornalistas assimilem mais rapidamente o Programa, cabe-nos realizar reuniões periódicas com as redações para o debate e o estudo do Programa e para a discussão das questões políticas mais importantes do momento, através da organização de planos de conferências, bem como do *Seminarium* da redação. É urgente criar cursos de jornalismo, tendo em vista a formação de novos quadros e melhorar a composição social das redações dos jornais da imprensa popular, fazendo com que o corpo de redatores seja enriquecido com quadros operários e camponeses. É imprescindível destacar para os jornais quadros politicamente qualificados,



capazes de refletir a linha política e assegurar a reviravolta que a luta pelo Programa impõe.

Para facilitar o crescimento da imprensa popular grande esforço deve ser realizado para que os jornais sejam atraentes do ponto de vista gráfico. Precisamos dar uma atenção especial ao aparelhamento das oficinas gráficas e ao estudo da paginação dos jornais.

Outra importante tarefa é desenvolver a agência de notícias, transformando-a num poderoso auxiliar dos jornais da imprensa popular. Não só pelo envio de notícias e artigos, como também pelas opiniões críticas e propostas concretas.

É necessário ajudar os jornais de massas dedicados a determinados setores da população a se transformarem em jornais de grande circulação. É urgente prestar um auxílio permanente ao jornal sindical, ao jornal camponês, à revista feminina, ao jornal da juventude e ao jornal de luta pela emancipação nacional, a fim de que se dediquem efetivamente aos setores da população a que estão destinados e levem em conta as peculiaridades e as reivindicações de cada setor, utilizando uma linguagem própria, de fácil compreensão para seus leitores.

É uma questão vital para os jornais da imprensa popular melhorar sua difusão. Os jornais da imprensa popular precisam alcançar grandes tiragens. A tarefa de aumentar a difusão da imprensa popular não é só das direções dos jornais. Em toda parte, precisamos estabelecer planos concretos de difusão, realizando obrigatoriamente comandos aos domingos, fazendo propaganda do jornal, criando agências e sucursais nos bairros e municípios e organizando o corpo de vendedores especiais. Tendo em vista impulsionar a distribuição dos jornais da imprensa popular, será de grande importância o Mês da Imprensa, a ser instituído em março próximo.

Camaradas:

Chegamos a este Congresso assinalando importantes êxitos que despertam o furor dos inimigos de nossa pátria. A unidade das forças de-

mocráticas e anti-imperialistas avança, forjamos a frente democrática de libertação nacional. Sob a direção provada do camarada Prestes, o Partido saberá cumprir seu papel histórico de chefiar a luta para livrar o país da escravidão imperialista norte-americana.

Caminhamos confiantes ao encontro de um futuro de felicidade, pois temos ao nosso lado o campo das forças democráticas, à cuja frente marcha impavidamente a grande União Soviética.

O Programa do Partido, As Experiências das Eleições de 3 de Outubro e As Nossas Tarefas para a Campanha Eleitoral de 1955

Carlos Marighella
Novembro de 1954

Saúdo os camaradas delegados ao IV Congresso!

Saúdo os camaradas delegados fraternais!

O Informe do camarada Prestes está ligado ao significado histórico do IV Congresso do nosso Partido, Congresso que se realiza sob as condições de uma intensa luta de nosso povo contra o imperialismo norte-americano e de uma tenaz luta de classes contra os grandes capitalistas e latifundiários serviçais dos monopólios dos Estados Unidos. Nosso IV Congresso se realiza sob a bandeira do Programa do Partido Comunista do Brasil.

Na luta para ganhar as massas para as posições do Programa, diante das eleições parlamentares e de governadores de 11 estados, marcadas



para 3 de outubro, nosso Partido tomou posição desde o Pleno do Comitê Central de dezembro de 1953. Nossa tática eleitoral decorreu dos princípios estratégicos e táticos de nosso Programa. Ela consistiu dos seguintes elementos:

1. Utilizar a campanha eleitoral para estreitar nossas ligações com as massas, difundir o Programa do Partido, avançar no sentido da unidade de ação das massas e de sua organização, visando à construção da frente democrática de libertação nacional.
2. Estender a mão a todos os patriotas e democratas, independentemente de suas crenças e opiniões políticas e dos partidos a que pertencessem, propondo a todos a participação na campanha eleitoral, e no pleito, em torno de uma plataforma comum: defesa da paz e das liberdades, contra a carestia da vida, pela independência nacional.
3. Levar aos postos eletivos os patriotas e democratas e derrotar os agentes do imperialismo norte-americano, assim como o governo.
4. Realizar um amplo alistamento eleitoral.
5. Intensificar a luta pela legalidade do Partido Comunista do Brasil e pelo registro de nossos candidatos.

Esta tática, definida pelo Manifesto Eleitoral do Comitê Central, revelou-se justa e cheia de sentido patriótico. Nosso Partido teve que aplicar esta tática em condições as mais difíceis.

Patriotas de todas as tendências tiveram seus registros negados em consequência das instruções fascistas da justiça eleitoral. A fraude, a corrupção, os mais flagrantes e violentos atentados à Constituição caracterizaram as eleições de 3 de outubro, despindo-as de qualquer aparência democrática.

Como participamos nesta campanha, pondo em prática a tática eleitoral traçada pelo Comitê Central?

Lançamos no início da campanha eleitoral os candidatos populares sem legenda, comunistas e não comunistas. Esta tática de frente única foi justa, facilitou reforçar nossas ligações com as massas, levantar suas rei-

vindicações e popularizar nossa linha política, levantar nossas palavras de ordem, organizar e levar à luta a classe operária e o povo.

Um importante passo na organização da frente única eleitoral foi o lançamento de coligações democráticas eleitorais de âmbito estadual.

Os acontecimentos de 24 de agosto trouxeram, porém, um novo reforço à nossa tática de frente única.

Em consequência do golpe de Estado e da deposição e morte de Vargas, surgiram no país novas condições que facilitavam uma estreita ligação com as massas getulistas.

Diante de tais acontecimentos, nosso Programa revelou-se inteiramente justo, sendo que devíamos então lutar pela derrota dos generais fascistas e da UDN. Selada a aliança dos comunistas com as massas getulistas, nas manifestações de protesto contra o golpe, a frente única com o PTB passou para o primeiro plano. Esta mudança de tática foi definida pelo Manifesto do Comitê Central de 1º de setembro e reafirmada pelos artigos do camarada Prestes, publicados às vésperas do pleito. Não foi fácil a todo o Partido compreender e realizar com rapidez essa mudança tática. Houve vacilações e resistências, difíceis de vencer no curto prazo de que dispúnhamos para nos movimentar. Mas a frente única com as massas getulistas e com o PTB trouxe grandes vantagens políticas. Inúmeros diretórios do PTB passaram a colaborar com os comunistas, nossas palavras de ordem puderam se estender a setores populares mais amplos e o trabalho de organização das massas se ampliou. O maior empecilho na aliança dos comunistas com os trabalhistas foram os aproveitadores infiltrados no PTB, na sua Comissão Executiva Nacional e nos seus diretórios estaduais, que tudo fizeram para intimidar e confundir as massas getulistas e sabotar a luta contra o imperialismo norte-americano. A aliança entre comunistas e getulistas era justa e necessária, era exigida pelas massas. É que ela serve aos interesses da luta patriótica pela emancipação do Brasil do jugo norte-americano.

O fio condutor da nossa tática eleitoral em face dos candidatos a governadores foi o da aliança com o PTB ou com aqueles que, seja qual for



o Partido, se colocaram em oposição ao golpe de 24 de agosto e em defesa da Constituição. Para tais entendimentos os comunistas se guiaram pelos princípios táticos definidos pelo Manifesto Eleitoral do Comitê Central.

Duas linhas políticas fundamentais se defrontaram na campanha eleitoral.

Uma foi a linha dos agrupamentos políticos que defendem o golpe de 24 de agosto, defendem os governos estaduais responsáveis pela carestia de vida e a miséria do povo e adotam uma posição entreguista pró-imperialismo norte-americano. Os principais representantes dessa linha são politiqueiros da UDN.

A outra linha foi a dos agrupamentos políticos que combatem o golpe de 24 de agosto, lutam contra os governos estaduais responsáveis pela carestia de vida e a miséria do povo e adotam uma posição em defesa da Constituição e antientreguista contra o imperialismo norte-americano. A principal força política representante dessa linha são os comunistas, que se aliaram às massas getulistas, ao PTB e a todos os patriotas e democratas que amam o Brasil e querem o bem-estar do povo.

Mas uma particularidade das eleições de 3 de outubro é de que ainda há outros agrupamentos políticos que, aproveitando-se do descontentamento das massas, apresentaram-se como oposição ao governo. Em tais agrupamentos figuram conhecidos demagogos, cujo único objetivo é enganar as massas para melhor servir aos patrões americanos e aos interesses dos grandes capitalistas e latifundiários.

Os resultados eleitorais mostram que o povo votou contra os entreguistas, votou contra a carestia de vida e a corrupção dos governantes, votou em defesa da Constituição e contra a política americana da ditadura de Café Filho. De um modo geral, a derrota da UDN, comprometida com o golpe de 24 de agosto, se tornou evidente. Os mais raivosos entreguistas, como Hamilton Nogueira e Chateaubriand, sofreram uma derrota eleitoral.

Apesar disso, a derrota dos entreguistas não foi completa, nem total. Muitos deles, grandes banqueiros e latifundiários, rancorosos inimigos do povo, ainda conseguiram eleger-se.

Um dos piores agentes norte-americanos, como Cordeiro de Farias, conseguiu eleger-se governador de Pernambuco. O governo do policial Etelvino Lins, que o apoiou, lançou mão dos recursos mais infames para assegurar a vitória de seu candidato. Empregou a fraude, a violência, mistificou, chegou a imprimir uma edição falsa de nosso jornal *Folha do Povo*, o que revela o caráter antidemocrático de tais eleições. Mas, para ganhar os votos dos camponeses, Cordeiro de Farias teve de apresentar-se como antigo membro da Coluna Prestes. Isto mostra que Cordeiro de Farias não foi desmascarado e que ainda não sabemos utilizar junto aos camponeses o largo prestígio do nome de Prestes e a influência do Partido para ganhar as massas para as posições do Programa.

No Rio Grande do Sul nossos camaradas vacilaram em aplicar a tática do Programa, foi grande o sectarismo dos que não compreenderam a importância política da aliança entre comunistas e getulistas, o que os levou a apoiar Pasqualini, candidato do PTB, somente depois de determinação do Comitê Central. As cidades proletárias asseguraram a vitória a Pasqualini. Os distritos rurais, porém, decidiram da vitória a favor de Meneghetti.

No estado de São Paulo a vitória coube ao demagogo Jânio Quadros. Em bairros como Vila Prudente, Vila Mariana etc., redutos dos comunistas, Jânio Quadros contou com a maioria dos votos. Redutos camponeses, que sempre pertenceram aos comunistas como Tanabi, deram maior votação inclusive a Prestes Maia, candidato do governador Garcez. Wladimir Piza, candidato apoiado por nós, só venceu em Sorocaba e Ribeirão Preto.

No Ceará, em Sergipe e no Amazonas a campanha eleitoral foi prejudicada pelo sectarismo. No Distrito Federal, dois candidatos apoiados por nós foram eleitos e conseguimos derrotar o furibundo e clerical entreguista Hamilton Nogueira. Mas o agente americano Carlos Lacerda obteve muitos votos, porque não foi suficientemente desmascarado.

Na Bahia foi eleito governador Antônio Balbino, apoiado por nós na legenda do PTB.

Apesar dos resultados pouco satisfatórios, aumentamos nossa representação na Câmara Federal. As melhores posições foram obtidas em São



Paulo, com uma votação de cerca de 60 mil votos, votação apesar de tudo baixa.

No Distrito Federal nossa votação foi de 50 mil votos, superior, portanto, à das eleições anteriores.

Em vários estados elegemos importante número de vereadores.

Os resultados eleitorais indicam um importante avanço em relação às nossas posições em 1950, quando em consequência de nossa orientação esquerdista quase nada conseguimos eleitoralmente.

Não obstante nossa aliança com as massas getulistas e o PTB, com todos os patriotas e democratas, ela não foi suficientemente profunda para a vitória eleitoral completa sobre os entreguistas.

Os eleitores em massa se afastaram do governo, mas ainda não foram inteiramente ganhos para as posições do Programa, como mostrou o pleito eleitoral. Na maior parte dos estados, como aconteceu em São Paulo, a vitória coube aos demagogos que ainda arrastaram o eleitorado, fazendo-se passar por oposição e por democratas.

Os resultados eleitorais não estão à altura do significado político e histórico do nosso Programa, para cujas posições nosso Partido se traçou a tarefa de ganhar os milhões de brasileiros. Tais resultados revelam ainda penetração insuficiente de nosso Programa nas várias camadas e nos vários setores da população.

Nosso poder de penetração com o Programa no campo é ainda pequeno. Isto está revelado na maior parte dos distritos rurais do Rio Grande do Sul ou nas concentrações camponesas de São Paulo, por exemplo, onde ainda arrastamos um número insuficiente de votos dos camponeses. Entretanto, no campo temos infinitas possibilidades de ganhar as massas camponesas, dada a justeza com que o nosso Programa enfrenta a questão agrária. Não foi por acaso que na cidade de Franca, no interior de São Paulo, getulistas se cotizaram e financiaram a impressão do Programa.

É evidente que o trabalho permanente com o Programa penetrando nestas e naquelas camadas, nestas e naquelas cidades é uma garantia para

o voto aos candidatos apoiados pelo Partido. O resultado eleitoral não satisfatório revela uma grave debilidade, é fruto da falta de um trabalho persistente pela aplicação da linha política do Partido nas empresas, nos sindicatos, entre os camponeses e nas organizações de massa. É por isso que chamam a atenção e exigem medidas as debilidades reveladas nos Comitês Regionais do interior do país, principalmente no estado de São Paulo.

Para a situação verificada com a campanha eleitoral contribuíram as tendências falsas existentes no Partido e já analisadas pelo camarada Prestes, no seu Informe ao IV Congresso.

O sectarismo foi o pior entrave na campanha eleitoral. Isto levou a uma séria resistência à ampla tática de frente única, principalmente com o PTB.

Da parte de muitos camaradas do Partido houve ceticismo, predominou o sentimento de derrota antes do pleito, a tendência ao abstencionismo e ao reboquismo. A indiferença política constituiu um sério prejuízo, levou a que não se mobilizasse inteiramente o Partido e a que não se ganhassem satisfatoriamente as massas.

Os resultados eleitorais exigem um profundo exame crítico e auto-crítico em todo o Partido, partindo dos membros do Comitê Central que dirigiram a campanha nas Regiões. Exigem melhor seleção de quadros combativos e capazes de aplicar a estratégia e a tática do Programa.

Adquirimos importantes experiências nesta campanha eleitoral. O fato de o candidato a deputado que mereceu nosso apoio no Distrito Federal, pessoa desconhecida das grandes massas, ter sido eleito com 50 mil votos numa campanha de menos de dez dias constitui uma demonstração de força e prestígio, indica que o que decide da vitória é o trabalho político entre as massas, a convicção da justeza da tática, a ação prática, audaz e persistente dos comunistas no trabalho eleitoral, ganhando as massas pacientemente e sem sectarismo para as posições do Programa.

No estado do Rio deve-se salientar a dedicação e a compreensão dos comunistas, principalmente em Niterói e São Gonçalo, onde foram feitos na véspera do dia das eleições comandos de oito mil exemplares do nosso



jornal e onde contagiou a todos a palavra de ordem “Um deputado em 24 horas”. Os resultados eleitorais positivos nesses dois municípios atestam o valor de um trabalho comunista permanente e abnegado. Assim é que se conseguiram eleger dois deputados à Assembleia Legislativa fluminense.

Exemplo importante é o da vitória de Piza em Sorocaba. Os fatores fundamentais da vitória em Sorocaba estão em que os comunistas realizaram ali importante trabalho político, fizeram o trabalho de massa nos Comitês da Panela Vazia nos bairros, convenceram o eleitorado de que não se tratava de eleger Jânio para derrotar Adhemar e Prestes Maia, mas de derrotar três candidatos reacionários iguais e eleger um patriota que se comprometia perante o povo. A campanha ganhou tal vulto que acabou arrastando os indecisos. E as massas seguiram as justas palavras de ordem dos comunistas.

Outro exemplo é o dos camaradas da Paraíba. A palavra de ordem geral de “derrotar os entreguistas” foi ali transformada na palavra de ordem específica de “derrotar o entreguista Chateaubriand”. Para isso criaram comitês específicos contra a eleição de Chateaubriand, comitês que abrangiam operários, estudantes, populares etc. Esses comitês levantaram a luta contra o imperialismo americano, em defesa do petróleo e pela derrota do nauseabundo entreguista. Grupos de agitadores desses comitês iam em comício apartear e desmascarar Chateaubriand, que sofreu estrondosa derrota na capital da Paraíba. O grosso de sua votação foi no interior do estado, onde as nossas debilidades ainda se revelaram pela fraqueza do trabalho com as massas camponesas.

Em Santos, ao contrário do que sucedeu com Chateaubriand na Paraíba, o policial Cruz Seco, sanguinário inimigo do povo, foi eleito. Por que isto se deu? É que os nossos camaradas de Santos ficaram na política geral, não mobilizaram as bases do Partido nem mobilizaram suficientemente as massas para derrotar tão odiado policial.

Isto mostra que onde as direções e os militantes do Partido trabalharam com ardor pela linha política do Partido, a vitória foi assegurada; onde isto não foi feito os resultados são desfavoráveis.

Entretanto, apesar das debilidades desta campanha eleitoral, obtivemos importantes vantagens. Conseguimos participar do pleito, obtendo legendas, utilizando as contradições. Conseguimos realizar um amplo trabalho de esclarecimento político das massas. Conseguimos novos postos eletivos. Agora é necessário mobilizar as massas e assegurar a posse dos eleitos, saber combinar a luta parlamentar com a luta extra-parlamentar.

A luta pela paz se ampliou. Cresceu o número dos que se colocam pela proscricção da bomba atômica e pelas relações comerciais com a União Soviética e as democracias populares. A luta contra a carestia e o congelamento de preços se ampliou. Conseguimos preparar e desencadear com êxito greves gerais no Rio Grande do Sul, Minas e São Paulo e demos novos passos no sentido da unidade da classe operária e sua organização. O movimento de emancipação nacional ampliou-se, inúmeros núcleos da Liga da Emancipação Nacional foram organizados. Candidatos houve que se elegeram, como aconteceu com um candidato do PTB no estado do Rio, fazendo campanha nos municípios à base da Carta da Emancipação e organizando núcleos da Liga. Conseguimos realizar vitoriosamente a Conferência Latino-Americana de Mulheres, a despeito da incompreensão e do sectarismo dos camaradas que menosprezam sistematicamente o trabalho feminino. O trabalho juvenil também avançou, apesar de ser ainda subestimado pelos camaradas do Partido. Conseguimos novos êxitos na ampliação da frente única, com a aliança com as massas getulistas e com o PTB. O trabalho entre os camponeses deu um avanço histórico com a II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, realizada em São Paulo, e com a fundação da ULTAB [União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil]. Mas nossa principal debilidade continua sendo no trabalho com os camponeses e na criação da aliança operário-camponesa, o que dificulta avançarmos com mais rapidez para a formação da frente democrática de libertação nacional e para as ações revolucionárias de massas pela conquista do governo democrático de libertação nacional.



Realizamos vitoriosamente a campanha de finanças de massas dos 50 milhões de cruzeiros. Recrutamos grande número de novos membros para o Partido. A campanha eleitoral ajudou a difundir o nosso Programa. As massas getulistas passaram a interessar-se pelos nossos jornais, cujas edições com os pontos do Programa, os documentos do Comitê Central e os artigos do camarada Prestes aumentaram principalmente a partir da crise de poder que abalou o país.

De nossa participação na campanha eleitoral e no pleito de 3 de outubro é possível chegar às seguintes conclusões gerais:

1. Precisamos redobrar os esforços no trabalho de educação no espírito do marxismo-leninismo dos militantes do Partido. Esclarecer o caráter de classe de nossa política. As vacilações em nosso Partido observam-se, antes de tudo, em nossa política de unidade de ação e de frente única de massas. Superar as tendências sectárias e oportunistas que estão no fundo do abstencionismo eleitoral. Igualmente, na tendência a tomar as eleições pelas eleições, esquecendo que são para nós um meio através do qual impulsionamos para a frente o movimento operário, democrático e nacional-libertador. Quando se tratava de disputar massas, de ganhar massas para o Programa do Partido, muitos companheiros viam apenas o caráter temporário das alianças eleitorais.

2. Precisamos fazer sérios esforços no sentido de reforçar as ligações do Partido com as massas. Frequentemente, a classe operária e as grandes massas trabalhadoras e camponesas não conhecem as posições do Partido, não conhecem a solução que apresentamos para seus problemas mais imediatos. Por isso, deixam-se ainda enganar pela demagogia de um Jânio Quadros, ou mesmo de Adhemar de Barros, de Carlos Lacerda etc. Na verdade, ainda estamos longe do completo convencimento das massas de que está na dominação do imperialismo norte-americano e na subserviência dos latifundiários e grandes capitalistas ao Departamento de Estado a causa principal de seus sofrimentos.

3. É ainda débil e pouco eficiente nossa agitação política entre as grandes massas.
4. São ainda pequenos nossos esforços no sentido de organizar as grandes massas e de dar apoio de massas às organizações já existentes, como, por exemplo, a Liga da Emancipação Nacional.
5. São ainda pequenos nossos esforços para penetrar no campo e criar a aliança operário-camponesa, base sobre a qual se desenvolve a frente democrática de libertação nacional.

Desta batalha eleitoral nos ficaram ensinamentos e lições importantes. São ensinamentos e lições que devemos aproveitar em face das eleições de 1955 para presidente da República, deputados estaduais, prefeitos e vereadores municipais. Não há dúvida de que participaremos destas eleições. Por isso, devemos combater, desde agora, qualquer tendência abstencionista existente no Partido.

Nosso Partido é o adversário direto da ditadura americana de Café Filho, ditadura serviçal do imperialismo ianque e defensora dos interesses dos grandes capitalistas e latifundiários ligados aos monopólios dos Estados Unidos. Nosso Partido possui um Programa de salvação nacional.

Somente o nosso Partido é pela luta revolucionária contra os grandes capitalistas e latifundiários. Somente o nosso Partido é pela entrega da terra gratuitamente aos camponeses. Os comunistas são os únicos que podem combater e liquidar a corrupção administrativa e as negociatas, rebaixar o custo de vida. Os comunistas lutam abnegadamente pela paz e pela independência nacional. Lutamos por uma ampla frente democrática de libertação nacional, expansão da aliança operário-camponesa, via pela qual será possível conquistar o poder político, derrubar o atual governo.

As condições do país exigem em face das eleições de 1955 uma ampla frente única democrática eleitoral, sob a liderança do nosso Partido, com apoio político na aliança dos comunistas com as amplas massas getulistas, para apresentar um patriota como candidato à Presidência da República, com uma plataforma democrática eleitoral capaz de arrastar as amplas massas e derrotar o atual governo.



A experiência mostra que devemos enfrentar com audácia e a tempo as eleições de outubro de 1955. Como ensina Stálin, nosso Partido deve “conservar todos os atributos de um autêntico partido de ação e não de um partido de espera contemplativa; unicamente neste caso o Partido não desaproveitará, não deixará passar o momento das ações decisivas nem se deixará pilhar desprevenido pelos acontecimentos.”.

Grande atenção devemos dar às eleições municipais. Em municípios populosos como São Paulo e outros onde conquistamos a autonomia, devemos assegurar uma ampla participação eleitoral. Onde a autonomia não foi conquistada, como no Distrito Federal e em Recife, é preciso enfrentar esta luta sentida pelo povo. Os candidatos a prefeito que mereçam nosso apoio devem ser apresentados desde já, seu registro deve ser viável, seu programa deve ter acentuada cor local, postulando as reivindicações mais sentidas pela massa do município. Onde não houver possibilidade de vitória, é preciso lutar pela derrota do pior inimigo, a exemplo do que se deu com a eleição para senador na Paraíba e no Distrito Federal.

Não devemos esquecer também que as eleições de 1955 se desenvolverão em inúmeros municípios do interior onde precisamos de uma ampla participação eleitoral, a fim de melhorar nossas ligações com as massas camponesas, popularizar mais e mais o nosso Programa, organizar os assalariados agrícolas e os camponeses, desencadear lutas e eleger homens que defendam nas Câmaras Municipais do interior, as reivindicações específicas mais sentidas dos camponeses, como, por exemplo, a baixa do arrendamento, os preços mínimos, a baixa dos produtos industriais, a garantia do mercado, a luta contra os despejos etc. Concentrando nossos esforços nestas eleições, é possível superar a fraqueza dos Comitês Regionais do interior do país, adotando a tática de ampla frente única com todos os que se disponham a defender as reivindicações dos camponeses e dos trabalhadores agrícolas. Assim agindo, estaremos dando um importante passo na formação da aliança operário-camponesa, sem a qual é impossível a frente democrática de libertação nacional.

Penso que o Movimento da Panela Vazia pode estruturar-se nacional-

mente. Os Comitês democráticos eleitorais podem revestir-se da forma de Comitês da Panela Vazia. Em toda parte, é preciso criá-los desde já: nos municípios, nos distritos, nos bairros, nas fábricas, nas fazendas etc. Tais Comitês devem iniciar imediatamente a luta contra a carestia e pelas reivindicações locais de bairro e município, como água, luz, esgoto, telefone, calçamento etc. E isto sem sofrer qualquer interrupção. Candidatos à Prefeitura e às Câmaras Municipais devem surgir imediatamente dos Comitês da Panela Vazia. Os programas de reivindicações devem ser claros, concretos, curtos, aprovados em amplas assembleias de massa. Convenções populares devem ser realizadas para a apresentação dos candidatos e seu programa.

A questão da legenda tem grande importância. Para isto é preciso entrar em entendimentos e acordos com os diretórios municipais dos partidos políticos, particularmente com o PTB. A legenda será tanto mais facilmente assegurada para os candidatos populares quanto mais amplo for o movimento de frente única de massas e quanto maiores forem as ações de massas. A vitória está nas massas. Tudo depende da mobilização, da organização e do esclarecimento político das massas. É este o dever primordial das organizações e dos militantes do nosso Partido.

As eleições de 1955 têm um profundo significado político. Elas constituem um meio precioso para continuarmos na luta sistemática visando a ganhar massas de milhões para as posições do Programa, através de uma tática de luta que conduza as massas à unidade e à ação, como prelúdio aos combates decisivos pela derrubada do governo de grandes capitalistas e latifundiários brasileiros vendidos aos círculos financeiros de Wall Street.

Creio que é preciso ficar bem claro que o nosso Partido deve contar com o apoio eleitoral das massas a fim de que mais rapidamente possa tornar vitoriosa a revolução democrática de libertação nacional de cunho agrário e anti-imperialista.

Camaradas!

O histórico IV Congresso do nosso Partido mostra que sob a direção do nosso Comitê Central e do camarada Prestes, com os ensinamentos do



glorioso Partido Comunista da União Soviética, modelo e exemplo para o nosso Partido, com a solidariedade dos Partidos Comunistas irmãos e dos povos amantes da paz, podemos tornar vitorioso o Programa do PCB, programa da salvação de nossa pátria e da felicidade de nosso povo.

O IV Congresso do PCB e a Luta pela Independência Nacional

Luis Teles

Novembro de 1954

Camaradas:

O IV Congresso tem uma significação histórica na vida do nosso Partido e para o desenvolvimento da luta do proletariado e do povo brasileiro pela paz, a independência nacional e a democracia popular. É uma demonstração de força do nosso movimento revolucionário, constitui importante derrota dos imperialistas norte-americanos e do governo de latifundiários e grandes capitalistas.

O Informe apresentado pelo camarada Prestes, sobre as atividades do Comitê Central do nosso Partido, sistematiza a experiência do Partido durante um longo período e traça os caminhos que devemos trilhar para unir todas as forças anti-imperialistas e antifeudais sob a direção da classe operária e baseado na aliança operário-camponesa.

O Programa e os Estatutos são novas e insubstituíveis armas que o IV Congresso colocará nas mãos de todo o Partido. É isto que explica o entusiasmo, a alegria e o espírito de responsabilidade que presidem os nossos debates.

Camaradas:

A luta pela vitória do Programa exige que nosso Partido aglutine em

torno de si a maioria do povo e se transforme na força dirigente da Nação. Para isto, ensina Stálin, devemos erguer e levar adiante a bandeira da independência e da soberania nacional.

Com o Programa, o Partido levantou vigorosamente essa bandeira. O Programa é a mais alta expressão do anseio de libertação nacional do nosso povo. A classe operária, juntamente com os milhões de camponeses, as camadas médias da população, a intelectualidade e a burguesia nacional, que se interessam pelos destinos do Brasil e lutam contra a política de traição nacional das classes dominantes e contra a opressão imperialista norte-americana, veem no Programa do Partido sua plataforma de unidade e de luta, a resposta para seus problemas e suas aspirações.

Nosso Partido pode agora mais facilmente canalizar essa força motriz da luta de libertação nacional que é o orgulho nacional de nosso povo, a defesa do nosso patrimônio cultural, o ódio ao opressor americano e aos traidores da Pátria.

A luta pela vitória do Programa coloca na ordem do dia a luta pela libertação do povo brasileiro do jugo do imperialismo norte-americano. Ao concentrar fogo contra o imperialismo norte-americano e contra o governo de traição nacional, o Programa corresponde a uma das particularidades da revolução em nossa terra no presente momento. Trata-se da contradição existente entre os imperialistas ianques e seus sustentáculos internos, os latifundiários e grandes capitalistas representados pelo atual governo, de um lado, e as amplas massas de nosso povo, do proletariado à burguesia nacional, de outro lado. Esta é a contradição fundamental e dominante que precisa ser superada a favor do povo para que o Brasil possa avançar no caminho do progresso e da democracia.

Por isso, lutar para expulsar do Brasil os imperialistas norte-americanos, e substituir o atual governo de latifundiários e grandes capitalistas por um governo democrático de libertação nacional, é uma necessidade inadiável e vital. Este o caminho apontado pelo Programa para impedir que sejamos reduzidos à condição humilhante de colônia dos Estados Unidos. É assim que nos libertaremos da atual condição de país semico-



lonial e semifeudal e transformaremos o Brasil numa nação democrática e soberana.

Nestas condições e em virtude do papel mobilizador e organizador do Programa do nosso Partido, cresce e amplia-se a luta de nosso povo pela independência nacional, o povo toma cada vez mais consciência dos perigos que o ameaçam e resiste aos que querem escravizá-lo e arrastá-lo à guerra. A compreensão de que a luta de libertação do Brasil do jugo imperialista norte-americano é tarefa imediata e decisiva, de que não há outra solução para os problemas nacionais, ganha cada dia novas e mais amplas camadas da população brasileira. Em lutas memoráveis nosso povo vem manifestando sua vontade patriótica, sua disposição de luta pela libertação nacional, organizando e unificando suas forças. Nessas lutas, o povo brasileiro tem alcançado vitórias e infligido golpes nos planos sinistros do imperialismo norte-americano.

A classe operária e o povo começam a compreender a relação existente entre a política de guerra do governo, o jugo do imperialismo norte-americano e o continuado agravamento de suas condições de vida. Por isso, começam a ligar suas lutas econômicas com a luta pela libertação nacional. Incorporam-se, assim, à luta geral pela independência, que se desenvolve em todo o território brasileiro.

As memoráveis campanhas patrióticas realizadas no Brasil, em defesa do petróleo e demais riquezas naturais, contra a aprovação e aplicação do "Acordo Militar", pelas liberdades democráticas e a independência nacional, adquiriram novo e poderoso impulso no curso deste ano. Enorme importância e repercussão teve a realização da Convenção de Emancipação Nacional, que constituiu grande vitória na luta contra a dominação imperialista norte-americana. Tanto sua preparação como sua realização permitiram uma extensa mobilização de massas. Dezesesseis estados e 250 dos principais municípios foram abarcados pela Convenção de Emancipação Nacional. Centenas de organizações operárias e democráticas cerraram fileiras em torno das bandeiras levantadas pela Convenção de Emancipação. Os inúmeros atos preparatórios da Convenção atingiram

milhares de operários e de camponeses e empolgaram camadas e setores os mais amplos e variados da população. São dignas de destaque as seguintes realizações: a Convenção contra o racionamento de energia elétrica em São Paulo; a Convenção contra a Bond and Share em Ribeirão Preto que reuniu 131 prefeitos; a ampla Convenção em defesa das areias monazíticas no Espírito Santo; a II Assembleia Nacional de Mulheres; a Conferência dos Flagelados no Ceará; o Congresso contra a carestia da vida no Distrito Federal; o Movimento contra a exportação de manganês em Minas Gerais; a Convenção dos Trabalhadores em Transportes em São Paulo etc. Participaram e apoiaram a Convenção 255 parlamentares em todo o país e vinte Câmaras Municipais, destacando-se entre elas as Câmaras de São Paulo, Niterói e Recife. A Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe prestou também seu apoio à Convenção. Em vários estados, diretórios de partidos políticos discutiram a Convenção e dela participaram, a exemplo da Convenção Municipal de Niterói, do Partido Socialista Brasileiro. A Convenção foi apoiada pela União Nacional dos Estudantes, assim como por centenas de diretórios acadêmicos nos diversos estados. Participaram ainda da Convenção, 176 industriais, 125 líderes estudantis, um vice-governador de estado, 225 profissionais liberais, altas patentes militares, magistrados, cientistas, artistas, cineastas e intelectuais. A Convenção repercutiu também entre as massas camponesas e os assalariados agrícolas. Foram realizadas várias Assembleias de camponeses, preparatórias da Convenção em São Paulo, nos estados do Rio, de Mato Grosso, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Precedendo a Convenção Nacional, foram realizadas Convenções Estaduais em 14 estados e no Distrito Federal. Reuniram-se 200 Convenções de municípios, regiões, setores profissionais etc., em todo o Brasil.

Tudo isso revela que a Convenção de Emancipação Nacional levou a cabo uma ampla mobilização de massas, muitas vezes superior à dos anteriores movimentos patrióticos. Todos os setores da população estiveram representados: os operários, os camponeses, os intelectuais, a pequena burguesia e a burguesia nacional. Os problemas colocados democrática-



mente em debate constituíram um fator de grande atração das massas e de personalidades representativas.

É necessário destacar o importante papel desempenhado pela classe operária, cuja participação na Convenção de Emancipação foi decisiva para seu pleno êxito. Cento e quarenta e sete dirigentes sindicais tomaram parte ativa na Convenção. Esta foi apoiada pelo Conselho Intersindical dos Trabalhadores do Norte e Nordeste, abrangendo quatro Federações e 52 sindicatos. A Convenção foi discutida nos principais sindicatos do país. A Convenção revelou concretamente que o proletariado toma a frente do movimento de libertação nacional.

Em nosso país o movimento nacional-libertador cresce e se desenvolve sob a influência e direção da classe operária, de seu Partido Comunista. São os sindicatos que coordenam cada dia mais amplamente as atividades da classe operária com os camponeses e demais forças progressistas, nacionais e libertadoras. A classe operária, através de seu Partido, faz brotar, nas classes e camadas sociais interessadas na luta contra o imperialismo norte-americano, o sentimento patriótico que se há de transformar numa invencível força revolucionária.

A Convenção de Emancipação Nacional revelou o profundo desejo do povo brasileiro de mudar a atual situação e de encontrar a justa saída para os angustiosos problemas que enfrenta. A Convenção foi a expressão mais alta da vontade das forças patrióticas de coordenar suas atividades e trouxe à tona as imensas possibilidades que existem para mobilizar e unir os mais amplos setores do povo contra o imperialismo norte-americano.

Com a fundação da Liga da Emancipação Nacional elevou-se a um novo nível a luta do povo brasileiro pela independência nacional. Materializando o sentimento de orgulho nacional, que desperta nosso povo para a unidade e para a ação, a LEN coordenou, numa única organização, a poderosa corrente do movimento anti-imperialista que se vinha desenvolvendo no Brasil fragmentado em vários movimentos isolados e dispersos.

A grande importância da LEN já se fez sentir por ocasião da invasão da Guatemala pelos imperialistas norte-americanos, quando mobilizou

as massas e organizou diversas manifestações populares em solidariedade ao povo guatemalteco. Grande foi o papel esclarecedor desempenhado pela LEN nas eleições, orientando o povo sobre quais candidatos deviam ser sufragados nas urnas. Essa posição da LEN possibilitou a eleição de inúmeros patriotas que se comprometeram a defender no Parlamento Federal, como nas Assembleias Legislativas dos estados, os princípios estabelecidos na Carta da Emancipação Nacional. A LEN representa, portanto, importante passo adiante na organização da frente única de todo o povo brasileiro contra o imperialismo norte-americano e pela libertação nacional.

As grandes manifestações de massa nos acontecimentos que se seguiram à deposição e morte de Getúlio Vargas não só impediram que os generais assalariados de Washington levassem adiante seus planos sinistros, mas também revelaram o profundo ódio anti-imperialista de nosso povo e o alto nível já atingido pelo movimento democrático e nacional no Brasil. Esses importantes acontecimentos anunciam a proximidade das grandes batalhas que teremos de travar e vencer para libertar definitivamente o Brasil das garras dos trustes ianques e de seus lacaios brasileiros.

Camaradas:

O Programa do Partido, ao refletir as necessidades já maduras para o desenvolvimento progressista do Brasil e os interesses mais sentidos do povo, deu novo e poderoso impulso à luta nacional-libertadora. Os comunistas são os lutadores mais consequentes contra o imperialismo ianque, estão à frente de todos os movimentos libertadores do proletariado e do povo. Nosso Partido é o inspirador, organizador e dirigente das lutas do povo brasileiro pela libertação nacional e a democracia popular. Somos os principais responsáveis, portanto, pelos êxitos como pelas debilidades do movimento nacional-libertador em nossa pátria.

Se é verdade que as lutas pela independência nacional e pela conquista do governo democrático de libertação nacional crescem, ampliam-se e adquirem maiores forças, é também verdade que essas lutas e os êxitos



alcançados estão longe de corresponder às possibilidades e necessidades atuais. Neste sentido, são grandes as falhas e deficiências. Continuamos subestimando o movimento emancipador representado pela Liga da Emancipação Nacional, isto significa que ainda não sentimos na prática quanto é urgente e imediata a tarefa de organizar a frente democrática de libertação nacional. Entretanto, os fatos do dia a dia revelam sua viabilidade e necessidade.

Se o conjunto do Partido tivesse, por exemplo, se mobilizado inteiramente, melhor teria sido o resultado na Convenção de Emancipação Nacional. Apesar de tudo que foi realizado, o certo é que a Convenção foi ainda subestimada pelo nosso Partido, das bases ao Comitê Central. As organizações de base, por nossa culpa, não se movimentaram suficientemente em função dessa importante iniciativa.

Após a realização da Convenção, o Partido ainda não jogou todas as suas forças para ajudar a transformar a LEN na poderosa organização patriótica de massas que deve e pode ser. A LEN não cresce de acordo com suas imensas possibilidades. Atualmente só existem Diretórios Estaduais em 12 estados. São poucos os Diretórios Municipais e os núcleos de base da LEN. É ainda pequena a participação ativa dos camponeses, da juventude e das mulheres na LEN.

Nossa atuação no movimento nacional-libertador, após a fundação da LEN, revela que continuamos a trabalhar com muitos dos métodos de trabalho de massas anteriores ao Programa do Partido. Muitas vezes ainda atuamos como se tivéssemos medo de ampliar a luta contra o imperialismo norte-americano e trazer para a LEN todas as forças que por este ou aquele motivo estão interessadas na luta para libertar o Brasil do jugo do imperialismo norte-americano. O sectarismo é ainda o grande mal que afeta, corrói e entrava nossa atividade junto ao povo, impede o desenvolvimento da frente única e a ligação mais estreita do Partido com as massas. É pequeno ainda o esforço que fazemos para ajudar a ampliar a LEN. O conjunto do Partido julga que a luta pela emancipação nacional é tarefa para um reduzido número de comunistas. Nossa contribuição ao trabalho

de estruturar, ampliar e desenvolver a LEN é dada através de um pequeno grupo de ativistas e não pelo Partido em seu conjunto. Esta importantíssima tarefa ainda não está, portanto, na ordem do dia das atividades de todos os organismos do Partido.

A tendência a confundir a Liga da Emancipação Nacional com a frente democrática de libertação nacional nos tem levado a atuar na LEN como se esta tivesse os objetivos da frente democrática de libertação nacional. É isto que explica o fato de camaradas do Partido procurarem, por vezes, imprimir nas organizações da Liga uma orientação excessivamente radical, que assusta os aliados e restringe a atividade da LEN. Quase sempre substituímos a linguagem patriótica e democrática própria aos objetivos atuais da LEN por uma linguagem partidária, fechada, incompreensível para as grandes massas. Muitas vezes, tenta-se impor nossos pontos de vista sobre determinadas questões que, estando claras para nós comunistas, ainda não o estão para as massas e para os nossos aliados. Ao invés de se preocuparem em ampliar mais e mais a atividade de massas da LEN, muitos camaradas procuram elevar desde já as formas de luta da LEN. Nada mais funesto para o futuro da LEN do que os métodos sectários de trabalho.

Esses erros e tendências se verificam porque não se tem ainda uma justa e exata compreensão do importante papel que pode e deve desempenhar a Liga da Emancipação Nacional na grande luta pela independência da nossa pátria.

Camaradas:

A vitória do Programa do Partido depende exclusivamente de que saibamos mobilizar, unir e organizar na frente democrática de libertação nacional todas as forças anti-imperialistas e antifeudais interessadas na revolução em sua atual etapa. O Informe do camarada Prestes ao IV Congresso indica com clareza meridiana as tarefas do Partido para cumprir seu papel de vanguarda na luta de nosso povo contra os imperialistas norte-americanos e o atual governo de latifundiários e grandes capitalistas. Com vigoroso relevo, o camarada Prestes mostra a importância de-



cisiva da luta pela independência e a soberania nacional. Essa luta pode aglutinar e unir a maioria esmagadora do nosso povo. É imprescindível, por isso, dar uma atenção especial à LEN. À Liga da Emancipação Nacional está destinado o papel de transformar em ação o profundo sentimento de revolta e indignação que cada vez mais se apossa do povo brasileiro contra os imperialistas norte-americanos. Na luta pelos objetivos expostos na Carta da Emancipação Nacional, a LEN poderá contar, num curto prazo, com o apoio de milhões de brasileiros, o que lhe permitirá realizar campanhas cívicas sem precedentes, capazes de empolgar as mais amplas massas de nosso povo.

Mas a LEN só poderá desempenhar com êxito sua missão patriótica e transformar-se na poderosa frente única de todo o povo brasileiro, se contar com o apoio ativo das amplas camadas populares, dos jovens, das mulheres e principalmente dos operários e dos camponeses, cuja aliança será sua base indestrutível. Assegurar à LEN um forte apoio de massas é tarefa inadiável e dever de honra de todos os patriotas brasileiros.

Os comunistas não devem medir esforços para fazer com que o movimento emancipador, representado pela LEN, englobe rapidamente a todos os que, independentemente de suas convicções políticas e crenças religiosas, e das classes a que pertençam, queiram lutar contra o imperialismo norte-americano e salvaguardar a soberania nacional.

Em cada estado, município, empresa, bairro etc., os comunistas tudo devem fazer para que a LEN conquiste o apoio dos Sindicatos e Federações sindicais, das organizações femininas, juvenis, esportivas etc., assim como dos escritores, jornalistas, artistas e cientistas, das pessoas de prestígio em todos os setores sociais. Incumbe-nos dar todo o apoio à LEN, contribuindo com todas as forças para torná-la a mais ampla e poderosa organização do nosso povo, de todas as forças democráticas, progressistas e patrióticas. Não deixar fora da Liga nenhum elemento que possa participar da luta pela emancipação nacional, eis a tarefa.

Os comunistas devem dar o melhor de seus esforços para conseguirem que a classe operária participe ativamente da LEN e constitua sua

base principal. Tudo devemos fazer para que a Liga lance suas raízes entre os camponeses ainda desorganizados, mas dispostos a lutar.

As condições são as mais favoráveis para que a LEN se organize e se estenda rapidamente por todos os estados e municípios. Que a Liga surja em toda parte. Ajudemos a fundar núcleos da Liga nos bairros, nas fábricas, nas fazendas, nas escolas, em todos os locais de trabalho e de moradia. Ajudemos a LEN a desenvolver campanhas de adesões em massa. Na tarefa de estruturar a LEN em toda parte é indispensável assegurar a sua legalidade e instalar sedes bem localizadas, capazes de atrair as massas.

Ampliar mais e mais a LEN é um imperioso dever em nossa luta contra o imperialismo norte-americano. Isto significa, fundamentalmente, mobilizar e organizar as massas de milhões de homens e mulheres de nosso povo. Para tanto, é indispensável que o movimento emancipador que a LEN coordena e dirige se desenvolva estreitamente ligado à solução dos grandes problemas nacionais e às lutas diárias das massas por melhores condições de vida e de trabalho. Iniciativas como um Congresso de Salvação do Nordeste, para discutir e apontar soluções adequadas às questões relacionadas com as secas e com a energia elétrica de Paulo Afonso, que o governo quer dar de mão beijada em concessão à Bond and Share, como um Congresso de Defesa da Amazônia, para enfrentar a ofensiva dos trustes ianques na Região e para debater os problemas do povo; como um Congresso no Rio Grande do Sul, para debater e indicar soluções para os problemas ligados ao domínio dos frigoríficos americanos na indústria e no mercado da carne, para discutir e indicar solução para a crise em que se encontra a produção da lã etc., teriam enorme importância para esclarecer, mobilizar e organizar as massas para fortalecer a Liga e para ampliar ainda mais a luta pela libertação do Brasil do jugo do imperialismo dos Estados Unidos.

Para o êxito dessas e de outras iniciativas na luta de emancipação nacional devemos empregar todas as nossas forças, sem vacilações.

Diante da atual ofensiva colonizadora dos imperialistas norte-americanos, devemos levantar, com redobrado vigor, a luta em defesa do petróleo e demais riquezas naturais do país, assim como a luta em defesa da in-

dústria nacional ameaçada pelos monopólios ianques com a Conferência Econômica do Rio de Janeiro. Urge, também, levantar e desenvolver com mais energia e amplitude a luta pela denúncia do “Acordo Militar”. Não devemos permitir que os generais americanos, mancomunados com a camarilha de generais traidores da Pátria que dirigem o governo, continuem aplicando no Brasil esse famigerado acordo de guerra e colonização.

A luta contra o monopólio americano do comércio exterior do Brasil, pelo reconhecimento da URSS e dos países de democracia popular, faz parte integrante da luta geral do nosso povo pela libertação nacional. Avolumam-se as exigências de todos os setores da população pelo reconhecimento da União Soviética e da China — exigência que se transforma cada vez mais num imperativo nacional. Ainda há pouco a Associação Rural do Litoral Sul-Paulista, com a presença de 2.500 bananicultores reunidos em Assembleia, e o Conselho do Instituto Brasileiro do Café aprovaram resoluções nesse sentido. Cabe-nos, portanto, tudo fazer para desenvolver ainda mais a luta de massas pelo reconhecimento da URSS e da China Popular e pelo intercâmbio com os países do campo democrático e anti-imperialista. As relações comerciais com a URSS e demais países de democracia popular facilitarão o desenvolvimento da indústria nacional, cada dia mais ameaçada pela economia de guerra dos Estados Unidos e constituirá para o nosso povo um poderoso elemento para a defesa da independência e da soberania de nossa Pátria.

Camaradas:

É nos combates diários pela independência nacional que se está forjando a unidade da classe operária, a aliança entre operários e camponeses e a frente democrática de libertação nacional — instrumento necessário para substituir o atual regime semicolonial e semifeudal pelo regime da democracia popular que abrirá para o nosso povo um futuro de paz, progresso e felicidade.

No meio da tempestade da luta de classes, o Programa do Partido ilumina o caminho que devemos percorrer.

Sob o comando do herói legendário do nosso povo, camarada Luiz Carlos Prestes, lutemos confiantes! É certa a nossa vitória! É o que nos indica a realização vitoriosa do IV Congresso do nosso querido e glorioso Partido!

O Programa do Partido e a Atividade dos Comunistas na Luta pela Unidade e a Organização da Classe Operária

Ely Brasil

Novembro de 1954

Camaradas:

É com profundo entusiasmo que, saudando os camaradas delegados, faço uso da palavra neste Congresso, que é uma das maiores vitórias do movimento operário do Brasil. Nesta histórica reunião, a classe operária, através do seu Partido de vanguarda, aprova o seu Programa, programa de todo o nosso povo, programa que nos abre o caminho da paz e da felicidade e da salvação de nossa Pátria.

A garantia do sucesso das tarefas apresentadas pelo Programa de nosso Partido reside fundamentalmente na unidade e organização da classe operária. A unidade e organização da classe operária é decisiva para a construção da frente democrática de libertação nacional. Só a classe operária unida e organizada pode dirigir o nosso povo para a vitória na sua luta contra o imperialismo norte-americano e o regime de latifundiários e grandes capitalistas.



Como vem se processando a unidade e organização da classe operária no Brasil? Assistimos a um grande ascenso nas lutas da classe operária. Em 1951 houve 264.000 grevistas, em 1952 o número se elevou para 400.000. Em 1953 este número dobrou para 800.000 e no curso deste ano já atingiu a 1.200.000.

Nossa atividade nos sindicatos melhorou particularmente depois de 1952. Aumentou o número de operários sindicalizados. Sindicatos, que há dois ou três anos tinham pouco mais de 4.000 sócios, encontram-se atualmente com quase 50.000 associados, como o Sindicato dos Operários Têxteis e o Sindicato dos Operários Metalúrgicos de São Paulo. O Sindicato dos Assalariados Agrícolas de Ilhéus, de 400 sócios passou para 6.000.

Em várias empresas foram organizados Conselhos Sindicais permanentes. Neste sentido, temos os exemplos dos operários navais no estado do Rio, dos gráficos, em São Paulo, dos metalúrgicos no Distrito Federal.

Um dos passos mais importantes na política de unidade do proletariado tem sido a organização das Comissões Intersindicais ou dos Pactos de Unidade, onde se agrupam os operários e os sindicatos para lutar por suas reivindicações mais sentidas.

Essa experiência, iniciada na luta contra a assiduidade 100% ao trabalho, generalizou-se e facilitou unificar os sindicatos em suas lutas e campanhas, como a do salário-mínimo, por exemplo, que mobilizou em todo o país centenas de milhares de trabalhadores. Tão importante tem sido o papel dessas organizações na tarefa de unir o proletariado que o atual ministro do Trabalho baixou uma portaria tentando dissolvê-las. Semelhante tentativa, porém, encontrou franca repulsa de parte do proletariado, que se recusou a aceitar tão absurda determinação.

O proletariado compreende, assim, cada vez mais a necessidade de se unir, defender-se dos golpes desfechados contra a sua unidade ou de impedir as manobras divisionistas.

Na luta pela unidade da classe operária os comunistas ocupam um lugar de vanguarda. Somos defensores intransigentes da unidade. É a classe operária a mais interessada na unidade, a primeira a exigir que a

unidade se faça. Nós, comunistas, por conseguinte, multiplicamos nossos esforços, como vanguarda da classe operária, para unir todos os trabalhadores. Graças a isso, a classe operária deu passos de grande significação, desencadeando lutas vitoriosas e reforçando sua organização.

A Comissão Executiva Sindical, representando a vontade unitária de 60 sindicatos do Rio Grande do Sul, preparou e desencadeou a greve geral de 6 de junho pelo congelamento de preços, na qual o proletariado gaúcho mobilizou e dirigiu vastas camadas da população, conseguindo o apoio de associações de varejistas, de organizações estudantis e femininas, bem como das Câmaras Municipais das principais cidades. Esta luta fortaleceu a unidade dos trabalhadores gaúchos, elevou o nível de consciência das massas, desmascarou o governo estadual que ameaçara tomar represálias contra a classe operária, ampliou a luta contra a carestia de vida e influenciou favoravelmente o proletariado mineiro e o proletariado paulista nas suas lutas.

Foi a unidade do proletariado mineiro que o levou vitoriosamente à greve pelo salário-mínimo, abarcando 10.000 grevistas de 16 cidades. Foi o Pacto de Unidade em São Paulo, do qual fazem parte 83 sindicatos, que preparou e dirigiu a greve geral do dia 2 de setembro, atingindo um milhão de grevistas. Esta greve geral foi a maior na história de todo o movimento operário brasileiro. Dela participou não só o proletariado da Capital de São Paulo, mas também o proletariado de quase todo o estado. Ricos ensinamentos podemos extrair dessa greve geral.

O proletariado adquiriu uma grande experiência de luta, aumentou a tal ponto sua combatividade, que hoje as greves tendem a alastrar-se rapidamente de município a município, de estado a estado e até mesmo a transformar-se em greves de caráter nacional.

Importante passo para o desencadeamento da greve geral do dia 2 de setembro em São Paulo foi a tática de paralisações parciais, tática grevista que consistiu em obter paralisações de uma ou mais empresas neste ou naquele município, nesta ou naquela zona e ir aumentando o número de empresas em greve até o dia marcado para a greve geral. Assim é que,

antes do dia 2 de setembro, surgiram várias greves, como a da Mogitex em Mogi das Cruzes e outras tantas.

Graças a essa tática, pôde a classe operária dar resposta aos golpistas, paralisando totalmente as empresas do Capital de São Paulo, em sinal de protesto contra a carestia de vida e contra o golpe norte-americano de 24 de agosto.

O inimigo adotou a tática de dividir e amedrontar, procurou unir alguns sindicatos para se colocarem contra a greve geral, como aconteceu em Santos. A tática da classe operária foi a de “unir e defender”, tendo como objetivo central paralisar tudo no dia 2, utilizando formas diferentes de acordo com a posição de cada sindicato. Em alguns sindicatos, as diretorias se colocavam contra o Pacto de Unidade e contra a greve geral; em outros, as diretorias ficavam pela greve, mas não queriam ter contato com o Pacto de Unidade; em outros, finalmente, diziam que, se os trabalhadores quisessem, que fossem à greve, mas elas não participariam. Em tais casos, o trabalho consistiu em ganhar as massas desses sindicatos para a greve geral. Onde essa tática foi aplicada, a massa parou, como entre os têxteis de Sorocaba ou entre os trabalhadores da construção civil, em frios e os padeiros na Capital.

A defesa da unidade do Pacto permitiu derrotar as manobras do inimigo. O nosso Partido, através de seus militantes e da imprensa popular, mostrava aos trabalhadores que quem violava a lei era o governo, que os trabalhadores estavam com a Constituição, que os trabalhadores é que eram patriotas, que os trabalhadores estavam com a razão.

O que permitiu elevar o nível da luta e ampliá-la, ganhando vastos setores populares, foi a tática de ligar as reivindicações específicas do proletariado a uma reivindicação geral que interessa a todo o povo — o congelamento de preços.

A campanha pelo congelamento dos preços e pela conquista dos atuais salários-mínimos foi uma das maiores demonstrações da aplicação viva da unidade de ação e do grande valor da unidade de ação. Nessas condições, foi possível utilizar a demagogia do governo anterior, para aprofundar

as contradições de classe e fortalecer a unidade e a organização da classe operária. Assim, a grande experiência da campanha pelo congelamento dos preços está em que constituiu o elo para ampliar as greves do proletariado, dando-lhes o caráter de greves gerais do proletariado e do povo.

As greves do proletariado nas cidades vêm tendo profunda repercussão entre os assalariados agrícolas e tendem cada vez mais a estimular as lutas no campo. Várias greves de assalariados agrícolas da lavoura canavieira surgiram no interior de São Paulo, por exemplo, durante o trabalho de preparação da greve geral de 2 de setembro. Em Pernambuco, onde existe uma das maiores concentrações de assalariados agrícolas da lavoura canavieira, vem se desenvolvendo uma série de lutas pelas suas reivindicações. Este ano, registraram-se em Pernambuco 43 greves de assalariados agrícolas e 12 greves de operários de usinas de açúcar, num total de 22.000 grevistas. Isto significa que quanto mais crescerem as lutas do proletariado nas cidades, maiores serão as possibilidades das lutas dos assalariados agrícolas em todo o país.

Na luta pela realização do I Congresso Nacional de Seguro e Previdência Social e, posteriormente, na luta pela conquista do salário-mínimo, a classe operária, através de seus sindicatos, se ligou aos seus irmãos do campo. Com isto, contribuiu decisivamente para a preparação e realização da Primeira, bem como da Segunda, Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, onde foi constituída a primeira organização de assalariados agrícolas e camponeses de caráter nacional. Através desta ligação com os camponeses, nas lutas por suas reivindicações mais sentidas, está se forjando a aliança operário-camponesa, força básica da frente democrática de libertação nacional.

A unidade e organização dos trabalhadores vêm se fortalecendo com a realização de movimentos unitários como a Conferência Nacional Contra a Assiduidade e o I Congresso Nacional de Seguro e Previdência Social, que foram precedidos de reuniões de empresas, assembleias nos sindicatos, conferências municipais, estaduais e regionais. Vários outros movimentos unitários têm contribuído também para fortalecer a unidade dos trabalha-



dores brasileiros. Neste sentido, importantes acontecimentos foram as conferências de jornalistas e gráficos, o congresso dos bancários etc.

No que diz respeito à unidade e organização da classe operária, é preciso igualmente assinalar a importância da participação nas eleições sindicais. Tais eleições representam uma batalha que interessa vivamente à classe operária, pois se trata de decidir da direção das organizações de massa mais importantes dos trabalhadores que são os sindicatos. No curso deste ano foram dados passos importantes para unir e organizar a classe operária, através de chapas unitárias para as eleições sindicais. Os êxitos obtidos se devem sempre à ampla tática de frente única, à atividade visando a fortalecer a aliança entre os comunistas e nossos irmãos os trabalhadores getulistas. Um trabalho realizado a tempo, apresentação de um programa concreto de reivindicações, a organização de comissões nas empresas e nas seções das empresas, foram e são os elementos mais importantes na aplicação da justa tática do nosso Partido em face das eleições sindicais.

O inegável avanço da classe operária no terreno da unidade e da organização e conseqüentemente das lutas influenciou consideravelmente sobre outras camadas da população, como os estudantes, que desencadearam greves de grande firmeza e de longa duração.

Foi neste ambiente de lutas e fortalecimento da unidade sindical que o proletariado, pelos seus sindicatos, apoiou ativamente a Convenção de Emancipação Nacional, colaborou decisivamente na sua realização e na fundação da liga da Emancipação Nacional. O mesmo acontece na luta pela paz e pelas liberdades democráticas. No dia 24 de agosto, quando a Constituição foi duramente golpeada e as poucas liberdades existentes estiveram ameaçadas de serem liquidadas por completo, foi a classe operária que paralisou o trabalho e saiu à rua; colocou-se à cabeça de nosso povo, enfrentando as balas assassinas do governo udeno-americano; demonstrou sua força e a decidida vontade de defender a Constituição onde estão inscritos os seus direitos já conquistados; manifestou seu ódio ao opressor norte-americano, impedindo que os governantes dos Estados Unidos e seus lacaios no Brasil atingissem os seus objetivos sinistros. Trabalhadores

comunistas e getulistas selaram, então, sua aliança com o sangue derramado em praça pública.

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil, apesar das debilidades dos seus dirigentes e da subestimação ainda existente sobre o seu importante papel, tem desempenhado a grande tarefa de orientadora do movimento sindical, tem tomado a iniciativa de promover reuniões e conferências entre os sindicatos. O objetivo da CTB tem sido fundamentalmente unir e organizar o proletariado nas suas lutas. Ao mesmo tempo, a CTB tem sido o veículo principal do intercâmbio entre o movimento sindical do Brasil com o movimento sindical dos demais países do mundo. O proletariado brasileiro tem estreitado as suas relações com o movimento operário mundial através de sua participação no III Congresso Sindical Mundial, no IV Congresso da CTAL [Conferência Sindical Latino-Americana] e nas inúmeras conferências sindicais internacionais. Neste sentido, importante fator de educação do proletariado brasileiro no espírito da solidariedade internacional dos trabalhadores têm sido as visitas de várias delegações aos países das democracias populares e à União Soviética, onde veem e sentem o que há de mais avançado nas conquistas do proletariado do mundo inteiro.

As conquistas na unidade e organização da classe operária, nos sindicatos e nos locais de trabalho, são frutos da atividade incansável de nosso Partido e provam a justeza de nosso Programa. Nos últimos tempos, a classe operária avança a cada dia com mais rapidez no caminho de sua unidade e organização. A classe operária tem imposto derrotas aos divisionistas da ORIT [Organização Regional Interamericana de Trabalhadores] e do Rearmamento Moral que pregam a “paz social”. A classe operária tem levantado e defendido as reivindicações de nosso povo, mobilizando-o e dirigindo-o em seus movimentos, conquistando assim a direção nas lutas reivindicativas, democráticas e patrióticas, demonstrando com fatos a viabilidade da construção imediata da frente democrática de libertação nacional.

Entretanto, diante das tarefas grandiosas que nos apresenta o Programa de nosso Partido, não podemos nos contentar com os êxitos alcança-



dos na unidade e organização dos trabalhadores. O avanço conseguido ainda não corresponde às reais possibilidades existentes e às necessidades atuais. Isto acontece devido às falhas ainda existentes em nosso trabalho no seio da classe operária. Tais falhas se revelam sobretudo nas tendências sectárias e espontaneístas, que prejudicam enormemente nossas atividades visando a ganhar a classe operária para o Programa de nosso Partido.

O espontaneísmo revelou-se particularmente nas greves, para cuja preparação não foi desenvolvido o trabalho necessário, nem traçados planos adequados, acreditando os companheiros que para o desencadeamento da luta bastaria lançar a palavra de ordem de greve. O sectarismo revelou-se em muitos aspectos, em especial nos companheiros que resistem em participar ativamente da vida sindical e em serem sócios dos sindicatos.

Os comunistas, ao levarem a classe operária à luta contra seus exploradores e opressores, devem saber sempre ligar as reivindicações específicas à luta geral de nosso povo, à luta pela paz, pelas liberdades democráticas e pela emancipação nacional. Cnicamente desta maneira conseguiremos arrastar para a luta comum as demais classes e camadas sociais.

A intensificação do trabalho sindical está, assim, colocada na ordem do dia. Neste sentido, precisamos ter bem presente que as lutas surgiram particularmente depois que passamos a atuar ativamente nos sindicatos e nos locais de trabalho. Ingressar nos sindicatos, tudo fazer para que nenhum comunista deixe de ser sindicalizado, intensificar nossas atividades nos locais de trabalho, organizar mais e mais Conselhos Sindicais, eis o caminho para unir e organizar com rapidez a classe operária.

Diz o camarada Prestes: "Lutar pela unidade das fileiras da classe operária é a primeira e principal tarefa de nosso Partido.". Ao lutarmos pela unidade da classe operária, devemos atribuir uma atenção especial às massas trabalhistas, a fim de ganhá-las para a luta unida contra o inimigo comum. Isto será tanto mais fácil e mais rápido quanto mais soubermos fazer a unidade pela base, nos locais de trabalho e nos sindicatos. Em nosso trabalho com a classe operária, devemos aplicar sempre e em toda parte uma tática justa, flexível, uma tática de massas. Devemos também defen-

der as Comissões Intersindicais e os Pactos de Unidade que representam o ponto mais alto da unidade da classe operária até agora conquistado. Precisamos igualmente lutar contra a intervenção nos sindicatos, lutar contra a intervenção agora decretada no Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina, pelo governo de latifundiários e grandes capitalistas que servem aos seus amos norte-americanos.

Na luta pela unidade e organização da classe operária, as suas reivindicações devem estar estreitamente ligadas à defesa dos direitos contidos na Constituição, à defesa da Legislação Trabalhista e do sagrado direito de greve, à luta por eleições livres nos sindicatos, pela liberdade sindical, pela defesa do Seguro e da Previdência Social.

O trabalho com *A Carta dos Direitos dos Trabalhadores*, surgida do III Congresso Sindical Mundial, muito nos ajudará em nossas atividades sindicais. Essa *Carta* deve ser levada a cada sindicato, a cada local de trabalho, a cada trabalhador. É um poderoso documento de educação dos trabalhadores.

No combate à carestia de vida, na luta pelo congelamento dos preços, a classe operária deve se colocar sempre à frente de todo o povo. As experiências das lutas mostram que só assim esses movimentos e essas lutas ganham consistência e o proletariado vai conquistando o seu papel de dirigente das lutas de todas as classes e camadas sociais exploradas e oprimidas.

A classe operária representa hoje no Brasil um poderoso contingente da população brasileira. Além disso, é preciso destacar o fato de a classe operária estar concentrada fundamentalmente em seis estados, isto é, em São Paulo, no Distrito Federal, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, no Rio e em Pernambuco. A experiência ensina que essa concentração facilita a criação da consciência de classe e a organização do proletariado. O mais importante fator, entretanto, para a unidade e organização da classe operária é a força e o prestígio do Partido. Se contamos no Brasil com esse fator, o que é necessário e urgente é melhorarmos cada vez mais nossos métodos de trabalho com a classe operária, é intensificarmos ainda mais as nossas atividades nos sindicatos e nos locais de trabalho, é levantarmos



com persistência e audácia as reivindicações mais sentidas dos trabalhadores em íntima vinculação com os objetivos e as tarefas do Programa de nosso Partido.

Com essa compreensão e em torno das tarefas traçadas no Informe do camarada Prestes, o que devemos fazer é reforçar o nosso trabalho de unir e organizar a classe operária, lutando para que todo o movimento operário organizado venha a se constituir no ponto de apoio mais sólido da frente democrática de libertação nacional.

A classe operária é a força dirigente da revolução brasileira, força que, em aliança com os camponeses, constitui o alicerce da frente única anti-imperialista e antifeudal. A classe operária deve marchar na vanguarda, abrindo caminho e arrastando consigo os milhões de brasileiros que estão dispostos a lutar unidos para transformar o Programa do Partido em realidade viva, para felicidade de nosso povo e glória de nossa pátria.

Camaradas:

Estou convencido de que as resoluções deste Congresso serão os instrumentos que teremos em nossas mãos para superar as nossas debilidades e forjar a unidade e a organização da classe operária brasileira, indispensável para a construção da frente democrática e para a conquista do governo democrático de libertação nacional.

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Viva a solidariedade internacional dos trabalhadores!

Viva a gloriosa União Soviética — pátria dos trabalhadores do mundo inteiro!

Viva o nosso querido camarada Luiz Carlos Prestes!

O Programa do Partido e a Luta Pela Paz

Cid Ramos

Novembro de 1954

I

Camaradas:

O Programa de nosso Partido traça de maneira justa e precisa o quadro da situação internacional dentro do qual se desenvolve a luta do povo brasileiro pela sua libertação nacional, por uma república democrático-popular.

Em seu Informe ao IV Congresso, o camarada Prestes traça, com exatidão e clareza, o panorama atual da grande batalha em curso entre as forças da paz e as forças da guerra. O histórico armistício da Coreia permitiu à União Soviética fazer novas proposições pacíficas de entendimento para um passo ulterior no sentido do alívio da tensão internacional. As iniciativas do governo soviético, encaminhadas principalmente através das Conferências de Berlim e de Genebra, conduziram as forças mundiais da paz a novas vitórias de grande importância. Com o armistício e o acordo de paz que puseram fim à guerra dos colonialistas franceses contra os povos da Indochina, calaram-se pela primeira vez na face da terra, desde o término da Segunda Guerra Mundial, os canhões da agressão imperialista. Em seguida, o acordo entre os governos da República Popular da China e da Índia, subscrito logo após pelo governo da Birmânia, abriu caminho para a estruturação da segurança das nações da Ásia, lançando as bases do estabelecimento de uma área de paz nesse continente. Sob a luz das proposições soviéticas, feitas em Berlim, com vistas à segurança coletiva de todos os países europeus, o proletariado e o povo franceses derrotaram o tratado da Comunidade "Europeia" de Defesa. As Conferências de Berlim e de Genebra, não só por esses resultados práticos que delas decorreram, como também pelos esclarecimentos novos que proporcionaram à cons-



ciência de paz dos povos, assinalam um novo enfraquecimento das forças da guerra e um maior fortalecimento das forças mundiais da paz.

Entretanto, mostra-nos o camarada Prestes, os incendiários de guerra dos Estados Unidos insistem na mesma política, a política provocadora e agressiva dos blocos militares. Sem renunciar a seus planos na Ásia, onde impôs ultimamente o tratado de guerra do SEATO [Organização do Tratado do Sudeste Asiático], o imperialismo ianque concentra seus esforços na Europa Ocidental, procurando, através da Conferência de Londres e com a cumplicidade dos imperialistas ingleses e franceses, abrir novas portas à militarização da Alemanha de Bonn e ao estabelecimento de um pacto de guerra antissoviético em todos os países do Ocidente europeu.

Essa situação exige dos povos de todo o mundo redobrem a sua vigilância, lutarem com maior vigor por sua vida e segurança, contra a ameaça subsistente de uma hecatombe mundial que, com os meios de destruição atômica e termonucleares existentes, significaria o fim de nossa civilização.

II

Nosso Programa nos mostra, camaradas, que o Brasil não está fora dessa grande batalha que se trava mundialmente entre as forças da paz e as forças da guerra.

Os imperialistas norte-americanos não se limitam à pilhagem das nossas riquezas nacionais e à exploração desenfreada do nosso povo. Não podendo realizar sozinhos a sua tarefa sinistra, eles querem arrastar o Brasil, como tantos outros povos, à guerra de agressão que preparam, não escondem a intenção de utilizar o povo brasileiro como carne de canhão. Mas seria um erro supormos que os imperialistas ianques nos consideram como um simples peão no tabuleiro dos seus planos belicistas. O Brasil é o maior país, em área, de todos os países semicoloniais e coloniais do mundo. Depois da Índia e da Indonésia, é o mais populoso desses países. E é, não há dúvida, o mais abundante e mais variadamente dotado de riquezas naturais entre todos eles. Se se considera que os Estados Unidos pouco podem contar, já agora, com a Índia, que a Indonésia, afora outros

aspectos, é uma nação onde o jugo do imperialismo norte-americano não é predominante e o país está disperso num vasto arquipélago, e que o Brasil se encontra num continente crescentemente dominado pelos Estados Unidos, pode-se completar o quadro de nossa situação real nos planos de guerra ianques: somos, no mundo dos países coloniais e semicoloniais, o país mais importante em que os Estados Unidos se esforçam para contar na sua política de aventura guerreira. Eles querem, não por acaso, utilizar o nosso solo como praça de armas para assegurar o completo domínio colonial do Brasil e de toda a América Latina. Assim poderiam apoiar-se em todo o nosso continente para desencadear uma terceira guerra mundial.

III

Através do jugo crescente dos imperialistas americanos, toda a economia brasileira vai sendo transformada em simples apêndice da economia de guerra dos Estados Unidos. A nossa economia vai sendo militarizada e sobre essa base se estende a militarização intensiva a todo o país. A política externa do governo de latifundiários e grandes capitalistas é ostensivamente ditada pelo Departamento de Estado norte-americano e os representantes do Brasil no estrangeiro passam a ser seus instrumentos servis. Eles funcionam, na ONU e na Organização dos Estados Americanos, como cínicos agentes da política de guerra dos imperialistas americanos. O Brasil está ligado à máquina de guerra ianque por uma série de acordos e tratados de carácter agressivo, entre os quais se destaca o *Acordo Militar*. No Brasil se realiza uma série de obras, como construção de estradas de ferro e de rodagem, aeródromos e portos com fins militares e seguindo os planos estratégicos do Pentágono. As forças armadas brasileiras estão entregues a generais, brigadeiros e almirantes norte-americanos que as preparam intensivamente para a guerra de agressão planejada pelos incendiários de guerra dos Estados Unidos. Através de sua propaganda e da de seus lacaios brasileiros, os imperialistas norte-americanos procuram incutir em nosso povo a ideia da necessidade de participação do Brasil na guerra ao lado dos Estados Unidos.



Tudo isso se passa em nosso país em virtude da identidade de interesses dos latifundiários e grandes capitalistas com os interesses do imperialismo ianque. Uns e outros desejam uma nova guerra mundial. A minoria reacionária de grandes senhores de terra e de grandes burgueses que nos oprimem está voltada para os incendiários de guerra norte-americanos na esperança de grandes negócios em novas guerras, de obter grandes lucros com a venda de matérias-primas e gêneros alimentícios por preços exorbitantes e de ganhar bilhões neste negócio sangrento.

Por isso, o governo de latifundiários e grandes capitalistas é um governo de preparação de guerra e de traição nacional, é um governo inimigo do povo.

IV

O povo brasileiro sofre pesadamente as conseqüências dessa situação. Sofre a dominação crescente do imperialismo americano e do regime de latifundiários e grandes capitalistas, e os seus sofrimentos são agravados pela militarização intensiva do país, pela política de preparação de guerra do governo serviçal dos senhores do dólar. Por isso, dentro do quadro geral de sua luta pela libertação nacional, o povo brasileiro luta também pela paz. Temos como nação, uma rica tradição pacífica e a nossa própria condição de país brutalmente dominado pelo imperialismo, há mais de meio século, amadureceu em todo o povo um entranhado sentimento de brio na defesa de nossa soberania nacional e de fraternidade para com os povos de todo o mundo. Somos um povo que odeia a guerra de agressão, a guerra imperialista. O povo brasileiro é valente e corajoso, não teme a luta, forjou-se historicamente, desde o tempo do Brasil colônia, enfrentando o dominador e o invasor estrangeiro, manifesta espontaneamente a sua simpatia e solidariedade a todos os povos vítimas da agressão, repele o militarismo, escarmenta o agressor, não aceita, de modo nenhum, ser jogado como gado de corte nas matanças bestiais do imperialismo ianque. Temos um profundo sentimento de paz.

Hoje, há grandes razões para que esse sentimento se transforme em

ação por parte de todo o nosso povo. Um agressor, e somente um, nos ameaça: o imperialismo norte-americano. Ameaça lançar-nos à fogueira de uma terceira guerra mundial e de vir derramar o nosso sangue dentro das próprias fronteiras do país, reprimindo nossa luta de libertação com armas tremendamente mortíferas e tentando usar contra o povo brasileiro nossas próprias forças armadas sob seu comando e as forças armadas dos países irmãos latino-americanos.

O regime existente e seu governo estão a serviço desse agressor, tudo fazem para facilitar a execução de seus planos tenebrosos, abrem as portas do Brasil aos agentes de guerra e do invasor, procuram manietar o povo, lançá-lo inerte às garras de seu feroz inimigo.

A nação, internamente, só conta com o patriotismo e o valor de seus filhos para defender-se de tão grave perigo. O proletariado e seu Partido de classe é que podem e devem organizar a nação para essa luta, até à vitória.

O nosso povo vem lutando e defende, assim, não só a sua vida e a sua segurança, como desempenha, ao mesmo tempo, um papel importante na questão internacional crucial de nossos dias, a luta das forças da paz para evitar uma nova guerra mundial.

V

A história de nosso Partido mostra que ele reflete bem os sentimentos e aspirações de paz de nosso povo. Ao mesmo tempo em que veio se formando, o Partido reforça-se sempre para dar um rumo conseqüente às aspirações de paz de nosso povo, para ligá-las concretamente à luta pela libertação nacional e à luta internacional pela paz. Em seguida ao seu III Congresso, o Partido empenhou-se em movimentar as massas em solidariedade à Abissínia, lançou-se à agitação em prol da China revolucionária combatente, realizou várias ações contra a guerra e o fascismo. Bem na alma da insurreição de 1935, esteve a luta pela paz mundial. Nos anos da Segunda Grande Guerra, nosso Partido, nas mais duras condições, organizou o potente movimento de massas para incorporar, política e militarmente, o Brasil à aliança dos povos amantes da paz e das liberdades.



Assim, fomos à guerra contra as potências do Eixo, enviando à Europa os nossos pracinhas para lutarem lado a lado com os heroicos soldados da União Soviética. Em 1946, o camarada Prestes, em nome do nosso Partido, afirmou que o povo brasileiro jamais participaria de uma guerra contra a União Soviética. Assim, expressou, em sua mais alta forma, o caráter internacionalista de nosso Partido, como Partido de Paz.

Em cumprimento a essa palavra de ordem, nosso Partido em seguida encabeçou a luta vitoriosa pela expulsão dos norte-americanos de nossas bases, e, nos últimos cinco anos, vem dedicando o melhor de suas forças e de sua capacidade ao movimento do povo brasileiro em defesa da paz, concorrendo para os êxitos que todos conhecem e que bem se resumem na vitória memorável de não ter sido a juventude brasileira, afinal, enviada para a Coreia.

O nosso Programa é um Programa de paz, é uma ata de acusação contra os provocadores de guerra, é um caloroso chamamento a todos os patriotas para que lutem pela paz. O Programa do nosso Partido apresenta a linha-mestra da política de paz que deve ser adotada pelo nosso povo, da política de paz que norteará o governo democrático de libertação nacional.

O nosso Programa lança uma luz nova sobre a enorme importância da luta pela paz, sobre a estreita ligação existente entre a luta pela paz e a luta pela libertação nacional.

O entrelaçamento entre a luta pela paz e a luta pela independência nacional se reflete na íntima ligação com que estas duas questões surgem, de ponta a ponta, em nosso Programa. Não é possível lutar pela libertação nacional sem lutar pela paz. A paz é tarefa específica, particular, é reivindicação imediata dentro do Programa de luta de nosso povo, é um elemento integrante de nossa luta pela libertação nacional e exige, assim, ação e organização específicas. Despreocupar-se da luta pela paz, pô-la em plano secundário, é sintoma de subestimação da própria luta de libertação nacional. A libertação nacional só é possível, ensina o grande Stálin, quando se estabelece a ligação real do movimento nacional com o movimento mundial do proletariado. Essa ligação se estabelece por múltiplos

laços e, dentre eles, o mais amplo é sem dúvida a luta pela paz. Pretender conduzir a luta pela libertação nacional deixando de parte ou em plano secundário a luta pela paz é retirar à luta pela libertação nacional um dos seus elementos dinâmicos mais poderosos, aquele que liga as massas de nosso povo ao grandioso movimento dos povos pela paz mundial.

Sabemos, camaradas, que o nosso país só pode ser arrancado do campo da guerra e passar ao campo da paz através da derrubada do regime de latifundiários e grandes capitalistas, da vitória da revolução democrático-popular.

Mas isso não significa de modo nenhum que o nosso povo não possa agora opor-se com êxito à política de preparação de guerra do governo e impor-lhe na medida dos esforços que realize esta ou aquela de suas aspirações e exigências de paz. Temos experiências de grande significação nesse sentido, como no caso do não envio de tropas e de navios de guerra à Coreia.

A política de paz do governo democrático de libertação nacional deve, assim, ser por nós compreendida não como uma política que surgirá da noite para o dia no novo poder, mas como a passagem ao poder das aspirações de paz de todo o nosso povo organizado politicamente no curso da luta pela vitória da revolução democrático-popular. A formação da frente democrática de libertação nacional não pode ser levada adiante pelo justo caminho e no maior ritmo sem a luta permanente de todo o nosso povo pela paz.

Mas, também não podemos nos conformar com um movimento pela paz acanhado e estreito, que exista só como que por descargo de consciência. É preciso tê-lo como a realidade o exige, como o Programa impõe que ele seja, isto é, como um amplo e poderoso movimento à altura do papel que deve desempenhar na defesa da vida e da segurança do nosso povo. Ele deve incorporar, sob os mais variados aspectos e formas, todas as forças de paz do nosso povo, todas as classes e camadas sociais amantes da paz, todas as organizações e pessoas interessadas ou que possam ser interessadas em seus objetivos. A paz, como reivindicação dos mais



variados setores do nosso povo, é aspiração que se manifesta de maneira particular em cada um desses setores. Os motivos que fundamentam essa aspiração variam de setor a setor, de pessoa a pessoa, e para cada um deles varia também no tempo. É preciso compreender bem isso e dar à ação pela paz um caráter realmente amplo, adotar as formas de ação mais democráticas e mais flexíveis, de maneira a permitir a mobilização das mais variadas forças, unindo-as todas num só movimento geral, permanente e sempre em atividade. Assim, a luta pela paz não é uma pequena tarefa, da qual possamos nos livrar entregando-a a pequenos grupos de ativistas, aos quais em seguida “apertamos” quando as coisas, como é inevitável, não marcham bem. A luta pela paz, na aplicação do nosso Programa, tem de ser luta diária, de todos os momentos, do conjunto do nosso povo. É tarefa política de todo o Partido de cada uma e de todas as suas organizações, de cada um e de todos os seus membros, e muito particularmente das Organizações de Base do Partido, aquelas que, por sua própria natureza, mais diretamente se ligam às massas.

Em cada um de todos os pontos do nosso Programa está presente a paz. Em cada momento, na vida, essa presença se manifesta sob uma forma determinada. É preciso descobrir e localizar esta forma, estudando e discutindo politicamente, e em seguida extrair daí tarefas práticas para a mobilização específica das massas para a paz. Pode-se perguntar, por exemplo, se, diante das ameaças de guerra que pesam sobre o nosso país, é possível ao Partido conduzir-se numa campanha eleitoral como a última ou a próxima, desligando-a do problema da paz. É um fato que, a partir de certo momento, toda a atividade, todas as forças do Partido têm que concentrar-se nas eleições. As eleições convertem-se num centro da vida política. Mas dentro desta realidade é necessário situar a maneira particular sob a qual se apresenta o problema da paz, de tal forma que não só durante a campanha eleitoral, como depois dela, toda a ação pela paz do nosso povo se veja reforçada.

Creio, camaradas, que uma das deficiências mais sérias na aplicação do nosso Programa vem sendo a subestimação da luta pela paz. Por ab-

surdo que possa parecer, o entusiasmo com que recebemos o Programa e começamos a aplicá-lo foi acompanhado do desinteresse quanto às ações pela paz. Quase todas as regiões abandonaram as organizações de paz existentes, à sua própria sorte, dando isso como resultado que quase todas elas cessaram suas atividades. Realizações importantes, ricas de ensinamentos como o Festival Farroupilha pela Paz e as resoluções pela interdição da bomba de hidrogênio em Assembleias sindicais e nas grandes concentrações proletárias de 1º de Maio em São Paulo não são estudadas pelo Partido como exemplos concretos do que pode e deve ser feito em todos os recantos do nosso país.

Se é certo, como estabelece claramente o nosso Programa, que há uma estreita relação entre a luta pela paz e a luta pela libertação nacional, então essa mesma estreita relação deve manifestar-se em nossas ações diárias, concretizando-se na efetiva e integral aplicação do nosso Programa. O avanço na formação da frente única na revolução agrária e anti-imperialista só pode realizar-se com o máximo de rapidez se, como estabelece o nosso Programa, encararmos a luta pela libertação nacional simultaneamente sob todos os seus aspectos.

Ao aplicar, na situação atual, o nosso Programa no que concerne à luta pela paz, devemos considerar as seguintes tarefas principais:

1. — Organizar a ação do nosso povo, em defesa de sua vida e segurança e em defesa da soberania nacional, juntamente com todos os povos latino-americanos. Incentivar a ação comum e a solidariedade na luta pela paz e em defesa da soberania nacional entre o nosso povo e os demais povos irmãos da América Latina. Desmascarar a Organização dos Estados Americanos, insistir na ação contra as decisões da Conferência de Caracas e contra a ingerência estrangeira nos assuntos internos das nações latino-americanas.
2. — Continuar a campanha nacional pelo estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com a União Soviética, a República Popular da China e as Democracias Populares na Europa. Dar caráter de massas a essa campanha.



3. — Organizar o apoio do nosso povo à luta dos povos europeus contra a remilitarização da Alemanha e pela segurança coletiva.
4. — Insistir na ação pelo livre intercâmbio cultural de nosso povo com todos os povos.
5. — Exigir que a delegação do Brasil na ONU se conduza de acordo com os interesses da defesa da paz e da nossa soberania.
6. — Desmascarar sistematicamente a propaganda de guerra e seus agentes nacionais e estrangeiros.
7. — Intensificar, ampliar e melhor organizar a luta pela paz.

Camaradas:

O nosso Partido é o Partido da paz. Sua ideologia é a ideologia da criação, a ideologia da vida nova que surge para toda a humanidade, a ideologia da construção de um mundo novo, fecundo, alegre e feliz. Não há nenhuma dúvida de que o nosso Partido, como resultado deste histórico IV Congresso, como resultado de uma compreensão cada dia mais profunda do seu Programa, desempenhará também daqui por diante e mais do que nunca com clareza, com perspectiva e com entusiasmo o seu papel decisivo de guia do nosso povo na luta pela causa da paz mundial.

Viva a paz entre os povos!

Viva a gloriosa União Soviética, baluarte da paz mundial!

Viva o camarada Luiz Carlos Prestes, porta-bandeira da paz, do proletariado e do povo brasileiros!

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

O Programa do Partido, a Questão Agrária, a Organização e a Luta dos Camponeses

Oto Santos

Novembro de 1954

Camaradas:

A realização vitoriosa do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil coroa vinte e cinco anos de uma vida fecunda de nosso Partido. Os informes do Comitê Central aqui apresentados realçam as ricas experiências de nosso Partido e indicam os justos caminhos para a luta pela aplicação do **Programa do Partido**.

Uma das mais importantes e decisivas tarefas de nosso Partido, na luta pela vitória do Programa, é a da formação da aliança operário-camponesa, base indestrutível da frente democrática de libertação nacional. Cada passo dado na formação da aliança operário-camponesa é passo dado no sentido da unidade das forças democráticas, patrióticas e progressistas.

Mas os camponeses só podem ser ganhos para o lado do proletariado, se o Partido tem um programa agrário radical. Quer dizer, um programa que levante a luta pela liquidação dos latifúndios, pela extinção dos restos feudais e escravistas, pela entrega gratuita e sob a forma de propriedade privada das terras dos latifundiários aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos que nelas queiram trabalhar etc.

O **Programa do Partido** contém o nosso programa agrário revolucionário. Possuímos, portanto, a bandeira de luta em torno da qual poderão se reunir os milhões de camponeses brasileiros, pertencentes às mais diversas camadas sociais. As possibilidades são as mais favoráveis para



construirmos a poderosa aliança dos operários e camponeses.

Camaradas:

A elaboração do **Programa do Partido** exigiu do Comitê Central um profundo estudo e uma justa interpretação da realidade brasileira no seu conjunto como nos seus mais variados aspectos. Neste sentido, uma atenção especial foi dada à questão agrária e ao problema camponês no Brasil. Vejamos algumas das importantes conclusões a que chegamos sobre a real situação atualmente dominante no campo no Brasil que serviram de base para a elaboração do **Programa do Partido** e que devem ser levadas em conta para a sua justa aplicação:

1. — A imensa maioria dos camponeses no Brasil é constituída de camponeses sem terra. Para uma população economicamente ativa de 11 milhões e 500 mil pessoas no campo, existem apenas 2.100.000 propriedades agropecuárias. Os habitantes do campo, economicamente ativos, isto é, os assalariados agrícolas e camponeses que não possuem terra, são aproximadamente 10 milhões.
2. — Os grandes proprietários de terra que dispõem de mais de 500 hectares monopolizam as terras no Brasil. Representando 3% do número total dos proprietários de terra e 0,7% da população ativa no campo, esse punhado de latifundiários domina atualmente 63% da área global das propriedades agropecuárias.
3. — Cerca de 1.995.000 proprietários, possuidores de áreas de terra inferiores a 500 hectares, são donos de 37% da área global das propriedades agropecuárias. Na sua grande maioria esses proprietários constituem a massa de camponeses pobres, médios e ricos, possuidores de terra própria.
4. — Nas relações de produção do campo, subsistem, em toda parte e sob as mais diversas formas, restos feudais e escravistas: o trabalho gratuito e obrigatório, que é a subsistência da prestação pessoal de serviço; a “meia” e a “terça”; a negação dos mais elementares direitos

civis e democráticos; o sistema das coações econômicas e extraeconômicas, por dívidas etc. Mesmo naquelas economias onde maior tem sido a penetração capitalista, subsistem restos feudais e escravistas, utilizados pelos latifundiários e pelos camponeses ricos para arrancar maior renda da terra e maiores lucros.

5. — Existe em nosso país imensas reservas de terras. São as chamadas terras devolutas. Essas terras corresponderam a 3/4 da área geográfica do país. A área total das propriedades agropecuárias corresponde apenas a 23% da área geográfica do Brasil. A área cultivada não vai além de 10% da área total das propriedades, representando cerca de 2% da área geográfica.

6. — O desenvolvimento desigual da economia nacional é particularmente acentuado no que se refere à nossa economia agropecuária. Este desenvolvimento desigual da economia agrária tem como causa fundamental o monopólio da terra; ou seja, o regime latifundiário-feudal que constitui a base da exploração do nosso país pelos imperialistas. É disto que decorrem as graves deformações de economia nacional e os mais funestos resultados para a vida de nosso povo.

Partindo desta realidade concreta de nosso país, o **Programa do Partido** estabelece a destruição do regime latifundiário com o confisco de todas as terras dos latifundiários e a entrega dessas terras, gratuitamente e sob a forma de propriedade privada, aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos que nelas queiram trabalhar, para que as repartam entre si. Além disto, o Programa postula o reconhecimento legal das posses ou ocupações de terras realizadas pelos camponeses, a abolição das formas semif feudais de exploração dos camponeses, a anulação de todas as dívidas dos camponeses para com os latifundiários, os usurários, o Estado e as companhias imperialistas norte-americanas etc. Estas e outras tantas medidas indicadas no Programa de nosso Partido fazem dele um poderoso instrumento para a mobilização e organização de milhões de camponeses. Não tocando nas propriedades e nos bens dos camponeses ricos, o Programa abre a possibilidade de ampliação da frente única



no campo, permitindo-nos ganhar ou neutralizar os camponeses ricos no processo da revolução brasileira.

O **Programa do Partido** corresponde, assim, aos anseios e aos interesses da totalidade da massa camponesa. Consubstanciando as reivindicações fundamentais dos milhões de camponeses pobres, médios e ricos, o Programa estabelece e demarca uma amplíssima linha de frente única no campo, excluindo apenas a minoria de latifundiários.

Os camponeses representam uma poderosa força revolucionária, cuja conquista se fará através da ação de nosso Partido. Os milhões de camponeses se passarão para o lado do proletariado à medida que forem tomando consciência de nosso Programa por meio do trabalho diário do Partido, partindo da luta pelas suas mais variadas reivindicações imediatas.

O **Programa do Partido** é a bandeira em torno da qual se formará a aliança operário-camponesa — base da frente democrática de libertação nacional.

Camaradas:

A história escrita pelas classes dominantes não registra e procura encobrir a verdade do que tem sido no Brasil a luta sangrenta dos camponeses pela conquista de terras ou pela defesa de suas terras. É uma luta secular. As lutas dos indígenas em defesa de suas terras, os quilombos negros que existiram em todo o território brasileiro, as lutas épicas de Canudos e do Contestado são exemplos que se destacam entre milhares de lutas travadas contra os senhores de escravos, contra os latifundiários, os “grileiros”, os “caxixeiros” etc. Reivindicações e direitos foram conquistados com essas lutas camponesas. Entretanto, o problema da terra não foi resolvido no Brasil nem com a independência, nem com a abolição da escravidão, nem com a República.

Somente depois do surgimento do proletariado na arena política brasileira, através de seu Partido Comunista, é que a bandeira da revolução agrária começou a ser levantada. Mas só agora com o **Programa do Par-**

tido, essa questão fundamental da revolução brasileira foi cientificamente formulada, ficando ainda claramente estabelecidas as tarefas para o nosso trabalho entre os camponeses.

Mobilizados pelo nosso Partido, através de um trabalho persistente e audaz com o Programa, os milhões de camponeses realizarão maiores façanhas do que realizaram no passado, ajudando o nosso povo a quebrar os grilhões que o acorrentam ao atraso e à miséria, impostos pelo regime de dominação dos latifundiários e grandes capitalistas e dos opressores imperialistas norte-americanos.

Camaradas:

Ao longo de seus 32 anos de existência, nosso Partido tem trabalhado para ganhar as massas camponesas. Dezenas de militantes de nosso Partido tombaram, dando a sua vida com abnegação e heroísmo em favor dos interesses e das reivindicações dos camponeses. Enorme é o prestígio de nosso Partido e do camarada **Prestes** entre os camponeses. Para milhões de camponeses, o camarada **Prestes** é o chefe destemido e invencível da Coluna e o grande líder que, à frente do Partido Comunista, lhes aponta o caminho da luta revolucionária contra a opressão e pela terra.

O nosso Partido tem obtido êxitos na sua atividade política entre os camponeses. O período de vida legal foi rico de experiências e lançou as raízes do Partido entre as grandes massas camponesas. Milhares e milhares de camponeses e assalariados agrícolas vieram engrossar as fileiras do Partido. Apesar das tendências reformistas em nossa linha política, o contato aberto com todas as camadas da população rural, contribuiu para elevar o nível de consciência de grandes setores das massas camponesas. O Partido aparecia diante da massa como o mais consequente defensor da reforma agrária e das demais reivindicações dos camponeses. Centenas de ligas camponesas foram organizadas em todo o país. As greves e outros movimentos reivindicativos tiveram impulso no campo. A reação não subestimou a importância desse trabalho do Partido e uma de suas primeiras medidas arbitrárias, quando preparava o golpe que levou o Partido de



novo à ilegalidade, foi a do fechamento de todas as ligas camponesas.

Novamente na ilegalidade, o Partido prosseguiu trabalhando para manter e ampliar suas ligações no campo. Muito valiosas foram as experiências adquiridas na legalidade para o desenvolvimento da atividade política entre a massa camponesa.

Os anos de 1948, 1949 e 1950 assinalam um ascenso nas lutas camponesas, sob a direção de nosso Partido. Dezenas de greves de colonos de café e de assalariados agrícolas, inúmeras e combativas ações de arrendatários e meeiros, revelavam que os camponeses e trabalhadores agrícolas não estavam dispostos a aceitar passivamente a exploração a que os submetiam os latifundiários. Nesse período, destacam-se as lutas de Fernandópolis, de Canápolis, de Santo Anastácio e das usinas de açúcar na Bahia. Em outubro de 1950, teve início a luta armada dos posseiros de Porecatu em defesa de suas terras.

Durante nove meses os posseiros de Porecatu, dirigidos pelo nosso Partido, resistiram ao assalto das forças mercenárias dos latifundiários e do governo, levando-as algumas vezes à derrota. Foi uma luta justa, rica de experiências e que teve uma grande repercussão entre o nosso povo, particularmente entre os camponeses.

Além das lutas de Porecatu, de Fernandópolis, de Canápolis, de Santo Anastácio etc., assistimos a importantes lutas de camponeses no Nordeste. Em 1951 e 1952, milhares e milhares de flagelados desencadearam muitas lutas por pão e por trabalho, invadiram cidades, mataram gado dos latifundiários para comer etc. Recorrendo às suas próprias forças, os camponeses flagelados do Nordeste expressaram seu ódio contra os governantes que nada fazem para minorar a sua angustiada situação e deram exemplos expressivos de combatividade.

Se não foram maiores as lutas camponesas, dirigidas pelo nosso Partido, deve-se às tendências sectárias que predominaram nas atividades do Partido entre os camponeses, particularmente depois de 1950. Entretanto, nos dois últimos anos sob o influxo da autocrítica do Partido às posições sectárias da linha política traçada no **Manifesto de Agosto**, registram-

-se importantes melhoras na qualidade do trabalho realizado pelo Partido entre os camponeses. Corrigindo as tendências sectárias, particularmente sob a inspiração do atual **Programa do Partido**, temos avançado e obtido importantes êxitos na conquista das massas camponesas e na luta pela formação da aliança operário-camponesa.

As duas Conferências Nacionais de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, realizadas em 1953 e no corrente ano, marcaram o início de uma nova etapa no trabalho junto às grandes massas do campo. Isto se tornou possível pelo trabalho realizado com o Programa, devido ao desenvolvimento do movimento sindical e das lutas do proletariado e graças à ajuda fraternal das organizações sindicais dos trabalhadores das cidades.

Com a realização destas duas conferências, colocamo-nos no justo caminho da conquista das massas camponesas para a aliança com o proletariado. Na verdade, só é possível mobilizar e organizar as massas atrasadas e dispersas de assalariados agrícolas e camponeses, recorrendo à ajuda direta das organizações da classe operária, mobilizando-as e aos seus líderes para realizarem um amplo trabalho organizativo e de esclarecimento entre os assalariados agrícolas e os camponeses. É assim que se vai construindo praticamente a aliança entre os operários e os camponeses.

Partindo das ricas experiências que nos forneceram os trabalhos da I Conferência, realizamos vitoriosamente a II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses — da qual participaram desde assalariados agrícolas até camponeses ricos. O Manifesto de convocação da II Conferência foi assinado por cerca de 500 dirigentes de mais de 100 dos mais importantes sindicatos operários do país. Dezenas de sindicatos operários ajudaram materialmente a preparação e a realização da Conferência Nacional. Muitas conferências regionais e locais foram realizadas nas próprias sedes dos sindicatos operários. Inúmeras caravanas de líderes sindicais compareceram às assembleias realizadas no campo, levando não só a solidariedade da classe operária, mas também as experiências de luta e de organização dos trabalhadores das cidades. Toda a II Conferência transcorreu sob o signo da amizade e da fraternidade entre operários e



camponeses. Ao local onde se realizou a Conferência, no Parque Ibirapuera em São Paulo, compareceram mais de uma centena de delegações sindicais e de delegações operárias das maiores fábricas da Capital paulista, levando mensagens e presentes aos delegados camponeses de 16 estados do Brasil. Ao mesmo tempo, delegações de camponeses visitaram os seus irmãos operários nos sindicatos e nas fábricas.

A II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses nos permitiu reforçar nossas ligações com novos setores de camponeses, onde ainda é bastante débil o nosso trabalho. Foram criadas dezenas de associações camponesas e de sindicatos rurais. O maior avanço foi, sem dúvida, entre os operários e os assalariados agrícolas dos engenhos e das usinas de açúcar, particularmente em São Paulo e Pernambuco, os maiores centros açucareiros do país. No processo de realização da II Conferência, importantes greves foram desencadeadas nos engenhos e nas usinas de açúcar de Pernambuco e de São Paulo, das quais participaram algumas dezenas de milhares de trabalhadores. A maior parte dessas greves, que tinham como reivindicação principal o pagamento do salário-mínimo sem qualquer espécie de descontos, foi vitoriosa.

Dois frutos de importância excepcional da II Conferência foram a elaboração da Carta dos Direitos e das Reivindicações dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas e a criação da **ULTAB**. A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil é a primeira organização de caráter nacional criada com a finalidade de unir as mais diversas organizações locais dos trabalhadores agrícolas e lavradores, os milhões de assalariados agrícolas e camponeses brasileiros. A *Carta dos Direitos* e a **ULTAB** muito poderão e deverão contribuir para o desenvolvimento do movimento camponês em nosso país.

Camaradas:

O nosso Partido possui uma rica experiência de trabalho entre as massas camponesas. Orientamos e dirigimos os camponeses nas mais variadas formas de lutas, desde os abaixo-assinados até a luta armada. Ajudamos os camponeses a se organizarem em ligas, associações, irmandades

etc. Com a realização da I e da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, adquirimos importantes experiências para a mobilização, a organização e as lutas dos camponeses e para a formação da aliança operário-camponesa. Começamos a palmilhar um novo caminho com a utilização de novas e frutíferas formas para a conquista das massas camponesas. Temos tido êxitos importantes e animadores.

Entretanto, graves falhas e debilidades têm impedido que os resultados conseguidos não fossem consideravelmente maiores. Na verdade, há uma enorme diferença entre a força que temos entre a classe operária e os trabalhadores das cidades e aquela que temos entre os camponeses. Os últimos acontecimentos — durante o golpe americano de 24 de agosto e o resultado das eleições — revelam claramente as grandes debilidades de nosso trabalho entre os camponeses.

Quais as causas que nos têm prejudicado e impedido de colher melhores resultados no trabalho entre os camponeses, na sua organização e no desenvolvimento de suas lutas?

As tendências sectárias têm causado os mais graves prejuízos à ação do Partido no campo. O sectarismo em nosso trabalho entre os camponeses manifesta-se sob as mais diversas formas. Trabalhamos apenas com setores restritos das massas camponesas, isto é, com aqueles setores que se encontram mais próximos do Partido e que aceitam mais facilmente as nossas palavras de ordem. Muitas vezes substituímos nas lutas a massa pela vanguarda. Um exemplo típico dessa forma sectária de ação nós o temos na luta que ocorreu em Fernandópolis. A frequência desse erro em nossa atividade tem desenvolvido entre os camponeses uma falsa compreensão sobre o papel do Partido, levando-os a esperar que nosso Partido faça tudo por eles e lhes entregue a terra. Evidentemente, tal atitude só pode conduzir às piores consequências. É necessário que os camponeses tenham ilimitada confiança em nosso Partido, mas isto deve decorrer de sua própria participação ativa nas lutas, onde comprovem a justeza de nossas palavras de ordem, nossa capacidade de dirigir e de organizar, nossa abnegação à frente de suas lutas.



O sectarismo se manifesta, ainda, no fato de desprezarmos a utilização de todas as formas de luta e de indicarmos a massa camponesa apenas as formas de luta mais elevadas. O sectarismo manifesta-se, também, no fato de levantarmos apenas as reivindicações de alguns setores das massas, das camadas mais pobres do campo. Neste sentido, são inúmeras as experiências negativas. Por exemplo, a luta dos posseiros de Porecatu, que começou tão bem e que tinha as maiores possibilidades de se desenvolver vitoriosamente, debilitou-se em consequência de graves erros sectários. Foi a não utilização de todas as formas de luta ao lado da luta armada, foi o não levantamento das reivindicações dos colonos de café, dos empreiteiros e dos assalariados agrícolas conjuntamente com as reivindicações dos posseiros, as principais falhas que levaram a importante luta de Porecatu ao isolamento e à derrota.

Além disto, a nossa fraqueza no campo decorre da grande subestimação que ainda existe em nosso Partido em relação à aliança operário-camponesa, da subestimação da importância dos camponeses como aliados fundamentais do proletariado. O nosso Partido ainda não se voltou resolutamente para o campo. É grande a resistência em ir ao campo, em trabalhar diretamente com as grandes massas camponesas, em atuar entre todas as camadas camponesas no próprio local onde trabalham e vivem. Os quadros enviados ao campo nem sempre são os mais indicados. Muitos quadros operários enviados para trabalhar entre os camponeses acabam adquirindo uma mentalidade camponesa, porque não têm compreensão marxista do trabalho do campo.

Em consequência da subestimação da importância da aliança operário-camponesa, como base da frente democrática de libertação nacional, a nossa atenção se volta mais para o trabalho entre a pequena burguesia urbana. É isto que explica em grande parte os altos e baixos dos movimentos democráticos no Brasil. Sem ganharmos os camponeses não pode haver movimento democrático e patriótico consequente, não se podem desenvolver vitoriosamente as lutas libertadoras de nosso povo. As lutas e a organização das massas camponesas, dirigidas pelo nosso Partido, são

fatores decisivos para a vitória de nosso **Programa**, para a vitória da revolução democrática popular no Brasil.

Camaradas:

A luta pela aplicação do **Programa** exige de nosso Partido uma radical transformação em nossos métodos de trabalho com as massas camponesas e nos impõe a tarefa indispensável da construção do Partido no campo.

Os melhores resultados na aplicação do **Programa** de nosso Partido no campo nós os conseguiremos na medida em que encontremos as melhores soluções para as questões fundamentais. Para isso, devemos levar à prática a seguinte orientação:

1. — Atuar no campo de maneira concreta e de acordo com a situação de local. É preciso levar sempre em conta a variação da situação existente de estado para estado, de município para município, de fazenda para fazenda, ligando as tarefas do **Programa do Partido** às reivindicações que mais interessam aos camponeses em cada local e às reivindicações de cada camada de camponeses. Neste sentido, desempenha um importante papel a *Carta dos Direitos e das Reivindicações* aprovada na II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses.
2. — Trabalhar com todos os camponeses inclusive com os camponeses ricos. É isto que nos indica o **Programa do Partido**. Se todos os camponeses podem ser ganhos para o lado do proletariado na luta pelo regime democrático-popular, é evidente que devemos levantar as reivindicações de todos os camponeses, mobilizar e organizar todos os camponeses. Entretanto, a nossa atenção deve se concentrar particularmente no trabalho entre os assalariados agrícolas, os camponeses pobres e os camponeses sem terra. São estes os pontos de apoio mais firmes da aliança operário-camponesa.
3. — Organizar as grandes massas camponesas. As formas de organização devem variar conforme cada situação, levando-se em conta o



desejo, a experiência e o nível de compreensão dos camponeses, bem como os objetivos de luta da organização. As últimas experiências nos mostram que as massas camponesas querem se organizar legalmente em associações e sindicatos rurais. A criação dessas organizações tem frutificado quando são auxiliadas pelos sindicatos operários. Muito positivas têm sido as experiências quando se inicia por organizar os trabalhadores das cidades do interior, admitindo a inclusão dos camponeses, para depois, a partir das organizações de ofícios vários, criar as organizações específicas dos camponeses. Entretanto, no trabalho de organização dos camponeses não nos devemos prender a nenhum esquema rígido. É preciso levar sempre em conta cada situação em particular. Devemos recorrer a todas as formas de organização, desde as mais elementares e temporárias, até as mais elevadas e duradouras. Devemos trabalhar em todas as organizações já existentes, onde estejam as massas camponesas, tais como as cooperativas, sociedades de auxílio mútuo, associações rurais etc. Neste trabalho, uma atenção especial deve ser dada à **União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil**, a primeira organização de caráter nacional criada em nosso país para unificar as grandes massas de assalariados agrícolas e de camponeses. A ULTAB poderá se transformar rapidamente numa poderosa organização e num eficaz instrumento de luta dos assalariados agrícolas e dos camponeses. Isto depende de nosso Partido.

4. — Utilizar as mais variadas formas de luta entre os camponeses. Todas as formas de luta são boas, justas e necessárias. Mas devem ser sempre lutas das massas e para as massas. Nestas condições, são justas as lutas que vão desde os abaixo-assinados, os pequenos protestos, as greves parciais e totais até a luta armada. A II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses aprovou uma importante resolução — a da coleta em todo o país de 5 milhões de assinaturas em favor da Reforma Agrária. A execução dessa tarefa deve merecer todo o nosso apoio. Através dela poderemos

fazer nas cidades e no campo um amplo trabalho de esclarecimento e de mobilização em torno da solução da questão da terra.

5. — Recrutar milhares de assalariados agrícolas e de camponeses para o Partido, construir dezenas de organizações de base no campo. Na verdade, a formação da aliança operário-camponesa e da frente democrática de libertação nacional para levar nosso Programa à vitória, depende, antes de tudo, do Partido. Sem o Partido, sem a sua direção conseqüente, as massas camponesas não poderão ser ganhas para o **Programa do Partido**. O Programa exige que nos façamos fortes no campo. Para isto, é preciso construir o Partido nas fazendas, nas usinas, nos bairros rurais, nos patrimônios, nos povoados, nas vilas etc. Construir o Partido não é só recrutar; é recrutar e estruturar; é estruturar e ativar os seus membros; é formar e educar os militantes de modo que eles compreendam o papel do Partido e saibam dirigir as massas camponesas na luta pelo Programa. A construção do Partido no campo exige das direções um carinho especial, assistência direta e permanente às organizações de base no campo, a fim de que elas aprendam a funcionar e a desempenhar o seu papel de dirigente político das massas camponesas. Uma atenção especial deve ser dada à formação do secretariado de cada organização de base no campo, principalmente nas grandes usinas, nas grandes fazendas e nas concentrações de camponeses.

Camaradas:

O **Programa do Partido** é a grande bandeira revolucionária com a qual poderemos atrair para o lado do proletariado os milhões de camponeses brasileiros. São imensas as possibilidades para um rápido desenvolvimento de um grande trabalho do Partido no campo. Os resultados serão magníficos se trabalharmos bem com o Programa, se atuarmos entre os camponeses com amplitude, flexibilidade, persistência e espírito revolucionário.

Construamos a aliança dos operários e camponeses no fogo da ação unitária



das massas das cidades e do campo!

Lutemos com mais firmeza e audácia para a aplicação vitoriosa do Programa de nosso glorioso Partido!

Viva a aliança fraternal e combativa dos operários e camponeses!

O Programa do Partido e as Tarefas da UJC

Augusto Bento

Novembro de 1954

Camaradas:

É com justo orgulho que saudamos a realização do IV Congresso de nosso Partido. É profundamente honrado que dele participamos. Saudamos e apoiamos integralmente o grande informe do camarada Prestes.

A realização do IV Congresso marcará uma etapa histórica na vida do Partido. As suas decisões impulsionarão as atividades de todos os comunistas e novas perspectivas se abrirão para nosso povo.

Para a UJC, as resoluções emanadas do IV Congresso servirão de roteiro seguro para toda a sua atividade futura, possibilitando-lhe novas e poderosas armas que impulsionarão as lutas da mocidade brasileira para a conquista de um futuro melhor.

Diz o camarada Prestes em seu Informe:

“A transformação do Programa do Partido em realidade viva exige a participação ativa da juventude na frente democrática de libertação nacional.”.

Com efeito, a juventude no Brasil representa um enorme potencial humano. 53% dos brasileiros têm menos de 20 anos, 1/4 do proletariado da cidade e 1/3 dos camponeses são jovens. A juventude assimila rapidamente ideias novas; graças a sua combatividade, a sua generosidade e a sua sinceridade, constitui uma força de primeira ordem nos movimentos de transformação social. A juventude fornece os efetivos do exército que será amanhã um exército nacional a serviço do povo, ou um exército mercenário à disposição dos fautores de guerra. Na juventude, se preparam e se forjam os quadros do movimento operário.

Um dia perguntaram a Esopo se a língua era uma coisa boa ou má, ao que ele respondeu: “A língua pode ser a melhor ou a pior das coisas; depende do uso que dela se faça.”. O mesmo ocorre com a juventude: temível quando mal orientada e capaz dos atos mais extraordinários quando bem orientada! Que significa uma juventude bem orientada? Significa ganhá-la para o Programa do Partido. A juventude só terá solução para os seus inúmeros problemas se forem resolvidos os problemas fundamentais da nação brasileira.

Diariamente agravam-se as suas condições de vida. O governo das atuais classes dominantes coloca-se contra as reivindicações da juventude, não se interessa pelo seu bem-estar nem pela sua educação. Ao contrário, procura cultivar na juventude uma ideologia retrógrada e belicista. Apela para os recursos mais infames, com o fim de desviar a juventude do caminho da luta pela libertação nacional e por suas reivindicações específicas. O atual governo procura criar as condições para mais facilmente explorar a juventude e levá-la às aventuras guerreiras.

Somente a substituição do atual governo por um governo democrático de libertação nacional poderá garantir à juventude uma vida de paz, de liberdade e de felicidade. Este é o caminho seguro apontado à juventude pelo Programa de nosso Partido, que atende às aspirações e aos desejos essenciais dos jovens brasileiros.

Guiada e orientada pelo Partido, a UJC é o instrumento capaz de ganhar os milhões de jovens para o Programa. Daí crescer de importância o



seu papel. Ao reorganizar a UJC, em agosto de 1950, o Comitê Central de nosso Partido baseou-se na experiência do movimento operário internacional e principalmente nos magistrais ensinamentos de Lênin:

“Devemos ser sem reserva por uma organização independente da União das Juventudes, e isso não apenas porque os oportunistas temem essa independência, mas também para o bem da causa. Sem uma completa independência, a juventude não poderá fazer sair de seu seio bons socialistas, nem poderá preparar-se para levar adiante o socialismo.”

O Comitê Central apoiou-se também nas experiências de nosso Partido colhidas em sua luta constante para orientar e organizar a juventude, em particular as dos anos de 1927 a 1935, quando da existência da Federação da Juventude Comunista do Brasil.

Sob a direção de nosso Partido, a UJC conseguiu uma participação maior da juventude na luta em defesa da paz, das liberdades democráticas e da independência nacional. Isso se refletiu nas 600 mil assinaturas ao Apelo de Estocolmo e no milhão de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz colhidas pela juventude; nas manifestações contra o envio de tropas para a Coreia; na preparação e na participação nos festivais internacionais pela paz e a amizade, de Berlim e Bucareste; nas lutas travadas principalmente pelos estudantes e suas organizações em defesa do petróleo e contra a aprovação do *Acordo Militar Brasil-Estados Unidos*.

Estimulada pelo avanço crescente das lutas de massas dirigidas pelo Partido, em particular os combates travados pela classe operária por melhores condições de vida, a UJC deu um certo impulso à luta em defesa dos direitos da juventude. As greves dos estudantes secundários contra o aumento crescente do custo do ensino, que abarcaram em média de 60 a 80 mil estudantes; a participação mais ativa da juventude operária nos últimos movimentos grevistas, com experiências como a utilização do clube da empresa na paralisação da Fábrica Cruzeiro, na greve dos têxteis do Distrito Federal; a criação de departamentos juvenis e recreativos nos

sindicatos de São Paulo e Distrito Federal, permitiram despertar os jovens operários para a vida sindical, trazendo-os para reforçar a organização e a unidade da classe operária. Estes são exemplos que mostram que os jovens brasileiros lutam cada dia com mais vigor nelas suas sentidas reivindicações.

Depois do surgimento do Programa do Partido assistimos a um novo ascenso nas lutas da juventude. Tivemos as duas greves decretadas pela União Nacional dos Estudantes em defesa das liberdades, que abrangeram 40 mil universitários. As lutas dos estudantes paraenses obrigaram a transferência de um general fascista que havia declarado que “o voto de um general deveria valer mais que o voto de uma lavadeira.”. O amplo movimento de solidariedade dos estudantes pernambucanos ao jornalista e estudante, Clodomir Moraes, teve uma grande repercussão em todo o país. Assim, esses e outros movimentos foram importantes fatores para incorporar novos setores da juventude à luta em defesa das liberdades.

Ajudada diretamente pelo Comitê Central do Partido, a UJC iniciou a partir de janeiro deste ano uma campanha pela elevação do nível político e ideológico de seus militantes, através de cursos e de palestras. Foram instaladas escolas de 11 dias e de quatro dias, nas quais passaram mais de 300 militantes e dirigentes intermediários da UJC. Com isto, conseguiu-se certa elevação da combatividade da UJC, que se refletiu na destacada atuação da UJC nos acontecimentos de 24 e 25 de agosto, salientando-se os militantes da UJC do Distrito Federal que participaram sob a orientação do Partido das demonstrações e das ações de rua contra a embaixada americana. A juventude paulista e a gaúcha tiveram uma participação ativa, revelaram exemplar combatividade, contra o golpe americano de 24 de agosto. As demonstrações contra o golpe de agosto revelaram o ódio patriótico e sagrado da juventude brasileira ao opressor norte-americano, aos fautores de guerra dos Estados Unidos.

A elevação do nível político da UJC refletiu-se favoravelmente ainda através da sua ativa participação na campanha eleitoral. Por exemplo, os



jovens do Distrito Federal visitaram mais de 50 mil casas durante a batalha das cédulas.

A publicação do Programa do Partido veio permitir que a UJC começasse a ter uma melhor compreensão sobre a nossa política de aliados. Ultimamente isto tem se refletido de modo particular no movimento estudantil, no qual viemos conseguindo uma ampla unidade em torno de uma série de importantes problemas. Isso já está se refletindo também na luta dos estudantes secundários pelo congelamento das taxas escolares, onde através de um amplo trabalho, incluindo a suplementação de verbas, vem se conseguindo ganhar os diretores de colégios para o grande movimento unitário e reivindicativo dos estudantes.

No entanto, há ainda sérias deficiências na atividade da UJC. Essas falhas se evidenciam na fraca atuação da UJC na execução das tarefas políticas do nosso Partido e na sua pouca preocupação em buscar seriamente os meios e formas de desenvolvê-las junto a cada camada da juventude de acordo com as características específicas da juventude e do movimento juvenil. As lutas em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional não são ainda enfrentadas por toda a UJC como tarefas permanentes, são mais atividades realizadas em função de campanhas. A participação da juventude na preparação da Convenção de Emancipação Nacional e agora na ajuda à estruturação da Liga da Emancipação Nacional, por exemplo, vem sendo inferior à sua contribuição na luta patriótica contra o *Acordo Militar* e em defesa do petróleo. Muitas vezes ocorrem fatos sérios sem o mínimo protesto da UJC, como por exemplo o convite revoltante feito às alunas do Instituto Brasil-Estados Unidos para irem sozinhas a uma festa noturna num navio de guerra norte-americano ancorado na baía de Guanabara.

As nossas deficiências e os nossos erros na UJC se evidenciam com particular nitidez na confusão que reina na UJC sobre a questão dos métodos e formas de trabalho juvenis e sua relação com os nossos fins revolucionários. Não se compreende ainda que esses métodos e formas de trabalho devem servir aos fins revolucionários indicados pelo Programa

do Partido para a solução dos problemas da nossa pátria. Alguns companheiros encaram os bailes e as festas, por exemplo, como um fim em si mesmos, enquanto outros procuram realizar as tarefas políticas do Partido sem se preocuparem muito com os meios de melhor realizá-las junto às massas juvenis. São erros de direção política que levam a UJC à posição de não se colocar com justeza e audazmente à frente das grandes massas juvenis. É o que se vê nas lutas da classe operária, das quais grande número de jovens trabalhadores participa sem a orientação e sem a direção da UJC. Isso se verifica também no movimento universitário, onde os demagogos udenistas ainda encontraram ambiente para sua atividade diversionista.

Apesar de ter multiplicado os seus efetivos iniciais por 10 e ter melhorado a sua composição social, a UJC, nestes últimos quatro anos, poucos militantes têm fornecido para o Partido. A UJC não realiza ainda um recrutamento em massa. Ainda é grande a flutuação em suas fileiras. Seu ritmo de crescimento é inferior ao do Partido. Muito pequeno é o recrutamento entre a juventude operária e camponesa. Isso se deve, entre outras coisas, à falta de uma ampla atividade política de massas, à falta de um trabalho de propaganda que atinja à grande massa de jovens. Mas tais debilidades são devidas especialmente à inexistência dentro da UJC de um núcleo comunista sólido que ajude a formar a desenvolver os demais membros da UJC, que combata as tendências estranhas em tempo e que estude e sistematize as experiências novas do movimento de massas.

Camaradas:

No seu Informe ao IV Congresso, o camarada Prestes chama com justeza a atenção da direção da UJC, cuja tendência é fazer dessa organização um pequeno Partido Comunista. Essa tendência se verifica nos métodos de trabalho interno da UJC, onde procuramos copiar mecanicamente, em tudo e por tudo, os métodos de trabalho do Partido. Por exemplo, os métodos de trabalho de educação do Partido são transplantados esquema-



ticamente para a UJC. Mas isto se verifica com graves prejuízos no trabalho de massas, no trabalho nos sindicatos.

Não temos sabido desvendar, pelos meios e formas acessíveis aos jovens, o conteúdo de classe reacionária de toda a política das classes dominantes, política de guerra e submissão ao imperialismo americano, cujos efeitos desastrosos refletem-se profundamente na vida da juventude. Em nossa orientação para o trabalho de massas juvenil não são levados em conta suficientemente os problemas e as peculiaridades da mocidade, que variam de lugar para lugar, que variam segundo sua categoria social, sua idade e suas inclinações. Trabalhamos com palavras de ordem gerais, o que tem dificultado nossa ligação com as diversas camadas da juventude, em particular com os milhões de jovens entre 14 e 18 anos. Não temos sabido, tampouco, encontrar as formas e os meios de ganhar a juventude e os militantes da UJC para as grandes ideias do socialismo, nem lhes fornecemos os necessários elementos ideológicos que lhes permitam combater com eficácia os malefícios da nefasta moral burguesa. Pouco tem sido feito para educar a juventude brasileira para a luta ativa pela paz, no amor ao povo e à pátria, ao progresso e à liberdade, para a luta contra a injustiça e a exploração, contra a ignorância e a passividade, no sentido de inculcar-lhe os princípios sadios do internacionalismo proletário, cuja pedra de toque é o amor, a confiança inabalável e a fidelidade sem limites à gloriosa União Soviética. Não temos sabido utilizar devidamente as formas de propaganda de massas, como as iniciativas de caráter cultural, os grupos teatrais, os centros de debates etc. Isso permitiria trazer para a UJC os melhores jovens, desenvolvendo no processo de sua realização os quadros da UJC já existentes e formando novos. Isso permitiria estabilizarmos a permanência dos jovens na UJC e elevar-lhes a iniciativa e a combatividade.

As tendências sectárias têm prejudicado seriamente o fortalecimento orgânico da UJC e suas ligações com as massas juvenis. Isso se reflete na subestimação pelo recrutamento, existente em todos os escalões da UJC. Isso se reflete também na atividade de massas, onde a UJC substitui a ati-

vidade paciente e diária junto às massas juvenis, pelas atividades agitativas periódicas, através de campanhas.

As consequências imediatas de todas essas debilidades ocasionam o atraso nas lutas da juventude, que se retardam em relação às lutas da classe operária e do povo. Nosso desligamento das massas juvenis permite a atividade perniciosa das classes dominantes, que ainda conseguem envolver grande número de organizações juvenis. Este é o caso, por exemplo, dos pequenos clubes utilizados por forças reacionárias na campanha eleitoral para eleger os inimigos de nosso povo. É o caso de entidades estudantis que foram arrastadas pelo movimento golpista de 24 de agosto, principalmente no Rio e em São Paulo.

Camaradas:

Sem a ajuda do nosso Partido é impossível à UJC cumprir as suas elevadas responsabilidades. É grande a subestimação do papel da juventude existente em todos os escalões do nosso Partido. São inúmeros os organismos do Partido que não tomaram conhecimento da Resolução do Comitê Central do Partido sobre a reorganização da UJC. A assistência e o controle do Comitê Central, tem sido, ultimamente, muito irregular. Nos Comitês Regionais a situação é ainda mais séria. Em São Paulo, por exemplo, a direção da UJC ficou meses sem assistência, sem ajuda do Secretariado do Comitê Regional do Partido.

Muitos companheiros do Partido pensam que a tarefa de organizar e dirigir a juventude é apenas tarefa de alguns especialistas destacados para esse trabalho, ou então incumbência apenas das organizações juvenis. Tais concepções são errôneas e trazem graves prejuízos. A unidade e a organização da jovem geração não são assunto privativo de tal ou qual organização da juventude, como não o é apenas dos comunistas que atuam nesta frente. É assunto fundamentalmente do Partido Comunista, forma superior de organização da classe operária.

Muitos companheiros do Partido tratam a UJC como se fosse um organismo do Partido. Descem quotas de finanças, descem tarefas da



maneira mais esquemática no contato com a juventude e diante de suas debilidades nota-se muita impaciência por parte de companheiros do Partido. Não procuram apontar as falhas e sugerir medidas, limitam-se a admoestar os militantes da UJC. Muitos companheiros do Partido mobilizam constantemente os membros da UJC para as tarefas que deveriam ser normalmente realizadas pelas Organizações de Bases do Partido, sobrecarregando de tal modo os militantes da UJC que os levam a abandonar as suas atividades específicas.

Ainda não há preocupação de todas as direções do Partido em formar os núcleos dirigentes da UJC. Por isso, existe uma grande instabilidade nas direções da UJC. No Distrito Federal, por exemplo, em pouco mais de um ano já foi mudado cinco vezes o presidente da UJC. Em São Paulo foram retirados mais de 30 dirigentes juvenis de organismos intermediários. O recrutamento para o Partido deve ser feito entre os militantes da UJC e nunca entre seus núcleos dirigentes, cujo papel é justamente formar uma grande reserva para o Partido.

Tais métodos são prejudiciais, pois servem para frear a iniciativa criadora dos jovens e quebrar o seu impulso e sua combatividade. Impedem a criação dos núcleos dirigentes da UJC e a formação de dirigentes do movimento juvenil.

Camaradas:

O Programa do Partido é a vida para a juventude. Ganhar os milhões de jovens para a frente democrática de libertação nacional exige um reforçamento da direção política do Partido sobre a UJC. Para isto, é necessário e urgente um combate mais sério ao sectarismo, a procura persistente e paciente das formas de luta e dos métodos de organização que correspondam às características da juventude, corrigir enfim as falhas existentes nas relações entre os vários escalões do Partido e a UJC.

Assimilando e aplicando as preciosas indicações do Programa e as diretivas contidas no Informe do camarada Prestes, a UJC poderá, sob a direção do Comitê Central do nosso Partido e com a ajuda inestimável e

imprescindível de todo o Partido, transformar-se em breve no seu poderoso instrumento auxiliar, em sua grande reserva.

Viva o camarada Prestes, chefe provado de nosso Partido e guia amado da juventude brasileira!

Viva o IV Congresso do nosso querido Partido!

Tudo pela vitória do Programa do Partido!

O Trabalho Feminino: Dever de Todo o Partido

Iracema Ribeiro

Novembro de 1954

Camaradas:

De início, quero dizer da minha satisfação em participar do IV Congresso do nosso glorioso Partido. Pertencendo a uma geração posterior ao III Congresso, quero saudar os camaradas cuja abnegação e espírito de sacrifício fizeram com que o nosso Partido percorresse, nos seus 32 anos de existência, um caminho de lutas gloriosas à frente da classe operária e do povo brasileiro.

Quero saudar muito especialmente o querido camarada Prestes, guia e mestre do Partido Comunista do Brasil. É com os olhos fitos na vida exemplar do camarada Prestes que procuramos nos colocar à altura das grandes tarefas do nosso Partido, hoje condensadas no Programa do Partido.

No curso desses anos têm sido muitos os exemplos de dedicação e heroísmo das mulheres brasileiras à causa do proletariado.



Na história do movimento revolucionário brasileiro estão inscritos os nomes de algumas mártires: Olga Benário Prestes, sacrificada num campo de concentração nazista; Zélia Magalhães, assassinada em praça pública; Angelina Gonçalves, fuzilada quando participava das comemorações do 1º de Maio.

Inúmeros são os exemplos de heroínas anônimas.

São as mulheres dos ferroviários da Rede Mineira de Viação que se deitam no leito da estrada para impedir a saída de trens e a quebra da unidade da greve de seus esposos por aumento de salários e contra o regime do barracão.

São as mulheres do Rio Grande do Sul cuja participação no movimento grevista de agosto de 1952 contribuiu valorosamente para que uma greve da classe operária se transformasse em greve de todo o povo. Uma companheira da cidade do Rio Grande dirigiu o povo à cadeia pública, arrancando da prisão o nosso vereador encarcerado.

Participando de piquetes de greve, falando, insistindo e persuadindo, vale salientar a ação das mulheres do Distrito Federal e de Pernambuco nas greves dos têxteis e das mulheres paulistas no memorável movimento grevista de março de 1953 e na grandiosa greve geral de 2 de setembro último.

As mulheres brasileiras, graças à sua combatividade e ao seu espírito de iniciativa, muito contribuíram para impedir que os nossos soldados e marinheiros fossem enviados para a guerra da Coreia. É uma vitória que devemos assinalar em nossa contribuição à luta mundial em defesa da paz.

Na greve dos 100.000 marítimos em junho de 1953, ou mais recentemente, no movimento grevista dos ferroviários da Leopoldina, a ação das mulheres junto aos grevistas impediu que os fura-greves quebrassem a unidade desses movimentos.

Nas manifestações populares de 24 e 25 de agosto último, em todo o país, estiveram as mulheres entre os manifestantes mais combativos. No

Distrito Federal, foram as palavras dos jovens e mulheres comunistas que conduziram o povo à luta contra a Embaixada norte-americana. Em tão formidáveis manifestações as mulheres foram não só ouvidas e atendidas, mas também recebidas com carinho e protegidas pelas massas.

Na preparação da Conferência Latino-Americana de Mulheres, os ataques da reação e toda a campanha caluniosa dirigida pelo Departamento de Estado norte-americano não conseguiram quebrar o ânimo e entusiasmo das mulheres, que conduziram vitoriosamente a tarefa até o fim.

Na recente campanha eleitoral, as companheiras do Distrito Federal, por exemplo, deram provas de dedicação e espírito de sacrifício. As companheiras do Méier iniciavam os comandos de casa em casa às 6 horas da manhã e iam até as 22 horas, chegando a percorrer diariamente 33 ruas. As companheiras do Catete, com um entusiasmo exemplar, dirigiram, altas horas da madrugada, grandes colagens de cartazes. As companheiras de Santa Tereza durante oito dias, estiveram com sua mesinha de distribuição de cédulas no Largo da Carioca. Foi a mesinha mais movimentada da cidade, contando com o apoio entusiástico e a solidariedade ativa da massa.

Sabemos, entretanto, que não basta a dedicação pessoal.

O trabalho do nosso Partido junto às massas femininas é ainda estreito. Falamos em dezenas e centenas, quando necessitamos de milhares de mulheres no Partido e milhões de mulheres para a luta democrática de libertação nacional.

Decorridos dez meses da publicação do Programa do nosso Partido, ainda não soubemos aplicar, com inteira justeza, as tarefas fundamentais que o camarada Prestes expôs em seu Informe de apresentação do Programa, isto é, ganhar todo o Partido para o Programa e transformar o Programa do Partido em Programa de todo o povo.

Não levar à prática vitoriosamente essas tarefas junto às mulheres comunistas e às massas femininas significa não compreender a importância da participação das mulheres para tornar realidade os sublimes objetivos do Programa. Significa esquecer toda a tradição de luta da mulher pela



independência e em defesa dos interesses vitais do nosso povo. Significa ainda que deixamos de lado um grande potencial em capacidade de trabalho e dedicação à luta libertadora constituído pela população feminina.

O trabalho do nosso Partido entre as mulheres apresenta sérias debilidades. O sectarismo é o principal entrave ao trabalho do Partido junto às massas femininas. As próprias Organizações de Base femininas, criadas para facilitar o trabalho do Partido junto às grandes massas de mulheres, não têm cumprido satisfatoriamente sua missão. Em sua maioria as Organizações de Base femininas realizam mais o trabalho de agitação e propaganda, deixando de lado a tarefa fundamental para a qual foram criadas, isto é, mobilizar e organizar as mulheres partindo das suas reivindicações específicas, das lutas contra a carestia, pelo congelamento de preços, em defesa da infância e elevando-as até as lutas democráticas e emancipadoras.

No Comitê Regional de Piratininga, por exemplo, existem algumas dezenas de Organizações de Base femininas. No entanto, não chega a uma dezena o número das Organizações de Base femininas que realizam trabalho junto às grandes massas femininas. É o exemplo do Comitê de Zona de Tatuapé, onde as Organizações de Base femininas vivem voltadas para dentro de si mesmas e as companheiras realizam desde o trabalho de finança ordinária ao de colagem de cartazes, sem se cogitar da necessidade de que estas Organizações de Base concentrem seu trabalho na mobilização e organização das massas femininas.

Os métodos sectários de trabalho são levados às organizações de massa que se transformam, na maioria dos casos, em simples frente legal do Partido. Isto afasta as massas femininas dessas organizações, que se veem reduzidas a pequenos círculos de comunistas e simpatizantes.

Entrave não menor ao desenvolvimento do trabalho feminino tem sido o espontaneísmo com que ainda enfrentamos nossas tarefas. Têm sido poucas, por exemplo, as medidas práticas tomadas no sentido de ganhar para a luta revolucionária milhões de mulheres.

Em recente ativo nacional do Partido sobre o trabalho feminino, cons-

tatou-se um regular avanço na elevação do nível político e ideológico das camaradas, mas poucas foram as experiências novas surgidas no trabalho com as massas. Isto significa que necessitamos de mais ação, combatividade e espírito de iniciativa no trabalho de mobilização e organização das mulheres em torno do Programa e das palavras de ordem do nosso Partido. Poucas foram as medidas tomadas, por exemplo, para levar à prática a palavra de ordem de nosso Partido de que trabalhistas e comunistas devem marchar juntos, como irmãos na luta contra o atual governo. O mesmo acontece com a palavra de ordem de ganhar para a luta democrática e libertadora as massas da pequena burguesia enganadas até agora pela demagogia supostamente oposicionista da UDN.

O espontaneísmo do trabalho do Partido junto às massas femininas revela-se também no fato de que nos voltarmos, geralmente, para o trabalho mais fácil e de efeito mais imediato, deixando de desenvolver o trabalho junto àqueles setores mais importantes. É isto que tem contribuído para que o trabalho do Partido junto às mulheres operárias e camponesas ficasse, até agora, relegado a um plano secundário. Não cuidamos, por exemplo, em São Paulo e no Distrito Federal, assim como nas grandes cidades, de ganhar as mulheres que, sendo operárias, funcionárias ou comerciárias, não deixam de ser donas de casa. O pior é o descaso pelo trabalho junto às mulheres camponesas.

Insatisfatória vem sendo ainda a maneira do nosso Partido de levar o Programa às massas femininas. O nosso trabalho tem se limitado à distribuição de folhetos com o Programa ou à realização de palestras, sem a preocupação de levantar com vigor e clareza as reivindicações específicas e mais sentidas da mulher, vítima de discriminação econômica, das desigualdades sociais e jurídicas e mesmo de preconceitos feudais e burgueses, conforme assinala, com justeza, o camarada Prestes em seu Informe a este Congresso.

Tais debilidades devem-se, fundamentalmente, ao fato de que existe em nosso Partido, das direções às bases, incluindo até o Comitê Central, uma profunda subestimação pelo trabalho feminino. Nesse sentido, não



se excetua mesmo a maioria das companheiras membros do Partido. Boas companheiras negam-se a realizar o trabalho feminino de massas, alegando ser este cansativo ou desagradável.

Toda esta subestimação é de origem ideológica. É comum ainda entre grande número dos nossos companheiros a maneira senhorial de tratar as camaradas.

O trabalho de ganhar milhões de mulheres para o Programa só poderá se desenvolver com pleno êxito quando deixar de ser apenas tarefa das Seções do trabalho feminino e das Organizações de Base femininas e for incluído entre as tarefas permanentes e diárias de todos os organismos do Partido, desde os Comitês Regionais aos Comitês Distritais. Isto é particularmente verdadeiro tratando-se das responsabilidades e das tarefas das Organizações de Base do Partido, especialmente das Organizações de Base de empresa.

Os Estatutos do nosso Partido colocam entre as tarefas das Organizações de Base “estar incessantemente atenta aos sentimentos e reivindicações das massas, transmitir esses sentimentos e reivindicações aos organismos superiores do Partido, dar atenção à vida política, econômica e cultural dos trabalhadores e do povo e ganhá-los para que resolvam seus próprios problemas.”.

Isto impõe às nossas Organizações de Base a tarefa de auscultar também as reivindicações das mulheres, trabalhadoras ou simples donas de casa, e de buscar os meios de ganhá-las para que resolvam seus próprios problemas. Só assim poderemos ter um movimento feminino fortemente apoiado nas massas e estreitamente ligado às mulheres operárias e camponesas.

Nos organismos do Partido onde se realiza um maior esforço no sentido de integrar o trabalho feminino entre as tarefas cotidianas do Partido observa-se que este trabalho avança. A discussão do trabalho entre as mulheres, a planificação e o controle das tarefas relacionadas com a Conferência Latino-Americana de Mulheres, no Comitê de Zona da Lapa, na Região Piratininga, permitiu que surgissem, nesse período, três novas Organizações de Base femininas e mais uma Associação Feminina de massas.

Tudo isto não significa que nós que estamos à frente do trabalho feminino procuremos nos eximir das nossas responsabilidades. Ao contrário. Muito temos que fazer para nos colocar à altura das tarefas do Partido. Não é boa ainda nossa maneira de trabalhar. É urgente revisarmos todos os nossos métodos de trabalho, pois somos as principais responsáveis pelas debilidades existentes no trabalho feminino.

A situação exige que dediquemos uma atenção especial ao trabalho junto às mulheres trabalhadoras. Este deve ser um trabalho de aproximação, de solidariedade às suas lutas e de organização.

A luta contra a carestia e pelo congelamento de preços é o elo capaz de unir o movimento das donas de casa à luta das mulheres operárias e camponesas por melhores condições de vida e de trabalho.

Voltando-nos para este trabalho, tudo devemos fazer para que as operárias e camponesas ingressem nos sindicatos e engrossem as fileiras da União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil.

O grande Stálin dizia:

“As mulheres trabalhadoras, operárias e camponesas, constituem a grande reserva da classe operária. Esta reserva representa uma boa metade da população. A reserva feminina está contra ou a favor da classe operária? Disto depende o destino do movimento proletário, a vitória ou derrota da revolução proletária. Eis por que a primeira tarefa do proletariado e de seu destacamento mais avançado, o Partido Comunista, consiste em travar uma luta decisiva para libertar as mulheres operárias e camponesas, da influência da burguesia, para educar politicamente e organizar as operárias e camponesas sob a bandeira do proletariado.”

Fazer com que esses milhões de mulheres lutem e participem dos movimentos da classe operária e dos camponeses e se organizem para lutar mais e melhor, eis, portanto, uma das principais tarefas de todo militante comunista. Na greve do proletariado paulista, de março de 1953, surgi-



ram departamentos femininos nos sindicatos dos têxteis, metalúrgicos e gráficos. Na preparação da Conferência Latino-Americana de Mulheres surgiram organizações de camponesas em vários municípios do interior de São Paulo, de Minas e do Rio Grande do Sul. A Associação Feminina de Ponte Nova, no estado de Minas Gerais, foi organizada graças à atuação ativa das mulheres na greve dos assalariados agrícolas das usinas de açúcar por aumento de salários. São alguns exemplos, mas nos mostram o caminho a seguir.

O grande Stálin ensina:

“(...) as mulheres trabalhadoras não são apenas uma reserva. Elas podem e devem tornar-se — com uma política justa da classe operária — um verdadeiro exército que combaterá a burguesia. Fazer desta reserva de mulheres trabalhadoras um exército de operárias e camponesas combatendo ao lado do grande exército do proletariado, eis a segunda tarefa, que é decisiva, da classe operária.”.

Camaradas:

As assembleias preparatórias ao IV Congresso revelaram um grande espírito de disciplina, de dedicação e amor ao Partido por parte das companheiras. No entanto, apesar de uma frequência que atingiu até 98%, é muito pequeno ainda o número de mulheres membros no Partido. Este fato está relacionado com a deficiência do trabalho do nosso Partido entre as mulheres, o que demonstra que não extirpamos ainda das nossas fileiras os preconceitos burgueses com relação à mulher.

Não existe no Partido a preocupação permanente com o recrutamento de mulheres, ou não se cuida de fazê-lo nas grandes concentrações de mulheres nas cidades e no campo. O recrutamento de novas militantes realiza-se, geralmente, de maneira não planificada e não se procura dar-lhes vida ativa orgânica e politicamente.

De modo geral, os nossos militantes não têm ainda a preocupação de aproveitar os movimentos e as lutas de massas para fazer crescer e forta-

lecer o nosso Partido. Na campanha eleitoral, por exemplo, houve no Distrito Federal uma ativação de cerca de 80% das militantes comunistas. No entanto, nesse período surgiram apenas três novas Organizações de Base femininas, o que não corresponde ao crescente prestígio do Partido entre as massas femininas.

As assembleias Piratiningadas de Organizações de Base, preparatórias do IV Congresso, revelaram, também, o baixo nível político e ideológico, e mesmo cultural, das nossas companheiras. Esta questão requer uma atenção especial por parte das direções do Partido, desde a criação de cursos específicos até o estímulo permanente aos círculos de estudo. A execução desta tarefa será facilitada porque, apesar do praticismo, há grande ânsia de aprender. As companheiras de São Paulo, por exemplo, num plano de emulação do Comitê Piratininga, foram detentoras de um prêmio por haverem criado e feito funcionar o maior número de círculos de estudo. A pequena participação de companheiras nos cursos do Partido, principalmente no Curso Stálin, e a falta de publicação de materiais específicos sobre o trabalho feminino revelam que em nosso Partido ainda não se dá a necessária atenção à elevação do nível político e ideológico das suas militantes e mesmo das suas dirigentes.

Relacionado com isto, todo o Partido deveria encarar mais seriamente a necessidade da promoção de quadros femininos. O estímulo, a ajuda direta, o controle vivo, o contato com quadros política e ideologicamente mais capazes e experimentados, a participação nos plenos dos órgãos dirigentes, tudo isto ajudará a todas nós mulheres do Partido a rompermos a timidez muito comum às mulheres, a procurarmos estudar mais, a fim de nos pormos à altura das nossas tarefas e responsabilidades.

Na verdade, a promoção de quadros femininos em nosso Partido ainda se processa de maneira muito lenta. As nossas direções ainda procuram ater-se às alegações de timidez das camaradas, ou a problemas de outra ordem, sem promovê-las com audácia. Existem camaradas que, no curso das últimas lutas, nas manifestações de 24 e 25 de agosto em todo o país e na greve geral de 2 de setembro em São Paulo, revelaram um eleva-



do espírito de combatividade, coragem pessoal e qualidades de comando. As direções do Partido devem aproveitar esses quadros, promovê-los e ajudá-los.

Neste sentido, os organismos do Partido precisam, também, dedicar uma atenção especial à formação de quadros dedicados ao trabalho feminino, sejam eles companheiros ou companheiras.

Acreditamos que, à base das discussões e resoluções que sairão deste memorável Congresso, deveríamos enfrentar seriamente as seguintes tarefas com relação ao trabalho feminino:

1. — O trabalho feminino deve deixar de ser tarefa apenas das Organizações de Base femininas e das Seções do Trabalho Feminino para se transformar numa tarefa de todo o Partido.
2. — Todos os Comitês Regionais devem criar Seções do Trabalho Feminino. As seções já existentes necessitam ser urgentemente reforçadas.
3. — Todos os Comitês de Zonas e Comitês Distritais devem ter encarregados do trabalho feminino. O trabalho feminino deve ser incluído entre as tarefas permanentes dos Comitês de Zona, dos Comitês Distritais e das Organizações de Base.
4. — Elaborar com urgência uma Resolução do Comitê Central sobre o trabalho feminino.

Segundo pensamos, são essas as principais tarefas que precisam ser enfrentadas pelo nosso Partido para liquidar a subestimação existente pelo trabalho feminino, para iniciar uma nova vida no trabalho de ganhar milhares de mulheres para o Partido e milhões para a luta democrática de libertação nacional. É isto o que nos impõem os Estatutos do Partido e o Programa do Partido.

Camaradas:

Nós que tivemos a grande felicidade e honra de participar do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil só podemos acrescentar o nosso

compromisso de não pouparmos esforços, não medirmos sacrifícios para levar à prática, no mais curto prazo, as resoluções aqui aprovadas.

Ganhar Milhões de Mulheres Para o Programa do Partido

Olga Maranhão
Novembro de 1954

Camaradas!

Saudamos com particular emoção este IV Congresso do nosso glorioso Partido que, à luz do marxismo-leninismo, nos guia para a luta e para a vitória.

O Informe do Comitê Central, apresentado pelo camarada Prestes, dando o balanço das atividades do Partido, refere-se à situação da mulher em nossa Pátria e às tarefas do Partido no trabalho feminino de massas. Seguindo os ensinamentos do grande Lênin, o nosso Partido destaca o papel da participação das mulheres na revolução, procura influenciar as massas femininas que constituem metade da população brasileira e são importante reserva do movimento revolucionário.

A história do Brasil assinala a participação ativa das mulheres nas grandes lutas pela Independência, pela Abolição, pela República, contra as guerras injustas e contra a reação. Nestas lutas, destacaram-se heroínas e mártires como Clara Camarão, Joana Angélica, Maria Quitéria, Bárbara de Alencar, Anita Garibaldi e tantas outras.

A contribuição das mulheres às lutas emancipadoras do povo brasileiro revela sempre, com muita força, o seu patriotismo, o seu anseio de paz e de liberdade. Já em 1875, em Minas Gerais, cerca de cem mulheres



invadiram a matriz de Barra do Bacalhau e queimaram os papéis da junta militar, pondo em fuga os seus membros. Em Remédios, um grupo de mulheres penetrou na igreja, destruindo todos os documentos militares. Era a represália popular ao recrutamento de soldados para a injusta guerra contra o Paraguai. Acontecimentos como esses repetiram-se em inúmeros lugares de nosso país, numa clara demonstração do sentimento pacifista das mulheres brasileiras.

Na atualidade, o Partido Comunista do Brasil, herdeiro das gloriosas tradições de luta do nosso povo, é que dirige as lutas das massas femininas, pelos direitos e interesses da mulher, pela paz, pelas liberdades democráticas e pela independência nacional. O Partido nos ensina que a ação unida e organizada das grandes massas femininas é indispensável para assegurar às mulheres uma vida livre e feliz. A emancipação da mulher só seria definitivamente alcançada com a derrota do regime de latifundiários e grandes capitalistas serviçais do imperialismo norte-americano. Por este objetivo, luta o Partido Comunista, o mais ardoroso e conseqüente defensor dos direitos e interesses da mulher.

A criminoso política do governo de latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos Estados Unidos agrava terrivelmente a situação em que vivem as mulheres no Brasil. A carestia de vida leva a fome aos lares dos trabalhadores e a miséria penetra nas famílias operárias e das massas populares.

As operárias não gozam de suficiente proteção legal, trabalham até os últimos momentos da gestação. Jovens operárias nas minas de carvão de Criciúma, em Santa Catarina, na maior parte com menos de 16 anos, são obrigadas a subir em montes de carvão, a puxar carrinhos de mão com mais de 60 quilos. Muitas dessas operárias adoecem em virtude da absorção de poeira de carvão e do trabalho pesado. Nas fábricas de sardinha em conserva no estado do Rio, trabalham jovens operárias na salga e no enlatamento do pescado, sujeitas a doenças profissionais. Não existe, pois, nenhuma consideração pela mulher operária no Brasil. Ela é vista pelos patrões como mão de obra barata, fonte inesgotável de exploração e de lucro.

A grande massa da população feminina no Brasil se concentra no

campo. São milhões de mulheres, vítimas dos latifundiários, mantidas no atraso, submetidas às mais monstruosas formas de exploração, vivendo numa indescritível miséria. Reduzido é o número de mulheres no campo que, trabalhando no plantio ou na colheita, recebem o salário de 10 a 12 cruzeiros. Maior é o número das mulheres camponesas que nada recebem, porque o seu trabalho e o dos filhos menores são computados no salário do chefe da família. Além disso, não há a menor assistência à família camponesa. Acometidas sempre pelas febres palustres ou por enfermidades de carência alimentar, as crianças no campo que conseguem escapar à morte na primeira idade contraem a verminose, o raquitismo, a opilação. As mulheres do campo não sabem o que é assistência à maternidade. Muitas mulheres dão à luz nos canaviais ou cafezais em pleno trabalho. Nos barracões dos latifundiários, não há remédios.

A essa imensa massa de trabalhadoras e de camponesas, vítimas da feroz exploração dos grandes capitalistas e dos latifundiários, assim como dos monopólios norte-americanos instalados no Brasil, devemos nos dirigir, conquistá-la para o nosso lado, para participar ativamente da luta pela vitória da revolução antifeudal e anti-imperialista.

Diante da terrível situação a que estão submetidas, as mulheres não permanecem indiferentes. As mulheres lutam cada vez mais para modificar essa dolorosa situação.

As lutas femininas tomaram, nos últimos anos, características de movimento organizado. Sob a influência do nosso Partido, surgiram a partir de 1944 as primeiras organizações femininas de massas. Inicialmente foram organizadas as uniões femininas, que desenvolviam suas atividades nas campanhas pelas reivindicações imediatas e específicas das mulheres. Chegaram a existir centenas dessas uniões femininas em todos os estados, atingindo grande número de municípios do interior.

Neste período, o trabalho feminino de massas consistia, fundamentalmente, em mobilizar milhares de mulheres para as campanhas contra a carestia de vida, ora adquirindo gêneros e tecidos populares, para revenda às associadas, ora desmascarando os sonegadores dos produtos de



primeira necessidade. Este trabalho, embora importante, não tinha como objetivo ganhar as massas femininas para lutas mais altas e consequentes, para as lutas decisivas pela paz, pelas liberdades democráticas e pela independência nacional.

Posteriormente, rompemos com essa orientação no trabalho feminino, orientação fortemente influenciada por tendências reformistas. Mas ao corrigirmos um erro caímos no outro extremo, passamos a realizar um trabalho sectário, exclusivamente político e desligado das reivindicações mais sentidas das massas. Isto acarretou o isolamento das uniões femininas das grandes massas de mulheres e determinou uma queda no trabalho feminino de massas.

A partir de 1950, em virtude de nova modificação em nossa orientação, começaram a surgir grandes movimentos femininos em nosso país. O importante nestes movimentos foi o fato novo de que eles eram liderados por uma organização de massas de caráter nacional — a Federação de Mulheres do Brasil. Novas e poderosas organizações femininas de massas foram criadas. A cada dia aumenta a influência do Partido no seio das grandes massas femininas. Intensifica-se a participação das mulheres trabalhadoras nos movimentos grevistas e nas lutas políticas da classe operária. Queremos rememorar, neste IV Congresso do Partido, a combatividade extraordinária das mulheres da Rede Mineira de Viação, mães, esposas e irmãs dos ferroviários, que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento vitorioso das suas lutas reivindicativas. É preciso destacar ainda as atividades das mulheres grevistas da Fábrica Perseverança, no Pará, a participação ativa das mulheres pernambucanas na greve geral dos têxteis do Nordeste. Nestes, como em tantos outros movimentos grevistas, a vitória foi conquistada com a atuação direta e combativa de grandes contingentes de mulheres.

Um dos mais destacados movimentos femininos no Brasil foi a participação das mulheres na greve dos consumidores no Rio Grande do Sul, em agosto de 1952, greve que atingiu a muitos municípios, abrangendo a quase totalidade da população gaúcha.

Na grandiosa campanha do Apelo de Estocolmo, pela interdição da bomba atômica, as organizações femininas, existentes em todo o território nacional, recolheram cerca de um milhão de assinaturas, num trabalho tenaz, de bairro em bairro, de rua em rua, de porta em porta. A vitoriosa campanha contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia, as centenas de concentrações de protesto contra o governo, particularmente nas lutas em defesa das liberdades democráticas e da Constituição, são demonstrações da vitalidade e da combatividade do movimento feminino no Brasil, liderado pelo Partido da classe operária.

A maior experiência do trabalho feminino de massas já realizada foi a Conferência Latino-Americana de Mulheres que, além de ter sido uma vitória das massas femininas da América Latina, foi também uma vitória do movimento democrático e anti-imperialista dos nossos povos.

A Conferência Latino-Americana de Mulheres revelou, também, o profundo sentimento patriótico das mulheres e o seu espírito de luta em defesa dos direitos da mulher e da criança, reivindicações que não podem ser isoladas das lutas democráticas e emancipadoras dos povos latino-americanos. Existiram, sem dúvida, debilidades e falhas. Mas, seguindo uma justa orientação e atuando com o máximo de flexibilidade, ganhamos novos setores das massas femininas para a luta pelos seus direitos, enfrentamos vitoriosamente a maior propaganda reacionária já realizada contra um movimento de massas. Esta onda de propaganda de mentiras e calúnias foi orientada diretamente pelo Departamento de Estado norte-americano.

Apesar da reação organizada pelos piores inimigos dos povos latino-americanos empregando novos métodos de provocação, chegando mesmo a falsificar documentos, conseguimos — as mulheres brasileiras e as mulheres dos demais países da América Latina — realizar vitoriosamente a Conferência Latino-Americana de Mulheres. Participaram desta Conferência 400 delegadas, das quais 64 eram de países irmãos do continente. Cerca de 100 expressivas mensagens de sindicatos, organizações profissionais e personalidades femininas foram enviadas à Conferência.

O trabalho de preparação realizado no Brasil em função da Conferên-



cia Latino-Americana de Mulheres deu novo impulso à organização do movimento feminino de massas. Surgiram no Brasil, nesse período, mais de 30 organizações de massa femininas. Iniciamos também um importante trabalho junto às mulheres operárias e camponesas, vários sindicatos elegeram em assembleias gerais ou em assembleias específicas de mulheres operárias suas representantes à Conferência Latino-Americana de Mulheres. Em função da Conferência, foram ainda realizadas assembleias de camponesas em muitos lugares do país, das quais surgiram organizações de mulheres camponesas em Xerém no estado do Rio, em Erechim no Rio Grande do Sul, em Taciba, Pedreira e Salto Grande no estado de São Paulo. Isto mostra que a tarefa de organizar e pôr em movimento as massas camponesas já começa a dar alguns frutos. Tal fato foi confirmado na II Conferência de Camponeses e Assalariados Agrícolas, realizada em setembro último em São Paulo, com a participação de camponesas de vários estados, eleitas como delegadas em grandes assembleias.

Camaradas!

Ganhar as massas femininas para as posições do Partido tem uma profunda significação política, pois se trata de atrair massas de milhões da população brasileira para o Programa do Partido. A organização da frente democrática de libertação nacional não pode ser levada a cabo sem a participação das mulheres. Precisamos ter sempre presente que toda subestimação do trabalho feminino de massas resulta da própria subestimação da necessidade imperiosa de organizar e unir as mais amplas forças democráticas e patrióticas para a luta pela derrubada do atual governo e pela instauração do governo democrático de libertação nacional. Nada, portanto, pode justificar a pouca atenção do trabalho entre as vastas massas femininas.

Apesar de já haveremos obtido alguns êxitos no trabalho feminino de massas, este se caracteriza pela sua falta de solidez, pela sua instabilidade, pelo seu fraco conteúdo político, pela sua pequena capacidade de organizar as grandes massas femininas. Isto se deve em boa parte aos métodos de trabalho que ainda empregamos.

Trabalhamos com intensidade somente durante as campanhas de massas. Depois, o trabalho decai. Em muitos lugares chega até a desaparecer. O nosso trabalho de massas é, portanto, sem continuidade, sem uma boa planificação e, muitas vezes, fora da realidade dos interesses mais sentidos pelas grandes massas femininas.

Em grande parte, é ainda falsa a nossa compreensão da política de frente única. Orientamo-nos quase exclusivamente no sentido de ganhar tais ou quais personalidades, deixamos para segundo plano o trabalho diário e paciente junto às vastas camadas de mulheres, sejam elas simples donas de casa, operárias ou camponesas, comerciárias ou funcionárias públicas.

A luta contra a carestia de vida, por exemplo – que é, sem dúvida, o maior fator de mobilização atual das mulheres –, não tem sido por nós devidamente orientada e dirigida. As palavras de ordem que apresentamos são quase sempre gerais, sem concretizar o que queremos em cada momento e em cada lugar.

O trabalho feminino de massas exige que levemos em conta as características próprias desse trabalho, usando métodos específicos, bem femininos. Precisamos adotar um modo próprio de nos dirigirmos às massas de mulheres, de falar e escrever de maneira compreensível ao maior número de mulheres a fim de mais facilmente ganharmos sua confiança e sua apoio ativo.

O Informe do camarada Prestes assinala que o trabalho feminino de massas é uma tarefa de todo o Partido. Que este vitorioso IV Congresso signifique para o nosso Partido o fim da subestimação do trabalho feminino de massas; que se inicie uma nova vida em todo o Partido na aplicação do Programa que tem em vista ganhar as grandes massas femininas; que todo o Partido cuide de fato da criação de novas e novas organizações femininas de massas em todo o país. Onde existir Partido deverá haver obrigatoriamente organização feminina de massas.

Camaradas!

As mulheres comunistas são servidoras do povo, são fiéis e disciplinados soldados do nosso glorioso Partido.



Estamos dispostas a cumprir sem vacilações as resoluções deste histórico Congresso.

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Longa vida e muita saúde ao querido camarada Prestes!

Melhoremos os Métodos de Trabalho de Direção no Nosso Partido

Jorge Vila

Novembro de 1954

Camaradas!

Após 25 anos de grandes e gloriosas lutas, o nosso Partido chega ao seu IV Congresso, como um grande e prestigioso Partido, armado com um Programa justo, porque elaborado cientificamente, e com suas fileiras mais do que nunca unidas e coesas em torno do Comitê Central e do camarada Prestes. Este Congresso, que tem como tarefa central discutir e aprovar o Programa e os Estatutos do Partido, significa um marco decisivo na luta que travamos por agrupar em torno do Programa do Partido a imensa maioria do povo brasileiro e fazer do nosso Partido a força política dirigente da nação, que, à frente do nosso povo, derrotará os imperialistas norte-americanos e a ditadura servil dos latifundiários e grandes capitalistas.

Animados da mais profunda convicção na justeza e viabilidade do Programa do Partido, imbuídos de penetrante espírito crítico e auto-

crítico no exame das nossas atividades, seguindo o exemplo que nos dá o nosso querido camarada Prestes, façamos deste Congresso o ponto de partida para superar as nossas deficiências e tornar vitorioso o Programa do Partido.

Camaradas!

Os Informes do Comitê Central apresentados a este Congresso fazem um balanço do amplo trabalho realizado pelo Partido nos meses que se seguiram ao lançamento do Programa e dos Estatutos do Partido e nos mostram os êxitos que já alcançamos no trabalho com esses dois documentos fundamentais. Valorizando os êxitos, apresentando-os como elementos de convicção e certeza na vitória do Programa, o Comitê Central, como não poderia deixar de fazê-lo, nos mostra que os êxitos obtidos são ainda pequenos e que não é satisfatório o ritmo do nosso avanço.

As causas que vêm nos impedindo de avançar mais rapidamente estão expostas com precisão e clareza nos Informes do Comitê Central. Estamos certos de que a alta sabedoria deste Congresso saberá aprofundá-las mais ainda e estabelecer as justas medidas para eliminá-las com rapidez.

Nesta honrosa oportunidade que tenho de ocupar a alta tribuna do IV Congresso do nosso Partido, desejaria deter-me sobre algumas questões que podem ser incluídas entre as causas que dificultam o maior e mais rápido avanço no trabalho com o Programa entre as grandes massas do nosso povo. Quero referir-me aos métodos de trabalho de direção dos organismos do Partido.

Um novo Programa, as novas tarefas que dele decorrem, exigem novas formas de organização, novos métodos de trabalho de direção dentro do Partido e do Partido com as massas, a fim de elevar o nível do trabalho organizativo à altura do Programa. Como ensina o grande Stálin, depois de traçada uma linha política justa, depois de encontrada a justa solução para um determinado problema, os êxitos dependem do trabalho de organização, da luta pela aplicação concreta das tarefas do Partido. Neste sentido, logo após o lançamento do Programa e dos Estatutos, o Comitê



Centrai adotou várias medidas concretas. As formas de organização foram consideravelmente aperfeiçoadas, com a nova estrutura do Partido. Melhoramos o trabalho de seleção e distribuição dos quadros, iniciamos a luta pela substituição dos métodos errôneos de trabalho, que decorriam de concepções políticas não inteiramente justas, por novos e mais justos métodos de trabalho.

Mas camaradas, apesar de termos melhorado bastante nossos métodos de trabalho de direção, devemos reconhecer que eles deixam muito a desejar. Há ainda falhas graves que precisam ser urgentemente corrigidas.

Muitos dirigentes existem que não se empenham com todas as forças na organização da luta pelo cumprimento das tarefas do Partido. Adotando uma atitude formal e espontaneísta diante das tarefas e resoluções do Partido, contentam-se em proclamar a justeza do Programa e em constatar que no local há todas as condições para aplicá-lo, mas não tomam as medidas práticas correspondentes para transformar as palavras em ação. Na Região do Rio Grande do Sul, por exemplo, há muito se diz que, devido a certas peculiaridades da região, é possível ganhar-se rapidamente importantes setores da burguesia nacional para o Programa, mas essa afirmação não é seguida de medidas concretas para alcançar tal objetivo. Nem mesmo se mobilizam suficientemente os numerosos amigos do Partido que existem nesses setores da burguesia nacional.

Alguns Comitês Regionais no país e a maioria dos Comitês de Zona do Rio Grande do Sul interpretaram acertadamente, no fundamental, os acontecimentos de 24 de agosto e até mesmo adotaram decisões justas para enfrentá-los, mas não organizaram com rapidez a luta pelo seu cumprimento, o que, na prática, equivale a não tê-las adotado.

Fazer constatações justas e adotar decisões acertadas não é tão difícil quando se tem um justo Programa que expressa com clareza a linha geral do Partido, mas isto ainda não é dirigir. As decisões, por mais justas que sejam, têm muito pouca significação, se não se organiza a luta pelo seu cumprimento, se se espera que os êxitos surjam espontaneamente.

Um fenômeno negativo que se verifica em algumas direções é o bu-

rocratismo, que faz com que as tarefas e diretivas do Comitê Central não sejam levadas rapidamente às bases do Partido, que são quem as aplicam junto às massas.

Nas direções onde penetrou a burocracia, as tarefas e diretivas não descem às bases, enquanto não se reúne o “organismo competente”.

No Comitê Regional de Pernambuco, por exemplo, o Manifesto Eleitoral do Comitê Central ficou mais de oito dias no Secretariado. Não desceu imediatamente às bases, nem mesmo aos Comitês de Zonas, porque o pleno do Comitê Regional ainda não se havia reunido.

No Comitê de Zona de Nova Iguaçu, no estado do Rio, as diretivas do Comitê Central sobre o golpe de agosto não desceram às bases antes do dia 24, porque o pleno do referido Comitê ainda não se havia reunido.

Num Comitê do interior de São Paulo, no dia 24 de agosto, dia do golpe, estavam reunidos todos os primeiros secretários dos Comitês de Zona. Ao tomarem conhecimento do golpe, os camaradas, ao invés de descerem rapidamente e assumir seus postos à frente dos organismos, ficaram mais dois ou três dias parados, esperando que se aprontasse um Manifesto que o Comitê tinha mandado imprimir.

Outro aspecto da burocracia reinante em certas direções é o seguinte: as direções discutem longamente determinado problema, julgam-se esclarecidas sobre a importância de tal ou qual tarefa política, mas estas discussões e esse esclarecimento são para uso interno, isto é, ficam somente na direção.

Os camaradas do Secretariado do Comitê Regional de Pernambuco informaram ao Comitê Central: “Discutimos a campanha eleitoral três vezes por semana. O Secretariado está perfeitamente esclarecido sobre esta tarefa. Podemos fazer uma boa campanha eleitoral e obter bons resultados.”. Aprofundado o controle, o Comitê Central verificou que nem mesmo o Comitê de Zona de Recife, o mais importante da região, havia discutido as tarefas da campanha eleitoral.

Em nosso Partido temos uma experiência positiva na prática da dire-



ção operativa. Sempre que se quer descer rapidamente uma nova diretiva do Partido ou ativar uma tarefa em curso, reúne-se, num ativo, os responsáveis dos organismos e os militantes ativistas. A eles se transmite a tarefa com o máximo de clareza, destaca-se para a frente dos organismos mais importantes os mais capazes e combativos camaradas e põe-se todo o Partido em movimento. Neste processo, reúnem-se as assembleias das Organizações de Base. Depois, então, já quando o trabalho de aplicação das tarefas está em pleno desenvolvimento, reúnem-se os plenos dos organismos dirigentes. Este método de trabalho vivo, operativo e direto, possibilita a rápida mobilização do conjunto do Partido para aplicar as tarefas e diretivas do Partido.

Com o Programa do Partido atuando dentro de uma situação de eferescência das massas não podemos permitir que o espontaneísmo, o formalismo, o palavrório e a burocracia continuem entretendo a atividade política do nosso Partido junto às massas.

A organização da luta pelo cumprimento das tarefas exige uma eficiente planificação do trabalho, rápida descida das tarefas às Organizações de Base, controle sistemático e responsável da execução.

A experiência do trabalho de construção do Partido, por exemplo, nos mostra que avançamos muito mais rapidamente depois que passamos a trabalhar com planos bem organizados e sistematicamente controlados em todos os organismos do Partido, a partir do Comitê Central.

No entanto, esta experiência ainda não está sendo suficientemente valorizada em todos os organismos do Partido.

Muitos organismos do Partido ainda resistem a trabalhar com planos. E quando elaboram planos de trabalho, fazem-no de maneira formal. São planos onde às vezes se transcreve simplesmente as indicações de caráter geral contidas nos planos do Comitê Central. Foi o que se verificou recentemente no plano de construção do Partido do Comitê de Zona de Porto Alegre.

Os planos de trabalho precisam ser vivos, concretos e exequíveis, levar em consideração as condições do local onde vão ser aplicados. Para

isto, é imprescindível que as Organizações de Base tenham seus planos de trabalho. Nossos maiores êxitos têm sido ali onde as Organizações de Base coordenam suas tarefas em um plano de trabalho cuidadosamente elaborado com tarefas para cada militante e prazos para sua execução. Se cada Organização de Base trabalhar à base de um plano, mais facilmente poderemos incorporar ao trabalho ativo todos os militantes do Partido.

O trabalho planejado é um sério golpe contra a desorganização e o espontaneísmo. As direções têm o dever de dar o exemplo na planificação das tarefas e na sua execução nos prazos determinados. Um dos elementos importantes no trabalho de direção é a ajuda direta e solícita aos organismos, particularmente às Organizações de Base, no processo de realização dos planos de trabalho, mostrando-lhes a importância política de cada tarefa do plano, apontando as falhas existentes e indicando a maneira de corrigi-las etc.

Quanto ao controle da execução das tarefas, embora venha sendo melhor organizado nos últimos tempos, não podemos dizer que marche bem. Muitos organismos ainda não controlam sistematicamente a execução das tarefas. Outros realizam um controle ainda bastante defeituoso.

Em alguns organismos só se faz o controle, por exemplo, no fim dos prazos estabelecidos para a execução das tarefas. Entretanto, o essencial do controle é a verificação e correção das falhas observadas no próprio curso da realização das tarefas. Os resultados da falta de controle são conhecidos: os organismos chegam ao fim dos prazos estabelecidos para o cumprimento das normas dos planos de trabalho com as tarefas não executadas ou executadas com grandes falhas.

Noutros organismos o controle é ainda feito de maneira burocrática. A preocupação é uma só: a dos números. Por isso, não se faz do controle um meio de descobrir e corrigir as falhas, de recolher e generalizar as experiências positivas. Não é de admirar que em tais organismos pouco se avance na realização das tarefas.

No Comitê Regional do Rio Grande do Sul, por exemplo, mesmo após a realização da II Conferência Nacional de Camponeses e Trabalhadores



Agrícolas, pouco se sabia o que havia sido feito na região. Isto aconteceu somente por falta de controle. O resultado é que zonas como Cachoeira, São Gabriel, Uruguaiana etc. não fizeram boas Conferências de Camponeses e Assalariados Agrícolas, apesar de todas as condições favoráveis.

Também por falta de controle, um Comitê no estado do Paraná, às vésperas da II Conferência de Trabalhadores Agrícolas, não sabia se na região tinha havido bom ou mau trabalho.

A falta de um controle sistemático é mais ou menos generalizada. Poucas são as direções que estão em condições de informar, em qualquer momento, ao Comitê Central a situação exata em que se encontra o trabalho de execução de cada tarefa.

Aprendemos com o glorioso Partido Comunista da União Soviética que, para que as decisões do Partido sejam cumpridas, é necessário um trabalho de organização perseverante, minucioso, amplo e diário. Esse trabalho é constituído de muitos elementos. Os dois principais elementos, entretanto, são a justa distribuição dos quadros e o estabelecimento do controle do cumprimento das resoluções do Partido. Este precioso ensinamento do Partido de Lênin e Stálin precisa ser cada vez mais observado em nosso Partido.

Camaradas:

A luta pela melhoria dos métodos de trabalho de direção exige que prestemos uma atenção especial ao trabalho coletivo, como princípio supremo de direção do Partido. Se é certo que temos avançado neste terreno, não é menos verdade que ainda existem dirigentes que não observam rigorosamente este princípio.

Nas Conferências Regionais, preparatórias deste Congresso, não foram poucos os Secretariados que elaboraram informes e outros documentos apresentados às Conferências, sem o necessário concurso dos demais membros do Comitê Regional. São exemplos de falhas no trabalho de nossas direções que precisam ser eliminadas. A prática do trabalho coleti-

vo nas direções não só permite a melhor elaboração dos documentos do Partido, como também facilita o mais rápido desenvolvimento de todos os quadros dirigentes. O dispositivo estatutário que estabelece os prazos para as reuniões dos organismos do Partido é um elemento importante para que observemos melhor o princípio de direção coletiva. Nem sempre, porém, esse dispositivo é respeitado pelas nossas direções. Existem Secretariados que deixam de convocar os plenos de seus respectivos Comitês, como se isto não causasse prejuízos e não fosse uma infração dos Estatutos do Partido. O mesmo acontece com grande número de nossas Organizações de Base. Neste sentido, uma séria responsabilidade cabe aos Comitês do Partido que não ajudam suficientemente os Secretariados das Organizações de Base no trabalho de preparação e realização das assembleias Gerais das Organizações de Base.

Visando a reforçar a nossa compreensão sobre a importância decisiva da prática da direção coletiva, é que esse princípio está agora claramente expresso nos Estatutos. Pensamos que esse dispositivo estatutário deve ser detalhadamente discutido em nosso Partido à base de nossa própria experiência. Os nossos métodos individualistas de trabalho nas direções não foram ainda inteiramente extirpados. De outro lado, nem todos nós dirigentes do Partido compreendemos o grande alcance do trabalho coletivo nas direções, compreendemos que ele é a garantia do acerto das decisões tomadas e do controle da atividade concreta de cada dirigente ou militante na aplicação das tarefas e a maneira eficaz de preservar o Partido contra os arrivistas, os aventureiros e os charlatães que procuram penetrar no Partido.

Em seu Informe a este Congresso, o camarada Prestes nos traz uma valiosa contribuição a respeito do trabalho coletivo, ao caracterizar os métodos individualistas de trabalho, o culto ao indivíduo em vez do culto ao Partido e aos seus princípios, a confiança nos indivíduos em vez da confiança partidária etc., como fruto da ideologia dos elementos da pequena burguesia que, não podendo se guiar por um programa, baseiam suas atividades nos “chefes” e nos caudilhos.



Em nosso Partido nos guiamos pelo Programa e pelos Estatutos que expressam os mais elevados princípios e somos dirigidos pela sabedoria coletiva do Comitê Central. É necessário, pois, que intensifiquemos mais e mais nas direções do Partido a luta pelo mais amplo trabalho coletivo de direção.

Ao desenvolver esta luta, no entanto, devemos estar prevenidos contra as deturpações do significado do trabalho coletivo. Isto já vem acontecendo em nosso Partido. Um exemplo somente: no Comitê Regional de Pernambuco, a pretexto de trabalho coletivo, os camaradas caíram nas reuniões intermináveis, que giravam não em torno das questões importantes, que exigem a opinião coletiva da direção, mas em torno de pequenas questões de detalhes que cabem ser resolvidas pela iniciativa de cada secretário ou responsável.

Camaradas:

Toda a nossa luta pela organização do cumprimento das tarefas do Programa e das decisões do Comitê Central exige que agucemos, em todos os organismos do Partido, a arma da crítica e da autocrítica.

A ausência da crítica e da autocrítica diária está levando muitos dirigentes do nosso Partido a uma posição de autossatisfação e, às vezes, de presunção.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, os camaradas da direção acham-se muito satisfeitos com o trabalho realizado entre a classe operária. Deixam a entender que tudo que devia ser realizado já foi realizado. Ninguém nega que os camaradas têm avançado. Mas se os camaradas examinarem autocraticamente seu trabalho, verão que há grandes deficiências no trabalho junto à classe operária. Mesmo admitindo que tudo marchasse bem, será que isto seria suficiente para ficarmos satisfeitos, quando o que temos pela frente é a construção da frente democrática de libertação nacional e a luta pelo poder democrático-popular?

Os comunistas não se satisfazem nunca com o que já realizaram. Pro-

curam sempre realizar o máximo em cada momento, em cada situação e, apoiando-se no já realizado, marchar para novas e mais elevadas realizações.

A falta de crítica e autocrítica leva muitos dirigentes a uma posição conformista que se expressa mais ou menos assim: “Já realizamos o que podíamos. Esta é a nossa parte. Outros realizam menos do que nós.”.

Este espírito impede muitos camaradas de verem que sempre podemos realizar mais, que nosso dever é aplicar o Programa do Partido em todos os seus aspectos, sem recuar diante das dificuldades nem nos acomodarmos às situações.

A falta de crítica e autocrítica permanente impossibilita o surgimento do espírito de intransigência para com os defeitos no trabalho, o espírito de responsabilidade de cada dirigente pela sorte da linha política e das decisões do Comitê Central. Onde não há crítica e autocrítica permanentes como método de trabalho, os erros se acumulam e vão se tornando cada vez mais graves, conduzindo inclusive à degradação de quadros. Como não é isto que desejamos, precisamos utilizar mais e mais a crítica e a autocrítica e estimular a crítica das bases.

Camaradas:

Nosso Programa é justo, as condições em todos os recantos do Brasil são as mais favoráveis para transformá-lo em programa de todo o povo e torná-lo vitorioso. Tudo agora depende de nós, de nosso esforço responsável, de nossa audácia e persistência na organização da luta pela aplicação concreta das tarefas do Programa e das decisões do Comitê Central.

O espontaneísmo, o sectarismo, a atitude formal e o burocratismo, o espírito de acomodação e a vanglória devem ser colocados sob o mais rigoroso fogo da crítica e da autocrítica e liquidados em todo o nosso Partido.

O Partido exige que saibamos ser melhor organizadores e lutar com maior tenacidade pelo cumprimento das tarefas do Programa para conquistar novos êxitos e assegurar a sua vitória. Segundo penso, este é o



compromisso que devemos assumir perante o IV Congresso do Partido.

Camaradas:

Sob a direção do Comitê Central, à cuja frente se encontra nosso intrépido dirigente, o camarada Luiz Carlos Prestes, não há dúvida de que marcharemos com firmeza e audácia para novos combates, para novos êxitos, para a vitória.

Preparação, Formação e Educação dos Quadros do Partido

Sabino Bahia (1)

Novembro de 1954

Camaradas:

A realização vitoriosa do IV Congresso impulsionará todos os setores da atividade partidária e, entre eles, o trabalho de educação marxista-leninista. Cabe aqui examinar as experiências deste trabalho, que é uma necessidade permanente para o Partido.

Foi com as resoluções do pleno de fevereiro de 1951 do Comitê Central que o Partido tomou medidas efetivas para levantar o trabalho de educação. Depois de aberta a escola do Comitê Central, no decurso destes últimos anos, já pudemos organizar, por todo o país, uma rede de numerosas escolas. A partir de 1951, até agora, passaram pelos cursos elementares do Partido, de quatro e menos dias, 1.960 alunos; pelos cursos médios, de seis a 15 dias, 1.492 alunos; e pelo curso superior do Comitê Central, 554 alunos.

Neste mesmo período, multiplicaram-se as sabatinas, palestras e conferências educativas, bem como os círculos de estudo.

É indiscutível que esta atividade, particularmente no que se refere às

escolas, tem produzido efeitos altamente benéficos para a formação ideológica do Partido e representa uma soma de realizações concretas das quais devemos nos orgulhar, nas presentes condições de clandestinidade. Mas as necessidades do Partido, como instrumento fundamental de aplicação das tarefas do Programa, exigem muito mais do trabalho de educação.

Afirma o camarada Prestes, no seu Informe a este Congresso:

“O Partido fez progressos em seu trabalho de preparação, formação e educação de quadros. Avançamos no trabalho de educação política e ideológica, mas ainda não dispomos no Partido da rede de escolas capaz de garantir de maneira satisfatória e no ritmo necessário a formação do número crescente de quadros exigido pelo crescimento do Partido e de sua influência.”.

Embora venha aumentando a quantidade de escolas do Partido, ainda diversos Comitês Regionais permanecem desaparelhados a este respeito. É o caso de um Comitê da importância do Ferrovários. Um Comitê Regional tão importante como o do Rio se encontra hoje em situação precaríssima em matéria de escolas. À exceção das escolas regionais de Piratininga, a atividade das demais escolas, inclusive na Região de Piratininga, não é regular. Algumas escolas ficam meses a fio sem utilização ou, por má organização das turmas de alunos, são utilizadas aquém da sua capacidade. Tudo isto acontece quando o Partido ganhou milhares de novos membros, com o êxito dos Planos Lênin e Stálin, e quando precisa formar e promover novos e novos quadros.

Em abril deste ano, foi levado a efeito o primeiro ativo nacional de educação. A realização deste primeiro ativo nacional com atraso, pois já decorriam três anos de continuado trabalho de educação, não deixa de ser uma falha, que o Comitê Central reconhece.

Após o ativo, que fez o balanço de ricas experiências, iniciou-se a transmissão do novo curso de quatro aulas em torno do Programa, com uma intensidade bastante maior do que nos cursos anteriores. De maio a agosto deste ano, quando a atividade escolar foi temporariamente in-



terrompida, receberam aquele curso 705 alunos, em todo o país. A criação dos novos Comitês Regionais facilitou grandemente a transmissão do curso de Programa, destacando-se muitos desses comitês no trabalho de educação. Entretanto, comitês da importância dos do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia e Ceará não organizaram, naquele período, uma única turma para o referido curso. Os Comitês de Piratininga e do Rio apresentam cifras muito aquém das suas possibilidades.

O Comitê dos Marítimos nos mostra os resultados positivos do ativo de abril e nos dá o exemplo da maneira justa de compreender o trabalho de educação. O quadro propagandista destacado pelo Comitê Central para a Região Marítima recebeu da sua direção o necessário apoio e pôde, no breve prazo de maio a agosto deste ano, apresentar quantidade apreciável de realizações: cinco Cursos sobre o Programa, sendo dois de aulas apenas aos domingos, abrangendo 60 alunos; 25 sabatinas sobre o Programa e os Estatutos, atingindo 211 assistentes; cinco palestras sobre o Programa e os Estatutos somando 54 assistentes, dos quais muitos amigos e simpatizantes do Partido, que foram recrutados; dois círculos de estudo da *História do PCUS* e um círculo feminino de leitura da *Voz Operária*, todos com funcionamento regular. Além disto, deve ser citada a experiência de uma organização de base da Região Marítima, que instalou uma escola para pequenos cursos, sabatinas e palestras.

Exemplo oposto nos dá o Comitê Regional da Bahia. O quadro propagandista destacado pelo Comitê Central para atuar nesta região não encontrou o apoio da direção do Partido para o trabalho ideológico. Mais do que as debilidades do próprio propagandista, é isto que explica por que o trabalho de educação permanece no mais baixo nível na Bahia, mesmo após o ativo de abril.

São muitas ainda as direções que subestimam o trabalho de educação, freando, com isso, o seu desenvolvimento, e, em consequência, a causa da construção do Partido.

Debilidade das mais sérias na atividade das escolas é a insuficiente percentagem de operários, sobretudo das grandes empresas, na compo-

sição das turmas de alunos, particularmente em determinadas regiões. Nos cursos de mais de dez dias, durante o ano de 1953 e os três primeiros meses de 1954, a maior percentagem, 95%, foi atingida pelo Comitê dos Marítimos, seguindo-se o Comitê do estado do Rio, com 64%, o Comitê do Rio Grande do Sul, com 59%, e o Comitê de Pernambuco, com 56%. Nos demais Comitês, durante o referido período, a percentagem de alunos operários foi sempre abaixo de 50%. Em Minas, foi de 47,8% e, em São Paulo, de apenas 30%, o que, tratando-se de São Paulo, é inadmissível. Na escola nacional da UJC a percentagem de alunos operários foi apenas de 26%, o que demonstra, não só a fraca composição proletária da UJC como também a pouca atenção para educar, antes e acima de tudo, a juventude das fábricas.

Os dados revelam, porém, algo de mais grave: se considerarmos a questão, realmente vital, da formação de quadros oriundos das grandes empresas, de mais de 500 operários, de quadros “proletários de puro sangue” de que fala Stálin, que devem prevalecer nas direções do Partido a fim de assegurar a sua pureza ideológica. Entre os alunos da escola do Comitê do estado do Rio, houve apenas um de Volta Redonda e nenhum da Leopoldina. E estas são duas entre as maiores empresas de todo o país. Em Minas, a percentagem de alunos, nos cursos de mais de dez dias, provindos das grandes empresas, atingiu somente 13%. Percentagem igualmente baixa assinala São Paulo, devendo-se levar em conta que, exclusivamente na capital paulista, existem, segundo estatística de 1951, nada menos de 140 empresas de mais de 500 operários. As melhores percentagens, nesse particular, são as de Pernambuco, 25%, e Rio Grande do Sul, 20%.

Não resta dúvida de que aí está uma das falhas mais sérias de todo o nosso trabalho de educação. As dificuldades, tantas vezes alegadas, não podem justificar uma situação de tal ordem. É preciso zelar pela formação de quadros operários, em especial os oriundos das grandes empresas, trazendo-os não só para os pequenos cursos, como principalmente para os cursos médios e superiores.

Outra debilidade a sanar se refere à percentagem muito baixa de mu-



lheres e camponeses nos cursos das nossas escolas. É preciso levar em conta o grande papel dos camponeses e das mulheres nas lutas revolucionárias.

Camaradas:

Um lugar de destaque todo especial, em nosso trabalho de educação, ocupa o Curso Stálin, curso superior diretamente organizado e realizado pelo Comitê Central, constituindo iniciativa de envergadura até então desconhecida do setor de educação do nosso Partido. O Curso Stálin exerceu notável papel na tarefa de fazer os quadros do escalão superior e intermediário assimilarem as teses essenciais do Programa, à luz da ciência social marxista-leninista.

Tomando sempre em conta, como nos adverte o camarada Prestes, que não deve ter o aproveitamento nas escolas um critério exclusivo de julgamento dos quadros, podemos afirmar que o Curso Stálin permitiu revelar, com mais nitidez, o rico acervo de quadros talentosos de que dispõe o nosso Partido, nacionalmente, sobretudo operários de viva inteligência e grande vontade de aprender. Mas o Curso Stálin revelou também o quanto o vigoroso potencial dirigente do nosso Partido se acha contido, e mesmo reprimido, pelo praticismo terrível que ainda impera em nossas fileiras. É ao praticismo, e em particular à falta de vida política intensiva, que devemos o vagaroso desenvolvimento dos quadros operários de São Paulo, os quais constituíram o maior contingente no conjunto dos alunos. O Curso Stálin revelou, igualmente, sérias falhas na política de formação de quadros de outras regiões e, nesse sentido, deve causar preocupação a situação do Comitê Regional do Rio.

O Curso Stálin, em conclusão, deu uma importante ajuda à formação teórica e ideológica dos quadros do Partido e fez sentir a urgente necessidade que o Comitê Central promova outro curso de tipo superior.

É indiscutível que o nosso trabalho de educação já produziu frutos promissores e contribuiu poderosamente para a construção do Partido. Uma série de debilidades influi, porém, para tornar lento em excesso o

nosso avanço. Dentre essas debilidades, as seguintes se apresentam como as mais sérias:

1º) O praticismo, que durante anos campeou em nosso Partido, está longe de ter sido eliminado.

O praticismo tem origem, em nossas fileiras, por um lado, no “obrerismo”, na incompreensão de muitos camaradas operários e pequeno-burgueses de que o Partido deve encarnar a fusão entre o movimento operário e a consciência socialista, de que sem teoria de vanguarda não pode haver movimento de vanguarda. Por outro lado, o praticismo deriva da superficialidade e da autossuficiência, características do intelectual pequeno-burguês, que se limita a extrair dos clássicos do marxismo meia dúzia de teses para citações pedantes e dogmáticas. Ambas essas atitudes são incompatíveis com os interesses de nossa causa.

O praticismo ainda é a atitude mais generalizada entre os nossos quadros, mesmo os de escalão superior. Por isso, afirma o camarada Prestes, incisivamente, em seu Informe a este Congresso:

“Está, porém, na subestimação da teoria, ainda muito generalizada nas fileiras do Partido, desde o próprio Comitê Central, o principal obstáculo que tem até agora impedido a mais rápida formação de quadros capazes em nosso Partido.”.

É o Comitê Central o responsável principal pelo praticismo predominante no Partido. Apesar das medidas já tomadas e dos bons resultados obtidos, persiste no Comitê Central a subestimação pelo trabalho de educação, que é relegado a posição secundária e, por isso, insuficientemente organizado e controlado.

Esta subestimação do Comitê Central pelo trabalho de educação se manifesta na formação de professores, que ainda são em número inadequado e mal preparados, na pobreza de materiais destinados especificamente ao trabalho ideológico, no reduzido número de edições dos clássicos do marxismo-leninismo, e particularmente na pequena atenção concedida



ao estudo individual. Nenhum esforço sistemático foi feito, até agora, para generalizar o estudo individual nas fileiras do Partido. São bem poucos, por exemplo, os Camaradas que, ao saírem do Curso Stálin, passaram a travar uma batalha pela sua autoformação estudando individualmente de acordo com um plano. Entretanto, ensina a experiência do Partido Comunista da União Soviética, o estudo individual é o método fundamental de estudo e tem influência decisiva na autoformação dos quadros.

A deficiência teórica do Comitê Central não lhe permite debater, na medida do necessário, com finalidades de pesquisa e de propaganda, os problemas concretos que enfrentamos, vinculando o estudo da teoria à realidade brasileira e generalizando a experiência da luta diária do Partido.

O praticismo predominante no Partido impede a multiplicação e a consolidação dos círculos de estudo que, sem a ajuda das direções intermediárias, não poderão estender-se e vencer a flutuação no seu funcionamento. Mesmo uma resolução do Comitê Central, como a da realização de sabatinas educativas após as reuniões orgânicas, não vem sendo cumprida, senão raramente.

O trabalho de educação deve ser considerado por todo o Partido, a começar do Comitê Central, como uma batalha permanente contra o praticismo. O trabalho de educação florescerá na medida em que o praticismo for combatido e eliminado.

2º) A qualidade de nosso trabalho de educação ainda é muito insatisfatória.

O essencial no trabalho de educação é a sua qualidade, como ensina a experiência do Partido Comunista da União Soviética. Sob este aspecto, devemos reconhecê-lo, estamos atrasadíssimos. Os nossos propagandistas, quase sem exceção, possuem conhecimentos fragmentários e extremamente reduzidos da teoria marxista-leninista, do ponto de vista ideológico são muito débeis e, por fim, são inexperientes, pouco habilitados na arte de ensinar.

Numerosos professores se limitam quase a ditar os esquemas das

aulas, sem procurar enriquecê-las com argumentos e fatos extraídos da própria prática. O ensino é, com demasiada frequência, pouco ligado à vida do Partido e se reduz, por isso, à transmissão de generalidades, que vão nutrir a fraseologia de muitos camaradas, sobretudo daqueles menos experientes. Dessa maneira, deforma-se pela raiz o objetivo do trabalho de educação, que não é o de criar fraseólogos, mas forjar revolucionários capazes de lutar praticamente pela causa do proletariado.

Para elevar a qualidade do ensino partidário, cabe ao Comitê Central e às direções regionais combater energicamente a perigosa tendência à burocratização dos professores, que têm a obrigação de lutar para aumentar seus conhecimentos do marxismo-leninismo, extrair ensinamentos da sua própria atividade e desenvolver maior iniciativa nos cursos escolares, no incremento do estudo individual, na organização dos cursos de fim de semana, dos círculos de estudo, das sabatinas e das conferências. É necessário, em especial, zelar para que os professores e propagandistas mantenham contato permanente com a vida do Partido, entre outros meios através do comparecimento regular nos ativos e nos plenos dos comitês e organizações do Partido.

3º) A planificação do trabalho de educação é, muitas vezes, descuidada, falha, burocrática; o controle é extremamente precário.

Fazem-se comumente os planos sem a preocupação de consultá-los dia a dia e de cumpri-los fielmente. Em algumas regiões, os planos sucedem-se uns aos outros, sem qualquer balanço, sem qualquer exame do porquê de sua não execução. Exemplo característico é o da região de Piratininga. A despreocupação com o cumprimento dos planos reduz enormemente a eficiência da frente de educação, impedindo a plena utilização dos propagandistas e dos aparelhos existentes.

A displicência em relação ao controle tem causado os mais graves danos ao trabalho de educação. Esta displicência tem origem na subestimação das direções pelo trabalho de educação e no liberalismo, que existe até



mesmo na Seção de Educação do Comitê Central, com a responsabilidade do próprio orador, e que impera entre diretores de escolas e professores. Daí se geram fenômenos inadmissíveis, como a falta de vigilância na seleção das turmas, o pouco cuidado com a vida coletiva nas escolas, deixando de lado o combate pela formação do caráter comunista dos alunos, as leviandades no trabalho conspirativo, as infrações às normas estabelecidas pelo Comitê Central com relação ao programa de aulas, ao regulamento das escolas e à designação de professores e diretores.

A Seção de Educação do Comitê Central deve ser a primeira a dar o exemplo de planificação e de controle verdadeiramente comunistas. Às direções e aos encarregados de educação cabe, por sua vez, encarar esta seríssima questão com o maior espírito de responsabilidade.

Camaradas:

As nossas principais tarefas imediatas no trabalho de educação devem ser as seguintes:

1. Instalar, nos Comitês Regionais, de Zona, de Empresa e Distritais, escolas em quantidade suficiente para o trabalho de educação. Intensificar os cursos elementares, médios e superiores sobre o Programa e os Estatutos.
2. Incrementar e controlar o estudo individual, que deve ser considerado obrigatório para os quadros. O Comitê Central, em primeiro lugar, deve tomar medidas para organizar e controlar o estudo individual. Ajudar, de modo específico, os quadros operários a realizarem o estudo individual dos clássicos do marxismo e a elevarem o seu nível de cultura geral.
3. Formar professores e propagandistas, qualificados e em grande quantidade, para as escolas, círculos de estudo, sabatinas, palestras etc.
4. Fornecer materiais e tomar medidas para a realização, em grande escala, de sabatinas, conferências e círculos de estudo, concentrando

no Programa e nos Estatutos e visando a atingir todos os militantes do Partido.

5. Aumentar o ritmo de edições das obras de Marx, Engels, Lênin e Stálin e de literatura marxista em geral.

6. Utilizar a imprensa nacional e dos estados para o trabalho de educação.

Todo o nosso trabalho de educação tem agora por centro a tarefa de ajudar o Partido a assimilar o Programa e os Estatutos, o que deve ser feito através da própria luta contra as tendências políticas e ideológicas que se opõem à aplicação do Programa e à construção do Partido. Como nos ensina o camarada Prestes, no seu Informe a este Congresso:

“O gume de nosso ataque deve estar particularmente voltado contra todas as manifestações de nacionalismo burguês, contra as tendências nacional-reformistas, contra o ‘golpismo’ aventureiro do radicalismo pequeno-burguês, contra as diversas tendências direitistas que levam a renunciar a uma política independente da classe operária, contra o sectarismo, que leva ao abandono das massas ou à inaptidão a realizar qualquer trabalho de massas.”

Com esta justa compreensão, que nos dá o camarada Prestes, estabeleceremos corretamente a ligação viva entre a teoria e a prática, que é uma norma invariável do marxismo-leninismo.

Unidos em torno do Comitê Central e do camarada Prestes, havemos de cumprir com êxito as tarefas do trabalho de educação, ajudando a construir um Partido que levará à vitória o Programa da revolução brasileira.

Nota

(1) Pseudônimo usado por Jacob Gorender.



Seleção, Distribuição e Formação dos Quadros do Nosso Partido

Alcides Campos

Novembro de 1954

Camaradas:

É com imensa satisfação e justo orgulho revolucionário que ocupo a tribuna do IV Congresso do nosso Partido. É uma grande honra para um militante comunista participar do Congresso de seu Partido, mas é também um acréscimo das suas responsabilidades diante do movimento operário.

O IV Congresso do Partido é particularmente importante, pois deverá aprovar o Programa e os Estatutos do Partido, seguras provas do seu amadurecimento político, orgânico e ideológico. O nosso Partido, guia e força dirigente da revolução brasileira, é o fator básico para a vitória na luta contra a dominação imperialista americana, contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas e por um governo democrático de libertação nacional. O seu fortalecimento constante é uma preocupação diária de todos os comunistas.

O Programa do Partido e os informes apresentados pelo Comitê Central ao IV Congresso traçam uma política justa para o movimento revolucionário brasileiro. Diante do nosso Partido está colocada a tarefa de elevar o nível do trabalho partidário à altura das tarefas do Programa. Apesar dos incontestáveis êxitos obtidos, devemos reconhecer, como nos demonstram os Informes do Comitê Central, que, se não avançamos como era necessário e possível na realização da tarefa de transformar o Programa do Partido em Programa de todo o povo, é porque o trabalho de organização não se colocou ainda à altura da nossa linha política.

Permitam-me, camaradas, que em minha intervenção me detenha em

um dos aspectos do trabalho de organização: a seleção, distribuição e formação dos quadros.

Sabemos que para levar uma linha política justa à prática necessitamos de quadros que compreendam a linha do Partido, estejam dispostos a levá-la à prática, saibam fazê-lo e se responsabilizem por ela. Cada vez mais precisamos de homens que se sintam responsáveis pelo destino do Programa, apaixonados e intransigentes defensores do Programa e lutadores infatigáveis pela sua aplicação.

Dirigir, quando a política é justa e já comprovada pela prática dos últimos acontecimentos, significa, antes de mais nada, bem organizar a escolha e a distribuição dos quadros, comprová-los na prática, descobrir os erros a tempo, enviar para os setores débeis os homens capazes de corrigir as falhas e aplicar as tarefas do Partido.

Nos últimos tempos, especialmente depois da publicação do Programa e dos Estatutos, muito avançamos na seleção, distribuição e formação de quadros. Os debates e o estudo do Programa e dos Estatutos, particularmente as sabatinas, foram e são importantes fatores na elevação do nível ideológico e da compreensão política dos nossos camaradas. O intenso trabalho de educação realizado ultimamente muito ajudou a encontrarmos novos homens, abnegados e fiéis, que tudo fazem para levar à prática a linha política do Partido.

A nova estrutura do Partido, descentralizando o trabalho, exigiu a promoção audaciosa de centenas de quadros novos que integram as direções intermediárias do Partido. Aproximando mais a direção das bases, a nova estrutura possibilita uma ajuda mais direta do Comitê Central aos organismos intermediários, e destes às bases, facilitando o mais rápido surgimento e formação de novos quadros.

Com os planos de recrutamento Stálin e Lênin, que trouxeram resultados altamente positivos para a construção do nosso Partido, o número de militantes aumentou consideravelmente. Em algumas regiões os efetivos do Partido duplicaram, triplicaram e até quintuplicaram, principalmente nas grandes empresas, constituindo uma fonte inesgotável de novos qua-



dros para o Partido, sobretudo quadros operários de grandes empresas. Muitos destes novos militantes tornam-se rapidamente bons dirigentes de organizações de base e de direções intermediárias, o que nos dá a perspectiva de termos em curto prazo um bom número de quadros capazes de suprir as necessidades sempre crescentes do nosso Partido.

Isto, camaradas, é o novo que surge em nosso Partido e que devemos valorizar ao máximo. Mas nós, comunistas, não vemos só os lados positivos do trabalho. Apesar de termos avançado, a deficiência de quadros é ainda grande e cada vez maior. É ainda insatisfatório o ritmo de surgimento e formação de novos quadros exigido pelo crescimento orgânico do Partido e pelo crescimento de sua influência entre as massas. Isto apesar de termos nas fileiras do Partido uma quantidade considerável de homens e mulheres combativos e de um devotamento sem limites que podem ser formados rapidamente como dirigentes do Partido, mas que não têm sido bem aproveitados e ajudados, devido a erros e falhas ainda existentes em nossa política de quadros.

A seleção e distribuição de quadros, em alguns organismos partidários, nem sempre é feita à base das qualidades políticas e práticas dos militantes. Em um Comitê Regional do nosso Partido foi desligado da produção um companheiro que não tinha nenhuma condição política e prática, pois além de indisciplinado era doente mental. Além disto, só seis meses depois o Comitê Regional tomou medidas para sanar esta falha grave, mas ainda procurou justificá-la, alegando que não havia outro camarada que pudesse ser desligado da produção.

Na verdade, os quadros só podem se desenvolver plenamente como revolucionários profissionais. Mas devemos desligar da produção somente aqueles militantes que têm reais condições de se desenvolverem como quadros do Partido, e não os que se prontificam a desligar-se. Um bom militante, dirigente intermediário, foi transferido de um Comitê de Zona para um Comitê Regional, onde logo começou a sentir dificuldades. Não preparado ainda para assumir tarefas de tamanhas responsabilidades, asoberbado pelo trabalho complexo da Região e sem a necessária ajuda dos

quadros mais experimentados, o companheiro procurava todos os pretextos para voltar para o lugar onde estava a sua família. Neste caso, superestimamos o nível de compreensão do companheiro e não o ajudamos. De volta ao seu município, ligou-se a uma grande fábrica onde não tínhamos Partido, criando rapidamente condições para a estruturação de uma organização de base do Partido graças ao seu trabalho com a massa.

Uma séria debilidade na política de quadros, ainda persistente em alguns organismos do nosso Partido, é a falta de audácia na promoção de quadros. É comum ouvirmos em vários organismos, quando se fala na criação de novas organizações ou em cobrir certas frentes de trabalho de massas, a justificativa de que faltam quadros e que o Comitê Central precisa enviar quadros etc. Isso ocorreu, por exemplo, no estado do Rio. Mas quando o Comitê Central começou a esmiuçar, a ver as coisas no local, apareceram muitos e bons quadros, que hoje estão à frente de Comitês Regionais e de Comitês de Zona.

A seleção de quadros, particularmente os que devem participar nos cursos das Escolas do Partido, nem sempre é feita de forma justa e responsável num grande número de organismos. Muitas vezes, selecionam-se os homens não pela sua fidelidade, abnegação, espírito de sacrifício e devotamento ao Partido, mas pelo seu nível cultural ou por simpatia pessoal. O camarada Prestes nos diz que, nas condições do Brasil,

“seria um erro pretender selecionar os quadros exclusivamente na base da maior ou menor capacidade dos militantes em redigir informes ou do melhor aproveitamento nas escolas do Partido”,

o que não quer dizer que a elevação do nível cultural não deve ser uma preocupação constante de todos os comunistas, em particular dos dirigentes do Partido. Comumente verifica-se outra falha na seleção dos alunos: devido à falta de planificação dos camaradas que devem ir aos cursos das Escolas do Partido, muitos organismos designam camaradas que têm mais facilidade em perder alguns dias de trabalho e raramente aqueles que precisamos ajudar para se desenvolverem como quadros. Devido a estas falhas é que ainda é pequeno o número de quadros operários



e camponeses que passam pelas Escolas do Partido, o que se reflete em toda a atividade do nosso Partido.

Em alguns organismos partidários, a promoção de quadros nem sempre é feita à base da análise cuidadosa e rigorosa da vida do militante, da comprovação de sua fidelidade e dedicação ao Partido. Apesar das sucessivas recomendações do Comitê Central, ainda existem organismos do Partido que fazem promoções de quadros exclusivamente à base da confiança e do conhecimento pessoais. Este critério pequeno-burguês e liberal levou a que fossem propostos para membros de Comitês Regionais elementos que não eram de comprovada fidelidade ao Partido, mas da confiança pessoal deste ou daquele dirigente regional. Não são poucos os prejuízos que isto representa. Assim é que num ou noutro destes casos de propostas de promoção de Comitês Regionais à base de confiança pessoal, o Comitê Central comprovou que se tratava de elementos sem condições mínimas para serem dirigentes, chegando a haver casos de elementos suspeitos.

A falta de estudo cuidadoso e responsável da vida dos militantes e o não conhecimento dos homens, das suas qualidades e de seus defeitos trazem, portanto, graves prejuízos ao Partido.

Permitam-me reproduzir as palavras do camarada Prestes em seu Informe a este Congresso, sobre a seleção dos quadros:

“Os elementos importantes da seleção dos quadros são: o devotamento à causa da classe operária e a fidelidade ao Partido, provados na prática da própria vida; a estreita ligação com as massas; o espírito de iniciativa e o sentimento de responsabilidade; o espírito de disciplina e a intransigência na luta pela aplicação da linha do Partido e contra os desvios do marxismo-leninismo.”.

Tais ensinamentos do camarada Prestes devem ser para nós um roteiro seguro para superarmos as nossas debilidades na seleção de quadros e para formarmos rapidamente os quadros capazes de conduzirem bem alto, sem vacilações, com intrepidez, a bandeira do Programa do Partido e levá-la à vitória.

Camaradas:

Apesar do grande avanço obtido na formação de quadros, sérias falhas e debilidades ainda se verificam neste terreno, falhas e debilidades que precisam ser rapidamente eliminadas. Em alguns organismos ao Partido, ainda há a compreensão de que os quadros se formam somente nas escolas, por isso, algumas direções não tomam a si a tarefa de ajudar e formar os quadros, deixando-a apenas para as escolas. O trabalho político e ideológico com os quadros e a ajuda diária são subestimados. Depois de passar pelos cursos das escolas do Partido, as direções destacam os quadros para as tarefas e não controlam sistematicamente suas atividades, não lhes dão ajuda política e prática para enfrentar com êxito as dificuldades. Sem ajuda e sem controle, a experiência nos mostra que até bons quadros caem na placidez, no comodismo, chegando uns até mesmo a degenerar. Em um Comitê Regional, encontramos um companheiro, antigo 1º secretário de um Comitê de Zona, que, assoberbado pelas dificuldades e por falta de ajuda, não mobilizava o Partido para as tarefas. E isto simplesmente porque não sabia como fazê-lo. Como este, muitos companheiros existem. Têm condições de se formarem como quadros, mas, por falta de ajuda e de controle, caem no comodismo, perdem a perspectiva e se perdem.

O camarada Prestes nos ensina que as escolas ajudam muito na formação dos quadros, “mas a promoção dos militantes que já se revelaram na prática facilitará o mais rápido desenvolvimento de tais militantes como quadros dirigentes capazes do Partido.”. É na prática que mais se ajuda os militantes, aconselhando-os política e praticamente a superar as dificuldades e enfrentar vitoriosamente as tarefas.

A luta contra a burocratização dos quadros é de grande importância para a sua formação revolucionária. Infelizmente, nem em todos os organismos do nosso Partido é travada uma séria batalha contra o burocratismo. Alguns informes às Conferências Regionais, por exemplo, ao invés de aplicar de forma criadora o Programa à realidade concreta da região, limitaram-se à transcrição de trechos do Programa e de aulas recebidas nas Escolas do Partido, o que demonstra que algumas direções regionais



ainda não assimilaram o Programa do Partido. Quando se apresentou de forma aguda e concreta a necessidade de aplicar a tática do Partido durante os acontecimentos de 24 e 25 de agosto e das lutas de massas contra o golpe e o imperialismo norte-americano, inúmeras direções não souberam avaliar com justeza a situação. Muitas tomaram uma posição falsa. Organismos do Partido houve, como em Magé, Goiânia, Cabo Frio etc., que se recusaram a participar dos protestos de massas. Outros ficaram na expectativa. No momento, na luta contra o burocratismo cabe-nos substituir, sem vacilação, os que se mostraram oportunistas e pusilânimes pelos que demonstraram espírito revolucionário, tomaram a frente das massas em luta e as dirigiram mesmo que sejam menos experientes. Ajudados, estes camaradas se colocarão rapidamente à altura de suas responsabilidades e imprimirão em seus organismos impulso revolucionário e espírito prático. Estas importantes qualidades são sumamente valiosas em nossa luta pela vitória do Programa do Partido.

Nem sempre, porém, sabemos ajudar solícitamente os quadros, de forma fraternal, compreensiva e paciente, tratando-os como o fundo de ouro do Partido. Isto se refere, hoje principalmente, aos quadros femininos, bastante insuficientes diante das necessidades da luta e das condições existentes. Apesar de o movimento feminino de massas ter avançado, particularmente com a realização vitoriosa da Conferência Latino-Americana de Mulheres, em muitos organismos de nosso Partido persiste a subestimação pelo trabalho feminino e mesmo certo tratamento antipartidário, injusto, para com as companheiras. Se há êxitos, devemos-os à ajuda do Partido no lugar; se há fracassos, é culpa das companheiras — tal atitude de certos camaradas. Não há o estímulo e a ajuda indispensáveis na formação dos quadros femininos. Com tal tratamento não surgem nem se desenvolvem quadros femininos de acordo com as exigências e as necessidades do nosso Partido. Neste próprio Congresso, pelo reduzido número de companheiras presentes, podemos avaliar o quanto é subestimado o trabalho feminino de massas, o quanto é pequeno o número de mulheres nas fileiras do nosso Partido. Se não levarmos em conta as características

das mulheres, sua compreensão política e seu nível cultural, presas ao trabalho de casa e aos filhos etc., reflexo da situação das mulheres na atual sociedade brasileira, não será fácil formarmos milhares de quadros capazes de dirigir o movimento feminino de massas, de conquistar os milhões de mulheres brasileiras para as posições do Programa do Partido.

O mesmo ocorre com os quadros jovens. A UJC é uma reserva do Partido, uma fonte de quadros jovens, com o sentido do novo e com impulso revolucionário, como vimos nos acontecimentos de 24 de agosto, quando inúmeros jovens tomaram a frente das massas e as dirigiram em seus protestos contra o golpe do imperialismo norte-americano. Apesar disto e apesar do seu grande crescimento, a UJC tem fornecido poucos quadros ao Partido. Isto se deve a que a maioria dos organismos do Partido subestimam a ajuda a UJC, não têm ajudado a formar os seus quadros como é possível e necessário. Muitos organismos do nosso Partido ainda não compreendem que a formação dos quadros da UJC é, em primeiro lugar, uma importante tarefa do Partido. Se cumprirmos com responsabilidade esta tarefa, se ajudarmos os camaradas da UJC, esta poderá nos dar, em curto prazo, centenas de companheiros capazes, possibilitando assim ao Partido suprir mais facilmente as exigências que nos são impostas pela luta pela aplicação vitoriosa do Programa.

Camaradas:

Para forjarmos um Partido à altura das tarefas do Programa, o nosso Congresso deverá aprovar os novos Estatutos do Partido. O estudo, a assimilação e a aplicação dos Estatutos, particularmente na parte em que trata dos deveres e dos direitos dos membros do Partido, são importantes fatores para a formação dos quadros. A preocupação pela elevação do nível político e ideológico é dever estatutário, obrigatório para todos os militantes. Esta tarefa é, entretanto, subestimada pela maioria dos nossos camaradas. Basta citar o fato de que temos centenas de companheiros que tiveram a felicidade de estudar nas Escolas do Partido, mas que, após os cursos, muitos nem mais olharam para as suas anotações, não completa-



ram o estudo iniciado nas Escolas com o estudo individual. Em seu Informe, o camarada Arruda assinala que, para avançar, temos necessidade de fazer a crítica teórica de nossos erros e para isso assimilar o marxismo-leninismo. A subestimação da teoria, como acentua o camarada Prestes, é o obstáculo principal à mais rápida formação dos quadros, conduz ao espontaneísmo, base ideológica do oportunismo, o que facilita a penetração da ideologia da pequena burguesia em nossas fileiras, o que causa não poucos prejuízos ao Partido. Para a formação dos quadros de Partido é preciso travar a luta sistemática contra todas as manifestações das ideologias estranhas à ideologia socialista, o que se torna possível à medida que os quadros do Partido assimilam a teoria marxista-leninista.

Camaradas:

Os quadros do nosso Partido estão muito aquém das necessidades impostas pelo crescimento do Partido e de sua influência sobre as massas. Aproximam-se duras e decisivas batalhas pela libertação do Brasil do jugo do imperialismo americano e dos latifundiários e grandes capitalistas e pela conquista de um regime democrático-popular. As formidáveis demonstrações anti-imperialistas de 24 e 25 de agosto e a unidade de ação nelas conseguida são o prenúncio da ampla frente única anti-imperialista e antifeudal que varrerá o regime caduco que nos oprime e construirá sobre suas ruínas o regime novo, democrático-popular, abrindo o caminho para um futuro radioso e feliz para o nosso povo.

Os quadros, os homens, são a força que porá em prática a nossa política, para transformar o Programa do Partido em Programa de todo o povo. Os êxitos já obtidos nos dão a certeza de que em nosso Partido existem as forças capazes de eliminar as falhas e os erros, e de formar homens de verdade que conduzam à vitória a bandeira do Programa.

A partir de agora a luta será mais fácil, a perspectiva mais clara.

Guiados pelo Programa do Partido, sob a direção do nosso provado Comitê Central, avante camaradas, para a luta e para a vitória.

O Trabalho de Finanças no PCB

Agildo Barata

Novembro de 1954

Camaradas:

Coube-nos a tarefa de, em nome do Comitê Central, informar ao Congresso acerca das atividades da Comissão Nacional de Finanças que, dentro em pouco, à base das modificações estatutárias que deveremos aprovar, passará não só a ter uma nova denominação e uma nova composição, como passará a ter suas funções grandemente ampliadas.

Durante o período que decorre entre o III e o IV Congresso, nosso Partido passou pelos mais diferentes níveis de organização e, por vezes, na dura clandestinidade a que foi jogado, os dados e apontamentos sobre o trabalho de finanças se perderam.

Isso torna impossível fornecer dados precisos e, não raro, até mesmo quaisquer dados, sobre longos períodos de nossa atuação, em particular de 1929 a 1945.

Por isso, nas informações aqui prestadas limitar-nos-emos tão-somente aos últimos cinco anos de nossas atividades, quando o Partido novamente foi lançado na clandestinidade e cassados os mandatos de seus parlamentares no Senado, Câmara Federal e Câmara do Distrito Federal.

De então para cá, o volume do trabalho financeiro e orçamentário do Partido, que sofrera uma queda tão brusca, aumentou de maneira considerável, em consequência não só da recuperação gradativa de elementos que se haviam afastado, como também do aumento de efetivos do Partido, e, principalmente, em consequência do desenvolvimento do trabalho circulista.

É de notar, entretanto, que muito abaixo de nossas possibilidades se encontra ainda o nível de organização de nosso trabalho de finanças. Au-



xiliar, que é de nossa política geral de organização, o trabalho de finanças se ressentiu e reflete o baixo nível de organização que atinge a muitos escalões e organismos do Partido. Isto prejudica a receita que podia ser bem maior; não permite uma aplicação mais ampla de recursos, nem um mais rigoroso controle dos recursos disponíveis.

Examinemos, separadamente, a receita e a despesa. Os dados a seguir se referem às importâncias que passaram pela caixa da Comissão Nacional de Finanças no período de 1949 a 1953.

A Receita

Considerando 1949 como igual a 100, temos os seguintes números índices expressivos da receita:

1949	1950	1951	1952	1953
100	132	227	300	705

Isto significa que a receita em 1953 foi mais de sete vezes maior que a receita de 1949.

Se tomarmos os dados sobre a receita dos dez primeiros meses de 1954, temos para número índice aproximado 760. Vale dizer: a receita, em cruzeiros, cresceu de mais de sete vezes e meia, de 1949 a 1954.

Levando em conta a desvalorização da moeda no período citado — 1949 a 1954 —, o índice de 760 ficará reduzido a 500. Isto quer dizer que a receita, mesmo levando em conta a desvalorização monetária, cresceu de cinco vezes.

Tal acréscimo, porém — camaradas —, não resultou unicamente do crescimento orgânico do Partido — o que, de fato, se verificou —, mas da ampliação do trabalho da Comissão Nacional de Finanças e das campanhas de finanças que, anualmente, se realizam e cujas cotas crescentes — de ano para ano — vêm sendo sempre superadas.

Para nos referirmos apenas às duas últimas campanhas: a da Imprensa Popular e a dos 50 milhões. Aquela, realizada no fim do ano próximo passado tinha estabelecido a cota de 15 milhões, em três meses. A cota foi

coberta e superada no prazo previsto e, prorrogada a campanha por mais um mês, a nova cota de 20 milhões foi novamente coberta e superada. Quanto à recente Campanha dos 50 milhões de duração de três meses, destinada ao financiamento dos gastos eleitorais, foi ela mais uma soma de campanhas estaduais do que uma única campanha nacional, por isto que as eleições se processavam em âmbito estadual e em tal âmbito se devia processar a maior parte das despesas. Incompletos, ainda, são os dados da campanha dos 50 milhões, mas considerando apenas os recursos levantados pelos regionais de Piratininga e do Rio e pelo Comitê Central só nestes três setores se levantaram, em três meses, mais de 15 milhões!

É preciso acentuar que, na receita normal do Comitê Central, a parte oriunda de cotas dos estados representa ainda uma pequena parcela. Este fato mostra a irregularidade da subida de cotas e é decorrência de um afrouxamento na disciplina que atinge grande parte das organizações e organismos do Partido.

Por isso, impõem-se medidas para o fortalecimento da disciplina e do controle financeiros nas organizações do Partido através da regulamentação, à base dos Estatutos, do trabalho geral de finanças.

Em grande número, os militantes do Partido não pagam suas contribuições e muitos são os que as pagam em bases diferentes das percentagens estabelecidas pelos Estatutos.

Cabe aqui uma outra observação: em algumas de nossas assembleias de base, no curso da realização dos trabalhos do IV Congresso, surgiram restrições quanto às percentagens estabelecidas nos Estatutos, achando alguns camaradas que as mesmas eram elevadas e que podiam até ser dispensadas. Um tal ponto de vista exprime debilidade ideológica, falta de amor ao Partido. A maior taxa estatutária é a de 3%, incidente sobre os ordenados superiores a três mil cruzeiros. Em números, isso significa que um camarada que ganha 3 mil cruzeiros deve pagar 90 cruzeiros ao Partido. Todos sabemos que a vida do trabalhador brasileiro está longe de ser um mar de rosas e que o aumento de salários não vem acompanhando o aumento do custo de vida. Mas é o Partido que luta para liquidar defi-



nitivamente com tal estado de coisas. O Partido necessita de mais e mais dinheiro precisamente para encurtar o período da libertação da classe operária e do povo brasileiros.

Ao contrário, ao invés de relaxar-se na cobrança ou de atuar-se com liberalismo, o que necessita o Partido é de instituir-se um controle efetivo sobre a marcha do pagamento das contribuições dos membros do Partido e que os Comitês e as Organizações de Base do Partido examinem as falhas relativas ao ingresso das contribuições estatutárias, devendo igualmente as Organizações de Base controlarem o pagamento, no prazo determinado das contribuições.

“É tarefa dos órgãos do Partido” — diz o Informe do camarada Moskatov ao XIX Congresso do PCUS — “assegurar que todo comunista pague em tempo sua contribuição, observar estritamente a ordem estabelecida para o recebimento das contribuições e a sua contabilidade, dedicando a atenção devida a esse setor do trabalho orgânico-partidário.”

A Despesa

Considerando 1949 como diz respeito quase igual a 100, temos os seguintes números índices expressivos da despesa:

1949	1950	1951	195S	1953
100	140	208	271	460

Isto significa que a despesa de 1953 foi mais de quatro vezes e meia maior que a despesa de 1949.

Se tomarmos os dados referentes aos dez primeiros meses deste ano, temos para número índice aproximado de 1954, o número 705. Vale dizer: a despesa de 1954 é pouco mais de sete vezes maior que a de cinco anos atrás, em 1949.

Levando em conta o aumento do custo de vida no período citado, o índice de 705 ficará reduzido a pouco mais de 460. Isto quer dizer que a despesa, cresceu, na realidade, de mais de quatro vezes e meia.

Como vemos, a despesa — os números o indicam — acompanhou,

neste período, o ritmo da receita.

O que se disse sobre a receita e a despesa diz respeito quase exclusivamente ao trabalho orçamentário do Comitê Central, mas é necessário observar que, de um modo geral, o orçamento financeiro dos vários escalões do Partido tem as mesmas características. A julgar pelos dados que o Comitê Central possui, a satisfação das necessidades financeiras de todas as organizações do Partido (dos Comitês Regionais às Organizações de Base) representa muitas vezes o que é remetido para o Comitê Central. Levando isso em conta, pode-se estimar que o ritmo de crescimento da receita e da despesa dos vários escalões do Partido, no período considerado, também cresceu, em cruzeiros, de pouco mais ou pouco menos, de sete vezes.

Funcionamento da Comissão de Finanças

Há aspectos positivos a ressaltar no trabalho de finanças.

Liquidou-se nos estados de São Paulo, Minas, Rio e no Distrito Federal com o método da divisão de trabalho entre os membros das Comissões de Finanças à base de frentes específicas para cada um. Todos os membros das Comissões de Finanças são hoje responsáveis por todas as frentes de finanças nos organismos que controlam ou assistem. Em não poucas Comissões de Finanças existia uma esdrúxula organização de trabalho, com “especialistas” em viagens e até “especialistas” em empréstimos e dívidas.

Nas regiões que abrangem os estados citados acima e em muitas outras foi superada essa debilidade sobre a compreensão política de um justo trabalho de finanças.

No que se refere às funções da Comissão Central de Finanças, os Estatutos que ora debatemos preveem nova e decisiva ampliação de suas atribuições. Com uma nova e conveniente estrutura, a Comissão Central de Finanças poderá:

1. realizar um controle efetivo que permita normalizar as contribuições dos membros do Partido e o recolhimento das cotas dos diversos organismos partidários aos escalões superiores;
2. incentivar as iniciativas ampliadoras de nossos contatos junto às



massas através do trabalho de finanças;

3. adotar urgentes e adequadas medidas para que os organismos partidários paguem, pontualmente, as suas dívidas, proibindo o emprego do dinheiro oriundo da venda de materiais em outros fins;

4. realizar, anualmente, uma campanha de finanças. As campanhas elevam a compreensão dos membros do Partido sobre a importância política do trabalho de finanças e ampliam as ligações do Partido com as massas.

Camaradas:

Ante o crescimento de nosso Partido, é urgente e imprescindível colocar o trabalho de finanças à altura de nossas tarefas e nossos objetivos.

Achamos que muito se pode esperar e se deve exigir do trabalho de finanças.

A elevação do nível teórico, político e ideológico do Partido; a difusão de nossa linha política através da difusão de nosso Programa; o reforçamento do aparelho de um Partido revolucionário em luta contra um inimigo pérfido e sanguinário; etc., tudo isso está a exigir o funcionamento de nossos organismos de finanças nas bases estabelecidas em nossos Estatutos, bases que significam trabalhar mais e melhor.

De posse do Programa e dos Estatutos, sob a direção de nosso experimentado Comitê Central, com os olhos fitos nos exemplos gloriosos do valoroso Partido Comunista da União Soviética e sob a direção de nosso querido camarada Prestes, marchemos para a derrubada do governo de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano e para a conquista de um governo democrático de libertação nacional, sob a bandeira de nosso Programa, Programa da salvação nacional e da felicidade de nosso povo.

Relatório da Comissão de Mandatos do IV Congresso do PCB

Sérgio Holmos

Novembro de 1954

Camaradas:

Incumbido pela Comissão de Mandatos, tenho a honra de informar a este Congresso sobre os resultados do trabalho da Comissão.

A Comissão de Mandatos examinou as credenciais de todos os delegados e verificou que todos foram eleitos de acordo com as exigências estatutárias e as normas estabelecidas pelo Comitê Central.

Os delegados ao IV Congresso foram eleitos nas Conferências Regionais e nas Conferências de Direções Políticas Especiais. Estas Conferências foram o resultado das assembleias de Organizações de Base e das Conferências de Comitês de Empresa, de Comitês Distritais e de Comitês de Zona, realizadas em todo o território nacional, como parte integrante dos trabalhos deste IV Congresso.

As eleições dos delegados ao IV Congresso foram feitas num processo de fecundos e entusiásticos debates do Programa e dos Estatutos do Partido e das atividades do Partido, durante os quais desenvolveu-se mais a democracia interna e aprofundou-se a crítica e a autocrítica. Todo o processo de realização do IV Congresso se constituiu num grande fator de fortalecimento da unidade das fileiras do Partido.

Camaradas:

A Comissão de Mandatos informa que estão presentes os delegados ao IV Congresso do Partido. Este é um fato significativo da força e da pujança do nosso Partido. Apesar da clandestinidade em que vivemos e da feroz perseguição policial, os delegados eleitos chegaram ao Congresso,



sem qualquer incidente.

As condições de ilegalidade em que tinham de se realizar os trabalhos do IV Congresso forçaram o Comitê Central a limitar bastante o número de delegados que deviam ser eleitos ao IV Congresso. No entanto, o Congresso representa condignamente o conjunto de todo o Partido. Aqui se encontram delegados de todas as regiões e de todos os setores especiais. Sabe-se que o nosso Partido, ao passar novamente para a clandestinidade, em maio de 1947, sofreu certa queda em seus efetivos, mas, a seguir, recuperou-se e cresce continuamente, não só nas grandes empresas, como entre os camponeses e nos bairros.

Das delegações eleitas ao IV Congresso, a maior é a da Região de Piratininga, o que expressa a força do nosso Partido no maior centro proletário do Brasil. Contam com importante número de delegados as Regiões do Rio, do Rio Grande do Sul e de Pernambuco. A seguir, vêm as demais Regiões.

Todos os delegados eleitos ao IV Congresso exercem funções responsáveis no Partido. São membros e candidatos a membros do Comitê Central, são secretários de Comitês Regionais, são membros e candidatos a membros de Comitês Regionais, são secretários de Comitês de Zona, são secretários de Comitês de Empresa, são membros de direções da União da Juventude Comunista.

Os delegados são, portanto, dirigentes e militantes os mais responsáveis, os mais abnegados lutadores pela causa do Partido.

Fato significativo é que quase todos os delegados eleitos ao IV Congresso já passaram uma ou mais vezes pelos cárceres da reação. O total do número de prisões, entre os delegados ao IV Congresso, eleva-se a 283, com um total de 72 anos, 2 meses e 3 dias passados nos cárceres pelos diversos camaradas. Dentre estes, encontra-se o camarada Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do nosso Partido com 9 anos, 1 mês e 15 dias passados no cárcere sob as mais duras condições.

Este fato mostra que os delegados ao IV Congresso são militantes e dirigentes firmes e abnegados, provados diante do inimigo de classe, refle-

tindo bem a bravura e a combatividade do nosso Partido e o heroísmo do nosso povo. A firmeza dos delegados ao IV Congresso é um atestado vivo de que se os imperialistas norte-americanos e os latifundiários e grandes capitalistas são intransigentes na defesa de seus interesses de exploração e opressão do nosso povo, muito mais intransigentes são os comunistas na luta pela libertação do povo brasileiro.

Camaradas:

Permito-me informar ao Congresso sobre alguns dados da composição do IV Congresso.

Quanto à Origem de Classe dos Delegados	
Operários	48%
Camponeses	4%
Comerciários	16%
Ex-estudantes	10,7%
Funcionários públicos	8%
Ex-oficiais das forças armadas	4%
Ex-soldados, cabos e marinheiros	4%
Outros setores de atividades	5,3%

Vemos, assim, que predominam no Congresso os delegados operários. Isto é inteiramente normal, pois o nosso Partido é o Partido da classe operária. É de se destacar que 30,7% do total de delegados são operários que procedem de empresas de mais de 500 operários. Fica, assim, evidente que o nosso Partido está enraizado nas grandes empresas. A Comissão de Mandatos, entretanto, se permite observar que é necessário haver maior atenção às Organizações de Base do Partido nas grandes empresas.

Os camponeses estão representados neste Congresso por 4% do total dos delegados. A Comissão de Mandatos observa que é muito pequena a percentagem de camponeses neste Congresso, o que reflete a debilidade do nosso trabalho no campo.



Os demais delegados estão classificados entre os mais variados setores de atividades. Isto se explica pelo fato de que o nosso Partido, sendo o Partido da classe operária, é, ao mesmo tempo, o Partido que luta pelos interesses de todo o povo. É natural, portanto, que às suas fileiras afluam homens e mulheres avançados de todas as camadas do povo brasileiro.

Quanto ao ingresso dos delegados no Partido, a composição é a seguinte:

Período de Ingresso no Partido	
1922 a 1930	2,6%
1930 a janeiro de 1935	17,3%
No ano de 1930, período da Aliança Nacional Libertadora e da Insurreição de 27 de novembro	5,3%
1936 a abril de 1945, período da reação Estado-novista e da guerra contra o nazismo	5,3%
1945 a 1947, no período de grande ascenso democrático e em que o Partido conquistou o direito à vida legal.	62,6%
Entre 1947 e 1952, no período em que o Partido passou novamente à clandestinidade	6,6%
Ex-soldados, cabos e marinheiros	4%
Outros setores de atividades	5,3%

Dos delegados eleitos ao IV Congresso, 30,6% passaram pelos dois períodos de clandestinidade de nosso Partido. São quadros, portanto, que já reúnem uma larga experiência da atividade partidária.

Anos de Atividade Partidária	
Mais de 20 anos	13,3%
Entre 10 e 20 anos	18,6%
Entre 5 e 10 anos	65,3%
Menos de 5 anos	2,6%

Os dados mostram que o nosso Partido vem fazendo uma justa política de harmonização entre o entusiasmo revolucionário dos quadros jovens e a experiência dos quadros mais antigos.

Quanto à idade dos delegados, o quadro é o seguinte:

Anos de Atividade Partidária	
Até 30 anos	20,0%
De 30 a 40 anos	53,3%
De 40 a 50 anos	22,6%
Mais de 50 anos	4,0%

A média geral da idade dos delegados é de 36 anos e meio.

Estes dados revelam que os quadros do nosso Partido são, na maioria, jovens. No entanto, são quadros forjados no fogo de duras lutas.

Entre os delegados ao IV Congresso, as mulheres estão representadas por 9,3% do total de delegados. Tão pequeno número de mulheres, entre as delegações, reflete a subestimação ainda existente em nosso Partido pela formação e promoção de quadros femininos e pelo trabalho feminino de massas. Isto é grave, particularmente nas Regiões do Rio, de Piratininga e de Pernambuco, principais centros têxteis do país, onde, em geral, cerca de 50% dos trabalhadores das empresas têxteis são mulheres.

Dois vírgula seis por cento dos delegados eleitos ao IV Congresso trabalham nas organizações da UJC. Tão pequeno número de delegados da Juventude revela a debilidade existente no trabalho entre os jovens, como bem acentuou o camarada Prestes em seu Informe a este Congresso.

Dezesseis por cento dos delegados eleitos ao Congresso exercem funções em organizações sindicais e de massas. São dirigentes de organizações sindicais, de organizações camponesas, de organizações femininas etc. Em certa medida, estes delegados expressam a crescente ligação do nosso Partido com massas organizadas.

A Comissão de Mandatos constatou também que, dos delegados eleitos ao IV Congresso, apenas 8% não têm ainda nenhum curso de Escola do Partido. Dezessete vírgula três por cento dos delegados passaram pelo curso de 15 dias; 37,3% passaram pelo curso de 11 dias; 9,3% passaram pelo curso de 4 dias; 10,6% passaram pelos cursos de 30 a 25 dias. Do



total dos delegados, 80% passaram pelas Escolas do Comitê Central, ou mais concretamente, pelo Curso Stálin, que é o curso superior do Partido. Isto reflete o esforço que o nosso Partido vem fazendo para elevar o nível político, ideológico e teórico dos quadros. A vida demonstra que somente com quadros politicamente capacitados o Partido contará com dirigentes dotados de experiência e em condições de aplicar corretamente as tarefas do Programa do Partido.

Camaradas:

A Comissão de Mandatos informou ao Congresso que entre os delegados eleitos encontrava-se o camarada Luiz Carlos Prestes. Secretário-geral do Partido Comunista do Brasil. É o camarada Prestes o inspirador e o guia do fecundo trabalho do IV Congresso. Pensamos expressar os mais profundos e nobres sentimentos de cada um e de todos os delegados ao IV Congresso, pensamos refletir fielmente o que se encontra no coração e no pensamento de cada um dos camaradas ao afirmar: as gloriosas bandeiras de combate e de unidade, bandeiras da libertação do nosso povo, são as bandeiras do nosso querido e amado chefe, camarada Luiz Carlos Prestes.

Camaradas:

A Comissão de Mandatos informa ainda ao Congresso que estão presentes membros e candidatos a membros do Comitê Central, com direito somente à voz, por não serem delegados ao IV Congresso.

Estes membros do Comitê Central têm o seguinte estágio no Partido:

Época de Ingresso no Partido	
Entre 1922 e 1930	9,0%
Entre 1930 e 1935	54,5%
Entre 1936 e 1945	18,1%
Entre 1945 e 1947	27,2%

A origem social dos membros do Comitê Central aqui presentes e que não são delegados é a seguinte:

Origem Social dos Membros do Comitê Central não Delegados	
Operários, sendo que mais da metade procede de empresas de mais de mil operários	54,5%
Ex-oficiais das Forças Armadas	27,2%
Outros Setores de Atividades	18,1%

Todos os membros do Comitê Central, aqui presentes e que não são delegados, exercem funções de responsabilidade no trabalho do Partido. Todos já passaram pelos cárceres da reação, onde foram submetidos às piores torturas, dando provas de firmeza diante do inimigo de classe. Estes membros do Comitê Central tiveram 32 prisões num total de 51 anos, 1 mês e 11 dias de encarceramento. Só um destes esteve encarcerado durante 13 anos, 7 meses e 21 dias.

São, pois, camaradas merecedores, tanto quanto os camaradas delegados, da confiança do Partido e de estarem presentes ao seu IV Congresso.

Quanto aos candidatos a membros do Comitê Central presentes ao Congresso e que não são delegados:

Origem Social dos Candidatos a Membros do Comitê Central	
Operários	25,0%
Intelectuais	25,0%
Ex-oficiais das Forças Armadas	25,0%
Outros Setores de Atividades	25,0%

Entre estes candidatos a membros do Comitê Central encontramos o seguinte estágio no Partido:

Estágio no Partido dos Candidatos a Membros do Comitê Central	
Fundador do Partido	1 candidato
Ingressaram no Partido entre 1922 e 1930	12,5%
Ingressaram no Partido entre 1930 e 1935	12,5%
Ingressaram no Partido em 1935, ano da Insurreição nacional-libertadora	37,5%
Ingressaram no Partido entre 1936 e 1945	37,5%



Os candidatos a membros do Comitê Central são camaradas dedicados e de comprovada firmeza. Tiveram 35 prisões num total de 12 anos, 7 meses e 6 dias passados nos cárceres da reação.

A Comissão de Mandatos considera que os camaradas candidatos a membros do Comitê Central e que não são delegados são merecedores de estar presentes ao XV Congresso do Partido.

Camaradas:

Pelo exame minucioso feito pela Comissão de Mandatos, constata-se que foram eleitos como delegados ao IV Congresso os melhores militantes e dirigentes do nosso Partido, companheiros e companheiras que estão dispostos a tudo fazer para levar à vitória o Programa do Partido.

A Comissão de Mandatos solicita ao Congresso a aprovação deste Relatório.

Viva o IV Congresso do nosso Partido!

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva o camarada Luiz Carlos Prestes!

11 – Resoluções Sobre os Informes do Comitê Central

Sobre o Informe apresentado pelo camarada Luiz Carlos Prestes

1 — Depois de ouvir e discutir o Informe de balanço do Comitê Central apresentado pelo camarada Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil resolve:

Aprovar o Informe de balanço do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, apresentado pelo camarada Luiz Carlos Prestes.

2 — O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil determina a todas as organizações e aos militantes do Partido o estudo, tanto individual como coletivo, do Informe do camarada Luiz Carlos Prestes. Este estudo deve ser promovido e controlado com o máximo de responsabilidade, a fim de que todo o Partido, das direções às bases, assimile a linha política e a extraordinária riqueza teórica e ideológica do Informe.

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil chama a atenção para a análise da situação política internacional e nacional; para a fundamentação das teses teóricas do Programa do Partido; para as tarefas relacionadas com a justa aplicação do Programa do Partido; para o exame crítico e autocrítico das experiências acumuladas pelo nosso Partido na direção



das lutas pela causa da classe operária e pelos interesses vitais do povo brasileiro; para as tarefas indispensáveis à construção do Partido.

O Informe do camarada Luiz Carlos Prestes enriquece o patrimônio teórico e ideológico do nosso Partido com uma contribuição da mais alta importância para a formação do Partido Comunista do Brasil.

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil determina que seja realizada a mais ampla difusão do Informe do camarada Luiz Carlos Prestes entre as grandes massas do povo brasileiro, levando-o ao conhecimento de todos os homens e mulheres, que anseiam pela paz, pela democracia, pelo progresso e pela independência nacional.

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil determina a todas as organizações e aos militantes do Partido a aplicação diária, consequente e abnegada das tarefas indicadas no Informe do camarada Luiz Carlos Prestes para a luta pela vitória do Programa do Partido.

Sobre o Informe apresentado pelo camarada Diógenes Arruda

1 — Depois de ouvir e discutir o Informe do Comitê Central *Sobre o Programa do Partido Comunista do Brasil*, apresentado pelo camarada Diógenes Arruda, secretário do Comitê Central, o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil resolve:

Aprovar o Informe apresentado pelo camarada Diógenes Arruda.

2 — O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil determina a todas as organizações e aos militantes do Partido o estudo, individual e coletivo, do Informe do camarada Diógenes Arruda e sua difusão no seio da classe operária e entre as amplas massas do povo brasileiro.

Sobre o Informe apresentado pelo camarada João Amazonas

1 — Depois de ouvir e discutir o Informe do Comitê Central *Sobre as Modificações dos Estatutos do Partido Comunista do Brasil*, apresentado pelo camarada João Amazonas, secretário do Comitê Central, o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil resolve:

Aprovar o Informe apresentado pelo camarada João Amazonas.

2 — O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil determina a todas as organizações e aos militantes do Partido o estudo, individual e coletivo, do Informe do camarada João Amazonas e sua difusão no seio da classe operária e entre as amplas massas do povo brasileiro.



12 Mensagens ao IV Congresso do PCB

Do Partido Comunista da China

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Estimado Camarada Luiz Carlos Prestes e todos os participantes do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil:

O Comitê Central do Partido Comunista da China envia suas calorosas felicitações e sua saudação fraternal ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, vanguarda da heroica classe operária do Brasil.

O Partido Comunista do Brasil é a bandeira da solidariedade, da luta e da vitória do povo brasileiro. Permitam-nos expressar ao Congresso nossos desejos de grandes êxitos na causa da unificação e do fortalecimento das fileiras do Partido Comunista do Brasil, da coesão dos operários e camponeses e de todas as forças democráticas e patrióticas do país, da destruição dos grilhões dos colonizadores imperialistas, bem como os nossos desejos de êxitos na luta pela independência, pela liberdade e pela democracia da nação, na luta pelos interesses vitais dos trabalhadores do Brasil, pela paz no mundo inteiro.

O Comitê Central do Partido Comunista da China



Do Partido Socialista Unificado da Alemanha

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Caros Camaradas:

O Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha transmite ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil sua saudação fraternal e combativa.

Há 32 anos vosso Partido se encontra à frente da luta do povo brasileiro contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas, contra a exploração imperialista, o terror fascista, o atraso, a fome e a miséria, pela paz, pela democracia e pela independência nacional. Por isso foi submetido às perseguições mais cruéis. Mas vosso Partido não se deixou quebrantar e conseguiu unir sob sua bandeira, novas massas populares.

Atualmente, vosso Partido sustenta a luta pela salvação do Brasil, cuja existência é ameaçada pela preparação gradual de guerra, realizada pelo imperialismo norte-americano.

As forças patrióticas da Alemanha acompanham com profunda simpatia esta luta do povo brasileiro contra sua escravização ao imperialismo norte-americano, que encontrou expressão mais clara na assinatura do revoltante acordo militar, concertado entre os Estados Unidos e o governo brasileiro. Da mesma maneira que os alemães, amantes de sua pátria, lutam e lutarão contra os tratados belicistas de Bonn até que estes sejam liquidados e se restabeleça a unidade da Alemanha, também lutam todas as forças patrióticas do Brasil, sob a direção do vosso Partido, contra o acordo militar americano, pela criação de um governo democrático de libertação nacional.

Assim como os imperialistas norte-americanos querem converter a Alemanha Ocidental em praça de armas contra a União Soviética e os países de Democracia Popular, querem também sacrificar o Brasil e suas riquezas naturais em proveito de seus delirantes planos de domínio mundial. Não obstante, o povo brasileiro só pode encontrar sua felicidade e conseguir seu

florescimento em condições de paz e amizade com todos os povos e, em primeiro lugar, com o grande campo da paz dirigido pela União Soviética.

A luta pela independência nacional do Brasil, sob a direção do vosso Partido, abarca cada vez mais vastas camadas do povo brasileiro.

Admiramos vossa abnegada luta pelo direito de vosso Partido à legalidade e contra o terror do regime de latifundiários e grandes capitalistas.

Desejamos novos grandes êxitos em vossa luta. Que conquisteis mais rapidamente para o Brasil sua independência nacional, criando seu governo democrático e ingressando com isso no caminho do progresso e do bem-estar, no caminho que conduza a um futuro de paz e felicidade.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva o camarada Luiz Carlos Prestes!

Viva a liberdade e a independência do Brasil!

O Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha

Do Partido Operário Unificado Polonês

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Por ocasião do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, o Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês envia ao Partido Comunista do Brasil suas cordiais saudações.

Desejamos para vosso Partido as maiores vitórias na luta pelos direitos do vosso povo e pela libertação do vosso país do jugo dos monopólios imperialistas.

Desejamos vitória na vossa luta pela Paz e pela amizade entre os povos.

O Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês



Do Partido Comunista da Tchecoslováquia

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Caros Camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia, em nome do Partido e de todos os trabalhadores tcheco-eslovacos, envia saudações fraternais ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, guia firme e invencível do povo brasileiro.

Seguimos com atenção a luta dos comunistas brasileiros pela unidade do povo brasileiro na defesa da paz.

Por sua atitude intrépida na luta contra os monopólios estrangeiros, vosso Partido conquistou as calorosas simpatias dos trabalhadores de todo o mundo.

Desejamos ao Partido Comunista do Brasil, herdeiro das melhores tradições do povo brasileiro que, à frente da classe operária, alcance novas vitórias na luta pela paz, pela independência nacional, pela soberania do país, pelos direitos democráticos e pela libertação do povo brasileiro.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

O Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia

Do Partido Húngaro dos Trabalhadores

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Queridos Camaradas:

O Comitê Central do Partido Húngaro dos Trabalhadores envia suas calorosas saudações fraternais e seus melhores votos ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Nosso Partido e todo nosso povo trabalhador seguem com um sentimento de profunda simpatia à heroica luta que o Partido irmão do Brasil, apesar do cruel terror, sustenta firmemente pela paz, pela unidade do povo brasileiro contra os incendiários de guerra imperialistas, pela melhoria das condições de vida do povo trabalhador, pela defesa das liberdades democráticas e pelo fortalecimento do Partido.

Desejamos que o feliz trabalho do Congresso contribua consideravelmente para a rápida e completa conquista dos objetivos traçados pelo Partido.

Com saudações comunistas,

O Comitê Central do Partido Húngaro dos Trabalhadores

Do Partido Operário Romeno

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Estimados Camaradas:

O Comitê Central do Partido Operário Romeno envia ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil uma calorosa saudação fraternal e os desejos de êxito em seus trabalhos.

O Partido Operário Romeno e todo o povo de nosso país desejam ao Partido Comunista do Brasil a vitória completa na luta pela realização de seu novo Programa, pela unificação das forças democráticas e patrióticas do povo brasileiro, liderado pela classe operária, na luta pela libertação do vosso país do jugo dos imperialistas norte-americanos, pelas liberdades democráticas.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva a Luta Unificada do Povo Brasileiro Pela Paz, Pela Democracia e Pela Independência Nacional!

O Comitê Central do Partido Operário Romeno



Do Partido do Trabalho da Coreia

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Piongyang, outubro de 1954

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil – Rio de Janeiro, Brasil

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Coreia saúda calorosamente o IV Congresso do Partido dos operários brasileiros e deseja ao Partido brilhantes êxitos em sua luta pela democratização do país, pela liberdade, pela felicidade, pelos direitos democráticos da população trabalhadora e pela paz.

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Coreia

Do Partido Comunista Francês

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

9 de agosto de 1954

Caros Camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista Francês exprime seus calorosos sentimentos de fraternidade ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Os comunistas e o povo da França acompanham com admiração a luta corajosa de vosso Partido, que nas difíceis condições da clandestinidade organiza a ação de todo o povo brasileiro contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas, governo de preparação para a guerra e de traição nacional.

Na Europa, onde multiplica esforços para impor o renascimento do imperialismo alemão, assim como na América Latina, onde tenta estabele-

cer uma dominação colonial completa, o imperialismo ianque é o inimigo comum que põe gravemente em perigo a causa da paz e da independência de nossas pátrias.

Na luta comum contra os governantes de Washington, que pretendem reduzir nossos dois povos ao papel de mercenários dos exércitos imperialistas, cada vez mais se estreitam os laços de solidariedade entre os trabalhadores franceses e brasileiros.

Colocando-se resolutamente à frente dos operários, dos camponeses e do conjunto das massas laboriosas da população brasileira, terrivelmente exploradas pelos grandes proprietários de terra e os grandes capitalistas que sacrificam os interesses da pátria para marcharem de mãos dadas com os imperialistas norte-americanos, o Partido Comunista do Brasil luta por um governo de independência nacional e de paz, um governo que seja capaz de assegurar ao vosso belo país uma vida florescente, livre e feliz.

Estamos persuadidos de que após os trabalhos de vosso Congresso, que tem uma significação histórica para vosso Partido, marchareis com êxito para a frente, sob a gloriosa bandeira de Marx-Engels-Lênin-Stálin, seguindo o caminho da união das forças populares do Brasil contra o complotô dos imperialistas, pela salvação do povo brasileiro, pela consolidação das forças da paz no mundo inteiro.

Viva o campo do socialismo e da paz, com a grande União Soviética à frente!

Viva a solidariedade internacional da classe operária!

Viva o Partido Comunista do Brasil e seu prestigioso dirigente, o camarada Luiz Carlos Prestes!

Pelo Comitê Central do Partido Comunista Francês

Jacques Duclos



Do Partido do Comunista Italiano

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

24 de agosto de 1954

Caros Companheiros:

Em nome de dois milhões e meio de comunistas italianos e interpretando o espírito de solidariedade democrática internacional do nosso povo, nós vos enviamos uma fraternal saudação cordial.

A luta dos comunistas brasileiros para unir as forças democráticas e patrióticas, a fim de quebrar o jugo do imperialismo americano e expulsar as camarilhas de politiquinhos corruptos, que representam os latifundiários e os grandes capitalistas, desperta a profunda admiração dos italianos, que combateram vitoriosamente contra o fascismo e hoje querem renovar profundamente a ordem social, visando a fazer da Itália um país livre de toda ingerência estrangeira, capaz de colaborar com os outros povos para assegurar a paz no mundo.

Apesar das perseguições e das medidas anticonstitucionais, que obrigaram o vosso Partido a trabalhar na ilegalidade, soubestes dar à classe operária brasileira, aos camponeses, aos intelectuais mais avançados, uma organização sólida e indestrutível, capaz de guiá-los mesmo nos momentos mais duros e difíceis. Fizestes todo esforço para manter e estender os laços com todas as camadas sociais do vosso povo e com os homens e as mulheres de cada tendência política, preocupados com a sorte da pátria e desejosos das reformas e do progresso sociais, que possam permitir ao país prosperar em paz e liberdade. É por isso que hoje é sempre mais amplamente reconhecida a vossa função de guia do grande movimento renovador que deve libertar o Brasil e realizar a esperança de milhões e milhões de trabalhadores, que querem um mundo melhor.

A experiência do nosso Partido nos ensina que o segredo do sucesso para os trabalhadores e para as forças democráticas está na sólida unida-

de realizada na luta e na ação cotidiana, no conhecimento profundo das necessidades e das reivindicações de todas as categorias de trabalhadores e de todas as camadas da população, no cuidado atento, diário, pela solução dos problemas concretos que se apresentam aos cidadãos. Queremos por isto ter um Partido sempre mais numeroso e articulado em todo o país, com os seus militantes ativos em todas as organizações de massa, presentes em cada situação e em cada localidade, com quadros capazes de fundir o ensinamento da doutrina marxista leninista ao da prática e de realizar a direção e o controle coletivos. Em torno a estes problemas, abrimos uma ampla discussão preparatória da nossa Conferência Nacional. Alegrar-nos-á se as vossas experiências e os trabalhos do vosso Congresso puderem representar para nós um estímulo e uma ajuda, assim como esperamos que vos possa ser útil a nossa experiência.

Os Partidos Comunistas se sentem, hoje, sempre mais confraternizados pela luta em comum pela paz, contra os fautores de guerra e contra o imperialismo americano; pelas lutas que os comunistas travam em cada país, unidos às amplas massas trabalhadoras e democráticas; pelo afeto à União Soviética, que avança gloriosamente à frente do campo do socialismo e da paz.

Os comunistas de todos os países consideram que, em condições muitas vezes profundamente diversas, fazem parte de uma frente que avança vitoriosamente e torna sempre mais certo o triunfo do socialismo.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva o povo brasileiro na luta pela democracia, a independência, o progresso e a paz!

O Comitê Central do Partido Comunista Italiano

Palmiro Togliatti



Do Partido Comunista da Índia

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Estimados Camaradas:

Em nome do Comitê Central do Partido Comunista da Índia, saúdo o IV Congresso do vosso Partido. Desde os primeiros dias de sua existência, vosso Partido trava uma abnegada luta pela completa libertação nacional, pela democracia e pela reforma agrária, pelo bem-estar e a felicidade dos homens simples do Brasil, que os imperialistas norte-americanos mantêm em estado de atraso, miséria e humilhação.

Expressando os interesses das massas populares, vosso Partido, apesar do terror, ganhou prestígio e adquiriu forças. O vosso Partido tem pela frente tarefas difíceis e responsáveis. A infame agressão contra a Guatemala demonstra com toda clareza que os países do continente americano estão ameaçados de grande perigo devido aos intentos dos imperialistas de Wall Street de desencadear uma nova guerra e implantar o domínio mundial.

Não tenho dúvidas de que o IV Congresso do vosso Partido prestará grande ajuda para reforçar a unidade do povo brasileiro na luta contra esse perigo, na luta pela liberdade e pela paz.

Fraternalmente,

Ajoy Ghosh

Secretário-geral do Partido Comunista da Índia.

Do Partido Comunista dos Estados Unidos

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

12 de agosto de 1954

Caros Camaradas:

O Partido Comunista dos Estados Unidos envia suas mais calorosas saudações fraternais ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Estamos certos de que vosso Congresso registrará novos e grandes progressos para vosso Partido e de que suas decisões servirão para unir massas sempre mais amplas do povo brasileiro na luta pela libertação do imperialismo de Wall Street, pela paz, pela democracia e pelo progresso social.

Vosso Partido constitui, para todo o Continente, um exemplo de como lutar sob as mais difíceis condições. Guiados pela ciência marxista-leninista, forjastes vínculos inquebrantáveis com o povo, demonstrando coragem, firmeza e espírito de sacrifício extraordinários diante das selvagens perseguições realizadas pela ditadura dos latifundiários e grandes capitalistas, agente de Wall Street e de Washington.

Para milhões de pessoas em todo o mundo, o grande chefe de vosso Partido, camarada Luiz Carlos Prestes, tornou-se um símbolo do tipo mais elevado de direção comunista.

Lemos o projeto de Programa de vosso Partido e o publicamos em nosso órgão teórico mensal, *Political Affairs*. Esse Programa expressa o espírito criador do marxismo-leninismo e será sem dúvida uma poderosa ajuda ao povo brasileiro na luta por um novo governo, o governo democrático de libertação nacional.

Nosso próprio Partido acaba de realizar uma histórica Conferência Nacional. Nessa reunião formulamos os objetivos e a tática na atual campanha eleitoral nacional e ratificamos o novo Programa de nosso Partido.



A Conferência se reuniu num momento em que a tendência para o fascismo e a guerra, manifestada pelos grandes monopólios e seu governo, encontra a resistência crescente do povo norte-americano bem como dos povos de outros países.

A Conferência constatou que foram os protestos de nosso povo, juntamente com o movimento mundial de protesto, que derrotaram os planos do governo Eisenhower-Dulles no sentido de enviar tropas norte-americanas para a Indochina e ali puseram fim à criminosa guerra imperialista. A Conferência também observou que, embora a maior parte de nosso povo continue enredada pela Grande Mentira da agressividade soviética, cresce o sentimento favorável à proibição das bombas atômica e de hidrogênio, à admissão da China nas Nações Unidas e à coexistência pacífica.

A Conferência discutiu igualmente as novas possibilidades que se apresentam a nosso Partido e a todas as forças progressistas em consequência do crescimento da luta contra o macarthismo — a forma americana do fascismo. Essa luta agora abarca milhões.

Nossa Conferência Nacional decidiu condenar o último crime do imperialismo de Wall Street contra os povos latino-americanos: a derrubada do governo democrático da Guatemala por meio da força e da violência. A Conferência resolveu enviar sua saudação fraternal aos prisioneiros e refugiados políticos de nossos partidos irmãos da América Latina. Dentre esses perseguidos políticos destaca-se o grande Prestes.

Camaradas:

No momento em que se realiza vosso IV Congresso, comprometemo-nos a fazer tudo que esteja a nosso alcance para mobilizar o povo norte-americano a fim de pôr termo à intervenção de Wall Street e do Departamento de Estado em vossos assuntos internos. Comprometemo-nos a vos dar o maior auxílio possível na luta contra o inimigo comum.

Viva o Partido Comunista do Brasil e seu heroico dirigente, Luiz Carlos Prestes!

Viva a luta pela paz, a democracia, a libertação nacional e o socialismo!

Pelo Comitê Nacional do Partido Comunista dos Estados Unidos

W. Z. Foster

Presidente

Do Partido do Trabalho Comunista da Alemanha

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Caros camaradas:

A direção do Partido Comunista da Alemanha transmite ao Congresso de vosso Partido sua cordial saudação fraternal e combativa.

Sustentais uma luta tenaz contra os intentos do imperialismo dos Estados Unidos no sentido de privar vosso país da independência, de impor-lhe o sistema do macarthismo e convertê-lo em colônia dos imperialistas norte-americanos. Observamos com muita simpatia a intrépida luta dos operários, camponeses e intelectuais dos países latino-americanos pela independência e manutenção da paz.

A população da Alemanha Ocidental também luta por seu direito à autodeterminação nacional, luta contra o mesmo inimigo — o agressivo imperialismo dos Estados Unidos. A política de escravização dos povos, por parte do imperialismo dos Estados Unidos, sofreu uma derrota em Genebra. As forças da paz e da cooperação internacional resultaram mais fortes e conseguiram uma vitória.

Inspirados neste mesmo espírito de luta comum pela paz e pela inde-



pendência, desejamos ao vosso Congresso pleno êxito e o saudamos com sentimento de solidariedade fraternal.

Pela Direção do Partido Comunista da Alemanha

Rische

Do Partido Comunista do Japão

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Queridos Camaradas,

O Comitê Central do Partido Comunista do Japão envia ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil uma saudação cordial e fraternal. Em nome do nosso Partido expressamos profundo respeito ao vosso Partido, sob cuja direção a classe operária, o campesinato e demais forças progressistas do Brasil levam a cabo uma luta abnegada contra o regime interno e contra a exploração por parte dos imperialistas dos Estados Unidos da América.

Hoje, quando as forças amantes da paz em todo o mundo conseguem êxitos cada vez maiores na luta contra a política de guerra realizada pelos imperialistas dos Estados Unidos da América, a luta dos povos dos países da América Latina em defesa da paz adquire enorme importância.

Estamos certos de que o vosso Partido unirá todas as forças patrióticas do Brasil e obterá ainda maiores êxitos na luta pela paz, pela democracia e pela independência nacional.

Abaixo a Ditadura Reacionária de Café Filho!

Abaixo o Imperialismo Norte-Americano!

Viva o Partido Comunista do Brasil, glorioso dirigente do povo brasileiro!

O Comitê Central do Partido Comunista do Japão

Do Partido Comunista da Grã-Bretanha

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Prezados Camaradas:

Em nome de todos os membros de nosso Partido, nosso Comitê Executivo envia as mais calorosas saudações fraternais e os votos de êxito ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, a ser realizado este ano. Vosso Congresso terá lugar em um momento de crescente tensão no Brasil e em uma etapa crucial da luta mundial pela paz. Os grandes sucessos dos 300.000 grevistas de São Paulo, em abril do último ano, na luta por suas reivindicações de salário, e a greve vitoriosa dos 100.000 marujos e oficiais da marimba mercante, em junho do mesmo ano, expressam o crescente espírito de luta das massas trabalhadoras. Tomados juntamente com os levantes camponeses contra os grandes proprietários de terra, deixam claro que no Brasil o movimento de massas ganha força.

Tudo isto testemunha a crescente influência do Partido Comunista do Brasil. Apesar das violentas medidas de repressão tomadas pelo governo de latifundiários e grandes capitalistas, nada poderá romper a íntima ligação de vosso Partido com as massas. Estamos certos de que o IV Congresso estimulará ainda mais a heroica luta que travam os operários e os camponeses e fortalecerá o combate contra a dominação dos Estados Unidos, pela paz, pela democracia e pela independência nacional.

Vosso projeto de Programa, publicado em janeiro, atraiu a atenção de todo o mundo. O fato de ter ele sido objeto de discussão entre as grandes massas no Brasil, e de ter sido lido em diversas Câmaras Municipais e mesmo na Câmara dos Deputados, demonstra sua grande importância. Ao destacar a luta pela paz e pela independência nacional e ao colocar em primeiro plano a necessidade de construir uma poderosa Frente Democrá-



tica de Libertação Nacional para libertar o povo brasileiro da dominação do imperialismo norte-americano, dos grandes proprietários de terra brasileiros e do reacionário governo de latifundiários e grandes capitalistas, vosso Programa indubitavelmente inspirará e guiará o povo de vosso país pelo caminho correto.

Enviamos nossas calorosas saudações a Luiz Carlos Prestes, grande herói nacional do Brasil. Embora ainda perseguido pelo regime de latifundiários e grandes capitalistas, nada poderá destruir o amor das massas trabalhadoras brasileiras pela heroica e firme direção que ele imprime à luta do povo brasileiro pela liberdade. Seu passado de lutas e seu trabalho abnegado lhe valeram também o respeito de milhões de trabalhadores em todo o mundo. Que ele viva muitos anos para dirigir o Partido Comunista do Brasil.

Auguramos grande êxito ao vosso IV Congresso.

Juntos marchamos para alcançar a paz mundial e a independência nacional, e para avançar rumo ao Socialismo.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva Luiz Carlos Prestes, vosso grande dirigente!

Fraternalmente, George Matthews – Secretário

Pelo Comitê Executivo do Partido Comunista da Grã-Bretanha

Do Partido Comunista da Espanha

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Em nome do Comitê Central do Partido Comunista da Espanha, eu vos saúdo, camaradas brasileiros, e vos desejo, por ocasião do vosso IV Congresso, grandes êxitos no vosso trabalho e na vossa luta pela libertação

do povo brasileiro do jugo da reação nacional e do imperialismo ianque.

Duro é o caminho que tereis que percorrer; não poucas as dificuldades que surgirão em vossa marcha; mas estou certa de que vencereis e de que, sob a direção do Comitê Central do Partido Comunista e de seu grande dirigente, nosso querido camarada Luiz Carlos Prestes, levareis o oprimido povo brasileiro para a vitória.

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Pelo Comitê Central do Partido Comunista da Espanha

Dolores Ibarrurí

Do Partido Comunista Português

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

É com a mais profunda emoção que o Comitê Central do Partido Comunista Português envia a sua calorosa e fraternal saudação ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. Uma saudação do fundo do coração enviam os comunistas portugueses ao dirigente amado do proletariado e do povo brasileiros e grande amigo do povo português, Luiz Carlos Prestes.

Queremos aproveitar este momento histórico na vida do Partido Comunista do Brasil para, por intermédio dos delegados ao seu IV Congresso, saudar a valente classe operária do Brasil, todos os trabalhadores, todo o povo laborioso do grande país irmão, que tão abnegadamente vem lutando pela paz, pela democracia e pela independência nacional. Queremos aproveitar ainda a realização da mais alta reunião dos comunistas brasileiros para, em nome dos comunistas, da classe operária e de todos os trabalhadores de Portugal, vos dizer que temos na mais alta consideração a grande ajuda que o Partido Comunista do Brasil e o povo brasileiro



lhes têm prestado na luta difícil que travam contra a camarilha fascista de Salazar, pela paz, pela democracia e pela independência nacional e, em particular, no que se refere à luta pela libertação do seu querido dirigente, Álvaro Cunhal, cuja vida continua a correr perigo na tenebrosa penitenciária de Lisboa.

Nós, comunistas portugueses, que nos últimos 28 longos anos temos lutado em defesa dos interesses sagrados do povo e da pátria portugueses nas condições da mais feroz ilegalidade fascista, apreciamos na devida conta a audácia política, sim, audácia política, do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao tomar a decisão de realizar o IV Congresso do seu Partido sob as condições da mais estreita clandestinidade.

Os comunistas portugueses, todos os verdadeiros democratas e patriotas de Portugal, seguem com a mais viva admiração e respeito à luta que o Partido Comunista da pátria irmã conduz à frente do povo brasileiro pela paz, pela defesa da soberania e independência nacionais, pelo progresso e bem-estar do povo do Brasil.

A ação dirigente do Partido Comunista do Brasil pela defesa da paz, por uma verdadeira democracia, pela libertação do Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos, é uma garantia segura da realização vitoriosa do seu IV Congresso. Para bem do povo brasileiro e da paz assim sucederá.

Os problemas que o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil vai debater revelam a maturidade política, orgânica e ideológica do Partido. A discussão sobre o Programa e a modificação dos Estatutos do Partido é de uma enorme importância para o desenvolvimento futuro da unidade das forças democráticas e patrióticas do Brasil na sua luta pela paz, pela independência nacional e pela instauração de um governo verdadeiramente democrático no Brasil. O Programa do Partido Comunista do Brasil será um farol a indicar ao povo brasileiro o caminho seguro para a sua plena libertação.

Sob a direção do glorioso Partido Comunista do Brasil, a classe operária e o povo brasileiros lutam com sucesso pelos seus interesses vitais,

pelas liberdades democráticas, contra a escravização do seu país pelos bandidos imperialistas norte-americanos. Sob a direção do Partido Comunista do Brasil, a classe operária e o povo brasileiro acabarão, mais cedo ou mais tarde, por expulsar da sua pátria os imperialistas ianques e por conquistar a verdadeira democracia.

As camarilhas governantes de Portugal e do Brasil, agindo ambas servilmente sob o comando direto dos imperialistas norte-americanos, desenvolvem uma intensa atividade contra os nossos dois povos e a paz mundial. A criação da chamada Comunidade Luso-Brasileira não é mais do que um tratado de guerra integrado na rede de tratados agressivos fomentados e impostos pelos círculos governantes dos Estados Unidos, e, por isso mesmo, representa mais um perigo para a paz.

Na luta comum contra o imperialismo norte-americano, inimigo principal da independência dos nossos países e da causa sagrada da paz, devem estreitar-se cada vez mais os laços de solidariedade dos trabalhadores brasileiros e portugueses.

Para bem dos povos brasileiro e português, pensamos, queridos camaradas, que os Partidos Comunistas do Brasil e de Portugal devem estreitar cada vez mais as suas relações, trocar periodicamente as suas experiências para assim melhor poderem dirigir a luta naqueles aspectos em que ela é comum e contra um inimigo comum. Pensamos que não devemos poupar forças para realizar na prática esta tarefa.

No Brasil vivem e trabalham muitas centenas de milhares de portugueses. Entre esses portugueses, os agentes do governo fascista de Salazar, com o apoio franco e aberto dos círculos governantes do Brasil, levam a cabo uma intensa propaganda chauvinista e guerreira e, portanto, contrária aos interesses dos povos do Brasil e de Portugal e da paz mundial. A ação provocadora coordenada dos agentes salazaristas e de certos círculos governantes brasileiros em relação com os acontecimentos das colônias portuguesas na Índia é disso uma flagrante comprovação.

Para bem dos povos do Brasil e de Portugal e da paz mundial, pensamos, queridos camaradas, ser necessário fazermos tudo quanto em nossas



forças caiba para contrabater a ação nefasta das camarilhas reacionárias governantes dos nossos países entre as centenas de milhares de portugueses que vivem e trabalham na grande pátria irmã.

Queridos camaradas brasileiros, o Comitê Central do Partido Comunista Português deseja-vos novos e maiores sucessos na luta pela defesa da independência nacional e dos interesses sagrados das massas trabalhadoras, na organização da unidade de ação da classe operária e da união de todas as forças democráticas e patrióticas do Brasil.

O Comitê Central do Partido Comunista Português deseja ao Partido Comunista do Brasil novos e maiores sucessos no seu trabalho pelo reforçamento das suas fileiras, pela elevação constante do nível político e teórico dos seus membros, e na luta pela paz, pela democracia e o socialismo. Continuando a empunhar com mãos firmes a gloriosa bandeira de Marx, Engels, Lênin e Stálin, o Partido Comunista do Brasil marchará avante para novas vitórias.

Viva o Partido Comunista do Brasil, destacamento de vanguarda da classe operária brasileira e de todos os trabalhadores do Brasil!

Viva a amizade entre os povos do Brasil e de Portugal!

Viva o dirigente amado do povo brasileiro e grande amigo do povo português, Luiz Carlos Prestes!

O Comitê Central do Partido Comunista Português

Do Partido Comunista da Grécia

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Em nome do Partido Comunista da Grécia e do povo democrático e amante da paz da Grécia, enviamos uma calorosa saudação fraternal ao IV Congresso do vosso Partido.

O Partido Comunista da Grécia e o povo democrático da Grécia seguem com atenção a dura luta em que está empenhado o povo brasileiro, sob a liderança da classe operária de seu país. A luta do povo brasileiro pela paz, pela democracia e pela independência nacional, sob a direção do Partido Comunista do Brasil, fará fracassar os planos dos imperialistas norte-americanos e destruirá o poder dos latifundiários e grandes capitalistas e seu instrumento — a ditadura de Café Filho.

Vivendo nas condições difíceis da ocupação norte-americana e do sangrento terror do governo de Pagagos — lacaio norte-americano — que converte nosso país numa base estratégica para as aventuras de guerra e que o ameaça exterminar com a bomba atômica, o povo grego segue lutando pela elevação do bem-estar dos trabalhadores, pela paz, pela democracia e pela independência nacional.

Em sua luta contra as sinistras forças reacionárias imperialistas, os povos do Brasil e da Grécia encontram a energia e a confiança na vitória, na luta do poderoso campo da paz e do socialismo que marcha de vitória em vitória, encabeçado pela União Soviética.

Desejamos ao IV Congresso e ao Partido Comunista do Brasil novos êxitos na luta pela paz, pela democracia e pela independência nacional.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva a amizade entre os povos do Brasil e da Grécia

*Viva a grande União Soviética e o Partido Comunista da União Soviética –
Baluartes da paz em todo o mundo!*

O Comitê Central do Partido Comunista da Grécia

Do Partido Comunista da Áustria

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954



Caros Companheiros:

Em nome dos comunistas austríacos, saudamos o IV Congresso do combativo e provado Partido Comunista do Brasil.

Sob condições indizivelmente pesadas da dupla opressão pelos imperialistas norte-americanos e os latifundiários do país, o vosso Partido, congregado em torno dos defensores da libertação nacional do Brasil, com Luiz Carlos Prestes à frente, se desenvolveu como a força dirigente da grande luta pela liberdade do vosso povo.

O vosso IV Congresso, reunido no momento em que o povo brasileiro se afasta com repulsa do corrupto regime dos agentes do capital norte-americano, tem a maior significação para o mais amplo impulsionamento desta luta.

Nós, comunistas austríacos, que devemos travar, em outra situação e sob outras condições, a luta contra o mesmo inimigo, o belicoso imperialismo americano, olhamos com admiração o vosso combate e desejamos ao IV Congresso, que tão grandes tarefas tem à frente, o melhor sucesso.

O Comitê Central do Partido Comunista da Áustria

Do Partido Comunista da Bélgica

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Caros Camaradas:

Em nome do Comitê Central e de todo o Partido Comunista da Bélgica, saúdo fraternalmente o IV Congresso do glorioso Partido Comunista do Brasil.

Os comunistas e os trabalhadores belgas sabem em que condições

particularmente difíceis conduzis o bom combate pela independência nacional, pela democracia e pela paz. Sabem com que heroísmo lutais há anos, contra os imperialistas americanos aliados aos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros.

Ninguém duvida de que vosso IV Congresso representa um acontecimento histórico na vida do proletariado brasileiro. Seu êxito, nas condições de clandestinidade em que combateis, constituirá uma séria vitória contra as forças da opressão que pesam sobre vosso país.

Desejamos que vossos trabalhos obtenham pleno êxito e conduzam a decisões que permitam a união combativa de todas as forças patrióticas e democráticas que o povo brasileiro encerra.

Unida a todos os povos do mundo e apoiando-se em sua fraternal solidariedade, a classe operária do Brasil não pode deixar de, finalmente, alcançar a vitória que a libertará.

Viva a amizade dos povos da Bélgica e do Brasil!

Viva o internacionalismo proletário, o mais seguro penhor da vitória!

Viva o Partido Comunista do Brasil e seu IV Congresso!

E. Lalmand

Secretário-geral do Partido Comunista da Bélgica

Do Partido Comunista da Dinamarca

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Caros Camaradas:

Saudamos e felicitamos vosso glorioso Partido, por ocasião da convocação de vosso IV Congresso.

Em nosso país acompanhamos, com o maior interesse, a luta heroica



que sustentais contra a ditadura fascista. Sentimos alegria e orgulho ao saber, por vossa mensagem, que tendes desenvolvido de tal maneira a vossa luta contra a opressão e a ilegalidade que se tornou possível convocar o vosso Congresso com uma ordem do dia tão importante.

Saudamos o vosso IV Congresso, na certeza de que levará ao fortalecimento e a um novo impulso a vossa luta tão importante pela união do povo brasileiro em defesa da paz, pela democracia e pela independência nacional.

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Viva a luta pela paz, a liberdade e o progresso!

Viva o heroico Partido Comunista do Brasil e seu secretário-geral, Luiz Carlos Prestes!

O Comitê Central do Partido Comunista da Dinamarca

Do Partido Suíço do Trabalho

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Caros Camaradas:

Por ocasião do IV Congresso de vosso Partido, o Partido Comunista do Brasil, desejamos exprimir-vos nossa fraternal simpatia e nossos votos de grande êxito em vossa luta.

O Partido Suíço do Trabalho e os trabalhadores progressistas da Suíça acompanham com admiração a luta corajosa que, sob a direção do grande Luiz Carlos Prestes, conhecido entre nós como o Cavaleiro da Esperança, sustentais contra a ditadura e contra o imperialismo norte-americano.

Sentimo-nos felizes em saber que, a despeito das condições de dura ilegalidade em que trabalhais, podeis, contudo, reunir o vosso Congresso.

Vemos nisso uma prova magnífica da força de vosso Partido e da confiança que nele depositam as massas populares do Brasil.

Interessa a todos os povos a luta de cada povo por sua independência nacional, contra o imperialismo dos Estados Unidos que visa à dominação mundial, contra os fautores de guerra americanos. Manifestamos nossa solidariedade por vossa luta, certos que estamos de que as vossas vitórias são também as nossas, e que os nossos esforços pela paz e o progresso social em nosso país debilitam também os vossos inimigos, fortalecendo a nossa grande causa comum que é a causa da paz, da liberdade e do bem-estar de todos os povos.

Com este fraternal espírito de simpatia e solidariedade é que vos dirigimos, caros camaradas, a vós e ao vosso bravo povo brasileiro, as nossas mais calorosas saudações.

O Bureau Político do Partido Suíço do Trabalho

Do Partido Comunista do Território Livre de Trieste

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Caros Companheiros:

Saudamos com alegria o vosso IV Congresso e desejamos trabalho fecundo aos dirigentes e a todos os delegados, a fim de que os resultados da vossa Assembleia nacional constituam um passo à frente na vossa heroica luta para libertar o Brasil do domínio dos imperialistas norte-americanos e da exploração dos grandes proprietários de terra e do grande capital.

Apesar das condições de ilegalidade em que lutais e, em consequência, a nossa dificuldade de obter informações sobre a situação interna do vosso país e sobre as grandes lutas que conduzis para salvá-lo e assegurar



ao vosso povo um futuro de paz e de bem-estar, sabemos, entretanto, dos notáveis progressos realizados pelo vosso Partido, que é o maior de todo o continente americano, tanto do ponto de vista político como organizativo e que tem uma chefia hábil e valorosa no camarada Luiz Carlos Prestes e nos outros camaradas que compõem a direção do vosso Partido. O Programa, que democraticamente debatestes e que aprovareis, por um Brasil pacífico, livre, democrático, independente, representa a prova inequívoca da maturidade política alcançada pela vanguarda da classe operária, o Partido Comunista do Brasil, e pela própria classe operária, que está à frente do povo brasileiro na sua luta pela completa independência política e econômica.

Sabemos que o imperialismo não poderá jamais fazer no vosso país o que fez com o pequeno e heroico povo da Guatemala. O Brasil é um grande país, com uma classe operária aguerrida, com um velho e sólido Partido Comunista, já provado em cem batalhas, na legalidade e na ilegalidade, com uma hábil direção, formada através de longos anos de duras lutas e de intensa atividade.

Para o vosso Congresso se voltam os comunistas de todo o mundo com afeto e confiança. Este é também o sentimento dos comunistas trianos, que lutamos nas duas zonas do nosso território, ocupadas pelas tropas titistas e anglo-americanas, convictos como vós de que a vitória não pode ser senão da nossa causa.

Bom trabalho, companheiros!

Viva o Partido Comunista do Brasil, os seus dirigentes, o grande e amado camarada Luiz Carlos Prestes!

Viva os povos da América Latina na sua heroica luta contra o imperialismo!

Viva o socialismo! Viva a Paz!

O secretário Vittorio Vidali

Do Partido Comunista da Turquia

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Combativos Delegados!

Estimados Camaradas!

O Partido Comunista da Turquia e seu Comitê Central saúdam calorosamente o IV Congresso do fraternal Partido Comunista do Brasil.

Vosso Partido chega ao IV Congresso com grandes êxitos alcançados no trabalho político, ideológico e de organização. Vossos êxitos são um motivo de orgulho também para os comunistas turcos.

Compreendemos com toda a clareza as penosas condições em que lutam os camaradas brasileiros. O Partido Comunista da Turquia e os comunistas turcos se encontram em condições igualmente difíceis e, como vós, enfrentam o mesmo inimigo. O povo turco luta contra os imperialistas norte-americanos e seus lacaios — os plutocratas e latifundiários da Turquia.

Nosso povo luta contra a escravidão colonial, pela libertação nacional e para que o nosso país não se converta numa praça de armas para a agressão dos Estados Unidos contra outros países.

O Partido Comunista da Turquia luta para mobilizar todo o povo turco em torno da sagrada bandeira de independência nacional e da liberdade.

Desejamos-vos, estimados camaradas, grandes êxitos nos trabalhos do vosso glorioso IV Congresso.

Viva o Partido Comunista do Brasil, que mantém com honra a bandeira da luta nacional-libertadora do povo brasileiro e marcha à frente desta justa luta contra os pérfidos imperialistas norte-americanos!

Viva a luta pela independência nacional!

Viva a luta de nossos povos pela paz, pela democracia e pelas liberdades!

Com profundo respeito e saudações comunistas,



J. Bilen

Em nome do Comitê Central do Partido Comunista da Turquia

Do Partido Popular do Irã

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Em nome dos operários e de todos os trabalhadores iranianos, o Comitê Central do Partido Popular do Irã envia sua calorosa saudação fraterna ao IV Congresso do heroico Partido Comunista do Brasil e lhe deseja novos êxitos na luta contra o imperialismo norte-americano, pela derrota de seus agentes internos — os latifundiários e grandes capitalistas —, pela verdadeira independência, pela paz e pela organização da frente única nacional.

A semelhança da luta de nossos Partidos pela liberdade, pela paz e pela salvação dos trabalhadores, que se desenvolve em difíceis condições, multiplica nossa solidariedade e profunda simpatia ao Partido Comunista do Brasil, que luta pela realização de seus objetivos. O feroz imperialismo norte-americano, tentando estabelecer seu domínio no Brasil e em outros países da América Latina, trata de liquidar nesses países os restos de liberdade e independência, com as mãos das camarilhas dirigentes e traidoras, assim como estabelecer também seu domínio nos países do Oriente Próximo e Médio, especialmente no Irã que tem cerca de 2,5 mil quilômetros de fronteiras com a União Soviética. O imperialismo norte-americano quer ameaçar a segurança da URSS e dos países de democracia popular, obrigar o Irã a participar do bloco agressivo e saquear as riquezas naturais do Irã, sobretudo seu petróleo.

Para realizar seus objetivos colonialistas, o imperialismo norte-americano organizou o golpe fascista contra Chac-Zajedi, do mesmo modo que

há pouco tempo repetiu estas cenas sangrentas, de maneira algo modificada, na Guatemala; e com a ajuda dos agentes traidores do povo iraniano, trata de apoderar-se do petróleo do Irã.

Os objetivos de nossos Partidos são comuns: a libertação completa de nossos povos dos imperialistas norte-americanos, a garantia da liberdade e da paz, o estabelecimento de um governo verdadeiramente democrático.

Nossos Partidos lutam pela realização destes objetivos.

Viva o glorioso Partido Comunista do Brasil, vanguarda da luta dos trabalhadores brasileiros!

Viva a paz e a democracia!

Viva o poderoso campo da paz e da democracia, liderado pela União Soviética!

Abaixo os incendiários de uma nova guerra — os imperialistas norte-americanos!

Desejamos êxitos ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

O Comitê Central do Partido Popular do Irã

Do Partido Comunista da Argentina

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Saudação apresentada em nome do Comitê Central, por Vitor Lralde, membro do Comitê Executivo.

O camarada Vitor Lralde, entre outras coisas, disse:

Camaradas do Presidium do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Camaradas delegados ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Permiti-me transmitir uma fervorosa saudação de combate do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina, que interpreta o sentimento



de todo o Partido, da classe operária e do povo de meu país. E permiti-me, camaradas, que transmita uma fervorosa saudação e um forte abraço do camarada Vitorio Codovilla ao grande dirigente comunista do Brasil, companheiro Luiz Carlos Prestes, líder da classe operária e do povo brasileiro.

A importância deste grande Congresso não terá repercussão apenas no Partido e no povo brasileiro, sua repercussão será ainda continental e mundial. Esta importância resulta não só do grande valor dos documentos discutidos e das deliberações do Congresso, mas também do momento político decisivo que vive o mundo, o Brasil e todos os países da América Latina; esta importância está refletida nos telegramas de saudação de todos os Partidos Comunistas do mundo e no telegrama do glorioso Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

Este Congresso se realiza no momento em que o imperialismo americano vai perdendo dia a dia as perspectivas na Europa e na Ásia pelos grandes êxitos da política de paz e de coexistência pacífica da URSS, da China Popular e das Democracias Populares.

Este Congresso se realiza no momento em que o imperialismo ianque se lança brutal e violentamente na colonização dos países da América Latina para assegurar, em sua retaguarda, bases militares, matérias-primas e carne de canhão grátis para sua política de agressão e de guerra.

A Guatemala, a carta de Vargas são os melhores testemunhos dos propósitos e dos planos do imperialismo ianque na América Latina.

A esta bárbara política, respondem cada dia, com mais espírito de unidade e de luta, a classe operária e os povos de toda a América Latina.

A classe operária, o povo brasileiro e o seu partido de vanguarda demonstraram, por ocasião da morte de Vargas, essa combatividade e o ódio contra o imperialismo ianque, inimigo comum de todos os povos.

O importante Informe do camarada Luiz Carlos Prestes, que dá a linha tática de unir todas as forças, do proletariado à burguesia, não entregue ao imperialismo, ajudará grandemente a organizar a unidade de ação para a realização do Programa do Partido Comunista do Brasil, progra-

ma estudado e elaborado à luz da situação real e objetiva do Brasil e a luz da ciência marxista-leninista.

As vastas e ricas experiências aqui trazidas pelos companheiros e companheiras, em suas intervenções, nos demonstraram que, apesar dos golpes da reação, o Programa do Partido Comunista do Brasil já está em marcha.

Sem dúvida, a assimilação da linha tática e do Programa e a luta por sua aplicação pelo conjunto do Partido farão com que o Partido Comunista irmão do Brasil conquiste prontamente grandes êxitos em sua luta para libertar o país do inimigo principal, o imperialismo ianque e seus lacaios, na luta pela independência nacional, pela democracia e pela paz. O povo do Brasil desempenha um grande papel na luta contra o imperialismo ianque, inimigo comum. Temos plena confiança de que o Partido Comunista do Brasil, à frente de seu povo, sairá vitorioso desta luta.

Na Argentina, sempre temos em conta as grandes e heroicas lutas do povo brasileiro e as ricas experiências do Partido Comunista do Brasil.

Permiti-me dizer algo, embora muito parcialmente, sobre a situação e as tarefas do Partido Comunista da Argentina. Em nosso país, tocou-nos atuar numa situação política difícil e complicada.

Peron valeu-se de uma demagogia obreirista, anti-imperialista e antioligárquica. Uma conjuntura econômica favorável lhe permitiu fazer algumas concessões às massas e ganhar a maioria da classe operária.

Os operários viam Peron como sua verdadeira salvação e chegaram até ao fanatismo por Evita e Peron.

Nesta situação nos coube atuar. Somente com um trabalho tenaz e paciente era possível fazermo-nos escutar pelas massas. O Partido dizia que não havia florescimento, que se não se resolvessem os problemas de fundo o país marcharia para uma crise catastrófica. O Partido dizia que Peron não era um governo de justiça social, mas de demagogia social; que não se devia ter ilusões no governo, mas confiança nas próprias forças das massas. O Partido dizia que o governo de Peron não era um governo ope-



rário, mas um governo que serve aos interesses da oligarquia e do imperialismo; que o governo de Peron marchava para estabelecer um governo corporativo-fascista.

Tudo isto não era fácil fazer compreender às massas. Quando se criticava o governo, através de algum fato concreto, os peronistas diziam: “Vocês têm razão, mas Peron não pode fazer tudo de golpe.”

Quando, através do trabalho paciente do Partido, conseguimos arrancar as primeiras lutas, Peron começou a mostrar sua verdadeira face. As massas começaram a escutar mais o Partido e o governo passou a apertar mais o torniquete do aparelho corporativo-fascista.

Peron fechou toda a nossa imprensa, nossas oficinas, nossas livrarias. Foi desencadeada a repressão mais violenta contra o Partido nas empresas, foram fechadas as sedes do Partido etc.

Peron fez a reforma dos estatutos da CGT e todos os sindicatos passaram a ser enquadrados no tipo corporativo-fascista. Novas leis fascistas são postas em prática.

O regime corporativo-fascista na Argentina dá ao governo o monopólio de toda forma de propaganda na imprensa, no rádio e em oficinas. Até o *Vanguardia*, jornal do Partido Socialista, foi fechado. Todo tipo de propaganda só pode ser feita de modo ilegal.

Somente através de um longo trabalho de esclarecimento político e ideológico pôde o Partido trabalhar e ganhar forças. Toda propaganda do Partido e das frentes de massas se tira ilegalmente. Os jornais de empresa desempenharam um grande papel entre os trabalhadores. Um trabalho sistemático de esclarecimentos é feito através da organização dos comitês de luta. As massas peronistas vêm fazendo sua experiência.

Organizamos centenas de lutas nas grandes empresas. Organizamos importantes greves, como a dos gráficos, a do açúcar, a dos ferroviários, a dos marítimos etc.

Na Argentina cresce dia a dia um grande descontentamento em todos os setores. A crise não só golpeia a classe operária, mas também a pequena

e média burguesia. Peron não procura a saída da crise econômica através de uma política democrática e progressista aliada ao campo da paz. Sua política é a política de guerra do imperialismo ianque, é a defesa da velha estrutura, da oligarquia, dos grandes monopólios. Sua política é de capitulação e de entrega ao imperialismo. Cada vez mais descarrega a crise nas costas do povo. Estes fatos causam um grande descontentamento popular, especialmente entre as massas peronistas. Se Peron não marcha mais no sentido da entrega é por temor às massas.

Disto resulta que grandes setores das massas peronistas estão compreendendo que Peron não é o governo que supunham, que Peron não resolveu nenhum problema e que as coisas continuam cada vez piores. Por isso, dia a dia aumenta a desconfiança, cresce entre as massas o descrédito em Peron. Cada vez mais amadurecem as condições para a unidade de ação por baixo e por cima. E amadurece o espírito de unidade e de luta da classe operária, como ficou demonstrado na greve dos metalúrgicos. Por temor a esta unidade, Peron golpeia nosso Partido.

O Partido está dando passos importantes, apesar de termos muitas debilidades a corrigir.

O Partido ganhou um grande prestígio. Seus materiais e documentos são muito lidos em todos os setores. Cresce o espírito de unidade e de luta. O ódio contra o imperialismo se desenvolve. Os comitês de luta estão em marcha no caminho da Frente Democrática Nacional, da frente única nacional antioligárquica e anti-imperialista. Sem dúvida, camaradas, se trabalharmos bem, guiando-nos pelo caminho do marxismo-leninismo, apesar de todos os obstáculos, derrotaremos o inimigo comum, o imperialismo ianque, a oligarquia e o governo fascista de Peron que os serve.

Na Argentina, como em outros países, transformaremos o curso reacionário e fascista no curso democrático, progressista e de paz, aberto no mundo pela grande União Soviética, a China e as Democracias Populares.

Para mim, foi uma grande experiência haver participado neste importante Congresso do Partido Comunista do Brasil. Foi uma grande satisfação haver conhecido os velhos e jovens quadros irmãos do Brasil.



Tratarei de levar, o mais fielmente, ao meu Partido, as ricas e grandes experiências deste importante Congresso.

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Viva a fraternidade entre os Partidos Comunistas de todo o Continente!

Viva o grande Partido Comunista da União Soviética!

Viva Prestes, chefe do Partido Comunista do Brasil, e o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil!

Do Partido Comunista Paraguai

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Saudação apresentada, em nome do Partido Comunista Paraguai, por Oscar Creydt, membro da Comissão Política do Comitê Central.

O camarada Oscar Creydt, entre outras coisas, disse:

Camaradas delegados:

A Comissão Política do Comitê Central de nosso Partido me encarregou de fazer chegar a este grandioso IV Congresso do Partido Comunista do Brasil a saudação fraternal e vibrante dos combatentes do Partido Comunista Paraguai, saudação que interpreta os calorosos sentimentos de solidariedade da classe operária e de todos os homens avançados de nosso país.

Em nome da direção de nosso Partido saúdo com particular afeto os camaradas do Comitê Central de vosso Partido e muito especialmente o querido camarada Luiz Carlos Prestes, guia e mestre dos comunistas do Brasil, líder e símbolo da luta nacional libertadora do grande povo brasileiro.

Tenho o encargo de expressar, da alta tribuna do IV Congresso do Partido irmão do Brasil, o profundo sentimento de gratidão dos comunis-

tas paraguaios pela ajuda solidária que nosso Partido recebeu do vosso. Neste sentido, jamais poderemos esquecer que, há um quarto de século, em um momento crucial da história das lutas do povo paraguaio, nosso velho amigo, o camarada Luiz Carlos Prestes, nos prestou uma ajuda importante nos primeiros passos que conduziram à formação do Partido Comunista Paraguai.

Nosso povo se sente vivamente estimulado pelas grandes e vitoriosas lutas que a classe operária, os camponeses, as forças anti-imperialistas do Brasil, impulsionadas e guiadas pelo vosso Partido, desencadeiam sem descanso contra os planos de dominação e guerra dos círculos financeiros e governantes dos Estados Unidos e contra os planos entreguistas e fascistas do governo dos latifundiários e grandes capitalistas e dos generais a serviço do Estado-Maior norte-americano.

Sob o regime ditatorial de tipo fascista, que nega o direito de reunião a todos os partidos com a única exceção da camarilha ou fração dominante do partido oficial, o Partido Colorado, e que não permite nenhum jornal fora de três diários governistas e pró-ianques, os patriotas comunistas de nosso país organizam e orientam as lutas unidas dos operários, dos camponeses, de todo o povo. Impulsionam a luta contra a fome, a crise e o atraso, contra as perseguições, contra a entrega da soberania nacional, pela conquista de melhores condições de vida, pela liberdade, pela independência da pátria e pela paz.

Pressionado pelo imenso descontentamento popular e por uma série de lutas operárias e democráticas, o governo do Partido Colorado, velho partido de grandes estancieiros, não pôde impedir que sua base de massas se estreitasse mais e mais. O ex-presidente Chaves, servidor do Departamento de Estado de Washington, foi perdendo o controle das organizações operárias na mesma medida em que conseguimos desenvolver a ação unida dos operários por suas reivindicações e pelas liberdades sindicais. Sucedeu a Chaves algo parecido ao que sucedeu a Getúlio Vargas. Quando as empresas norte-americanas e os grandes estancieiros se deram conta de que Chaves, como Vargas, já não tinha



forças para esmagar o amplo movimento unido da classe operária por um aumento do salário-mínimo proporcional à alta vertiginosa do custo de vida, a Embaixada norte-americana decidiu substituir o velho governo, já gasto, por um governo de aparência “forte”. O golpe de Estado de 4 de maio no Paraguai corresponde ao golpe de Estado de 24 de agosto em vosso país.

Estes golpes de Estado expressam uma política definida do Departamento de Estado de Washington. Em todos os países latino-americanos, os “técnicos” norte-americanos, que operam como verdadeiros interventores oficiais, apresentam e exigem aos governos que a inflação seja detida por meio do congelamento dos salários, por meio da repressão das lutas operárias, camponesas e populares. Esta é uma das condições principais que impõem os monopólios dos Estados Unidos para fazer grandes investimentos na América do Sul e Central.

Tanto em nosso país como no vosso, o propósito principal dos generais golpistas é impedir que continue o desenvolvimento do movimento operário, democrático e anti-imperialista. Seu propósito é intensificar a colonização do país e sua organização sistemática para uma guerra norte-americana pela dominação do mundo.

O general Stroessner, chefe do governo surgido do golpe de 4 de maio, é um velho agente político dos círculos nazi-fascistas do exército brasileiro e, como estes, obedece às ordens de comando norte-americano da zona do Caribe.

Os protestos e as lutas das massas, o temor de perder todo o apoio popular, obrigaram que os generais fascistas mantivessem no poder alguns homens do Partido Colorado — tipo Café Filho — com o objetivo de dissimular o golpe de força sob uma aparência legal. Mas a camarilha dos generais vende-pátria não renuncia a seu plano de restabelecer uma ditadura militar-policial-fascista aberta, parecida à que exerceu o general Higino Morinigo. O fator principal que os faz vacilar e os freia é que a classe operária — ajudada e orientada pelos comunistas — não se deixou intimidar nem enganar, como eles esperavam.

Os generais golpistas tremem diante do crescimento impetuoso da luta unida da classe operária por um salário-mínimo mais justo. Sentem-se alarmados diante do fato de que os estudantes, os camponeses e outros setores sociais, longe de retroceder, se lançam à luta. Inquietam-se porque o povo manifesta seu descontentamento em alta voz, apesar do ruído dos sabres e das esporas, apesar das citações policiais e das ameaças, das prisões e das torturas. Quanto mais forte pisam com suas botas para se firmar, mais sentem mover a terra sob seus pés.

O Comitê Central do Partido Comunista Paraguaio seguiu com profundo interesse a elaboração e discussão do novo Programa de vosso Partido. Aderimos à opinião de que este programa é uma contribuição ao tesouro internacional do marxismo-leninismo, uma aplicação criadora da teoria científica de Marx, Engels, Lênin e Stalin às condições peculiares de um país dependente da América Latina.

Desde o primeiro momento consideramos que o projeto de Programa do vosso Partido tinha uma significação parecida à dos programas dos Partidos Comunistas da Índia e do Japão, isto é, uma significação que transcende as fronteiras do Brasil, uma significação internacional. Por razões evidentes, esta significação é particularmente grande para nosso país e, sem dúvida, para o movimento comunista de todos os países latino-americanos.

O Comitê Central de nosso Partido considera que o Programa do Partido irmão do Brasil deve ser utilizado como um elemento judicioso e de valor extraordinário nos trabalhos de elaboração do novo programa que o Partido Comunista Paraguaio decidiu apresentar à classe operária, aos camponeses, a toda a nação.

Este novo Programa do Partido irmão do Brasil adquire uma importância excepcional numa situação internacional que se caracteriza, entre outras coisas, pelos esforços violentos que estão fazendo os imperialistas norte-americanos para destruir a fé dos povos latino-americanos em sua luta libertadora, para destruir sua fé na possibilidade de sacudir o jugo imperialista.



Com este propósito o governo dos Estados Unidos agrediu a Guatemala, impôs o acordo intervencionista de Caracas e intervém por meio de golpes fascistas na política interna dos países latino-americanos. Esta política de violência tende a inculcar nos povos a ideias e o temor de que qualquer movimento democrático, qualquer governo de origem popular seria esmagado por uma intervenção norte-americana.

Não existe nada mais falso e mais perigoso do que superestimar a força do imperialismo norte-americano. Conduz à passividade, ao seguidismo, à capitulação. Se os imperialistas norte-americanos se esforçam febrilmente por converter todo o continente em um só acampamento de guerra, é porque estão perdendo seus pontos de apoio na Europa e na Ásia. Não é porque se sintam mais fortes, mas, ao contrário, porque se sentem mais isolados, mais débeis. Recorrem à violência aberta porque temem o ascenso das lutas nacional-libertadoras no Brasil e em todos os países latino-americanos. Recorrem à violência porque suas promessas de “ajuda” encontram, a cada dia, menos crédito e apoio nos países das Américas do Sul e Central. Até em setores das classes dominantes destes países crescem a decepção e o descontentamento.

O mais importante que os agressores norte-americanos conseguiram com sua agressão à Guatemala foi levantar contra si a opinião de setores sociais cada vez mais amplos em todos os países latino-americanos.

Já não estamos no período final do século XIX, período de auge do colonialismo. Já não estamos no período posterior à Primeira Guerra Mundial. Estamos vivendo uma época em que a União Soviética se converteu numa formidável potência de gravitação mundial, que desbarata os planos norte-americanos de dominação mundial. Estamos vivendo a época da revolução chinesa, a maior revolução anti-imperialista da história da humanidade. Esta não é uma época para retroceder.

Pela primeira vez, desde a guerra civil de 1947, entramos num período de ascenso das lutas populares. Às lutas operárias somam-se as lutas dos camponeses pela terra, a luta dos estudantes contra a intervenção do governo na universidade, a luta da população contra a carestia e a fome.

A ditadura antinacional se dá conta de que o Partido Comunista começou a trabalhar de uma maneira nova. Por esta razão, resolveu promulgar uma nova lei de repressão ao “comunismo” à base de um documento enviado por seu embaixador em Washington. Neste documento se “acusa” nosso Partido de que, numa guerra contra a União Soviética, apoiará a União Soviética. Nosso Partido responde que esta “acusação” confirma nossa acusação de que o governo dos generais fascistas e de seus ajudantes colorados se propõem arrastar o Paraguai a uma guerra agressiva, antinacional e desastrosa contra o glorioso país do socialismo e contra as democracias populares. Assinalamos ao povo que a projetada lei “anticomunista” seria, na realidade, uma lei contra todo o movimento democrático, e fazemos esforços para organizar uma luta unida contra esta lei e pela suspensão do Estado de sítio.

O Partido multiplica seus vínculos com diversos setores sociais e políticos, se fortalece nas empresas e começa a crescer.

Nestes e noutros aspectos, nosso Partido está dando os primeiros passos numa direção mais justa. Estes progressos se devem, em grande parte, a que o Partido começou a trabalhar com objetivos programáticos mais justos e mais claros, e realiza uma firme luta ideológica interna contra as ideias freadoras de direita e de “esquerda”.

Levo deste IV Congresso de vosso Partido a certeza de que estais realizando progressos muito importantes na assimilação do novo Programa, na consolidação da unidade ideológica do Partido e na tarefa central de transformar o Programa do Partido em programa de todos os setores descontentes da nação, através de lutas pelas mais diversas reivindicações econômicas e democráticas.

O Partido Comunista do Brasil conta com quadros capazes, ligados estreitamente às grandes massas, intensamente preocupados em conhecer a fundo os problemas de sua região, de sua empresa, de toda a população. Quadros que ligam a prática à teoria, à luta ideológica. Quadros que não têm medo de analisar abertamente os defeitos de seu trabalho. Quadros com um amor profundo à União Soviética, ao grande Partido



de Lênin e Stálin. Quadros com a ideia da revolução na cabeça, e no coração aquele fogo revolucionário sem o qual nenhuma revolução é possível.

Um Partido com tais quadros pode receber golpes, mas não pode ser impedido de conduzir o povo à vitória.

Na medida em que ganhades o povo para o novo Programa, este Partido modificará o velho Brasil semifeudal e semicolonial, e criará uma nova vida para milhões de brasileiros. Desta maneira, dará um estímulo poderoso às lutas nacional-libertadoras dos povos latino-americanos. Assestará um golpe demolidor nos planos de guerra dos monopólios e governantes dos Estados Unidos. E, ao fazer isto, prestará uma ajuda eficaz às forças que estão construindo, numa ampla extensão do mundo, a sociedade nova, livre de exploradores, o ideal de justiça e felicidade sonhado pela humanidade há séculos — o comunismo.

Do Partido Comunista do Chile

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

O Partido Comunista do Chile envia uma calorosa e fraternal saudação ao Partido irmão do Brasil por motivo da realização de seu IV Congresso.

Nesta oportunidade, o Partido Comunista do Chile expressa o seu apreço e admiração ao Partido brasileiro por sua heroica luta em favor dos interesses de seu povo, da independência de sua nação, da democracia e da paz.

A luta em que está empenhado o Partido Comunista do Brasil, sob a direção do camarada [Luiz Carlos Prestes](#), líder da independência da América Latina, interessa profundamente ao povo do Chile e demais povos latino-americanos, não só porque é dirigida contra um inimigo comum, o imperialismo norte-americano, como porque essa luta fortalece e estimula

o movimento de libertação nacional em todos os nossos países.

Estamos certos de que o povo brasileiro alcançará a vitória sob a direção de sua gloriosa vanguarda.

Fazemos votos pelo êxito de vosso Congresso e vos expressamos o grande interesse que temos em conhecer vossas resoluções e o texto definitivo de vosso Programa.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva nossos dois povos irmãos!

Viva o internacionalismo proletário!

Pelo Comitê Central do Partido Comunista do Chile

Galo González
Secretário Geral

Do Partido Comunista do Uruguai

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Saudação apresentada pelo representante do Comitê Central do Partido Comunista do Uruguai.

O camarada representante do Comitê Central do Partido Comunista do Uruguai, entre outras coisas, disse:

Camaradas congressistas, camaradas do Presidium:

Trago a saudação fraternal da direção do Partido Comunista do Uruguai a este magnífico IV Congresso e à combativa e capacitada direção do Partido Comunista do Brasil que produziu o grandioso feito de realizar este Congresso nas difíceis condições da mais absoluta clandestinidade. E trago também a saudação fraternal e um caloroso abraço do Secretário Geral do Partido Comunista do Uruguai, o companheiro Eugênio Gomez, para seu velho amigo, o camarada [Luiz Carlos Prestes](#).



Estamos muito satisfeitos de nos encontrarmos aqui, convidados pelo grande Partido Comunista irmão; recolheremos neste Congresso valiosas experiências que saberemos utilizar em nosso Partido. O estreitamento de relações fraternais entre os Partidos, o intercâmbio de experiências, a ajuda mútua na luta contra o imperialismo e a reação, fazem parte do internacionalismo proletário, que tão bem caracterizaram [Lênin](#) e [Stálin](#) e com tanta fidelidade põe em prática o grande Partido irmão da União Soviética.

Os comunistas do Uruguai, sob a inspiração e direção do camarada Gomez, seguimos sempre o princípio do internacionalismo proletário. Nos últimos tempos desencadeamos lutas parlamentares e de massas em solidariedade ao povo da Guatemala, aos presos políticos do Brasil, Chile, Argentina, Paraguai e Estados Unidos da América do Norte. Por outro lado, utilizamos sempre as experiências de outros partidos: durante quase um ano estudamos as conclusões do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizando cursos em todas as instâncias; e, depois da reunião de vosso Comitê Central, fizemos uma ampla discussão no Partido, na direção e no ativo, dos projetos de [Programa](#) e de [Estatutos do Partido Comunista do Brasil](#), e dos [Informes de Prestes](#) e [Amazonas](#), documentos valiosos para todos os Partidos da América Latina, que desenvolvem uma autocrítica corajosa, de tipo bolchevique, e que caracterizam com clareza, simplicidade e firmeza a etapa da revolução nacional-libertadora. O [Programa do Partido Comunista do Brasil](#) é uma arma teórica formidável para orientar o desenvolvimento dos combates contra o imperialismo e seus lacaios nacionais não apenas no Brasil como em todos os países do Continente.

Todas as lutas econômicas desencadeadas no Uruguai foram estreitamente ligadas às palavras de ordem políticas do momento, acentuando-se sempre a perspectiva de um governo democrático de libertação nacional. Demonstramos ao povo que o Tratado Militar com os ianques é humilhante e custa milhões. Desmascaramos o governo que prometia enviar quatro mil uruguaios para a Coreia, e não pôde enviar nenhum. Obtivemos 350.000 assinaturas contra a bomba atômica e por um acordo entre as

cinco grandes potências. Obrigamos, através da agitação de massas, que o Banco da República firmasse um importante acordo comercial com a União Soviética.

Viva a solidariedade dos povos da América Latina!

Viva o camarada [Luiz Carlos Prestes!](#)

Viva o Partido Comunista do Brasil e sua direção!

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Do Partido Progressista do Trabalho do Canadá

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Aos Dirigentes e Delegados do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, Caros Camaradas:

Orgulhosos de vossa firme direção do povo, admirando vosso novo e brilhante Programa e com plena confiança na próxima vitória das forças nacional-democráticas que inspirais, o Partido Progressista do Trabalho do Canadá envia combativas saudações revolucionárias ao heroico Partido Comunista do Brasil. Estamos certos de que vosso grande e histórico Congresso traçará o caminho para a conquista, no Brasil, da verdadeira independência nacional e — por meio da luta pela independência — para a democracia popular e o socialismo.

As tarefas e os problemas que a classe operária e seu Partido enfrentam no Canadá têm semelhança impressionante com aqueles que o vosso Partido e as forças democráticas avançadas têm diante de si no Brasil. No Canadá, do mesmo modo que no Brasil, uma camarilha numericamente pequena de ricos capitalistas especuladores e os interesses dos grandes possuidores entregam o país a imperialistas estrangeiros. Controlam provisoriamente nosso país e nosso governo, mas, de fato, seu papel é o de



agentes do imperialismo dos Estados Unidos. Isto acontece até mesmo no seu trabalho de direção da exploração imperialista que se centraliza no Canadá, como, por exemplo, a Brazilian Traction, Light & Power Corporation que, como um polvo, mais e mais estendem seus tentáculos sobre a economia de vosso país. Tanto no Brasil como no Canadá seu objetivo é impedir o pleno desenvolvimento da economia nacional e, por conseguinte, a construção de uma firme base econômica para a completa independência nacional. Ao contrário, eles transformam nossas grandes, ricas e belas pátrias em países dependentes, em reservas de matérias-primas industriais para a rapace máquina de guerra dos Estados Unidos. No Canadá, regiões inteiras do país, juntamente com seus inestimáveis recursos, são vendidos a imperialistas estrangeiros. No Canadá, sua traição anda bem adiantada. O imperialismo ianque já domina nosso país a ponto de ocupar militarmente as suas áreas decisivas com forças armadas dos Estados Unidos.

No entanto, agora se desenvolve um grande despertar democrático nacional. Com base no ressentimento geral dos canadenses contra a arrogância ianque e o vil papel desempenhado pelo imperialismo norte-americano na Guatemala, bem como na Coreia, está se cristalizando um crescente sentimento nacional e democrático, decidido a pôr termo à dominação dos Estados Unidos e reconquistar para nosso povo o controle do Canadá. Círculos a cada dia mais amplos de operários e seus aliados democráticos já compreendem que a perseguição furibunda aos comunistas, realizada pelos próprios indivíduos que traem nosso país, reflete com clareza seu medo crescente à vaga montante do ódio das massas populares.

Os imperialistas dos Estados Unidos na sua louca orientação para dominar todo o mundo — pelo uso, se necessário, da bomba de hidrogênio — estão revelando serem os inimigos de tudo o que a humanidade possui de nobre. Ameaçam a independência nacional e a própria existência física de todos os povos das Américas. A luta pela libertação de nossos países do jugo asfixiante do imperialismo norte-americano, e de seus agentes e la-

caios nacionais, nos une num grande campo de ação nacional-democrática e de amor ao país, de defesa militante da democracia, de devoção à paz e de anseio de progresso social.

O futuro de nossos países nas Américas do Norte, Central, do Sul e no Caribe não será determinado pelos predatórios interesses imperialistas personificados por John Foster Dulles, nem pelos Césares de barro, que atualmente liquidam a democracia em muitos de nossos países. Tal futuro será decidido pelos povos das Américas, unidos por inquebrantáveis laços de fraternidade numa ação de âmbito hemisférico para conquistar, cada qual em nosso próprio país, a verdadeira independência nacional, a democracia popular, a paz, a construção do socialismo e, no futuro — como é hoje perfeitamente visível — nosso brilhante objetivo de Comunismo para toda a humanidade.

Viva o glorioso Partido Comunista do Brasil e sua heroica direção personificada em nosso grande camarada Prestes!

Viva a solidariedade combativa das forças revolucionárias da classe operária das Américas!

Avante para a vitória da paz, da independência nacional, da democracia popular e do socialismo!

Pelo Comitê Nacional do Partido Progressista do Trabalho do Canadá

Tim Buck

Do Partido Comunista da Venezuela

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

É com profunda e sincera cordialidade revolucionária que, em nome do Partido Comunista da Venezuela, da classe operária e do povo de nosso



país, saudamos o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, seus provados e combativos quadros dirigentes e seu grande líder, camarada Luiz Carlos Prestes, o legendário Cavaleiro da Esperança.

Em meio às imensas dificuldades de nossa luta, dentro da mais dura clandestinidade, acompanhamos com grande interesse a marcha dos cuidadosos trabalhos preparatórios que antecederam este transcendental acontecimento, nos quais realizastes meritórios esforços para aplicar os ensinamentos do leninismo e stalinismo à justa estruturação e ao fortalecimento da vanguarda libertadora de vossa grande nação. Haveis feito esforços para a educação do Partido no sentido de uma acertada aplicação do método revolucionário da crítica e da autocrítica, cuja honestidade, audácia e amplitude, ao analisar o Programa Manifesto de 1950, constituem segura indicação de fecundos resultados para as futuras lutas da classe operária e do povo brasileiro; esforços dirigidos a indicar o inimigo principal — o imperialismo ianque —, isolá-lo e concentrar contra ele o fogo conjunto dos possíveis aliados, os permanentes e os circunstanciais; esforços que são — ninguém deve duvidar — um ensinamento precioso e útil que haverá de alcançar evidente repercussão continental.

Para o Partido Comunista da Venezuela, o vosso IV Congresso — de acordo com os materiais que temos lido e estudado cuidadosamente — tem uma vasta significação doutrinária e prática. Apesar de nossa vizinhança geográfica, lamentávamos, no passado, a falta de comunicação e o distanciamento entre nossos povos e nossas organizações coirmãs. Entretanto, na atualidade, embora em pequena escala, vimos superando essa situação, e esperamos que o histórico IV Congresso de vosso Partido seja um ponto de partida para uma mais estreita aproximação.

O fato de lutar em meio a uma furiosa perseguição e de enfrentar o mesmo inimigo — que na Venezuela é mais absorvente e agressivo —, o imperialismo ianque, colonizador de nossos países, nos impõe o dever de uma mais estreita ligação nos esforços libertadores de ambos os povos.

Desejamos ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil os maiores êxitos em suas deliberações, convencidos de que suas resoluções terão

uma influência decisiva na união das forças democráticas e patrióticas do povo brasileiro, à cuja frente se encontra a classe operária, e contribuirão para fortalecer a luta pela libertação do Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos, fomentadores de guerra e inimigos da paz, da cultura e do progresso da humanidade.

Pelo Comitê Central do Partido Comunista da Venezuela
Santos Yormes — Secretário

Do Partido Comunista da Colômbia

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil
Novembro de 1954

Caros Camaradas:

O Partido Comunista da Colômbia saúda calorosamente o Partido Comunista do Brasil, nosso irmão mais velho, por ocasião de seu IV Congresso.

As resoluções do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil terão alcance histórico não somente para o grande povo brasileiro, mas também para todos os povos do continente americano e do mundo inteiro. As conclusões do IV Congresso dos comunistas do Brasil serão particularmente importantes para os Partidos Comunistas e democráticos da América Latina e, de maneira especial, para o Partido Comunista da Colômbia que luta firmemente, em condições difíceis, contra os opressores imperialistas norte-americanos e os verdugos reacionários de nosso povo.

Os progressos do Partido Comunista do Brasil, sua maturidade política e ideológica, seus êxitos na organização e mobilização das massas populares, constituem para nós estímulo e exemplo que nos ajudarão a resolver os problemas da construção do Partido Comunista da Colômbia. O Programa do Partido Comunista do Brasil já constitui um documento



fundamental que contribui enormemente para a justa aplicação dos princípios marxista-leninistas nas condições especiais dos países latino-americanos.

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil deve também marcar uma nova etapa no fortalecimento de nossas relações fraternais, como vizinhos que temos um inimigo comum, o imperialismo norte-americano, e um propósito idêntico: a luta pela paz, pelas liberdades democráticas, pela libertação nacional e social de nossos povos.

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Viva o camarada Luiz Carlos Prestes, glorioso dirigente do povo brasileiro!

Viva a ideologia de Marx, Engels, Lênin e Stálin!

Com saudações fraternais,

Pelo Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia

Gilberto Vieira – Secretário-geral

Do Partido Comunista do Equador

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Querido Camarada Prestes:

Por vosso intermédio, querido mestre e guia prestigioso do Partido Comunista do Brasil e do povo brasileiro, o Comitê Central de nosso Partido faz chegar ao IV Congresso do Partido irmão a saudação sincera e fraternal dos comunistas equatorianos, ao mesmo tempo em que expressa seus mais profundos votos para que esta importantíssima reunião partidária tenha o melhor êxito, em benefício da sagrada causa da paz, da democracia e do socialismo pela qual lutam todos os povos.

O IV Congresso do glorioso Partido Comunista do Brasil reúne-se num momento de transcendental importância para a vida e a liberdade não só do grande povo brasileiro, mas de todos os povos do nosso continente, que veem em vosso heroico Partido o guia mais firme e com um amadurecimento ideológico digno de exemplo, na luta comum que travamos para conquistar nossa independência nacional e para edificar em cada um de nossos países uma vida digna e justa, com paz, pão, liberdade e democracia.

Vosso IV Congresso se realiza após o grandioso e histórico XIX Congresso do nosso sábio e genial mestre comum, o grande e glorioso Partido de Lênin e Stálin, que assinalou com clareza meridiana o caminho seguro a seguir por todos os povos e seus Partidos Comunistas e Operários, na luta pela libertação social e nacional. O Partido Comunista do Brasil tem sabido levar à prática, com honra e bravura comunistas, os sábios ensinamentos de nosso inolvidável mestre, camarada J. V. Stálin, levantando bem alto a bandeira da independência nacional, das liberdades democráticas e da soberania da nação.

Por outro lado, o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil reúne-se num momento em que o imperialismo norte-americano, que está sendo derrotado dia após dia pela ação das forças revolucionárias e libertadoras em outras partes do mundo, acentua, de forma bestial e descarada, sua criminoso política de colonização, de guerra e de saque contra os povos latino-americanos. A experiência por que está passando o povo irmão da Guatemala revela bem tudo quanto o imperialismo e o governo norte-americanos estão dispostos a fazer para tentar afogar em sangue toda a revolta e a ação de nossos povos para liquidar com o jugo imperialista, para conquistar pátrias independentes e soberanas, para assegurar a paz, cultura, pão e liberdade.

Nesta hora decisiva para a nossa existência como países livres e soberanos, reveste-se de especial significação e urgência a unidade de ação de todos os povos e dos Partidos Comunistas de nosso continente. Estamos certos de que o vosso IV Congresso dará particular atenção a essa tarefa,



de grande e significativo valor histórico para o presente e o futuro de nossa América Latina. Unidos, os povos latino-americanos, do Rio Grande à Patagônia, do Atlântico ao Pacífico, contando com a solidariedade e o inapreciável estímulo da grande e gloriosa União Soviética, da República Popular da China, das democracias populares da Europa e de todos os povos do mundo, saberemos, com valor e heroísmo, conquistar nossa total independência nacional, expulsando para sempre de nosso solo o voraz imperialismo americano, que é o primeiro e mais brutal inimigo que nos oprime e explora.

Vosso glorioso Partido chega ao seu IV Congresso com uma trajetória de luta heroica e grandes experiências, temperado e forjado em muitos anos de rigorosa e dura clandestinidade, cercado da admiração e do carinho de todo o seu povo, que vê no Partido Comunista do Brasil e em seu grande chefe, Luiz Carlos Prestes, os combatentes de primeira linha, os amigos mais firmes e os lutadores mais consequentes pelos seus interesses e suas aspirações mais sentidas. Chega o Partido irmão ao seu IV Congresso em meio à admiração e ao carinho de todos os povos e seus Partidos Comunistas, particularmente os da América Latina.

Por tudo isto, reafirmamos nossa confiança e certeza de que as resoluções que adotardes refletirão a maturidade e a sabedoria de um grande Partido proletário, e que essas resoluções — especialmente vosso Programa — ao mesmo tempo em que serão a norma para a ação e a luta do povo brasileiro, constituirão o guia seguro para conduzir e desenvolver melhor o trabalho revolucionário dos povos e Partidos do resto do Continente Americano.

Ao reafirmar a saudação sincera e fraternal do Partido Comunista do Equador ao Partido Comunista do Brasil, pedimos-vos, uma vez mais, para aceitar nossos votos e a certeza que temos de que vosso IV Congresso alcance o maior dos êxitos.

Desejamos um trabalho vitorioso e triunfos gloriosos ao grande Partido de Prestes em sua luta indômita e infatigável pela independência nacional, pela paz, pela liberdade e a democracia para seu povo!

Desejamos muitos anos de vida e saúde ao querido camarada Prestes, guia e mestre do povo brasileiro e do Partido irmão do Brasil!

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Viva a luta dos povos latino-americanos por sua libertação social e nacional!

Com saudações fraternais,

Pelo Executivo do Comitê Central do Partido Comunista do Equador,

Pedro A. Saad – Secretário-geral

Rafael Echeverria – Secretário de Organização

Do Partido Comunista Mexicano

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Queridos Camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista Mexicano envia ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil sua fraternal saudação de combate.

No momento de realizar-se este histórico Congresso do Partido irmão do Brasil, os povos do mundo se acham empenhados na grande batalha pela paz. Os êxitos alcançados na diminuição da tensão internacional, com a cessação da guerra da Coreia e da guerra da Indochina, se devem ao grande movimento mundial pela paz, cujos pilares fundamentais são os países do campo da paz, da democracia e do socialismo, dirigido pela União Soviética.

As derrotas assestadas pelas forças da paz e da democracia ao campo da guerra e da agressão, encabeçado pelo imperialismo ianque, aumentaram o desespero dos monopolistas de Wall Street, que apertam ainda mais a garra de sua exploração e domínio sobre os países sob seu controle, principalmente na América Latina. Aumenta a cada dia o domínio do im-



perialismo ianque sobre os nossos países.

O México, como os demais países latino-americanos, sofre esta situação com particular gravidade. Os setores fundamentais de sua economia foram convertidos em apêndices da economia de guerra dos Estados Unidos. A indústria de mineração e metalúrgica é controlada pela “American Smelting”, a “American Metal”, e a “Anaconda”, companhias imperialistas ianques; o sistema bancário está em mãos de quatro bancos, aliados ao capital imperialista dos Estados Unidos; a indústria de energia elétrica é dominada pela “Bond and Share” e a “Companhia Mexicana de Luz e Força”, ambas de capital estrangeiro; a reforma agrária foi paralisada e em muitos aspectos retrocedeu; a recente desvalorização do peso mexicano em face do dólar corresponde aos interesses do imperialismo ianque e dos especuladores internos inimigos de nosso povo. A situação do país se agrava constantemente.

O descontentamento popular como consequência do que foi exposto cresce sem cessar. A convicção de que somente com a formação de uma Frente Nacional Democrática e Anti-Imperialista é possível defender com êxito a independência nacional e o respeito às liberdades democráticas, ganha importantes setores anti-imperialistas da nação. O Partido Comunista Mexicano trabalha pela formação dessa frente patriótica.

Com maior desejo de que se realizem com êxito os trabalhos do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, reiteramos nossa saudação ao seu Comitê Central e ao camarada Luiz Carlos Prestes, dirigente querido do povo do Brasil.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva o campo da paz, da democracia e do socialismo!

Viva a União Soviética!

Viva a amizade entre o povo mexicano e o povo brasileiro!

“Proletários de todos os países, uni-vos!”

Pelo Comitê Central do Partido Comunista Mexicano

Secretário-geral – Dionísio Encina

Do Partido Socialista Popular de Cuba

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Queridos Companheiros:

O Partido Socialista Popular, em seu próprio nome e no da classe operária e do povo de Cuba, saúda calorosamente O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil e lhe deseja completo êxito em suas transcendentais tarefas.

Conhecemos e apreciamos a longa história de lutas heroicas do Partido Comunista do Brasil pela independência e a plena libertação nacional de seu grande país, pelos interesses básicos dos operários, dos camponeses e de todo o povo, pelo avanço da democracia e pela paz internacional.

Bem sabemos que para nosso país, como para todos e cada um dos povos da América Latina, que enfrentam os ferozes imperialistas e procuram sacudir seu jugo insuportável, tem uma grande importância qualquer progresso do movimento de libertação nacional do Brasil, que o Partido Comunista do Brasil encabeça, orienta e dirige, como representante do proletariado.

Nunca foi tão estreitamente relacionado o destino dos países da América Latina. Nunca foi tão necessária a estreita solidariedade de seus povos e de seus trabalhadores. Cada povo da América Latina necessita, hoje como jamais, da solidariedade dos povos irmãos e dos povos e trabalhadores do mundo inteiro, para deter a onda de terror, de reação e de perseguição feroz, que impõem em nossos países, e nos próprios Estados Unidos, o imperialismo norte-americano e seus lacaios, contra todos os patriotas, democratas, militantes sindicais honestos e partidários da paz, sejam ou não comunistas. Cada povo da América Latina necessita dessa solidariedade para a luta pela soberania nacional, pela dignidade nacional, pela



independência e a libertação nacionais.

Eis por que, considerando tudo isto, desejamos de todo coração que o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil tenha completo êxito em seu transcendental propósito de fazer avançar a causa da completa libertação nacional do Brasil do jugo dos opressores imperialistas norte-americanos, dando progresso e esplendor ao país e bem-estar e liberdade a seu povo.

Viva o Partido Comunista do Brasil, seu IV Congresso e seus fiéis dirigentes!

Viva a causa da independência nacional, da democracia e do progresso!

Viva a solidariedade dos povos e dos trabalhadores contra os imperialistas norte-americanos!

Viva a solidariedade dos povos da América Latina contra o terror e as perseguições e pela libertação nacional!

Viva a causa da paz mundial!

O Comitê Nacional do Partido Socialista Popular

Do Partido Comunista Salvadorenho

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Caríssimos Camaradas:

Por este meio desejamos agradecer-vos pela comunicação sobre a próxima realização do IV Congresso de vosso Partido e, ao mesmo tempo, manifestar-vos nossa alegria pelo fato de que tão importante acontecimento possa agora efetivar-se.

No momento em que sobre os povos do istmo centro-americano se desencadeiam as descaradas manobras intervencionistas do imperialismo norte-americano, aliadas ao terror fascista das camarilhas reacionárias go-

vernantes; no momento em que o Departamento de Estado norte-americano arma até os dentes os governos centro-americanos e procura lançá-los uns contra os outros para reforçar sua dominação política, econômica e militar, e poder assim levar adiante seus planos belicistas; nesse momento, dizíamos, os comunistas salvadorenos recebemos com grande júbilo a notícia da realização do IV Congresso de vosso Partido, estando convencidos de que suas resoluções terão enorme importância não só para o povo brasileiro, mas também para todos os povos latino-americanos que, nas mais duras condições de opressão impostas pelo imperialismo, aprestam-se para lutas decisivas por sua libertação.

O Comitê Central do Partido Comunista Salvadorenho saúda fraternalmente o grande Partido Comunista do Brasil, que sabiamente dirige a luta do povo brasileiro pela democracia, a paz e a libertação nacional. Saudamos com grande alegria vosso IV Congresso, fazendo votos pelo seu mais completo êxito. Saudamos, por fim, com emoção, o grande dirigente comunista, camarada Luiz Carlos Prestes, cuja vida consagrada ao serviço do povo é um exemplo que inspira a todas as pessoas honestas e progressistas da América.

Fraternalmente,

“Trabalhadores Salvadorenos, uni-vos pela libertação nacional”.

Pelo Comitê Central do Partido Comunista Salvadorenho

Juan Lopez – Secretário do Comitê Central do Partido Comunista
Salvadorenho

Do Partido Vanguarda Popular de Costa Rica

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil
Novembro de 1954



O Comitê Nacional do Partido Vanguarda Popular de Costa Rica envia fraternal saudação ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

O Partido Vanguarda Popular recebeu com profunda satisfação a notícia de que o Partido Comunista do Brasil realizará em data próxima seu IV Congresso, porque sabe que esse Congresso marcará uma etapa de enorme importância na luta pelos interesses vitais dos trabalhadores brasileiros.

O fato de que o IV Congresso seja o primeiro que se realiza depois de 25 anos, durante os quais o povo brasileiro tem sido objeto de cruéis perseguições, significa que o partido da classe operária, à frente dos trabalhadores brasileiros, conquistou as condições favoráveis que permitem a realização de um acontecimento de tão grande importância como é este seu IV Congresso.

O Comitê Nacional do Partido Vanguarda Popular expressa a certeza e a confiança que têm os comunistas centro-americanos, e particularmente os costarriquenhos, de que o Partido dos comunistas brasileiros saberá dirigir com renovadas energias as forças populares de seu país pelo caminho que os ensinamentos de nossos mestres nos iluminam.

Viva a amizade dos povos latino-americanos em sua luta contra o imperialismo, pela independência nacional, pela paz e pelo socialismo!

Muitos êxitos para o Partido Comunista do Brasil!

Saudações fraternais,

Jacinto Carvajal – Presidente da Comissão Política

Oscar Vargas – Secretário da Comissão Política

Miguel Valverde – Secretário da Comissão Política

Do Partido do Povo do Panamá

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

O Partido do Povo, partido da classe operária panamenha, dirige esta entusiástica saudação ao IV Congresso do glorioso Partido Comunista do Brasil.

Como acontece com o Partido Comunista do Brasil, nosso Partido está na ilegalidade, e seus mais conhecidos dirigentes e militantes são com frequência encarcerados. Agora mesmo se acham na prisão camaradas de direção e de base. Também em nome deles saudamos a vanguarda do povo brasileiro.

Em seu empenho por evitar que as massas populares se organizem contra a fome, a tirania e a opressão imperialista, os latifundiários e agentes dos imperialistas desencadearam uma violenta repressão que afeta não só os comunistas panamenhos, como também todos os homens e mulheres que levantem os problemas nacionais com sinceridade e energia. Essas classes reacionárias assestaram duros golpes à democracia panamenha.

Contudo, esta conspiração antidemocrática da reação nacional e do imperialismo não conseguiu esmagar a decisão de luta dos trabalhadores panamenhos, e cada vez se produzem mais ações de nosso povo contra os latifundiários panamenhos e contra o imperialismo ianque. Nosso Partido, fiel aos princípios de Marx, Engels, Lênin e Stálin, e utilizando a experiência alcançada em sua luta, está se preparando para pôr-se à frente das próximas lutas populares.

É para nós de singular importância que o Partido irmão do Brasil celebre seu IV Congresso, já que desse acontecimento sairão grandes experiências, próprias de um partido provado, que não só devem servir para fortalecer as lutas pela democracia e pela libertação nacional do povo brasileiro, como também para enriquecer a capacidade de direção e de ação dos demais partidos da América Latina, inclusive o nosso, na causa comum pela Paz, a Democracia e a Independência Nacional.

O Partido do Povo do Panamá



Do Partido Comunista Porto-riquenho

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Novembro de 1954

Caros Camaradas:

Ao ensejo da realização de vosso IV Congresso, saudamos calorosamente o Partido Comunista do Brasil e o povo brasileiro.

É no momento em que o imperialismo norte-americano recrudesce suas tentativas de esmagar a luta dos povos pela independência nacional, procura deflagrar uma nova guerra mundial e intensifica a exploração do povo trabalhador, que se reúne o vosso Congresso.

É precisamente agora que se torna necessário conseguir a unificação de todas as forças democráticas e patrióticas do povo brasileiro, como coloca vossa convocação do Congresso.

Não temos dúvida — e assim o desejamos — de que o IV Congresso constituirá um grande êxito para a causa da paz, a democracia e a independência nacional.

O revigoramento das forças democráticas do povo brasileiro estimula e continuará estimulando a luta que o povo porto-riquenho vem desenvolvendo pela independência de nosso país, para que não nos seja imposto o serviço militar obrigatório pelas autoridades norte-americanas, para conseguir a luta unida de nosso povo e pelo estabelecimento de laços de amizade com o povo norte-americano, cujos governantes nos oprimem, e com todos os povos que aspiram a construir, ou que já constroem, um mundo melhor, de paz, bem-estar e liberdade.

Êxito ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

Fraternalmente,

Pelo Comitê Central do Partido Comunista Porto-riquenho

Juan Santos Rivera – Presidente

Fonte: *Problemas*, Revista Mensal de Cultura Política, nº 64, dezembro 1954 a fevereiro de 1955.

Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, novembro de 2006.

Direitos de Reprodução: A cópia ou distribuição deste documento são livres e indefinidamente garantidas nos termos da GNU Free Documentation License.

